



PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA



ALFAGUARA

Mario Vargas Llosa

Lituma nos Andes



*Cain's City built with Human Blood,
not Blood of Bulls and Goats.*

William Blake,

The Ghost of Abel

Primeira parte

I

Quando viu a índia aparecer na porta da cabana, Lituma adivinhou o que a mulher ia dizer. E ela disse, só que em quéchua, resmungando e soltando um fiozinho de saliva pelas comissuras da sua boca sem dentes.

— O que ela está dizendo, Tomasito?

— Não entendi bem, meu cabo.

O guarda dirigiu-se à recém-chegada, também em quéchua, pedindo com as mãos que falasse devagar. A índia repetiu aqueles sons indistinguíveis que para Lituma soavam como uma música bárbara. De repente, sentiu que estava muito nervoso.

— O que ela está dizendo?

— Que o marido sumiu — murmurou seu adjunto. — Há quatro dias, parece.

— E agora já são três — balbuciou Lituma, sentindo o rosto encharcado de suor. — Puta merda.

— O que vamos fazer, meu cabo.

— Tome o depoimento. — Um calafrio subiu e desceu pela espinha dorsal de Lituma. — Diga a ela que conte o que souber.

— Mas o que será que está havendo aqui — exclamou o guarda civil. — Primeiro o mudinho, depois o albino. Agora um dos capatazes da estrada. Isto não é possível, meu cabo.

Não era possível, mas estava acontecendo, e pela terceira vez. Lituma imaginou as caras inexpressivas, os olhinhos glaciais com que seria observado pelo pessoal de Naccos, pelos peões do acampamento, pelos índios das comunidades quando fosse perguntar se sabiam do paradeiro do marido dessa mulher, e sentiu o mesmo desconsolo e a mesma impotência das vezes que tentou interrogá-los sobre os outros desaparecidos: cabeças negando, monossílabos, olhares fugidios, bocas e cenhos franzidos, presentimento de ameaças. Seria igual desta vez.

Tomás havia começado a interrogar a mulher; ia anotando tudo numa caderneta, com um lápis quase sem ponta que, vez por outra, molhava na língua. “Os *terrucos* já estão por perto”, pensou Lituma. Os terroristas. “Qualquer noite dessas eles aparecem.” Também havia sido uma mulher que denunciara o desaparecimento do albino: mãe ou esposa, nunca souberam. O homem tinha ido trabalhar, ou estava voltando do trabalho, e não chegou ao seu destino. Pedrito desceu até o povoado para comprar uma garrafa de cerveja para os guardas e nunca voltou. Ninguém os viu, ninguém notou neles qualquer sinal de medo, preocupação ou doença antes de evaporarem. Teriam sido engolidos pelas montanhas, então? Três

semanas depois, o cabo Lituma e o guarda Tomás Carreño continuavam no ar como no primeiro dia. E, agora, um terceiro. Puta merda. Lituma limpou as mãos na calça.

Havia começado a chover. As gotas estremeciam o zinco do teto com uns ruídos descompassados e muito fortes. Ainda não eram três da tarde mas o temporal havia escurecido o céu e já parecia noite. Ouviam-se trovões ao longe, retumbando nas montanhas com uns roncões entrecortados que subiam das entranhas da terra, que aqueles serranos julgavam povoadas de touros, cobras, condores e espíritos. Mas os índios acreditam mesmo nisso? Claro, meu cabo, até rezam para eles e fazem oferendas. Não viu os pratinhos de comida que deixam nas trilhas da cordilheira? Quando contavam essas coisas na cantina de Dionisio ou no meio de um jogo de futebol, Lituma nunca sabia se estavam falando sério ou caçoando do costeiro. De vez em quando, pela fresta que havia numa das paredes do barracão, uma cobrinha amarelada dava bicadas nas nuvens. Acreditariam os serranos que o raio era a lagartixa do céu? As cortinas de água haviam apagado os barracos, as misturadoras, as niveladoras, os jipes e as casinhas das comunidades que apareciam entre os eucaliptos do morro em frente. “Como se todos tivessem desaparecido”, pensou. Os peões eram cerca de duzentos e vinham de Ayacucho, de Apurímac, mas, principalmente, de Huancayo e Concepción, em Junín, e de Pampas, em Huancavelica. Da costa, em contraste, nenhum que ele soubesse. Nem mesmo seu adjunto era costeiro. Mas, embora tivesse nascido em Sicuani e falasse quéchua, Tomás parecia um costeiro. Ele é que tinha trazido para Naccos o mudo Pedro Tinoco, o primeiro desaparecido.

O guarda Carrasco era um sujeito sem rodeios, embora um pouco tristonho. De noite se abria com Lituma e sabia fazer amizade. O cabo lhe disse, logo depois de chegar: “Por sua maneira de ser, você mereceria ter nascido na costa. Até mesmo em Piura, Tomasito.” “Sei que vindo do senhor isto significa muito, meu cabo.” Sem a companhia dele, a vida nestas solidões teria sido tenebrosa. Lituma suspirou. O que fazia no meio desta puna, entre serranos ásperos e desconfiados que se matavam por causa de política e, para piorar, desapareciam? Por que não estava em sua terra? Imaginou-se rodeado de cervejas no Rio-Bar, entre os inconquistáveis, seus cupinchas da vida inteira, numa morna noite piurana com estrelas, valsas e cheiro de cabras e alfarrobas. Um lampejo de tristeza lhe enregelou os dentes.

— Pronto, meu cabo — disse o guarda. — Esta senhora não sabe grandes coisas, na verdade. E está morta de medo, não vê?

— Diga a ela que faremos o possível para encontrar o marido.

Lituma ensaiou um sorriso e com as mãos indicou à índia que podia ir embora. Ela continuou olhando-o, sem se alterar. Era pequenina e sem idade, com os ossos frágeis como um pássaro, e quase desaparecia debaixo das numerosas saias e do chapéu puído, meio caído. Mas em seu rosto e nos seus olhinhos enrugados havia qualquer coisa de inquebrantável.

— Parece que ela já esperava o sumiço do marido, meu cabo. “Ia acontecer, tinha que acontecer”, diz. Mas, naturalmente, nunca ouviu falar dos terroristas nem da milícia do Sendero.

Sem fazer sequer um movimento com a cabeça à guisa de despedida, a mulher deu meia-volta e foi enfrentar o aguaceiro. Poucos minutos depois tinha se dissolvido na umidade plúmbea, rumo ao acampamento. O cabo e o guarda ficaram um bom tempo sem falar. Por fim, a voz do seu adjunto ressoou nos ouvidos de Lituma como um pêsame:

— Vou lhe dizer uma coisa. O senhor e eu não vamos sair vivos daqui. Estamos cercados, para que fechar os olhos.

Lituma encolheu os ombros. De modo geral era ele quem ficava desanimado, e o adjunto levantava seu ânimo. Hoje trocavam de papéis.

— Não fique assim, Tomasito. Se não, quando chegarem vão nos encontrar atarantados e nem vamos conseguir nos defender.

O vento fazia o zinco do teto tilintar e as trombas-d’água salpicavam o interior da construção. Era um aposento único, dividido por um biombo de madeira e protegido por uma barreira de sacos de pedras e terra. Num dos lados ficava o posto da Guarda Civil, com uma tábua apoiada em dois cavaletes — a escrivaninha — e um baú onde eram guardados o livro de registros e os relatórios do serviço. No outro, juntos devido à falta de espaço, os dois catres. Clareavam o ambiente com lampiões a querosene e tinham um rádio de pilhas que, quando não havia muita interferência na atmosfera, captava a Rádio Nacional e a Rádio Junín. O cabo e o guarda passavam as tardes e as noites grudados no aparelho, tentando ouvir as notícias de Lima ou de Huancayo. No chão de terra batida havia peles de carneiro e de ovelha, esteiras, um fogareiro, um fogãozinho, cuias, tralhas de cozinha, as malas de Lituma e de Tomás e um armário sem fundo — o arsenal — onde guardavam os fuzis, as cartucheiros e a metralhadora. Levavam os revólveres sempre consigo e à noite os colocavam embaixo do travesseiro. Sentados embaixo da imagem desbotada do Coração de Jesus — um anúncio de Inca Cola —, ouviram chover durante vários minutos.

— Não acredito que os tenham matado, Tomasito — comentou por fim Lituma. — Devem ter sido levados para a milícia deles. Vai ver os três eram *terrucos*. Por acaso o Sendero faz as pessoas desaparecerem? Mata e pronto, depois deixa seus cartazes para que todo mundo saiba.

— Pedrito Tinoco, terrorista? Não, meu cabo, ora essa, isso eu garanto — disse o guarda. — Então o Sendero já está batendo na nossa porta. E não vão querer nos alistar na sua milícia. Vão fazer picadinho de nós. Às vezes penso que você e eu fomos mandados aqui para o sacrifício, pura e simplesmente.

— Chega de tanta preocupação. — Lituma se levantou. — Prepare um café,

com este tempo de merda. Depois nos ocupamos do tal fulano. Como se chama este último?

— Demetrio Chanca, meu cabo. Capataz de perfuratrizes.

— Não dizem que a terceira vez é a decisiva? Quem sabe, graças a este resolvemos o mistério dos três.

O guarda foi apanhar as canecas de latão que estavam penduradas e acendeu o fogareiro.

— Quando o tenente Pancorvo me disse, lá em Andahuaylas, que iam me mandar para este fim do mundo, eu pensei: “Muito bem, em Naccos os terroristas vão acabar com você, Carreñito, e quanto antes, melhor” — murmurou Tomás. — Eu estava cansado da vida. Pelo menos, era o que achava, meu cabo. Mas, com o medo que estou sentindo agora, fica claro que não queria morrer.

— Só um imbecil quer partir antes da hora — afirmou Lituma. — A vida tem coisas maravilhosas, se bem que não aqui nestas paragens. Você queria mesmo morrer? Posso saber por quê, ainda tão jovem?

— Porque podia ser, ora. — O guarda riu, pondo a chaleira em cima da chaminha rubro-anil do fogareiro.

Era um rapaz magro e ossudo, mas parrudo, com uns olhos fundos e vivos, pele azeitonada e dentes brancos e protuberantes que, em suas noites de insônia, Lituma via brilhar na escuridão do barracão.

— Devia estar sofrendo de amor por alguma mulher — arriscou o cabo, já com água na boca.

— E por quem se vai sofrer de amor, senão. — Tomasito se enterneceu. — Além do mais, fique orgulhoso, ela também era piurana.

— Uma patriciazinha — aprovou Lituma, sorrindo. — Ora veja.

A *petite* Michèle não se dava bem com a altura — reclamou de uma pressão nas têmporas, parecida com a que sentia naqueles filmes de terror que tanto adorava, e de um mal-estar geral e indeterminado —, mas, apesar disso, estava impressionada com a desolação e a crueza da paisagem. Albert, em contraste, sentia-se magnificamente bem. Como se tivesse passado a vida a três ou quatro mil metros de altura, entre aqueles picos afiados manchados de neve e os rebanhos de lhamas que, vez por outra, cruzavam a trilha. O chacoalhar do velho ônibus era tanto que às vezes parecia que ia se desmontar naqueles buracos, naqueles desniveis, naquelas pedras que a cada instante desafiavam sua ruínosa carroceria. Eram os únicos estrangeiros, mas o casalzinho francês não parecia chamar a atenção dos seus companheiros de viagem. Nem quando os ouviam falar numa língua estrangeira eles se viravam para olhá-los. Estavam usando xales, ponchos e um ou outro gorro com orelheiras, agasalhados

para a noite já iminente, cheios de trouxas, pacotes e malas de folha de flandres. Uma senhora levava até galinhas cacarejantes. Mas nem o desconforto do banco, nem as sacudidas, nem o aperto incomodavam Albert e a *petite* Michèle.

— *Ça va mieux?* — perguntou ele.

— *Oui, un peu mieux.*

E, pouco depois, a *petite* Michèle disse em voz alta o que Albert também pensava: ele tinha razão quando discutiram na pensão El Milagro, de Lima, se deviam fazer a viagem a Cusco por terra ou de avião. Ela preferira o avião, devido aos conselhos do homem da embaixada, mas ele insistiu tanto no ônibus que a *petite* Michèle cedeu. Não lamentava, pelo contrário. Teria sido uma pena perder isto aqui.

— Claro que sim — exclamou Albert, apontando através do vidro estriado da janela. — Não é formidável?

O sol estava se escondendo e no horizonte via-se uma suntuosa cauda de pavão. Uma longa meseta verde-escura, sem árvores, sem casas, sem gente nem animais, se estendia à esquerda, avivada por brilhos aquosos, como se entre as mechas de palha amarelada houvesse riachos ou lagoas. À direita, em contrapartida, erguia-se uma hirsuta geografia perpendicular de rochas escarpadas, abismos e gargantas.

— O Tibete deve ser assim — murmurou a *petite* Michèle.

— Garanto que isto aqui é mais interessante que o Tibete — respondeu Albert. — Eu bem que falei: *Le Pérou, ça vaud le Pérou!*

À frente do velho ônibus já era noite e começava a esfriar. Brilhavam algumas estrelas no céu azul-anil.

— Brrr... — A *petite* Michèle se encolheu. — Agora entendo por que todos viajam tão agasalhados. Como muda o clima, nos Andes. De manhã, um calor sufocante e de noite, gelo.

— Esta viagem vai ser a coisa mais importante das nossas vidas, você vai ver — disse Albert.

Alguém tinha ligado um rádio e, depois de uma série de gaguejos metálicos, irrompeu uma música triste, monótona.

— Charangos e quenás — reconheceu Albert. — Em Cusco vamos comprar uma *quena*. E aprender a dançar *huaynos*.

— E vamos fazer uma apresentação de gala, lá no colégio — fantasiou a *petite* Michèle. — *La nuit péruvienne! Virá le tout Cognac.*

— Se quiser dormir um pouco, posso servir de travesseiro — propôs Albert.

— Nunca vi você tão contente. — Ela sorriu.

— É um sonho de dois anos — ele concordou. — Economizando, lendo sobre os incas e o Peru. Imaginando isto.

— E não se decepcionou. — Sua companheira riu. — Bem, eu também não. Obrigada por ter me convencido a vir. Acho que a coramina glicosada fez efeito. A

altura está me incomodando menos e já respiro melhor.

Um instante depois, Albert ouviu-a bocejar. Passou o braço pelos seus ombros e a fez apoiar a cabeça nele. Logo a seguir, apesar dos solavancos e pulos do veículo, a *petite* Michèle estava dormindo. Ele sabia que não ia pregar os olhos. Estava ansioso demais, ávido demais para reter tudo na memória e depois lembrar, escrever no diário que rabiscava toda noite desde que tomaram o trem na estação de Cognac e, mais tarde, contar aquilo, com todos os detalhes e um ou outro exagero, aos *copains*. Para seus alunos da escola daria uma aula com diapositivos, pegando emprestado o projetor do pai de Michèle. *Le Pérou!* Ali estava: imenso, misterioso, verde-cinzentos, paupérrimo, riquíssimo, antigo, hermético. Era esta paisagem lunar e estas caras acobreadas, ásperas, das mulheres e homens que os rodeavam. Impenetráveis, na verdade. Muito diferentes das caras que tinham visto em Lima, de brancos, de negros, de mestiços, com os quais, de um jeito ou de outro, podiam comunicar-se. Mas alguma coisa infranqueável o separava desta gente das montanhas. Tinha tentado conversar várias vezes com seus vizinhos no seu espanhol ruim, sem o menor sucesso. “O que nos separa não é uma raça, e sim uma cultura”, recordava a *petite* Michèle. Eram estes os verdadeiros descendentes dos incas, não o povo de Lima; seus antepassados tinham subido até os ninhos de águia de Machu Picchu, aquelas gigantescas pedras do santuário-fortaleza que, dentro de três dias, ele e sua amiga iriam percorrer.

Já caíra a noite e, apesar da sua vontade de continuar acordado, sentiu que era tomado por uma doce vertigem. “Se eu dormir, vou pegar um torcicolo”, pensou. Estavam no terceiro banco da direita e, quase caindo no sono, Albert ouviu que o motorista tinha começado a assobiar. Depois, sentiu-se nadando em água fria. Estrelas fugazes caíam na imensidão do altiplano. Estava feliz, mas lamentou que, como uma pinta peluda num rosto bonito, aquela dor no pescoço e a angústia por não poder encostar a cabeça em alguma coisa mole enfiassem o espetáculo. De repente, alguém o sacudiu bruscamente.

— Chegamos a Andahuaylas? — perguntou, aturdido.

— Não sei o que está havendo — sussurrou, em seu ouvido, a *petite* Michèle.

Esfregou os olhos e havia cilindros de luzes movendo-se dentro e fora do ônibus. Ouviu vozes abafadas, cochichos, um grito que parecia um xingamento, e divisou movimentos confusos em toda parte. Era noite fechada e, através do vidro trincado, cintilavam miríades de estrelas.

— Vou perguntar ao chofer o que está acontecendo.

A *petite* Michèle não o deixou levantar-se.

— Quem são? — ouviu-a dizer. — Pensei que eram soldados, mas não, olhe, tem gente chorando.

As caras apareciam e desapareciam, fugazes, no ir e vir das lanternas. Pareciam

muitos. Estavam rodeando o ônibus e agora, finalmente acordado, com os olhos se acostumando à escuridão, Albert notou que vários deles tinham os rostos ocultos com gorros passa-montanhas que só deixavam os olhos descobertos.

E aqueles reflexos eram armas, não podiam ser outra coisa.

— O homem da embaixada tinha razão — murmurou a garota, tremendo da cabeça aos pés. — Devíamos ter tomado o avião, não sei por que fui ouvir você. Sabe quem são eles, não sabe?

Alguém abriu a porta do ônibus e uma corrente de ar frio agitou seu cabelo. Entraram duas silhuetas sem rosto e Albert sentiu que, por alguns segundos, as lanternas o cegavam.

Deram uma ordem que ele não entendeu. Repetiram num tom mais enérgico.

— Não se assuste — murmurou no ouvido da *petite* Michèle. — Não temos nada a ver, somos turistas.

Todos os passageiros tinham se levantado e, com as mãos na cabeça, começavam a descer do ônibus.

— Não vai acontecer nada — repetiu Albert. — Somos estrangeiros, vou explicar a eles. Venha, vamos descer.

Desceram, misturados com o tropel, e, ao sair, o vento gelado açoitou seus rostos. Permaneceram no meio do grupo, bem juntos, de braços dados. Ouviam palavras soltas, murmúrios, e Albert não conseguia distinguir o que diziam. Mas era castelhano, não quéchua, o que falavam.

— Senhor, por favor? — quase soletrando, dirigiu-se ao homem de poncho que estava ao seu lado, e imediatamente uma voz de trovão rugiu: “Silêncio!” Era melhor não abrir a boca. Logo chegaria o momento de explicar quem eles eram e por que estavam aqui. A *petite* Michèle apertava seu braço com as duas mãos e Albert sentia as unhas dela através do casacão grosso. Alguém — ele? — batia os dentes.

As pessoas que haviam interceptado o ônibus quase não trocavam palavras entre si. Tinham cercado os passageiros e eram muitos; vinte, trinta, talvez mais. O que esperavam? Sob a luz movediça das lanternas, Albert e a *petite* Michèle identificaram mulheres entre os assaltantes. Algumas de passa-montanhas, outras com os rostos descobertos. Algumas com armas de fogo, outras com paus e facões. Todas jovens.

Nas sombras retumbou outra ordem que Albert tampouco entendeu. Seus companheiros de viagem começaram a esquadrihar os bolsos, as bolsas, a entregar papéis ou carteiras. Ele e ela tiraram seus passaportes da sacola que levavam na cintura. A *petite* Michèle tremia cada vez mais, porém, para não provocá-los, ele não se atrevia a tranquilizá-la, garantir que, quando olhassem seus passaportes e vissem que eram turistas franceses, o perigo teria passado. Ficariam com os dólares, talvez. Felizmente não eram muitos. Os *travellers* viajavam ocultos no cinto de fundo

duplo de Albert, e com um pouco de sorte talvez não os descobrissem.

Três deles começaram a recolher os documentos, metendo-se entre as filas de passageiros. Quando chegaram ao seu lado, enquanto entregava os dois passaportes à silhueta feminina com um fuzil a tiracolo, Albert articulou:

— Somos turistas franceses. Não sabe espanhol, senhorita.

— Silêncio! — gritou ela, arrancando-lhe os passaportes. Era uma voz de menina, cortante e enfurecida. — Cale a boca.

Albert pensou como tudo estava tranquilo e limpo lá em cima, naquele céu profundo, polvilhado de estrelas, e o contraste com a ameaçadora tensão daqui de baixo. O temor havia desaparecido. Quando tudo isto fosse apenas uma lembrança, quando já tivesse contado dezenas de vezes este episódio aos *copains* no bistrô e aos alunos da escola, em Cognac, perguntaria à *petite* Michèle: “Tive razão ou não em preferir aquele ônibus ao avião? Iríamos perder a melhor experiência da viagem.”

Meia dúzia de homens os vigiava com fuzis automáticos, buscando seus olhos o tempo todo com os jatos de luz das lanternas. Outros se afastaram alguns metros e pareciam em conciliábulo. Albert deduziu que estavam examinando os documentos, que os submetiam a um exame cuidadoso. Será que todos eles sabiam ler? Quando vissem que eles não eram daqui, e sim franceses paupérrimos, de mochila e de ônibus, pediriam desculpas. O frio perfurava seus ossos. Abraçou a *petite* Michèle, pensando: “O homem da embaixada tinha razão. Devíamos ter tomado o avião. Quando pudermos falar, vou pedir desculpas.”

Os minutos se tornavam horas. Várias vezes teve certeza de que ia desmaiar, de frio e fadiga. Quando os passageiros começaram a sentar-se no chão, ele e a *petite* Michèle os imitaram, sentando-se bem juntos. Permaneceram mudos, apertados um contra o outro, trocando calor. Os captores voltaram após um longo tempo e, um por um, levantando-os, olhando suas caras, pondo as lanternas nos seus olhos e empurrando-os, foram devolvendo os passageiros ao ônibus. Amanhecia. Uma orla azulada surgia no entrecortado perfil das montanhas. A *petite* Michèle estava tão quieta que parecia dormir. Mas seus olhos continuavam bem abertos. Albert levantou-se com esforço, sentindo seus ossos rangerem, e teve que puxar a *petite* Michèle pelos dois braços. Sentia-se sonolento, com cáibras, a cabeça pesada, e pensou que ela devia estar sofrendo de novo o mal-estar da altura que tanto atormentou nas primeiras horas, subindo a Cordilheira. O pesadelo ia terminar, pelo visto. Os passageiros tinham formado uma fila indiana e iam subindo no ônibus. Quando chegou a vez deles, os dois rapazes com passa-montanhas que estavam na porta do veículo lhes puseram os fuzis no peito, sem dizer uma palavra, indicando-lhes que saíssem dali.

— Por quê? — perguntou Albert. — Somos turistas franceses.

Um deles avançou com uma atitude ameaçadora e, aproximando muito a cara,

rugiu:

— Silêncio! Shhh!

— Não fala espanhol! — gritou a *petite* Michèle. — Turista! Turista!

Foram cercados, agarrados pelos braços, empurrados, afastados dos passageiros. E, antes de conseguirem entender o que estava acontecendo, o motor do ônibus começou a gorgolejar, sua carcaça a tremer e seu motor a vibrar. Viram-no partir, chacoalhando, por aquele caminho perdido no altiplano andino.

— O que fizemos? — perguntou Michèle em francês. — O que vai acontecer conosco?

— Vão pedir um resgate à embaixada — balbuciou ele.

— Aquele ali não foi deixado por nenhum resgate. — A *petite* Michèle já não parecia amedrontada; antes, revoltada, indignada.

O viajante que ficara detido junto com eles era baixo e gordinho. Albert reconheceu seu chapéu e seu bigode milimétrico. Viajava na primeira fila, fumando sem parar e às vezes se inclinando para conversar com o motorista. Gesticulava e implorava, mexendo a cabeça, as mãos. Estava cercado pelos captores. Tinham esquecido dele e da *petite* Michèle.

— Está vendo aquelas pedras? — gemeu ela. — Está vendo, está vendo?

A luz do dia avançava rapidamente pelo altiplano e os corpos, os perfis se distinguiam muito nítidos. Eram jovens, eram adolescentes, eram pobres e alguns eram meninos. Além dos fuzis, revólveres, facões e paus, muitos tinham pedras nas mãos. O homenzinho de chapéu, ajoelhado e com dois dedos em cruz, rogava, levantando a cabeça para o céu. Até que o círculo se fechou à sua volta, tirando-o de vista. Ouviram-no gritar, implorar. Empurrando-se, açulando-se, emulando uns aos outros, as pedras e as mãos desciam e subiam, desciam e subiam.

— Somos franceses — disse a *petite* Michèle.

— Não faça isso, senhor — gritou Albert. — Somos turistas franceses, senhor.

Eram quase crianças, sim. Mas com caras ásperas e queimadas pelo frio, como aqueles pés crus que as sandálias de pneu que alguns calçavam deixavam entrever, como aquelas pedras nas suas mãos calosas com que começavam a atacá-los.

— Mate-nos com um tiro — gritou Albert, em francês, cego, abraçando a *petite* Michèle, interpondo-se entre ela e aqueles braços ferozes. — Também somos jovens, senhor. Senhor!

— Quando senti que o sujeito começava a bater e ela a choramingar, fiquei todo arrepiado — disse o guarda. — É como da outra vez, pensei, igualzinho em Pucallpa. Que azar você tem, seu paspalho.

Lituma notou que Tomás Carreño estava irado e ansioso ao reviver aquilo.

Tinha se esquecido de que ele estava aqui, ouvindo-o?

— Quando meu padrinho me mandou escotar o Chanco da primeira vez, fiquei todo orgulhoso — explicou o rapaz, tentando se acalmar. — Imagine só. Estar perto de um chefão, viajar com ele para a selva. Mas passei maus momentos naquela noite em Pucallpa. E agora ia ser a mesma droga, também, em Tingo María.

— Você nem desconfiava que a vida está cheia de coisas nojentas — comentou Lituma. — Onde tinha vivido, Tomasito?

— Eu sabia tudo da vida, mas não gostei dessa história do sadismo. Porra, isso não. E também não entendia. Fiquei furioso e até com medo. Como alguém podia se tornar pior que um animal? Então entendi por que o chamavam de *Chanco*, de porco.

Houve um estalo sibilante e a mulher uivou. Ele, enquanto isso, estava batendo. Lituma fechou os olhos e a inventou. Era cheinha, ondulante, com peitos redondos. O chefão a mantinha de joelhos, peladinha, e as vergastadas lhe faziam sulcos roxos nas costas.

— Não sei quem me deu mais nojo, ele ou ela. As coisas que elas fazem por dinheiro, pensava.

— Bem, você também estava lá por dinheiro, não? Protegendo o Chanco, enquanto ele se divertia tirando o couro da piranha.

— Não a chame assim — protestou Tomás. — Nem mesmo se fosse, meu cabo.

— É só uma palavra, Tomasito — desculpou-se Lituma.

O rapaz enxotou os insetos da escuridão, com fúria. A noite estava alta e quente e as árvores sussurravam ao seu redor. Não havia lua, e as luzes gordurosas de Tingo María quase não se divisavam entre o bosque e os morros. A casa ficava na saída da cidade, a uns cem metros da estrada que vai para Aguatía e Pucallpa, e suas paredes finas deixavam passar os sons e vozes com total nitidez. Ouviu outro estalo e a mulher gritou.

— Chega, paizinho — implorou sua voz abafada. — Não me bata mais.

Carreño achou que o homem estava rindo, com aquela risadinha sobranceira que já ouvira da outra vez, em Pucallpa.

— Riso de fodão, de manda chuva, de quem pode pode, de um chefão que tem soles e dólares até dizer chega — explicou ao cabo, com um velho rancor.

Lituma imaginou os olhinhos achinesados do sádico: sobressaíam das bolsas de gordura, inflamando-se de tesão cada vez que a mulher gemia. Ele não se excitava com essas coisas, mas, pelo visto, outros sim. Também não ficava escandalizado como o seu adjunto, claro. O que podia fazer se a vida era mesmo essa droga. Os terroristas não andavam matando a torto e a direito com essa conversa de revolução? Eles também gostavam de sangue.

— Goze de uma vez, Chanchito filho da puta, eu pensava — continuou Tomás. — Faça logo o que quer fazer, esvazie-se, vá dormir. Mas ele continuava.

— Chega, paizinho. Não bata mais — implorava de vez em quando a mulher.

O rapaz estava suando e se sentia sufocado. Um caminhão passou rugindo pela estrada e suas luzes amareladas iluminaram por um instante a folhagem, os troncos, os pedregulhos e a lama da vala. Com a escuridão, voltaram as fosforescências. Tomás nunca tinha visto um vaga-lume e os imaginava como lanterninhas voadoras. Se pelo menos o gordo Iscariote estivesse com ele. Conversando, brincando, ouvindo-o descrever suas comilanças, passaria o tempo. Não ouviria o que estava ouvindo nem imaginaria o que imaginava.

— E agora vou enfiar este ferro até a sua garganta — ronronou o homem, louco de felicidade. — Para fazer você gritar como sua mãe gritou quando pariu você.

Lituma teve a impressão de ouvir o risinho zombeteiro do Chanchito, uma gargalhada de homem de bem com a vida e que sempre consegue o que quer. Podia adivinhá-lo com facilidade, mas não a ela; a mulher era uma forma sem rosto, uma silhueta que nunca chegava a se concretizar.

— Se Iscariote estivesse comigo, conversando, eu até esqueceria o que estava acontecendo na casa — disse Tomás. — Mas o gordo estava vigiando o caminho e eu sabia que nada o tiraria do seu posto, ele ia ficar ali a noite toda sonhando com manjares.

A mulher tornou a gritar e dessa vez continuou chorando. Aqueles golpes meio abafados seriam pontapés?

— Pelo que é mais sagrado — rezava ela.

— E então vi que já estava com o revólver na mão — disse o rapaz, baixando a voz como se alguém pudesse ouvir. — Tinha tirado a arma da cartucheira e brincava com ela, mexendo no gatilho, girando o tambor. Sem perceber, meu cabo, juro.

Lituma se inclinou para observá-lo. No catre vizinho, o perfil de Tomasito mal se divisava, esfumado na claridade tênue das estrelas e da lua que entrava pela janela.

— O que ia fazer, seu paspalho.

Tinha subido a escadinha de madeira na ponta dos pés e empurrava devagarzinho a porta da casa, até sentir a resistência do trinco. Era como se suas mãos e pernas agissem independentemente da cabeça. “Chega, paizinho”, implorava monotonamente a mulher. As pancadas soavam de tanto em tanto, amortecidas, e agora o rapaz ouvia o Chanchito ofegar. A porta não tinha fechadura. Quando pressionou com o corpo, ela começou a ceder: o rangido se misturava com as pancadas e as súplicas. Quando se abriu de par em par fazendo um som de pregos, os gemidos e as pancadas cessaram e explodiu um “caralho”. Tomás viu o homem nu se

contorcer na penumbra, xingando. Um lampião balançava pendurado num prego na parede. Havia sombras enlouquecidas. Enredado no mosquitoeiro, o sujeito tentava se livrar daquilo, aos safanões, e Tomás encontrou os olhos aterrorizados da mulher.

— Não bata mais nela, senhor — implorou. — Não lhe permito.

— Você disse essa bobagem? — zombou Lituma. — Ainda por cima tratando-o de senhor?

— Acho que ele não me ouviu — disse o rapaz. — Talvez minha voz não tenha saído, talvez eu estivesse falando comigo mesmo.

O homem encontrou o que estava procurando e, semierguido, ainda enredado no mosquitoeiro, estorvado pela mulher, apontou para ele, xingando em altos brados, como se quisesse animar-se. Tomás pensou que os tiros estouravam antes que ele apertasse o gatilho, mas não, foi a sua mão que disparou primeiro. Ouviu o homem ganindo enquanto caía para trás, soltando a pistola, encolhendo-se. O rapaz deu dois passos em direção à cama. Meio corpo do Chanchó estava pendurado do outro lado. Suas pernas continuavam entrelaçadas em cima do lençol. Estava imóvel. Não era ele, era a mulher que gritava.

— Não me mate! Não me mate! — gritava apavorada, tapando o rosto, contorcendo-se, protegendo-se com as mãos e os pés.

— O que foi que disse, Tomasito. — Lituma estava pasmado. — Quer dizer que você o despachou?

— Cale a boca! — ordenou o rapaz. Agora conseguia respirar. O tumulto do seu peito tinha se aplacado. As pernas do homem deslizaram até o chão, derrubando parte do mosquitoeiro. Ouviu-o gemer, baixinho.

— Quer dizer que você o matou? — insistiu Lituma. Apoiado num cotovelo, ainda procurava na escuridão o rosto do seu adjunto.

— Você não é um dos seguranças, por acaso? — A mulher olhava para ele sem entender, piscando. Em seus olhos havia um medo animal, mas agora, também, estupefação. — Por que fez isso?

Tentava se cobrir, encolhia-se, levantava um cobertor com manchas de sangue. Mostrou-o, como se o estivesse acusando.

— Eu não suportava mais — disse Tomasito. — Que ele batesse assim por prazer. Que estivesse matando você.

— Era o macho dela — exclamou Lituma, caindo na risada.

— O que está dizendo? Quê? — A mulher se recuperava do susto, sua voz estava mais firme. Tomás viu-a pular da cama, viu-a tropeçar, viu sua silhueta nua se avermelhar por um segundo quando passou embaixo do lampião e viu-a, já dona de si, agora cheia de energia, começar a vestir a roupa que ia levantando do chão, sem parar de falar: — Foi por isso que atirou nele? Porque estava me batendo? E quem falou que era para você se meter, pode-se saber? E quem é você, pode-se saber? Quem

lhe pediu que me protegesse, pode-se saber?

Antes de conseguir responder, Tomás ouviu a corrida e a voz abalada de Iscariote: “Carreño? Carreñito?” Os degraus tremeram com seus pulos, a porta se abriu de par em par. Lá estava sua silhueta de barril, ocupando a entrada. Olhava para ele, olhava para a mulher, a cama revirada, o cobertor, o mosquiteiro caído. Estava com o revólver na mão, bailando.

— Não sei — murmurou o rapaz, lutando contra a matéria mineral que era a sua língua. No assoalho de tábuas, meio apagado, o corpo se mexia. Mas não gemia mais.

— Puta merda, o que foi isso — arquejava o gordo Iscariote, com os olhos parecendo gafanhotos. — O que houve, Carreñito?

A mulher tinha terminado de se vestir e calçava os sapatos, movendo uma perna, depois a outra. Como se estivesse num sonho, Tomás reconheceu o vestido branco floreado com que a vira descer do avião de Lima ao meio-dia, no aeroporto de Tingo María, quando Iscariote e ele foram buscá-la para o Chanchó.

— Pergunte a este aí o que aconteceu. — Seus olhos relampejavam e ela mexia a mão, apontando para o caído, para ele, de novo para o caído.

— Estava tão furiosa que pensei que ia pular em cima de mim para me arranhar — disse o rapaz. Sua voz tinha se adocicado.

— Você matou o chefe, Carreño? — O gordo estava atarantado. — Você o matou?

— Sim, sim — gritou a mulher, fora de si. — E agora, o que vai ser de nós.

— Merda — repetiu, como um autômato, o gordo Iscariote. Piscava sem trégua.

— Acho que não está morto — balbuciou o rapaz. — Eu o vi mexer-se.

— Mas por quê, Carreñito. — O gordo se inclinou para observar o corpo. No mesmo instante se ergueu e deu um passo atrás, assustado. — O que ele fez? Por quê?

— Estava batendo nela. Ia matá-la. Só por prazer. Perdi a cabeça, gordo, me descontrolei. Não consegui suportar tanta sujeira.

A cara de lua cheia de Iscariote virou-se em sua direção, esquadrinhou-o avançando a cabeça como se também quisesse cheirá-lo e até lambê-lo. Abriu a boca sem dizer nada. Olhava para a mulher, olhava para Tomás, suave e arquejava.

— E foi por isso que você o matou? — disse afinal, balançando a cabeça crespa, abobalhado como um mamulengo de carnaval.

— Por isso! Por isso! — gritou a mulher, histérica. — E agora, o que vai ser de nós, desgraça.

— Matou o sujeito porque estava se divertindo com sua puta? — Os olhos do gordo Iscariote viravam nas órbitas como se tivessem movimento próprio. — Sabe o

que você fez, infeliz?

— Não sei o que aconteceu comigo. Não se preocupe, a culpa não é sua. Vou explicar ao meu padrinho, gordo.

— Mas que imbecil, que principiante. — Iscariote segurava a cabeça. — Que animal. O que você acha que os homens fazem com as putas, seu idiota.

— A polícia vai aparecer, vão investigar — dizia a mulher. — Eu não tenho nada a ver com isso, preciso ir embora.

— Mas não conseguia nem se mexer — lembrou o rapaz, açúcarando ainda mais a voz empostada, e Lituma pensou: “Ou seja, você já estava caidinho, Tomasito.” — Deu uns passos até a porta, mas parou e voltou, como se não soubesse o que fazer. Estava assustadíssima, a coitada.

O rapaz sentiu a mão do gordo Iscariote em seu braço. Olhava para ele compungido, compadecido, já sem raiva. Disse, muito resoluto:

— Desapareça, é melhor não dar mais as caras para o seu padrinho, compadre. Ele seria capaz de lhe dar uns tiros, quem sabe o que mais faria. Suma daqui, desapareça no ar e tomara que não o peguem. Eu sempre soube que você não servia para essas coisas. Não disse isso, quando nos apresentaram?

— Um amigo de verdade — explicou o rapaz a Lituma. — Eu poderia desgraçar a vida dele com o que fiz. Mesmo assim, ele me ajudou a fugir. Um gordo enorme, uma cara redonda como um queijo, uma barriga de pneu. O que será dele.

Iscariote lhe estendeu sua mão rechonchuda e amistosa. Tomás apertou-a, com força. Obrigado, gordo. A mulher, com um joelho no chão, revistava as roupas do homem que jazia imóvel.

— Você não está me contando tudo, Tomasito — interrompeu Lituma.

— Não tenho um centavo, não sei para onde ir — o rapaz ouviu a mulher explicar a Iscariote, enquanto ele já estava mergulhando na brisa morna que fazia os arbustos e a ramagem estalarem. — Não tenho um centavo, não sei o que fazer. Não estou roubando.

Começou a correr em direção à estrada, mas, poucos metros depois, passou a caminhar. Para onde ia? Ainda estava com o revólver na mão. Guardou-o na cartucheira, presa na correia da calça e disfarçada pela camisa. Não havia veículos na vizinhança e as luzes de Tingo María pareciam remotas.

— Eu me sentia tranquilo, aliviado, acredite, meu cabo — disse o rapaz. — Como quando a gente acorda e percebe que o pesadelo tinha sido só um pesadelo.

— Mas por que você está escondendo de mim o melhor, Tomasito. — Lituma voltou a rir.

Entre o rumor dos insetos e o bosque, o rapaz ouviu os passinhos da mulher, apressados, tentando alcançá-lo.

Sentiu-a ao seu lado.

— Mas não estou escondendo nada, meu cabo. Esta é a verdade completa. Foi assim que aconteceu, direitinho.

— O gordo não me deixou pegar nem um centavo — reclamou ela. — Aquele barrigudo de merda. Eu não estava roubando, só queria um dinheiro emprestado para chegar até Lima. Não tenho um centavo. Não sei o que vou fazer.

— Eu também não sei o que fazer — disse Tomás.

Foram tropeçando no caminho sinuoso invadido pela folhagem, escorregando nos buracos abertos pelas chuvas, sentindo no rosto e nos braços o roçar das folhas e das teias de aranha.

— Quem mandou você se meter. — A mulher baixou o tom de voz na mesma hora, arrependendo-se. Mas, um instante depois, embora mais contida, continuou a repreendê-lo: — Quem foi que nomeou você meu guarda-costas, quem lhe pediu para me defender. Eu, por acaso? Você se ferrou e me ferrou também, sem ter culpa de nada.

— Pelo que está contando, você já estava caído por ela naquela noite — afirmou Lituma. — Não puxou o revólver e atirou porque estava com nojo das porcarias que ele fazia. Confesse que ficou com ciúmes. Você não me contou o mais importante, Tomasito.

II

“Os serranos estão pouco ligando para todas essas mortes”, pensou Lituma. Na noite anterior, na cantina de Dionisio, tinha ouvido a notícia do ataque ao ônibus de Andahuaylas e nem um só dos peões que estavam bebendo e comendo fizera o menor comentário. “Nunca vou entender porra nenhuma do que acontece aqui”, pensou. Esses três desaparecidos não fugiram das suas famílias, nem escaparam roubando alguma maquinaria do acampamento. Foram se alistar na milícia dos terroristas. Ou estes os tinham assassinado e enterrado em algum buraco dos morros. Mas se os senderistas já estavam aqui e tinham cúmplices entre os peões, por que não atacaram o posto? Por que não haviam executado Tomasito e a ele? Por serem sádicos, talvez. Queriam esfrangalhar seus nervos antes de cortá-los em pedacinhos com cargas de dinamite. Não lhes dariam tempo de pegar os revólveres embaixo do travesseiro, e menos de correr até o armário dos fuzis. Iriam se aproximando devagarzinho, pelos quatro lados do casebre, enquanto eles dormiam o sono cheio de pesadelos de toda noite, ou enquanto Tomás recordava seus amores e ele lhe servia de ombro amigo. Um estrondo, um clarão, o dia no meio da noite: arrancariam suas mãos e pernas e a cabeça ao mesmo tempo. Esquartejado como Túpac Amaru, compadre. Aconteceria a qualquer momento, talvez esta noite. E, na cantina de Dionisio e da bruxa, os serranos fariam as mesmas caras de desentendidos que fizeram na noite passada ao ouvir o caso do ônibus de Andahuaylas.

Suspirou e afrouxou o quepe. O mudinho costumava lavar a esta hora a roupa de Lituma e do seu adjunto. Trabalhava logo ali, a poucos metros, à maneira das índias: batendo cada peça numa pedra e escorrendo-a muito tempo na gamela. Lavava com muita consciência, ensaboando as camisas e cuecas uma e outra vez. Depois estendia a roupa em cima das pedras com a meticulosa diligência com que fazia tudo, o corpo e a alma concentrados na tarefa. Quando seus olhos se cruzavam com os do cabo, ficava rígido, alerta, esperando a ordem. E passava o dia inteiro batendo continências. O que os terroristas teriam feito com aquela alma de Deus.

O cabo acabava de passar duas horas realizando o mesmo percurso obrigatório — engenheiro, capatazes, pagadores, chefes de equipe e companheiros de turno do fulano — que tinha feito depois dos outros desaparecimentos. Com o mesmo resultado. Ninguém sabia grande coisa da vida de Demetrio Chanca, é claro. E menos do seu paradeiro atual, é claro. Agora sua mulher também tinha sumido. Como aconteceu com a que veio denunciar o desaparecimento do albino Casimiro Huarcaya. Ninguém sabia onde, quando nem por que haviam ido embora de Naccos.

— Não acha esquisitos esses desaparecimentos?

- É, muito esquisitos.
— Dá o que pensar, não é?
— Sim, dá o que pensar.
— Quem sabe foram os fantasmas que os levaram?
— Claro que não, cabo, quem vai acreditar nisso.
— E por que as duas mulheres também desapareceram?
— Por que será, hein.

Estariam caçoando dele? Às vezes parecia que por trás dessas caras inexpressivas, desses monossílabos pronunciados com relutância, como se estivessem fazendo um favor, desses olhinhos opacos, desconfiados, os serranos riam da sua condição de costeiro extraviado nestas punas, da agitação que a altura ainda lhe provocava, da sua incapacidade para resolver esses casos. Ou estariam mortos de medo? Um medo quase pânico, um medo feroz dos *terrucos*. Esta podia ser a explicação. Como era possível que, com tudo o que acontecia diariamente à sua volta, nunca os tivesse ouvido fazer um único comentário sobre o Sendero Luminoso? Como se não existisse, como se não houvesse tantas bombas e matanças. “Que gente”, pensou. Não conseguira fazer um único amigo entre os peões, apesar de já estar há tantos meses com eles, apesar de já ter deslocado duas vezes o posto para acompanhar o acampamento. Nem assim. Tratavam-no como se ele viesse de Marte. Divisou Tomás ao longe, aproximando-se. O guarda fora fazer investigações entre os camponeses da comunidade e a equipe que abria um túnel a um quilômetro de Naccos, na direção de Huancayo.

— E então? — perguntou, certo de que o veria passar um dedo pela garganta.

— Descobri uma coisa — disse o guarda, sentando-se ao seu lado numa das pedras que encrespavam a encosta. Estavam em cima de um promontório, no meio do caminho entre o posto e o acampamento esparramado ao longo da bocaina pela qual passaria a estrada, se algum dia a terminassem. Diziam que no passado Naccos tinha sido um pujante povoado mineiro. Agora, não existiria sem as obras da estrada. O ar do meio-dia estava morno e no céu, entre nuvens algodoadas e pançudas, brilhava um sol ofuscante. — Esse capataz teve uma briga com a bruxa, algumas noites atrás.

A bruxa era a senhora Adriana, mulher de Dionisio. Quarentona, cinquentona, sem idade, à noite ela ficava na cantina, ajudando o marido a dar bebida às pessoas e, se era verdade o que contava, vinha do outro lado do rio Mantaro, das vizinhanças de Parcasbamba, uma região entre montanhosa e selvática. De manhã preparava comida para alguns peões e, à tarde e à noite, adivinhava a sorte com baralhos, mapas astrais, lendo as mãos ou jogando folhas de coca para o ar e interpretando as figuras que elas formavam ao cair. Era uma mulher de olhos grandes, saltados e ardentes, e quadris amplos que ela balançava ao caminhar. Tinha sido uma verdadeira fêmea, ao que

parece, e se contavam muitas histórias sobre o seu passado. Que foi mulher de um mineiro narigudo, e até que matara um *pishtaco*. Lituma desconfiava que, além de cozinheira e adivinha, de noite também era outra coisa.

— Não me diga que a bruxa também é terrorista, Tomasito.

— Demetrio Chanca pediu que ela jogasse as folhas de coca. E não deve ter gostado do que ouviu, porque não quis pagar. Discutiram aos gritos. Dona Adriana estava furiosa e tentou arranhá-lo. Quem me contou foi uma testemunha ocular.

— E, para se vingar do calote, a bruxa mandou um passezinho de magia e o fez evaporar — suspirou Lituma. — Você a interrogou?

— Mandei-a vir aqui, meu cabo.

Lituma não conhecera Demetrio Chanca, pensava. O albino, vagamente, porque o rosto da fotografia que a mulher que fez a queixa deixou lembrava alguém com quem tinha trocado algumas palavras, uma vez, na casa de Dionisio. O primeiro, Pedrito Tinoco, pelo contrário, tinha morado com eles neste mesmo barraco e o cabo não conseguia tirá-lo da cabeça. O guarda Carreño o encontrara pedindo esmola nas punas e o trouxe para trabalhar no posto, em troca de comida e uns trocados. Foi utilíssimo. Ajudou-os a reforçar a viga do teto do barraco, a prender as telhas de zinco, a pregar o tabique que estava desmoronando e a fazer o parapeito de sacos para o caso de um ataque. Até que um belo dia o mandaram comprar cerveja e ele desapareceu, sem deixar pistas. Assim começou esta estupidez, pensou Lituma. Como iria terminar.

— Dona Adriana está subindo — avisou o adjunto.

A silhueta estava meio dissolvida na luz branca, ao longe. O sol reverberava no zinco, lá embaixo, e o acampamento parecia uma fileira de lagoas, um espelho fragmentado. Sim, era a bruxa. Chegou ofegando um pouco e respondeu ao cumprimento do cabo e do guarda com um gesto seco, sem mexer os lábios. Seu peito grande, maternal, subia e descia harmoniosamente, e seus grandes olhos observavam ora um, ora o outro, sem piscar. Não havia um pinga de inquietação naquele olhar fixo, de uma intensidade que chegava a incomodar. Por alguma razão, ela e o bêbado do seu marido sempre faziam Lituma sentir-se pouco à vontade.

— Obrigado por vir, minha senhora — disse. — Como já deve saber, continua desaparecendo gente aqui em Naccos. Agora são três. Muitos, não acha?

Ela não respondeu. Gorda, tranquila, boiando num suéter remendado, com uma saia esverdeada presa por uma fivela grossa, parecia muito segura de si mesma ou dos seus poderes. Bem plantada nos seus sapatos de homem, aguardava impassível. Teria mesmo sido a beleza que diziam? Difícil imaginar diante de um espantalho daquele.

— Chamamos a senhora para nos contar a discussão que teve com Demetrio Chanca na outra noite. Aquele capataz que também desapareceu.

A mulher fez que sim. Tinha uma cara redonda e avinagrada e uma boca que parecia uma cicatriz. Seus traços eram indígenas, mas sua pele era branca e seus olhos, muito claros, como os daquelas mulheres *morochucas* que Lituma tinha visto uma vez, no interior de Ayacucho, galopando como o vento nuns cavalos baixinhos e peludos. Seria puta, de noite?

— Não tive nenhuma discussão com esse homem — afirmou, cortante.

— Temos testemunhas, dona — interveio o guarda Carreño. — A senhora quis arranhá-lo, não negue.

— Tentei tirar o chapéu dele para receber o que me devia — ela retificou, sem se alterar. — Esse homem me fez trabalhar de graça e isso eu não aceito de ninguém.

Tinha uma voz um pouco arrastada, como se, ao falar, subissem pedrinhas do fundo do seu corpo até a língua. Lá no norte, em Piura e Talara, Lituma nunca acreditou em bruxas nem em bruxarias, mas aqui, nas montanhas, já não tinha tanta certeza. Por que se sentia apreensivo diante desta mulher? Que porcaria ela e Dionisio faziam na cantina, de madrugada, com os peões bêbados, quando Lituma e seu adjunto iam dormir?

— Ele não deve ter gostado do que a senhora leu na coca — disse Tomás.

— Na mão — corrigiu a mulher. — Também sou quiromante e astróloga. Mas estes índios não confiam nas cartas, nem nas estrelas, nem mesmo nas próprias mãos. Só na coca. — Engoliu saliva e acrescentou: — E nem sempre as folhas falam claro.

O sol batia nos seus olhos, mas ela não piscava; pareciam alucinados, saltavam das órbitas e Lituma imaginou que podiam até falar. Se fazia mesmo de noite aquilo que ele e Tomás suspeitavam, os homens que montavam nela tinham que enfrentar aqueles olhões no meio da escuridão. Ele não conseguiria.

— E o que viu na mão dele, minha senhora?

— Tudo o que lhe aconteceu — respondeu, com naturalidade.

— Leu nas mãos dele que ia desaparecer? — Lituma examinou-a, aos pouquinhos. À sua direita, Carreño esticava o pescoço.

A mulher assentiu, imperturbável.

— Cansei um pouco com a subida — murmurou. — Vou me sentar.

— Conte-nos o que disse a Demetrio Chanca — insistiu Lituma.

Dona Adriana bufou. Havia desabado em cima de uma pedra e se abanava com o chapelão de palha que acabara de tirar. Seu cabelo era liso, sem fios brancos, esticado e preso na nuca com uma fita colorida, como as que os índios amarram nas orelhas das lhamas.

— Disse o que vi. Que ele ia ser sacrificado para aplacar os malignos que causam tantos danos na região. E que foi escolhido porque era impuro.

— E pode-se saber por que era impuro, dona Adriana?

— Porque tinha trocado de nome — explicou a mulher. — Trocar o nome que lhe deram ao nascer é uma covardia.

— Agora entendo por que Demetrio Chanca não quis lhe pagar — sorriu Tomasito.

— Quem ia sacrificá-lo? — perguntou Lituma.

A mulher fez um gesto que podia ser de tédio ou de desprezo. Abanava-se devagar, bufando.

— O senhor quer que eu responda “os *terrucos*, o pessoal do Sendero”, não é verdade? — Tornou a bufar e mudou de tom: — Isso não estava em suas mãos.

— E quer que eu me satisfaça com uma explicação dessas?

— O senhor pergunta e eu respondo — disse a mulher, muito tranquila. — Foi isso que eu vi na mão dele. E se cumpriu. Ele não desapareceu, por acaso? Foi sacrificado, ora.

Deve estar louca, na certa, pensou Lituma. A senhora Adriana bufava como um fole. Com sua mão gorducha levantou a barra da saia até o rosto e assoou o nariz, deixando à mostra duas canelas grossas e branquelas. Assoou novamente, fazendo barulho. Apesar do seu mal-estar, o cabo deu uma risadinha: que maneira de limpar as melecas.

— Pedrito Tinoco e o albino Huarcaya também foram sacrificados para o diabo?

— Para eles não joguei as cartas, nem vi suas mãos, nem fiz o mapa astral. Posso ir embora?

— Um minutinho — Lituma a deteve.

Tirou o quepe e enxugou o suor da testa. O sol estava no meio do céu, redondo e cintilante. Fazia um calor do norte. Mas em quatro ou cinco horas ia começar a esfriar e por volta das dez da noite seus ossos estariam rangendo de frio. Só os serranos podiam entender este clima tão arrevesado. Voltou a se lembrar de Pedrito Tinoco. Quando ele terminava de lavar e enxaguar a roupa, ficava sentado numa pedra, imóvel, olhando para o vazio. Permanecia assim, quieto, ensimesmado, pensando sabe-se lá o quê, até que a roupa secasse. Então a dobrava cuidadosamente e vinha entregar ao cabo, batendo continência. Puta merda. Lá embaixo, no acampamento, entre os brilhos e clarões do zinco, via os peões se movimentando. Umas formiguinhas. Os que não estavam dinamitando o túnel ou trabalhando com a pá faziam agora um descanso; deviam estar comendo suas marmitas.

— Eu tento fazer o meu trabalho, dona Adriana — disse de repente, surpreendendo-se com seu tom confidencial. — Desapareceram três sujeitos. Os parentes vieram registrar a ocorrência. Os terroristas podem tê-los matado. Ou recrutado à força para sua milícia. Ou sequestrado. Temos que investigar. É para isso que estamos aqui em Naccos. É para isso que existe este posto da Guarda Civil. Ou

para quê, então?

Tomás tinha apanhado umas pedrinhas no chão e mirava nos sacos da paliçada. Quando acertava, ouvia-se um barulhinho desafinado.

— Está me culpando? A culpa é minha se existem terroristas nos Andes?

— A senhora é uma das últimas pessoas que viu Demetrio Chanca. Teve uma briga com ele. Que história é essa de que mudou de nome? Dê uma pista. Será que é muito difícil?

A mulher bufou de novo, fazendo um sonzinho pedregoso.

— Já contei o que sei. Mas vocês não acreditam em nada do que ouvem, acham que são histórias de bruxa. — Procurou os olhos de Lituma e este sentiu que aquele olhar o acusava. — Por acaso acredita em alguma coisa do que eu digo?

— Eu tento, minha senhora. Há quem acredite e há quem não acredite no além. Agora não interessa. Eu só quero descobrir o que houve com esses três. O Sendero Luminoso já está em Naccos? É melhor saber. O que aconteceu com eles poderia acontecer com qualquer outro. Com a senhora mesma e com seu marido, dona Adriana. Não ouviu que os terroristas castigam os vícios? Que espancam os beberrões? Imagine o que fariam com Dionisio e a senhora, que vivem embebedando as pessoas. Estamos aqui para proteger vocês, também.

Dona Adriana esboçou um sorriso zombeteiro.

— Se eles quiserem nos matar, ninguém vai impedir — murmurou. — Da mesma forma que querem executar vocês, naturalmente. O senhor sabe disso muito bem, cabo. Vocês e nós somos iguais nisso, estamos vivos por puro milagre.

Tomasito estava com a mão levantada para jogar outra pedra, mas não jogou. Baixou o braço e dirigiu-se à mulher:

— Estamos preparados para recebê-los, dona. Dinamitando a metade do morro. Antes de o primeiro botar os pés no posto, vai haver fogos de artifício de senderistas em cima de Naccos. — Piscou um olho para Lituma e tornou a dirigir-se a dona Adriana: — O cabo não fala com a senhora como suspeita. Fala como amiga. Portanto, corresponda à sua confiança.

A mulher tornou a bufar e a se abanar, antes de assentir.

Levantando a mão lentamente, indicou os picos que se sucediam, afiados ou rombudos, com seus capuzes de neve, plúmbeos, esverdeados, maciços e solitários, embaixo da abóbada azul.

— Todos estes morros estão cheios de inimigos — disse suavemente. — Vivem lá dentro. Ficam urdindo suas maldades noite e dia. Fazem estragos e mais estragos. Este é o motivo de tantos acidentes. Os desmoronamentos nas socavas. Os caminhões que perdem os freios ou saem da pista nas curvas. As caixas de dinamite que explodem levando pernas e cabeças.

Falava sem levantar a voz, de maneira mecânica, como as ladainhas das

procissões ou o queixume das carpideiras nos velórios.

— Se todo o mal é coisa do diabo, não há acasos no mundo — comentou Lituma, com ironia. — Aqueles dois francesinhos que iam para Andahuaylas, foi Satanás quem matou a pedradas, dona? Porque esses inimigos são diabos, não são?

— Também empurram os *huaycos* — concluiu ela, apontando para as montanhas.

Os *huaycos*! Lituma tinha ouvido falar deles. Não havia ocorrido nenhum por aqui, felizmente. Tentou imaginar aqueles desprendimentos de neve, rochas e lama que, do alto da cordilheira, desciam como uma tromba de morte, arrasando tudo, crescendo com as encostas que arrancavam, carregando pedras, sepultando plantações, animais, aldeias, lares, famílias. Caprichos do diabo, os *huaycos*?

Dona Adriana tornou a apontar para os picos:

— Quem poderia desprender essas rochas? Quem iria levar o *huayco* justamente por onde pode causar mais estragos?

Calou-se e bufou novamente. Falava com tanta convicção que, por alguns instantes, Lituma ficou alarmado.

— E esses desaparecidos, minha senhora? — insistiu.

Uma pedrinha de Tomás acertou no alvo e fez um som metálico que o eco prolongou montanha abaixo. Lituma viu seu adjunto inclinando-se para apanhar outro punhado de projéteis.

— Não se pode fazer quase nada contra eles — prosseguiu dona Adriana. — Pouca coisa. Acalmá-los, distraí-los. Não com as oferendas dos índios, nas trilhas. Esses montinhos de pedras, essas florzinhas, esses bichinhos não servem para nada. Nem esses jorrinhos de *chicha* que derramam para eles. Nessa comunidade aqui ao lado às vezes matam um carneiro, uma vicunha. Bobagens. Deve funcionar em tempos normais, não nestes. Eles gostam é de gente.

Lituma pensou que seu adjunto estava segurando o riso. Mas não sentiu vontade de rir do que a bruxa dizia. Ouvindo falar essas coisas, por mais que fossem bobagens de uma farsante ou delírios de uma louca, ele ficava assustado.

— E na mão de Demetrio Chanca a senhora leu que...?

— Eu o avisei porque quis. — Ela encolheu os ombros. — O que está escrito se cumpre de qualquer maneira.

O que diriam as autoridades, lá, em Huancayo, se enviasse pelo rádio do acampamento este informe sobre o que tinha acontecido:

“Sacrificado de maneira ainda não identificada para aplacar malignos dos Andes, ponto. Escrito nas linhas de sua mão, diz testemunha, ponto. Caso encerrado, ponto. Saudações, Chefe do Posto, ponto. Cabo Lituma, ponto.”

— Eu falando e o senhor rindo — disse com ironia a mulher, com a voz abafada.

— Estou rindo do que os meus chefes diriam, em Huancayo, se eu repetisse a explicação que a senhora me deu — disse o cabo. — Obrigado, de qualquer maneira.

— Posso ir embora?

Lituma confirmou. Dona Adriana levantou sua volumosa presença com esforço e, sem despedir-se dos guardas, começou a descer a encosta, em direção ao acampamento. De costas, com seus sapatos sem forma, bamboleando as cadeiras amplas de maneira que fazia sua saia verde revoar, com o chapelão de palha balançando, parecia um espantalho. Uma diaba, ela também?

— Você viu um *huayco* alguma vez, Tomasito?

— Não, meu cabo, nem gostaria. Mas, quando era menino, nos arredores de Sicuani estive onde um havia caído uns poucos dias antes, abrindo uma vala descomunal. Via-se direitinho, montanha abaixo como um tobogã. Destruíu casas, árvores e, claro, pessoas. Arrastou umas pedras enormes. O terral continuou branqueando tudo durante vários dias.

— Você acredita que dona Adriana pode ser cúmplice dos terroristas? Que está nos fazendo de bobos com essa história dos diabos dos morros?

— Eu acredito em qualquer coisa, meu cabo. A vida me tornou o homem mais crédulo do mundo.

Desde criança Pedrito Tinoco era chamado de lunático, tolo, avoado, bobo e, como sempre estava de boca aberta, papa-moscas. Não se zangava com esses apelidos porque nunca se zangava com nada, nem com ninguém. E o povo de Abancay tampouco se zangava com ele porque, com seu sorriso agradável, seu espírito serviçal e sua simplicidade, terminava conquistando todo mundo.

Diziam que não era de Abancay, que sua mãe o trouxera com poucos dias de nascido, que ela só ficou na cidade o tempo necessário para deixar aquele filho não desejado, dentro de uma trouxinha, na porta da igreja da Virgem do Rosário.

Boato ou verdade, ninguém em Abancay soube mais nada de Pedrito Tinoco, além disso. Os habitantes do lugar lembravam que desde pequeno ele dormia com os cachorros e as galinhas do padre (as más línguas também diziam que era seu pai), para quem varria a igreja e servia de sineiro e coroinha até que o cura morreu. Então, já adolescente, Pedrito Tinoco se mudou para as ruas de Abancay, onde foi carregador, engraxate, varredor, ajudante e substituto de vigias, carteiros, lixeiros, cuidador de barracas no mercado e lanterninha do cinema e dos circos que chegavam para as festas patrióticas. Dormia todo enovelado nos estábulos, nas sacristias ou sob os bancos da Praça de Armas e comia graças aos favores de moradores caridosos. Andava descalço, com umas calças imundas e folgadas amarradas com barbante, um poncho esfiapado, e não tirava da cabeça um chapéu pontiagudo de cujos contornos escapavam umas

mechas lisas jamais tocadas por tesoura ou pente.

Quando levaram Pedrito Tinoco, alguns moradores tentaram mostrar aos soldados que aquilo era injusto. Como podia fazer serviço militar uma pessoa que à simples vista se notava que era idiota, alguém que nem sequer tinha aprendido a falar, só a sorrir com uma cara de meninão que não sabe o que estão lhe dizendo, nem quem é ou onde está? Mas os soldados não deram o braço a torcer e o levaram, junto com os jovens capturados a laço nas cantinas, nas tavernas, nos cinemas e no estádio da cidade. No quartel, rasparam seu cabelo, tiraram sua roupa, com a mangueira lhe deram o primeiro banho completo da vida e o meteram num uniforme cáqui e numas botinas a que não se acostumou porque nas três semanas que ficou lá seus companheiros o viram andar como se fosse manco ou paralítico. Ao começar sua quarta semana de recruta, fugiu.

Ficou perambulando pelas serranias inóspitas de Apurímac e de Lucanas, em Ayacucho, evitando as estradas e as aldeias, comendo folhas e procurando tocas de *vizcacha* de noite para se proteger dos redemoinhos do vento glacial.

Quando os pastores o encontraram, havia emagrecido até virar puro osso, pele, e um olhar enlouquecido de fome e de medo. Uns punhados de *mote*, um pouco de charque e um golinho de *chicha* o reanimaram. Os pastores o levaram para Auquipata, uma antiga comunidade de terras altas, gado e pequenos lotes com roçados empobrecidos onde só cresciam batatas escuras e uns *ollucos* raquíticos.

Pedrito se acostumou com Auquipata e os camponeses o deixaram ficar. Lá também, como na cidade, seu espírito serviçal e a frugalidade da sua vida conquistaram a aceitação das pessoas. Seu silêncio, seu sorriso eterno, sua permanente disposição para fazer o que lhe pediam, seu jeito de já estar no mundo dos desencarnados lhe davam uma auréola de santo. Os camponeses o tratavam com respeito e distância, conscientes de que, por mais que ele compartilhasse seus trabalhos e suas festas, não era um deles.

Algum tempo depois — Pedrito não poderia dizer quanto, porque em sua existência o tempo não fluía da mesma maneira que na dos outros — ocorreu uma invasão de forasteiros. Chegaram e partiram e voltaram e houve muitas horas de debates para discutir as propostas. Os recém-chegados se vestiam do mesmo jeito que a memória insegura de Pedrito recordava que os outros se vestiam, lá, antes. Os *varayoks* explicaram que a reserva de vicunhas que o governo queria criar não iria invadir as terras legalizadas e que, pelo contrário, seria útil para Auquipata, pois os camponeses poderiam vender seus produtos aos turistas atraídos pelas vicunhas.

Uma família foi contratada para tomar conta das vicunhas quando começaram a conduzi-las para um altiplano meio perdido entre as montanhas, entre os rios Tambo Quemado e San Juan, a um dia de caminho do centro da comunidade. Havia *ichu*, lagoas, riachos, tocas nos morros, e as vicunhas logo se aclimataram ao

lugar. Eram trazidas de regiões longínquas da Cordilheira, em caminhões, até a bifurcação da trilha para San Juan, Lucanas e Puquio, e dali os pastores de Auquipata as tocavam. Pedrito Tinoco foi morar com os cuidadores. Ajudou-os a construir um refúgio e a fazer uma rocinha de batatas e um curral para *cuyes*. Foram avisados que de tanto em tanto tempo as autoridades viriam trazendo mantimentos, mobiliário para a moradia, e que lhes pagariam um salário. E, de fato, vez por outra aparecia alguma autoridade, numa caminhonete vermelha. Fazia perguntas e deixava dinheiro ou provisões. Depois pararam de vir. E passou tanto tempo sem que ninguém aparecesse na reserva que, um dia, os cuidadores fizeram uma trouxa com seus pertences e voltaram para Auquipata. Pedrito Tinoco ficou com as vicunhas.

Havia estabelecido uma relação mais íntima com esses delicados animais do que a que já mantivera com qualquer ser da sua espécie. Passava os dias observando as vicunhas, investigando seus hábitos, seus movimentos, suas brincadeiras, suas manias, com uma atenção meio abobalhada, quase mística, dobrando-se de rir quando as via correr, mordiscar-se, rolar entre as palhas, ou se entristecendo quando alguma caía num barranco e quebrava as patas, ou uma fêmea se esvaía em sangue por causa de um parto difícil. Tal como o povo de Abancay e os camponeses de Auquipata, as vicunhas também o adotaram. Viam-no como uma figura benfeitora, familiar. Deixavam Pedrito chegar perto sem se assustar e, às vezes, as mais carinhosas lhe esticavam o pescoço, pedindo com seus olhos inteligentes que afagasse suas orelhas, coçasse o lombo e a barriga ou esfregasse seu nariz (era do que mais gostavam). Mesmo os machos, na época do cio, quando ficavam muito ariscos e não deixavam ninguém chegar perto da sua manada de quatro ou cinco concubinas, permitiam que Pedrito brincasse com as fêmeas, sem tirar, porém, seus olhaços de cima, prontos para interferir em caso de perigo.

Às vezes apareciam forasteiros na reserva. Vinham de longe, não falavam nem quéchua nem espanhol, e sim uns sons que Pedrito Tinoco achava tão estranhos como suas botas, cachecóis, casacões e chapéus. Tiravam fotografias e faziam longas caminhadas, estudando as vicunhas. Mas estas, apesar dos esforços de Pedrito, não permitiam que se aproximassem. Ele os alojava no seu refúgio e os ajudava. Ao partir, deixavam latas de conserva, alguns trocados.

Essas visitas eram as únicas anomalias na vida de Pedrito Tinoco, feita de rotinas que se adaptavam aos ritmos e fenômenos da natureza: as chuvas e granizos das tardes e noites e o sol inclemente das manhãs. Preparava armadilhas para as *vizcachas*, mas comia quase sempre batatas da sua pequena plantação e, de quando em quando, matava e cozinhava um *cuy*. E salgava e secava à intempérie pedaços de carne das vicunhas que morriam. Ocasionalmente descia para alguma feira dos vales onde trocava batatas e *ollucos* por um pouco de sal e um saquinho de folhas de coca. Às vezes chegavam pastores da aldeia até os limites da reserva. Faziam uma parada no

refúgio de Pedrito Tinoco e davam notícias de Auquipata. Ele ouvia muito atento, esforçando-se para se lembrar de que e de quem estavam falando. O lugar de onde eles vinham era um sonho nebuloso. Os pastores remexiam em fundos perdidos da sua memória, imagens fugidias, rastros de outro mundo e de uma pessoa que não era mais ele. Tampouco entendia aquelas histórias de que a terra estava agitada, que caíra uma maldição, que estavam matando gente.

Na noite daquele amanhecer houve uma tempestade de granizo. Esses temporais sempre abatiam algumas vicunhas jovens. Ficou pensando quase toda a noite, encolhido sob seu poncho, no refúgio, nas que morreriam enregeladas ou queimadas pelo raio, enquanto se filtravam pancadas de chuva pelas frestas do teto. Dormiu quando já começava a amainar. Acordou ouvindo vozes. Levantou-se, saiu e lá estavam eles. Eram uns vinte, mais gente do que Pedrito já tinha visto chegar junta na reserva. Homens, mulheres, jovens e crianças. Sua cabeça os associou com o confuso quartel, porque estes também tinham espingardas, metralhadoras e facas. Mas não se vestiam como soldados. Tinham feito uma fogueira e estavam cozinhando. Deu boas-vindas a eles, sorrindo com sua cara abobada, fazendo reverências, inclinando a cabeça em sinal de respeito.

Falaram primeiro em quéchua e depois em espanhol.

— Você não deve se agachar desta maneira. Não deve ser servil. Não nos cumprimente como se fôssemos “senhores”. Nós somos seus iguais. Somos como você.

Era um jovem de olhar duro, com a expressão de alguém que sofreu muito e que odeia muito. Como podia, sendo quase um menino? Será que tinha dito, feito, alguma coisa que o ofendeu?

Para reparar seu erro, Pedrito Tinoco correu até o refúgio e lhe trouxe um saquinho com batatas secas e umas tiras de carne seca. Ofereceu-as, fazendo uma reverência.

— Você não sabe falar? — perguntou em quéchua uma das garotas.

— Deve ter esquecido — disse outro, examinando-o de cima a baixo. — Nestas paragens solitárias nunca deve aparecer ninguém. Entende pelo menos o que dizemos?

Ele se esforçava para não perder uma palavra e, sobretudo, para adivinhar como servi-los. Eles perguntaram sobre as vicunhas. Quantas havia, até onde chegava a reserva para lá, e para lá, e para lá, onde costumavam beber água, onde dormiam. Fazendo muitos gestos e repetindo duas, três, dez vezes cada palavra, pediram-lhe que os guiasse até onde estavam, para ajudar a reuni-las. Pulando, imitando os movimentos dos animais quando cai um aguaceiro, Pedrito explicou que estavam nas cavernas. Tinham passado a noite lá, emboladas, umas em cima das outras, esquentando-se, tremendo com os trovões e os raios. Ele sabia, tinha compartilhado

muitas horas lá dentro com elas, abraçando-as, sentindo seu medo, também arrepiado de frio e repetindo com sua garganta os sons com que elas conversavam entre si.

— Naqueles morros — entendeu, por fim, um deles. — Devem dormir lá.

— Leve-nos — ordenou o jovem de olhar duro. — Venha conosco, faça também a sua parte, mudinho.

À frente do grupo, ele os guiou através do campo. Já não chovia. O céu estava limpo e azul, e o sol dourava os morros dos arredores. Pelo ar molhado subia da relva palhica e da terra enlameada, cheia de poças, um aroma picante, que deixava Pedrito alegre. Abrindo o nariz, aspirou essa fragrância de água, terra e raízes que, depois de um temporal, parecia aliviar o mundo, tranquilizar todos os que tinham temido, debaixo das trombas-d'água e dos trovões, que a vida acabasse num cataclismo. Tiveram que caminhar muito tempo porque o chão estava escorregadio e os pés afundavam até os tornozelos. Precisaram tirar os sapatos, os tênis, as sandálias. Ele tinha visto soldados, policiais?

— Não entende — diziam. — É retardado.

— Entende, mas não consegue se expressar — diziam. — Tanta solidão, viver entre as vicunhas. Virou um bicho do mato.

— Só pode ser isso — diziam.

Quando chegaram ao sopé dos morros, apontando, pulando, fazendo gestos, caretas, Pedrito Tinoco deu a entender que, para não espantá-las, tinham que ficar bem quietinhos entre os matagais. Sem falar, sem se mexer. Elas tinham ouvido fino, vista longa e eram desconfiadas e medrosas. Começavam a tremer assim que farejavam forasteiros.

— Para esperarmos aqui, para ficarmos quietos — disse o menino de olhos duros. — Espalhem-se, sem fazer barulho.

Pedrito Tinoco viu-os parar, dispersar-se, abrir-se em leque e, bem separados uns dos outros, se encolher entre os penachos de *ichu*.

Esperou que se instalassem, que se ocultassem, que abafassem os ruídos que faziam. Nas pontas dos pés, avançou até as tocas. Logo distinguiu os brilhos dos seus olhaços. As que estavam nas entradas, vigiando, o observavam aproximar-se. Mediam-no, com as orelhas já levantadas, aguçando suas narinazinhas frias para confirmar o cheiro familiar, um cheiro sem ameaças, para machos ou fêmeas, para adultos ou crias. Aumentando a cautela, a calma dos seus passos para não alarmar a suscetibilidade doentia que elas tinham, Pedro Tinoco começou a estalar a língua, a fazê-la vibrar baixinho contra o céu da boca, imitando-as, falando com elas nessa linguagem que, esta sim, tinha aprendido a falar.

Ele as tranquilizava, anunciava sua presença, chamava. Então viu correr uma exalação cinzenta entre seus pés: uma *vizcacha*. Tinha levado seu estilingue e poderia

tê-la caçado, mas não o fez para não assustar as vicunhas. Sentia nas costas o peso dos olhares dos forasteiros.

Começaram a sair. Não uma a uma, mas, como sempre, em famílias. O macho com suas quatro ou cinco fêmeas cuidando dele, e a mãe com a cria recente se enredando em suas patas. Sentiam a umidade no ar, investigavam a terra remexida, a palha derrubada, farejavam a relva que o sol começava a secar e que iriam comer agora. Mexiam as cabeças à direita e à esquerda, para cima e para baixo, as orelhas esticadas, seu corpo vibrando com uma desconfiança que era o traço dominante da sua natureza. Pedro Tinoco as via passar, roçar no seu corpo, espreguiçar-se quando dava um puxão no ninho quente das orelhas ou enfiava os dedos no meio da sua lã para beliscá-las.

Quando os tiros espoucaram, pensou que eram trovões, outro temporal que se aproximava. Mas viu um terror apavorado nos olhos das vicunhas que estavam mais perto e viu como elas desembestavam e se atropelavam, girando sobre si mesmas, caindo, estorvando-se, cegas e aturdidas pelo pânico, hesitando entre fugir em direção ao campo aberto ou voltar para as tocas, e viu as primeiras que, gemendo, caíam sangrando, os lombos abertos, os ossos rachados, e focinhos, olhos, orelhas arrancados pelos projéteis. Algumas caíam e se levantavam e voltavam a cair e outras ficavam petrificadas, esticando os pescoços como se quisessem elevar-se e fugir pelo ar. Algumas fêmeas, inclinadas, lambiam as crias feridas. Ele também estava paralisado, olhando, tentando entender, sua cabeça girando de um lado para o outro, seus olhos arregalados, sua boca muito aberta, suas orelhas martirizadas pelos disparos e os gemidos piores que os das fêmeas quando pariam.

— Não acertem nele — rugia, de vez em quando, o menino-homem. — Com cuidado, com cuidado!

Além de alvejá-las, alguns corriam ao encontro das que tentavam escapar, cercando-as, encurralando-as, e as matavam com coronhadas e facadas. Pedro Tinoco afinal teve uma reação. Começou a pular, a rugir com o peito e o estômago, a girar os braços como hélices. Avançava, retornava, interpunha-se entre as armas e as vicunhas, implorando com suas mãos e seus gritos e com o escândalo estampado em seus olhos. Eles não pareciam vê-lo. Continuavam atirando e perseguindo aquelas que tinham conseguido escapar e se afastavam pela vegetação seca, em direção ao barranco. Quando chegou perto do menino-homem, ajoelhou-se e tentou beijar sua mão, mas ele o empurrou, furioso:

— Não faça isso — repreendeu. — Fora, afaste-se.

— É uma ordem da direção — disse outro, que não demonstrava raiva. — Isto é uma guerra. Você não pode entender, mudinho, não consegue entender.

— Chore pelos seus irmãos, chore pelos que sofrem — aconselhava uma garota, consolando-o. — Pelos assassinados e os torturados. Pelos que foram para a

cadeia, pelos mártires, pelos que se sacrificaram.

Indo de um para o outro, Pedrito continuava tentando beijar suas mãos, implorando, ajoelhando-se. Alguns o repeliam com boas maneiras, outros com nojo.

— Tenha um pouco de orgulho, tenha mais dignidade — diziam. — Pense em você mesmo antes de pensar nas vicunhas.

Ficaram atirando, correndo atrás delas, liquidando as agonizantes. Pedro Tinoco pensou que a noite nunca mais chegaria. Um deles destroçou dois filhotes que tinham ficado parados ao lado da mãe morta, explodindo um cartucho de dinamite. O ar se inundou de cheiro de pólvora. Pedro Tinoco ficou sem forças para continuar chorando. Caído no chão, boquiaberto, olhava para um, olhava para outro, ainda tentando entender. Algum tempo depois, o menino de expressão cruel se aproximou dele.

— Nós não gostamos de fazer isto — disse, modulando a voz e pondo a mão no seu ombro. — É uma ordem da direção. Esta é uma reserva do inimigo. Nosso e seu inimigo. Uma reserva inventada pelo imperialismo. Dentro da sua estratégia mundial, este é o papel que impuseram aos peruanos: criar vicunhas. Para que os cientistas deles as estudem, para que os turistas deles tirem fotos. Para eles, você vale menos que estes animais.

— Você precisa ir embora daqui, tio — aconselhou uma das garotas, em quéchua, abraçando-o. — A polícia vai chegar, um monte de soldados. Vão espancar você e cortar seus colhões antes de lhe meter uma bala na cabeça. Vá para longe, bem longe.

— Talvez assim ele entenda o que não entende agora — voltou a explicar o menino-homem, enquanto fumava, olhando para as vicunhas mortas. — Isto é uma guerra, ninguém pode dizer que não tem nada a ver comigo. Tem a ver com todo mundo, mesmo os mudos e os surdos e os abobados. Uma guerra para acabar com os “senhores”. Para que ninguém mais se ajoelhe nem beije as mãos ou os pés de ninguém.

Ficaram ali o resto da tarde e a noite inteira. Pedrito Tinoco viu-os preparando comida, colocando sentinelas nas encostas que davam para o caminho. E ouviu-os dormir, enrolados em seus ponchos e mantas, apertados uns contra os outros, nas cavernas do morro, como faziam as vicunhas. Na manhã seguinte, quando partiram, repetindo que ele devia ir embora se não quisesse que os soldados o matassem, continuava no mesmo lugar, boquiaberto, molhado pelo orvalho da manhã, sem entender aquele novo mistério incomensurável, rodeado de vicunhas mortas sobre as quais se atiravam as aves de rapina e os bichos rasteiros.

— Que idade você tem? — perguntou-lhe de repente a mulher.

— É uma curiosidade minha, também — exclamou Lituma. — Você nunca me contou. Que idade você tem, Tomasito?

Carreño, que estava começando a adormecer, acordou totalmente. Agora não estavam dando tantos solavancos, mas o motor ainda roncava como se fosse estourar em qualquer curva da estrada. Continuavam subindo a Cordilheira, com morros de vegetação alta à direita e, à esquerda, umas encostas meio peladas ao pé das quais roncava o rio Huallaga. Estavam sentados no meio de sacos e caixas de mangas, lúcumas, frutas-do-conde e maracujás cobertos com pedaços de plástico, na carroceria de um caminhão muito velho e sem lona para a chuva. Mas, nas duas ou três horas em que vinham se afastando da selva, subindo os Andes rumo a Huánuco, o aguaceiro não caía sobre eles. A noite ficava mais fria com a altitude. O céu fervilhava de estrelas.

— Meu Deus, deixe-me trepar com uma mulher antes que venham nos matar, só uma vezinha mais — implorou Lituma. — Desde que cheguei a Naccos estou vivendo feito um eunuco, puta merda. E suas histórias com essa piurana me deixam em brasa, Tomasito.

— Ainda é bem pirralho, imagino — acrescentou a mulher, depois de uma pausa, como se estivesse falando consigo mesma. — Por mais que banque o pistoleiro e ande com malfeitores, você não sabe nada de nada, Carreño. É este o seu nome, não é? O gordo o chamava de Carreñito.

— As mulheres que eu conhecia até então eram tímidas, medrosas, mas essa, que descarada — o adjunto se exaltou. — Depois do susto que levou em Tingo María, ela recuperou rapidinho o autocontrole. Antes de mim, acredite. Foi ela quem convenceu o caminhoneiro a nos levar até Huánuco, e pela metade do que ele tinha pedido. Discutindo o preço de igual para igual.

— Desculpe eu mudar de assunto, mas acho que esta noite eles aparecem, Tomasito — disse Lituma. — É como se os visse descer o morro agora mesmo. Não ouviu alguma coisa lá fora? Vamos dar uma olhada?

— Tenho vinte e três — disse ele. — Sei de tudo o que há para saber.

— Não sabe que os homens às vezes recorrem a certos truques para sentir prazer — replicou ela, num tonzinho desafiante. — Quer que lhe conte uma coisa que vai revirar seu estômago, Carreñito?

— Não se preocupe, meu cabo. Tenho um ouvido muito fino, garanto que ninguém está vindo pelo morro.

O rapaz e a mulher estavam lado a lado, apertados entre os sacos de frutas. O perfume das mangas crescia com a noite. O ronco e os espasmos do motor abafavam os zumbidos de insetos; tampouco se ouvia o estalar da folhagem ou o cantar do rio.

— As sacudidas do caminhão nos jogavam um contra o outro — recordou o adjunto. — Cada vez que eu sentia o corpo dela, tremia.

— Agora chamam isso de tremedeira? — brincou Lituma. — Antes se chamava tesão. Você está certo, não se ouve nada, é puro receio meu. Veja só, eu estava começando a ficar excitado com sua história, e o tal barulhinho me brochou.

— Ele nem me batia de verdade — murmurou a mulher, e Carreño se assustou. Teve a impressão de que ela sorriu, porque viu seus dentes brilharem. — Você pensou que ele estava me batendo por causa dos palavrões que dizia e das minhas súplicas e prantos. Não percebeu que era para se excitar? Que era para excitá-lo? Como você é inocente, Carreño.

— Cale a boca, senão faço você descer do caminhão — cortou ele, indignado.

— Ainda bem que não disse: “Cale a boca, senão lhe dou uma surra”, “cale a boca, senão arrevento você de pancada” — interrompeu Lituma. — Seria engraçado, Tomasito.

— Foi o que ela falou, meu cabo. E nós dois caímos na gargalhada. Continuamos rindo, contagiados. Quando ficávamos sérios, o riso voltava.

— Sim, seria engraçado se eu batesse em você — reconheceu o rapaz. — Às vezes sinto vontade, confesso, quando reclama por eu ter querido lhe fazer um bem. Vou lhe dizer uma coisa. Não sei o que vai ser da minha vida, agora.

— E da minha? — replicou ela. — Você pelo menos fez essa besteira porque quis. Mas me meteu nessa encrenca sem pedir minha opinião. Vão nos perseguir, quem sabe para nos matar. E ninguém vai acreditar no que realmente aconteceu. Vão dizer que você trabalha para a polícia, que eu era sua cúmplice.

— Então ela não sabia que você era guarda civil? — Lituma se espantou.

— Eu nem mesmo sei como você se chama — lembrou o rapaz.

Houve um silêncio, como se tivessem apagado o motor, mas logo depois voltou a roncar, a ferver. Tomás pensou que aquelas luzinhas, lá em cima, eram um avião.

— Mercedes.

— É o seu nome verdadeiro?

— Só tenho um — zangou-se ela. — E, é bom saber, não sou puta. Eu era amiga dele. Tinha me tirado de um show.

— Do Vacilón, uma boate no centro de Lima — explicou o guarda. — Ela era uma das tantas. O Chanchó tinha um monte de amantes. Iscariote conheceu umas cinco.

— Quem me dera ser como ele — suspirou Lituma. — Cinco de uma vez! Trocar de fêmea todo dia, toda noite, como se troca de cueca ou de camisa. E nós dois aqui, de mãos abanando, Tomasito.

— Minhas costas doíam, todos os ossos — prosseguiu o adjunto, imerso na lembrança. — Não houve jeito de convencer o caminhoneiro a nos deixar viajar na cabine. Tinha medo de que fôssemos assaltá-lo. Estávamos moídos. E a dúvida me

atormentava, pensando no que Mercedes tinha dito. Seria verdade que toda aquela choramingação era só um teatro para deixá-lo excitado? O que acha, meu cabo?

— Não sei o que dizer, Tomasito. Talvez fosse teatro. Ele fazia de conta que batia, ela, que chorava, e então ele ficava excitado e gozava. Há sujeitos assim, dizem.

— Que porco asqueroso — grunhiu o adjunto. — Ainda bem que está morto, porra.

— E, apesar de tudo, você se apaixonou pela Mercedes. Como é complicado o amor, Tomasito.

— Eu que o diga — murmurou o guarda. — Se não fosse por causa do amor, eu não estaria nesta puna perdida, esperando que uns fanáticos filhos da puta se dignem a vir nos matar.

— Está ouvindo alguma coisa? Vou dar uma olhada, por via das dúvidas. — Lituma se inquietou. Levantou-se com o revólver na mão e foi até a porta da cabana. Espiou em todas as direções. Voltou para o catre, rindo. — Não, não são eles. Tive a impressão de ver o mudinho cagando à luz da lua.

O que ia ser dele, agora? Melhor nem pensar. Tinha que chegar a Lima, lá veria. Como encarar seu padrinho, depois daquilo? Esta seria a parte mais difícil, naturalmente. Ele sempre o tratou como um cavalheiro e você corresponde assim. Isto é o que se chama fazer uma grossa besteira, Carreño. Sim, mas não estava ligando. Sentia-se melhor agora, balançando com os solavancos e se encostando nela de vez em quando; muito melhor que lá em Tingo María, tremendo, suando, se sufocando, apoiado nos tabiques daquela casa, ouvindo suas sacanagens. Todos aqueles gemidos, súplicas, pancadas, ameaças, puro teatro, pura mentira? Falso. Ou, de repente, eram mesmo.

— Eu não estava sentindo o menor remorso, meu cabo, esta é a verdade — afirmou Tomás. — Tanto fazia o que fosse me acontecer. Porque eu já estava doido por ela, como o senhor adivinhou.

Os dois caíram na modorra com o bamboleio e o cheirinho adocicado das mangas. Mercedes tentava apoiar a cabeça num saco, mas os pulos do caminhão não deixavam. Carreño ouviu-a resmungar, viu-a pôr o rosto entre as mãos, mexer-se e remexer-se procurando uma posição.

— Vamos fazer um trato — ouviu-se dizer, afinal, tentando parecer natural. — Encoste-se um pouco no meu ombro. Depois eu me encosto no seu. Se não dormirmos um pouco vamos chegar mortos em Huánuco.

— Ora, a coisa estava ficando interessante — comentou Lituma. — Conte de uma vez a primeira trepada que deram, Tomasito.

— Ao mesmo tempo estiquei o braço, oferecendo-lhe um lugarzinho — disse Tomás, deliciado. — Senti o corpo dela se juntando ao meu, senti sua cabeça se apoiar no meu ombro.

— E, é claro, ficou logo de pau duro — disse Lituma.

O rapaz também não se deu por aludido dessa vez.

— Passei o braço por trás, encostei a mão nela — explicou. — Mercedes estava transpirando. Eu também. Seu cabelo roçava no meu rosto, entrava pelo nariz. Senti a curva do quadril dela coladinho no meu. Quando ela falava, seus lábios tocavam no meu peito e, através da camisa, eu sentia o calorzinho do seu hálito.

— Quem está ficando de pau duro agora sou eu, puta merda — disse Lituma. — E agora o que faço, Tomasito? Vou ali me esvaziar?

— Vá urinar, meu cabo, e com o frio lá de fora amolece.

— Você é muito religioso? Muito católico? Não pode aceitar que um homem e uma mulher façam certas coisas? Foi por causa do pecado que o matou, Carreñito?

— Eu estava me sentindo feliz, tendo-a tão perto de mim — cantava o adjunto. — De boca bem fechada, quietinho, ouvindo o caminhão sofrer para subir a Cordilheira, eu reprimia a vontade de beijá-la.

— Não se zangue com as minhas perguntas — insistiu Mercedes. — É que estou tentando entender por que você o matou, e não consigo.

— Durma e não pense mais nisso — pediu o rapaz. — Faça como eu. Já nem lembro, já me esqueci do Chanco e de Tingo María. Não meta a religião nessas coisas.

Era noite espessa nas montanhas dos Andes que, a cada curva do caminho, pareciam mais e mais altas. Mas, lá embaixo, na selva que estavam deixando para trás, uma pequena fenda entre azulada e branca despontava no horizonte.

— Está ouvindo? Está ouvindo? — Lituma sentou-se no catre, de repente. — Pegue o revólver, Tomasito. São passos no morro, juro.

III

— Casimiro Huarcaya deve ter desaparecido por querer bancar um *pishtaco* — disse o cantineiro Dionisio. — Era um boato que ele mesmo espalhava. Aqui mesmo, eu o ouvi mil vezes gritando feito um animal: “Sou *pishtaco*, e daí? Vou acabar cortando o sebo e chupando o sangue de todo mundo.” Devia estar meio tonto, mas já se sabe que os bêbados dizem a verdade. A cantina inteira ouviu. Aliás, em Piura também há *pishtacos*, senhor cabo?

Lituma ergueu o copinho de anisado que o cantineiro tinha acabado de encher, disse “saúde” para seu adjunto e bebeu tudo num gole só. O calor adocicado que desceu por suas tripas levantou-lhe o ânimo, que estivera no chão o dia todo.

— Eu, pelo menos, nunca soube que houvesse *pishtacos* em Piura. Despenadores, sim. Conheci um, em Catacaos. Eram chamados às casas onde havia almas penando para falar com elas, pedir que fossem embora. Claro que um despenador, comparado com um *pishtaco*, é café pequeno.

A cantina ficava no coração do acampamento, cercada pelos barracões onde os peões dormiam. Era uma construção de teto baixo, com bancos e caixotes em vez de cadeiras e mesas, piso de terra e imagens de mulheres nuas espetadas na parede de tábuas. De noite sempre ficava lotada, mas ainda era cedo — o sol acabava de se pôr — e, além de Lituma e Tomás, só havia quatro homens, usando cachecóis, dois deles de capacete; sentados em volta de uma mesa, bebiam cerveja. O cabo e o guarda, com um segundo copinho de anisado nas mãos, foram para a mesa vizinha.

— Já vi que a minha explicação de *pishtaco* não convence muito. — Dionisio riu.

Era um homem com o rosto encardido, como se tivesse passado carvão, gordinho e balofo, e um cabelo crespo e oleoso. Envergando um suéter azul, que nunca tirava, estava sempre com os olhos avermelhados e cintilantes por causa do álcool, pois bebia junto com os clientes. Mas sem chegar a se embriagar completamente, é verdade. Pelo menos, Lituma nunca o vira chegar àquele estado de maceração alcoólica que muitos peões atingiam nas noites de sábado. Costumava ouvir a Rádio Junín a todo volume, mas nessa noite ainda não tinha ligado o aparelho.

— Vocês acreditam em *pishtacos*? — perguntou Lituma aos ocupantes da mesa ao lado. Os quatro rostos que se viraram em sua direção, semicobertos pelos xales, eram daqueles, saídos de um mesmo molde, que ele tinha dificuldade para individualizar: queimados pelo sol forte e pelo frio cortante, com uns olhinhos inexpressivos, fugidios, narizes e lábios arroxeados pela intempérie, cabelos indomáveis.

— Quem sabe — respondeu, por fim, um deles. — Talvez.

— Eu acredito, sim — disse, logo depois, um dos homens de capacete. — Se tanto falam, é porque devem existir.

Lituma baixou os olhos. Estava ali. Forasteiro. Meio gringo. À simples vista não dava para reconhecer, pois era igualzinho a qualquer cristão deste mundo. Vivia em cavernas e perpetrava suas maldades ao cair a noite. Apostado nos caminhos, atrás das pedras, encolhido entre os fardos de palha ou embaixo das pontes, esperava os viajantes solitários. Aproximava-se deles com manhas, fazendo amizade. Já levava preparados seus pozinhos de osso de defunto e, no primeiro descuido, soprava-lhes na cara. Podia, então, chupar sua gordura. Depois os deixava ir embora, vazios, pura pele e osso, condenados a consumir-se em poucas horas ou dias. Esses eram os benignos. Procuravam gordura humana para que os sinos das igrejas cantassem melhor, os tratores rodassem suavemente e até mesmo, por último, para que o governo pagasse a dívida externa com ela. Os malignos eram piores. Além de degolar, retalhavam a vítima como um boi, carneiro ou porco, e a comiam. Sangravam-na gota a gota e se embebedavam com o sangue. Os serranos acreditavam nessas coisas, puta merda. Seria mesmo verdade que aquela bruxa da dona Adriana tinha matado um *pishtaco*?

— Casimiro Huarcaya era albino — murmurou o peão que falara primeiro. — Pode ser verdade o que disse o Dionisio. Devem tê-lo confundido com um *pishtaco* e, antes que ele viesse fatiar-lhes a banha, deram cabo dele.

Seus companheiros de mesa aprovaram com murmúrios e risinhos. Lituma sentiu que seu pulso acelerava. Huarcaya tinha quebrado pedras, puxado a enxada e suado junto com eles na obra da estrada; agora, estava morto ou sequestrado. E aqueles merdas se davam ao luxo de inventar brincadeiras.

— Vocês estão cagando solenemente para o caso — repreendeu-os. — O que aconteceu com o albino pode acontecer com vocês também. E se os terroristas aparecerem esta noite aqui em Naccos e começarem a fazer julgamentos populares, como em Andamarca? Gostariam de ser mortos a pedradas, acusados de traidores da pátria ou de veados? Gostariam de ser chicoteados, acusados de bêbados?

— Não sendo bêbado, nem traidor da pátria, nem veado, não gostaria — disse o mesmo que falara antes.

Seus companheiros de mesa aprovaram com risinhos e cotoveladas.

— O que aconteceu em Andamarca foi uma coisa triste — disse, já sério, um deles que até então não se manifestara. — Pelo menos, todos ali eram peruanos. Foi pior o que houve em Andahuaylas. Aquele caszinho de franceses, por exemplo, diga lá. Para que metê-los na briga? Nem os estrangeiros se livram.

— Eu acreditava em *pishtacos* quando era menino — interrompeu o guarda Carreño, dirigindo-se ao cabo. — Minha avó me assustava com eles, quando se

zangava comigo. Cresci olhando de lado para qualquer pessoa esquisita que passasse por Sicuani.

— E você acha que o mudinho, Casimiro Huarcaya e o capataz foram secados e fatiados pelos *pishtacos*?

O guarda molhou os lábios no copinho de anisado.

— Já disse que, do jeito que as coisas vão, estou disposto a acreditar no que for, meu cabo. Mas, veja bem, prefiro lidar com *pishtacos* que com *terrucos*.

— Você tem razão em ser crédulo — concordou o cabo. — Para entender essas coisas que acontecem por aqui, só acreditando nos diabos.

Aqueles francesinhos em Andahuaylas, por exemplo. Tirados do ônibus e com os rostos amassados como pasta, segundo a Rádio Junín. Para que tanta fúria? Por que não matá-los simplesmente com um tiro?

— Já nos acostumamos com a brutalidade — disse Tomasito, e Lituma notou que seu adjunto estava pálido. Os copinhos de anisado tinham acendido seus olhos e afrouxado sua voz. — Falo por mim mesmo, de peito aberto. O senhor ouviu falar do tenente Pancorvo?

— Nunca vi mais gordo, nem ouvi falar.

— Eu estava na patrulha dele, naquele caso das vicunhas, em Pampa Galeras. Pegamos um sujeito e ele não queria abrir a boca. “Pare de se fazer de santinho, não olhe para mim como se não estivesse entendendo”, dizia o tenente. “Porque, se começar o tratamento, você vai falar feito um papagaio.” E fizemos o tratamento nele.

— Qual era? — perguntou Lituma.

— Queimá-lo com fósforos e isqueiros — explicou Carreño. — Começando pelos pés e subindo, pouco a pouco. Com fósforos e isqueiros, isso mesmo. Tudo bem lento. A carne cozinhava, começou a ter cheiro de torresmo. Eu ainda não estava acostumado, meu cabo. Tive ânsia de vômito e quase desmaiei.

— Imagine o que os terroristas vão fazer conosco se nos pegarem vivos — disse Lituma. — E você também participou do tratamento? E depois disso ainda vem fazer estardalhaço porque o Chanchó deu umas chicotadas na tal piurana em Tingo María?

— E ainda não ouviu o pior. — Tomasito, agora lívido, tinha a língua um pouco mais travada. — Acontece que o homem nem mesmo era terrorista, era um retardado mental. Não falava porque não podia. Não sabia falar. Alguém de Abancay o reconheceu. “Olhe, meu tenente, é o retardado da minha aldeia, ele não vai falar, Pedrito Tinoco nunca deu um pio na vida toda.”

— Pedrito Tinoco? Quer dizer, o nosso Pedrito Tinoco? O mudo? — O cabo tomou num só gole outro copinho de anisado. — Está de gozação, Tomasito? Puta merda, puta merda.

— Ele era o cuidador da reserva, parece — confirmou Tomás, bebendo também; segurava o copo com mãos trêmulas. — Fizemos uns curativos como pudemos. Depois juntamos uns trocados com uma coleta na patrulha. Todos nós nos sentimos mal, até o tenente Pancorvo. E eu, mais do que todos os outros juntos. Foi por isso que o trouxe para cá. Nunca viu as cicatrizes nos pés dele, nos tornozelos? Foi quando perdi a inocência, meu cabo. Depois disso, não me assusto nem tenho pena de nada. Estou calejado, como todos. Não lhe contei até hoje porque tinha vergonha. E sem o anisado também não teria contado esta noite, não.

Para não pensar no mudinho, Lituma tentou imaginar os rostos dos três desaparecidos transformados numa pasta sanguinolenta, os olhos arrebatados, os ossos pulverizados, como aqueles francesinhos, ou queimados a fogo lento, como Pedrito Tinoco. Não conseguia pensar em outra coisa, puta merda.

— É melhor ir embora. — Bebeu o resto do anisado e se levantou. — Antes que o frio piore.

Quando saíram, Dionisio soprou-lhes um beijo pelo ar. O cantineiro circulava entre as mesas, já cheias de peões, fazendo as palhaçadas de toda noite: passos de dança, dar ele mesmo de beber aos clientes os copos de pisco ou as tulipas de cerveja e incentivá-los, já que não havia mulheres, a dançar entre homens. Seus trejeitos e frescuras irritavam Lituma e, quando o cantineiro começava a fazer seu número, ele ia embora. Despediram-se de dona Adriana, que atendia no balcão. Ela lhes fez um cumprimento exagerado, um pouco sarcástico. Acabara de sintonizar a Rádio Junín e se ouvia um bolero, que Lituma identificou: *Rayito de luna*. Tinha visto um filme com esse título, com uma loura de pernas compridas dançando: Ninón Sevilla. Lá fora, acabavam de ligar o motor que dava luz para os barracões. Algumas silhuetas encasacadas ou usando ponchos iam e vinham pelos arredores e respondiam com um grunhido ou uma inclinação de cabeça ao boa-noite dos policiais. Lituma e Carreño taparam a boca e o nariz com os cachecóis e encasquetaram os quepes, para que o vento não os levasse. Ventava com um assobio lúgubre que ricocheteava nos morros e eles avançavam meio inclinados, com as cabeças agachadas. De repente, Lituma parou:

— Isso me dá um nó nas tripas, puta merda! — exclamou, indignado.

— Por quê, meu cabo?

— Por terem torturado o pobre mudo, lá, em Pampa Galeras — elevou a voz, buscando o rosto do adjunto com a luz da lanterna. — Essa barbaridade não lhe dói na consciência?

— Nos primeiros dias pesava muito — murmurou Carreño, cabisbaixo. — Por que acha que eu o trouxe para Naccos? Aqui fui lavando o remorso. Por acaso tive culpa pelo que lhe aconteceu? E nós o tratamos bem aqui, demos a ele comida e teto, não foi, meu cabo? Pode ser que tenha me perdoado. Pode ser que entenda que

se ficasse lá na puna já o teriam liquidado.

— Na verdade, prefiro que me conte as suas aventuras com Mercedes, Tomasito. A história do mudinho me deixou muito contrariado.

— Eu também queria apagá-la da memória, garanto.

— Que coisas fiquei sabendo em Naccos — resmungou Lituma. — Ser guarda civil em Piura e em Talara era moleza. A serra é infernal, Tomasito. Não é de admirar, com tanto serrano por aqui.

— Por que detesta tanto os serranos, posso saber?

Haviam começado a subir a encosta rumo ao posto e, como precisavam ir inclinados, tiraram os fuzis do ombro e os levavam nas mãos. À medida que se afastavam do acampamento, mergulhavam na escuridão.

— Bem, você é serrano e não o detesto. A gente se dá muito bem.

— Obrigado pela consideração. — O guarda riu. E, um instante depois: — Não pense que o pessoal do acampamento trata o senhor com frieza porque é costeiro. É por ser policial. Eles também me olham de lado, apesar de ser cusquenho. Não gostam de gente fardada. Têm medo de serem executados como dedos-duros pelos *terrucos* se forem vistos conosco.

— Na verdade, é preciso ter pouco juízo para virar guarda civil — murmurou Lituma. — Você ganha uma miséria, ninguém vai com a sua cara, e está na primeira fila para ir pelos ares com dinamite.

— É que alguns abusam da farda e isso desprestigia o conjunto.

— Em Naccos não há nem mesmo como abusar da farda — queixou-se Lituma. — Pobre Pedrito Tinoco, merda. E na semana em que ele sumiu ainda não tínhamos dado seus trocados.

Parou para pegar um cigarro. Ofereceu outro ao adjunto.

Para acendê-los, tiveram que fazer uma barreira com os corpos e os quepes porque a ventania apagava os fósforos. Corria e ululava por toda parte, como lobos famintos. Os guardas voltaram a andar lentamente, testando as pedras escorregadias com a ponta das botas antes de apoiar o pé.

— Tenho certeza de que, lá na cantina, quando nós dois saímos, começa todo tipo de veadagem — disse Lituma. — Não acha?

— Sinto tanto nojo que nem gosto de vir — respondeu o adjunto. — Mas qualquer um morreria de tristeza trancado no posto o tempo todo, sem tomar um gole de vez em quando. Claro que acontecem barbaridades lá. Dionisio deve deixar todo mundo bêbado de cair e, depois, na certa eles ficam se enrabando. Quer saber de uma coisa, meu cabo? Eu não me incomodo quando o Sendero executa uma bichona.

— O curioso é que, na verdade, eu tenho um pouco de pena de todos esses serranos, Tomasito. Apesar de serem tão complicados, me dão pena. Têm uma vida

triste, não é? Trabalham feito mulas e mal ganham para comer. Que se divirtam um pouco, se puderem, antes que os *terrucos* cortem o saco deles ou apareça um tenente Pancorvo para dar-lhes um tratamento.

— E a nossa vida, por acaso não é triste, meu cabo? Mas nós não ficamos enchendo a cara feito gambás nem deixamos aquele depravado nos bolinar.

— Espere uns meses, e quem sabe, Tomasito.

A terra estava cheia de poças depois da chuva daquela tarde. Eles avançavam bem devagar. Caminharam um bom tempo em silêncio.

— Você vai dizer que eu não devo me meter onde não sou chamado, Tomasito — disse Lituma de repente. — Mas, como tenho simpatia por você e o anisado solta a minha língua, vou lhe dizer uma coisa. Esta noite ouvi você chorar.

Notou que o rapaz alterava o ritmo da marcha, como se houvesse tropeçado. Iam iluminando o caminho com as lanternas.

— Homem também chora, quando é preciso — continuou Lituma. — Não precisa ter vergonha. Umas lágrimas não fazem ninguém desmunhecar.

Continuaram subindo a colina, sem que o guarda mais jovem abrisse a boca. De vez em quando o cabo voltava a falar.

— Às vezes, quando penso: “Você não vai sair vivo de Naccos, Lituma”, fico desesperado. Eu também queria cair no choro. Não sinta vergonha. Não falei para deixar você constrangido. É que não foi a primeira vez. Na outra noite também ouvi, por mais que você chorasse apertando o rosto no colchão. Mas me dá não sei quê ver você sofrendo dessa maneira. É porque não quer morrer neste vilarejo? Se for isso, eu entendo. Mas será que não lhe faz mal ficar lembrando tanto de Mercedes? Você me conta os seus amores, eu sirvo por alguns minutos como confidente, mas depois o vejo arrasado. Talvez fosse melhor não falar mais disso, esquecê-la, Tomasito.

— Mas eu desabafo quando falo de Mercedes — disse, afinal, a voz confusa do adjunto. — Quer dizer que eu choro dormindo? Ora, então não estou tão bem preparado como pensava.

— Vamos apagar as lanternas — sussurrou Lituma. — Sempre pensei que, se quiserem nos emboscar, vai ser nesta curvinha.

Entraram em Andamarca pelos dois caminhos por onde se pode chegar ao povoado — os que subiam do rio Negromayo, os que tinham vadeado o Pumarangra e se desviado de Chipao — e por um terceiro, aberto pelos que vinham da comunidade rival de Cabana, escalando a bocaina do riacho que canta (este é o nome, no quéchua arcaico que se fala no lugar). Aconteceu ao raiar das primeiras luzes, antes que os camponeses fossem cuidar dos seus roçados, os pastores fossem pastorear seus rebanhos e os comerciantes de passagem fossem continuar sua travessia rumo a

Puquio ou a San Juan de Lucanas, pelo sul, ou Huancasancos e Querobamba. Tinham viajado a noite inteira, ou pernoitado nos arredores, esperando que houvesse um pouco de luz para invadir a vila. Queriam evitar que, aproveitando a escuridão, algum dos que estavam na lista escapasse.

Mas um deles escapou, um dos que eles mais queriam executar: o tenente-governador de Andamarca. E de uma forma tão absurda que mais tarde as pessoas teriam dificuldade para acreditar: graças a uma diarreia enlouquecida que fez don Medardo Llantac passar a noite toda saindo às pressas do único dormitório da casa que dividia com a mulher, a mãe e seis dos seus filhos, na prolongação do *jirón* Jorge Chávez, para se acorcorar no murinho de fora da casa, contíguo ao cemitério. Estava ali, fazendo força, derramando-se numa pestilência aguada e amaldiçoando a sua barriga, quando os ouviu. Abriram a porta com um chute, perguntaram por ele aos berros. Sabia quem eram e o que queriam. Esperava-os desde que o subprefeito da província, quase que à força, o nomeara tenente-governador de Andamarca.

Sem atinar nem a levantar as calças, don Medardo se jogou no chão, arrastou-se como uma minhoca até o cemitério e se meteu dentro de uma cova aberta na véspera, tirando e voltando a fechar sobre si a pedra que servia de lápide. Encolhido em cima dos restos gelados de don Florisel Aucatoma, seu primo, passou a manhã e a tarde sem ver nada, mas ouvindo muito do que acontecia naquele povoado do qual, teoricamente, ele era a suprema autoridade política.

Os membros da milícia conheciam o lugar ou tinham sido bem assessorados por seus cúmplices locais. Puseram sentinelas em todas as saídas, enquanto colunas sincronizadas percorriam as cinco faixas paralelas de barracos e casinhas esparramadas em quarteirões quadrangulares em volta da igreja e da praça principal. Alguns estavam de tênis, outros de sandália e alguns descalços, e não se ouviam seus passos nas ruas de Andamarca, asfaltadas ou de terra, com a exceção da principal, o *jirón* Lima, de paralelepípedos irregulares. Em grupos de três e de quatro, foram acordar imediatamente os que estavam na lista. Capturaram o prefeito, o juiz de paz, o chefe de correios, os donos das três adegas e suas mulheres, dois desmobilizados do Exército, o farmacêutico e prestamista don Sebastián Yupanqui, e os dois técnicos enviados pelo Banco Agrário para capacitar os lavradores em rega e adubos. Foram todos levados aos empurrões e pontapés até a praça da igreja, onde o resto da milícia tinha reunido o povo.

A essa altura, o dia havia clareado e já se podiam ver seus rostos. Estavam descobertos, menos os de três ou quatro que conservavam os passa-montanhas. Em seus quadros dominavam os jovens e os homens, mas também havia mulheres e crianças, entre as quais algumas que não deviam chegar a doze anos. Os que não estavam com metralhadoras, fuzis ou revólveres empunhavam velhas espingardas de caça, porretes, facões, facas, estilingues e a tiracolo, como os mineiros, cartuchos de

dinamite. Também trouxeram bandeiras vermelhas com a foice e o martelo, que içaram no campanário da igreja, no mastro da casa distrital e na copa de um *pisonay* de flores vermelhas que dominava a vila. Enquanto transcorriam os julgamentos — eles agiam com ordem, como se tivessem feito aquilo outras vezes — alguns picharam nas paredes de Andamarca vivas à luta armada, à guerra popular, ao marxismo-leninismo-pensamento — guia do presidente Gonzalo e abaixo ao imperialismo, ao revisionismo e aos traidores e delatores do regime genocida e antioperário.

Antes de começar, cantaram hinos à revolução proletária, em espanhol e em quéchuá, anunciando que o povo estava rompendo os seus grilhões. Como os moradores não sabiam as letras, misturavam-se com eles, fazendo-os repetir os versos e assobiando as melodias.

Depois, começaram os julgamentos. Além dos que estavam na lista, outros também tiveram que se submeter ao tribunal — que era toda a aldeia —, acusados de roubar, abusar dos fracos e dos pobres, ser adúlteros e praticar vícios individualistas.

Alternavam-se para falar, em espanhol e em quéchuá. A revolução tinha um milhão de olhos e um milhão de ouvidos. Ninguém podia agir às escondidas do povo e se livrar do castigo. Aqueles cães fedorentos tentaram, e agora estavam ali, de joelhos, implorando misericórdia aos que tinham apunhalado pelas costas. Essas hienas trabalhavam para o governo títere que assassinava camponeses, atirava em operários, vendia o país ao imperialismo e ao revisionismo e trabalhava dia e noite para que os ricos ficassem mais ricos e os pobres mais pobres. Esses excrementos não tinham ido a Puquio pedir às autoridades que mandassem a Guarda Civil para, diziam, proteger Andamarca? Não tinham incitado os moradores a delatarem os simpatizantes da Revolução às patrulhas militares?

Alternavam-se e, com paciência, explicavam os crimes, reais ou virtuais, que aqueles servos de um governo manchado de sangue até os ossos, que aqueles cúmplices da repressão e da tortura tinham feito a todos e a cada um dos presentes, aos seus filhos e aos descendentes dos seus filhos. Assim os instruíam e estimulavam a participar, a falar sem temor a represálias, pois o braço armado do povo os protegia.

Pouco a pouco, vencendo o acanhamento, a perplexidade, incitados por seu próprio medo, pelo clima exaltado e por obscuras motivações — velhas brigas, soterrados ressentimentos, invejas surdas, ódios familiares —, os moradores foram se animando a pedir a palavra. Certo, don Sebastián era mesquinho com quem não podia pagar-lhe os remédios na hora. Se não trouxessem o dinheiro no mesmo dia, ficava com o objeto deixado em garantia, por mais que implorassem. Por exemplo, com ele, aquela vez... Por volta de meio-dia, muitos andamarquinos já se aventuravam a ir até o centro da praça para manifestar suas queixas, fazer suas

reclamações e apontar os maus vizinhos, os maus amigos, os maus parentes. Eles se inflamavam quando faziam seus discursos; suas vozes vibravam ao se lembrar dos filhos que tinham perdido, dos animais mortos pela seca e das pragas, e de como a cada dia havia menos compradores, mais fome, mais doentes, mais crianças no cemitério.

Todos foram condenados, por um bosque de mãos. Muitos familiares dos acusados não levantaram as suas na hora de votar, mas, assustados com a exasperação e a hostilidade que tinham sido fermentadas, tampouco se atreveram a defendê-los.

Foram executados de joelhos, apoiando as cabeças no broquel do poço d'água. Eles os mantinham bem imobilizados enquanto os moradores, passando em fila, trituravam suas cabeças com pedras que recolhiam de uma obra, ao lado da casa distrital. A milícia não participou das execuções. Não se disparou um tiro. Não se espetou uma faca. Não se deu uma machetada. Só usaram mãos, pedras e paus, pois achavam um desperdício gastar a munição do povo com ratos e escorpiões.

Agindo, participando, fazendo a justiça popular, os andamarquinos iriam tomando consciência do seu poder. Era um destino sem volta. Eles não eram mais vítimas, começavam a ser libertadores.

Depois, veio o julgamento dos maus cidadãos, dos maus maridos, das más esposas, dos parasitas sociais, dos tarados, das putas, dos veados, das indignidades de Andamarca, detritos putrefatos que o regime capitalista feudal, sustentado pelo imperialismo americano e o revisionismo soviético, fomentava para adormecer o espírito combativo das massas. Isso também mudaria.

No incêndio purificador da pradaria que era a Revolução, o individualismo egoísta burguês arderia em chamas e despontariam o espírito coletivista e a solidariedade de classe.

Os moradores aparentavam escutar mais do que escutavam, entender mais do que entendiam. Mas, depois de tudo o que acontecera essa manhã, estavam suficientemente agitados, aturdidos e transtornados para participar sem objeções dessa segunda cerimônia, que ficaria em sua memória e na dos seus filhos e netos como a mais tormentosa da história de Andamarca.

A primeira a levantar um dedo acusador, estimulada pelas exortações das mulheres e homens armados que se sucediam no uso da palavra, foi dona Domitila Chontaza.

Toda vez que seu marido tomava uns tragos, ele a fazia rolar pelo chão dando-lhe pontapés e chamando-a de “cocô do diabo”. Ele, um corcundinha com uma mecha de porco-espinho no crânio, jurou que era mentira. Depois, contradizendo-se, choramingou que, quando bebia, um mau espírito se apoderava do seu corpo, vinha uma raiva, e só batendo conseguia livrar-se dela. As quarenta chicotadas deixaram sanguinolentas e tumefactas suas costas encurvadas. Mais que dor física, era medo o

que transmitiam suas juras de que nunca mais voltaria a beber uma gota de álcool e seus abjetos “obrigado, muito obrigado” dirigidos aos moradores que o chicoteavam com látigos de couro e de tripa. Sua mulher levou-o arrastado, para aplicar uns emplastos.

Uns vinte homens e mulheres foram julgados, sentenciados, açoitados ou multados, obrigados a devolver o que tinham adquirido indevidamente, a indenizar os que haviam obrigado a trabalhar além da conta ou enganado com falsas promessas. Quantas acusações eram verdadeiras, quantas eram inventos ditados pela inveja e pela mágoa, produtos da efervescência na qual todos se sentiam forçados a competir, revelando as crueldades e injustiças de que tinham sido vítimas? Nem eles mesmos poderiam responder, quando, já no meio da tarde, julgaram don Crisóstomo, o velho sineiro — no tempo em que a torre da igreja de Andamarca tinha sino e a igreja, padre, coisa que já era história antiga —, acusado por uma mulher de ter sido surpreendido arriando as calças de um menino nos arredores da aldeia. Outros confirmaram a denúncia. Certo, era um assanhado, vivia passando a mão nos rapazes e tentando levá-los para a sua casa. Um homem, com a voz cortada de emoção, em meio a um silêncio elétrico, confessou que, quando criança, don Crisóstomo o usara como se usam as mulheres. Nunca teve coragem de falar, por vergonha. Outros, aqui mesmo, podiam contar histórias parecidas. O sineiro foi executado com pedradas e pazadas, e seu cadáver ficou misturado com os da lista.

Já estava escurecendo quando os julgamentos terminaram. Foi o momento que don Medardo Llantac aproveitou para empurrar a pedra do túmulo do seu primo Florisel, arrastar-se para fora do cemitério e começar a correr através do campo, como alma que o diabo quer levar, em direção a Puquio. Chegou à capital da província um dia e meio depois, esgotado e com os olhos ainda cheios de espanto, para contar o que havia acontecido em Andamarca.

Cansados, confusos, sem se olhar nos rostos, os moradores de Andamarca sentiam-se como no dia seguinte à festa do santo padroeiro, após beber tudo o que se podia beber, e comer, dançar, sapatear, brigar, rezar, sem dormir durante três dias e três noites, quando era preciso um grande esforço para imaginar que aquela explosão de aturdimento e de irrealidade tinha acabado e era hora de voltar às rotinas cotidianas. Mas agora seu desconcerto era ainda maior, um mal-estar mais profundo, diante desses cadáveres insepultos, cheios de moscas, que começavam a apodrecer debaixo dos seus narizes, e das costas lanhadas dos que tinham sido açoitados. Todos intuía que Andamarca nunca mais seria a mesma.

Os milicianos continuavam, incansáveis, se revezando no uso da palavra. Agora, organizar-se. Não havia vitória popular sem uma participação férrea, indestrutível, das massas. Andamarca seria uma base de apoio, um elo a mais na corrente que já percorria toda a Cordilheira dos Andes e avançava seus ramais pela

costa e pela selva. As bases de apoio eram a retaguarda da vanguarda. Importantes, úteis, indispensáveis, existiam, como seu nome indicava, para apoiar os combatentes: alimentá-los, curá-los, escondê-los, vesti-los, armá-los, informar sobre o inimigo, e para ir substituindo os que pagavam sua cota de sacrifício. Todos tinham uma função a cumprir, uma contribuição a dar. Deviam subdividir-se por áreas, multiplicar-se por ruas, quarteirões, famílias, somar outros olhos e ouvidos, e pernas, braços e cérebros, ao milhão que o Partido já tinha.

Já era noite quando os moradores escolheram os cinco homens e quatro mulheres que seriam os encarregados da organização. Para assessorar a população e servir de contato com a direção, permaneceram em Andamarca a camarada Teresa e o camarada Juan. Deviam assimilá-los, agir como se eles houvessem nascido aqui e seus mortos estivessem entre os defuntos do povoado.

Depois, cozinham e comeram e se dividiram pelas casas e dormiram junto com os residentes, muitos dos quais passaram essa noite em claro, perturbados, incrédulos, inseguros, assustados com o que tinham feito, visto e ouvido.

Ao amanhecer, reuniram-se todos outra vez. Entre os mais jovens, escolheram alguns rapazes e moças para a milícia. Cantaram seus hinos e, com seus gritos de vitória, fizeram ondular as bandeiras vermelhas. Depois, todos se distribuíram nos destacamentos em que tinham chegado, e os moradores os viram separar-se, afastar-se, alguns vadeando o rio Negromayo e outros, na direção de Chipao e Pumarangra, ir desaparecendo entre os plantios verdes dos terraços escalonados, sob o ocre plúmbeo das montanhas.

A patrulha de guardas republicanos e guardas civis chegou a Andamarca quarenta e oito horas depois que os senderistas partiram. Era comandada por um alferes jovem, costeiro, bem barbeado, musculoso e de óculos escuros, que seus homens só chamavam pelo apelido: Rastilho. Com eles vinha o tenente-governador, don Medardo Llantac, que ganhara anos e perdera quilos.

Os cadáveres continuavam na praça, insepultos. Tinham feito uma fogueira para afastar as aves de rapina, mas, apesar das chamas, dúzias de urubus montavam guarda ali em volta, e havia mais moscas que no matadouro nos dias em que se carneava uma vaca. Quando don Medardo e o alferes perguntaram por que não tinham enterrado os mortos, não souberam responder. Ninguém tinha se atrevido a tomar a iniciativa, nem mesmo os parentes das vítimas, paralisados por um temor supersticioso de atrair a milícia outra vez ou desatar mais uma catástrofe se tocassem, mesmo que fosse para enterrá-los, nesses moradores cujas cabeças, rostos e ossos tinham acabado de triturar, como se fossem inimigos mortais.

Como não havia juiz — tinha sido um dos executados —, o alferes fez com que o próprio tenente-governador lavrasse uma ata e vários moradores assinassem como testemunhas. Depois, levaram os mortos para o cemitério, cavaram túmulos e

os enterraram. Só então os parentes reagiram com a dor e a cólera que eram de esperar. Choravam as viúvas, os filhos, os irmãos, os sobrinhos e os enteados; todos se abraçavam e, maldizendo, com as mãos para o céu, pediam vingança.

Uma vez desinfetado o lugar com baldes de creolina, o alferes começou a pedir explicações. Não em público; trancado na casa distrital e chamando as famílias uma por uma. Pusera sentinelas nas saídas de Andamarca com ordens estritas de que ninguém saísse do povoado sem sua autorização. (Mas o camarada Juan e a camarada Teresa escaparam assim que se avistou a patrulha chegando pelo caminho de Puquio.)

Os parentes entravam e quinze minutos, meia hora depois, saíam cabisbaixos, chorosos, confusos, incomodados, como se tivessem falado mais ou menos do que deviam e agora estivessem arrependidos. Na vila havia uma atmosfera lúgubre e um silêncio tétrico. Os moradores lutavam para ocultar o medo e a incerteza fechando o rosto e o bico, mas eram denunciados pela maneira sonâmbula de andar com que, até altas horas, percorriam as ruazinhas retas de Andamarca. Muitas mulheres passaram o dia todo cantando ladainhas na igreja sem teto da praça, cujo telhado caíra no chão durante o último tremor de terra.

O alferes interrogou as pessoas o dia inteiro e parte da noite, sem descansar nem para almoçar — pediu um prato de sopa com charque, que tomou enquanto prosseguia as investigações —, e uma das poucas coisas que os moradores souberam, ao longo desse extraordinário segundo dia, foi que don Medardo Llantac continuava ao seu lado, frenético, dando informações ao oficial sobre os que vinham prestar depoimento e metendo a colher nos interrogatórios, exigindo nomes, minúcias.

Nessa noite, a falsa convivência de Andamarca se quebrou. Nas casas, esquinas, ruas, nos arredores da praça aonde todos se dirigiam para espiar quem saía do salão distrital, explodiram discussões, brigas, acusações, insultos, ameaças. Houve empurrões, arranhões e socos. Os republicanos e os guardas civis não intervinham, porque assim tinham sido instruídos ou porque, carentes de ordens, não sabiam como reagir ante aquela hostilidade desenfreada de todos contra todos. Desdenhosos ou indiferentes, eles viam os moradores chamar-se uns aos outros de assassinos, cúmplices, terroristas, caluniadores, traidores, covardes, e chegar às vias de fato, sem levantar um dedo para separá-los.

Os interrogados devem ter contado tudo, preservando a própria responsabilidade da melhor maneira que puderam — ou seja, agravando a responsabilidade dos outros —, e o alferes pôde reconstruir, grosso modo, o que havia ocorrido nos julgamentos, porque, no dia seguinte, os cinco homens e as quatro mulheres designados como dirigentes da base de apoio foram trancafiados na casa distrital.

No meio da manhã, o alferes reuniu os moradores na pracinha de Andamarca

— havia ainda urubus rondando o canto das execuções — e se dirigiu a eles. Nem todos entendiam o espanhol costeiro apocopado e veloz do oficial, mas mesmo os que perdiam boa parte do seu discurso entenderam que os estava repreendendo. Por colaborar com os terroristas, por prestar-se a uma paródia de julgamento, por levar a cabo aquela matança grotesca e criminosa.

“Toda Andamarca deveria ser julgada e castigada”, repetiu várias vezes. Depois, com paciência, mas sem dar sinais de compreensão, ouviu os moradores que se atreviam a formular desculpas esfarrapadas: não era verdade, ninguém tinha feito nada, tudo foi obra dos *terrucos*. Fazendo ameaças, senhor. Tinham sido forçados, com metralhadoras e pistolas nas cabeças, ouvindo que iam degolar as crianças feito porcos se não pegassem as pedras. Afinal se contradiziam, interrompiam, dissentiam, e terminavam se acusando e se xingando. O alferes olhava-os com pena.

A patrulha passou esse dia em Andamarca. De tarde e de noite, os guardas republicanos e os guardas civis fizeram buscas e confiscaram broches, enfeites, objetos que pareciam de valor, além das sacolas e amarrados de dinheiro que encontraram escondidos nos colchões e fundos falsos de baús e armários. Mas nenhum morador denunciou esses furtos ao alferes.

Na manhã do segundo dia, quando a patrulha se preparava para partir levando os detentos, don Medardo Llantac discutiu com o oficial, na frente dos moradores. O tenente-governador queria que alguns homens da patrulha ficassem na vila. Mas o alferes tinha ordem de regressar com todos eles à capital da província. Os próprios residentes deveriam organizar sua proteção, fazendo rondas de vigilância.

— Com que armas, alferes — se esganiçava Medardo Llantac. — Nós com paus e eles com fuzis? Quer que lutemos assim?

O alferes respondeu que ia falar com seus superiores. Tentaria convencê-los a reabrir o posto da Guarda Civil desativado havia quase um ano. Depois se foi, levando os prisioneiros amarrados em fila indiana.

Tempos depois, os parentes dos nove presos foram a Puquio e as autoridades não souberam dar a menor pista. Em nenhum posto policial, nem no escritório do comando político-militar, figurava que houvesse chegado um grupo de prisioneiros procedente de Andamarca. Quanto ao jovem alferes de apelido Rastilho, provavelmente tinha sido transferido para outro destino, já que não era nenhum dos oficiais presentes e já que em Puquio ninguém o conhecia. Na mesma época, don Medardo Llantac e sua mulher sumiram da vila, sem dizer nem sequer à sua mãe ou aos filhos para onde se mudaram.

— Já sei que está acordado e morrendo de vontade de me contar — disse Lituma. — Bem, Tomasito, conte.

O caminhão entrou em Huánuco ao entardecer, vinte horas depois de ter saído de Tingo María. Na estrada esburacada pelas chuvas estouraram dois pneus e Tomás desceu para ajudar o caminhoneiro, um huancaíno que não fazia perguntas indiscretas. Nos arredores de Acomayo, numa barreira de controle, no meio dos sacos de frutas entre os quais estavam escondidos, ouviram que ele respondia “Nenhum” ao guarda civil que perguntou quantos passageiros levava. Pararam duas vezes mais, para tomar café da manhã e para almoçar, em vendas do caminho, e Tomás e Mercedes também desceram, mas sem trocar uma palavra com o motorista. Ele os deixou em frente ao Mercado Central.

— Agradei por não nos delatar na barreira de Acomayo — disse Tomás. — Deixamos ele pensar que estávamos fugindo de um marido ciumento.

— Se estão fugindo de alguma outra coisa, não fiquem por aqui — aconselhou o motorista, na despedida. — Como toda a coca da floresta passa por esta estrada, Huánuco está cheia de enxeridos atrás de traficantes.

Deu adeus com a mão e se foi. Estava escuro, mas ainda não haviam ligado as luzes da rua. Muitos postos do mercado estavam fechados; nos abertos, havia gente comendo à luz de velas mortijas. Tudo cheirava a azeite, a fritura e a bosta de cavalo.

— Estou como se tivessem moído os meus ossos e meus músculos — disse Mercedes. — Sinto câibras, muito sono. Mas, acima de tudo, estou com fome.

Bocejava, esfregando os braços. Seu vestido florido estava todo empoeirado.

— Vamos procurar onde dormir — disse Carreño. — Também estou meio morto.

— Caramba, que gostoso — sussurrou Lituma. — Era para dormir ou outra coisa, Tomasito?

Pedindo informações às pessoas que engoliam fumegantes pratos de sopa, descobriram o endereço de uma pensão e de um hotelzinho. Tinham que pisar com cuidado porque o chão estava cheio de mendigos e vagabundos dormitando, e das ruas escuras surgiam cães furiosos latindo para eles. Descartaram a Pensão Lucinda, que ficava perto de uma delegacia de polícia. Três ruas adiante, numa esquina, apareceu o Hotel Leoncio Prado. Com dois andares, paredes de barro e teto de zinco, o hotel tinha umas varandinhas de brinquedo. No térreo havia um bar-restaurante.

— A recepcionista me pediu o título de eleitor, mas não o de Mercedes, e exigiu pagamento adiantado — disse Tomás, detendo-se nos detalhes. — Não achou estranho que estivéssemos sem bagagem. Enquanto preparava o quarto, pediu para esperar no corredor.

— O quarto? — exaltou-se Lituma. — Uma caminha só para os dois?

— O bar-restaurante estava vazio — continuou o rapaz, sem ouvir, esticando a história. — Pedimos refrigerantes e uma sopa. Mercedes bocejava e esfregava os braços o tempo todo.

— Sabe o que eu mais lamentaria se os *terrucos* nos matassem esta noite, Tomasito? — interrompeu Lituma. — Sair desta vida sem voltar a ver uma fêmea peladinha. Desde que botei os pés em Naccos, eu me sinto capado. Você não parece muito interessado nessas coisas, bastam as lembranças da piurana, não é?

— Só me faltava ficar doente — resmungou Mercedes.

— Isso era pretexto — protestou Lituma. — Lógico que você não acreditou.

— Deve ter sido o desconforto do caminhão. A sopa e um bom sono vão lhe fazer bem — alentou o rapaz.

Ela murmurou “Tomara”. E ficou de olhos fechados, tiritando, até que trouxeram a comida.

— Assim eu podia olhá-la à vontade — disse Tomasito.

— Ainda não consigo imaginá-la — disse Lituma. — Não consigo vê-la. Não me ajuda nada que você diga “Um mulherão”, “É incrível”. Conte detalhes de como ela é, pelo menos.

— Um rosto cheinho, pômulos como duas maçãs, lábios grossos e um nariz bem-desenhado — recitou Tomás. — Um narizinho que pulsava quando ela falava, farejando como um cachorrinho. O cansaço lhe desenhara umas olheiras azuis, debaixo das pestanas espessas.

— Puxa, você estava mesmo gamado por ela — admirou-se Lituma. — E continua estando, Tomasito.

— Mesmo despenteada, mesmo tendo perdido todo o batom, apesar da ventania da viagem, ela não tinha enfado — insistiu o rapaz. — Continuava lindíssima, meu cabo.

— Pelo menos você tem essas lembranças de Mercedes para se consolar — queixou-se Lituma. — Eu não tenho ninguém em Piura. Nenhuma piurana ou talarenha com saudade de mim, nenhuma mulher no mundo de que eu possa ter saudade.

Tomaram a sopa, em silêncio, e depois trouxeram um pastelão com arroz, que não haviam pedido. Mas comeram mesmo assim.

— De repente, meus olhos se encheram de lágrimas, apesar do esforço que eu fazia para não chorar — disse Tomás. — Estava tremendo, e sabia que era pelo que poderia nos acontecer. Queria consolá-la, mas não sabia como. O futuro também me parecia negro.

— Pule essa parte e vamos chegar à cama de uma vez — pediu Lituma.

— Enxugue os olhos. — Carreño passou-lhe o lenço. — Não vou deixar que aconteça nada de mau, prometo.

Mercedes secou o rosto e permaneceu calada até terminarem de comer. O quarto ficava no segundo andar, ao fundo de um corredor, e as camas eram separadas por um banquinho de madeira, à guisa de criado-mudo. Um lustre balançava

pendurado num fio cheio de teias de aranha, iluminando precariamente as paredes desbotadas e rachadas e umas tábuas que rangiam sob seus pés.

— A gerente me deu duas toalhas e um sabonete. — Tomasito continuava fazendo mistério. — Avisou que se quiséssemos tomar banho devíamos ir logo, porque durante o dia a água não chegava até o andar de cima.

Saiu e Mercedes seguiu atrás dela, com a toalha no ombro.

Voltou um bom tempo depois, e o rapaz, que tinha se deitado na cama e estava tenso feito uma corda de violão, se assustou ao ouvi-la no quarto. Ela vinha com a toalha enrolada na cabeça, como um turbante, o vestido desabotoado e os sapatos na mão.

— Chuveirada gostosa — ouviu-a dizer. — A água fresquinha me ressuscitou.

Ele pegou a toalha e foi tomar um banho, também.

— Você é idiota? — indignou-se Lituma. — Mas o que estava esperando? E se a piurana adormecesse?

Era um simples jorro, mas caía com força e, de fato, a água estava fria. Tomás se ensaboou, esfregou o corpo e sentiu que o cansaço tinha desaparecido. Enxugou-se, vestiu a cueca e pôs a toalha em cima, amarrada na cintura. Encontrou o quarto em sombras. Deixou a roupa em cima de uma cômoda, onde Mercedes havia dobrado a sua. Foi tateando até a cama vazia e se enfiou embaixo do cobertor. Seus olhos se acostumaram pouco a pouco com a escuridão. Ansioso e agitado, forçou os ouvidos, tentando escutar alguma coisa. Ela respirava a intervalos longos, profundamente. Já estava dormindo? E teve a impressão de sentir o cheiro do seu corpo, ali, tão próximo. Inquieto, respirou fundo. Iria ver seu padrinho, tentaria explicar-lhe? “É assim que me paga por tudo que eu fiz por você, seu grande filho da puta.” Teria que fugir para o estrangeiro, do jeito que fosse.

— Pensava em tudo e em nada, meu cabo — tremeu a voz do adjunto. — Senti vontade de fumar, mas não me levantei para não acordá-la. Que estranho estar deitado ao seu lado. Que estranho pensar “Se eu esticar a mão, toco nela”.

— Continue, vamos — ralhou Lituma. — Você me deixa impaciente, Tomasito.

— Fez isso porque gostou de mim? — perguntou Mercedes, de repente. — Quando foi me buscar no aeroporto de Tingo María, com o gordo? Reparou em mim?

— Já tinha visto você antes — sussurrou Carreño, sentindo a boca doer quando falava. — No mês passado, quando foi a Pucallpa passar a noite com o Chanchó.

— Era você que fazia a segurança em Pucallpa? Bem que sua cara me pareceu conhecida quando o vi em Tingo María.

— Na verdade, ela tampouco se lembrava de que tinha sido eu quem foi

buscá-la também na primeira viagem — disse o adjunto. — Nem que fui eu quem ficou de guarda naquela casa de Pucallpa, entre o rio e a madeireira, a noite inteira. Ouvindo como ele a surrava. Ouvindo-a suplicar.

— Se isso não acabar numa trepada, bato em você — avisou Lituma.

— Claro, é por isso que achei seu rosto conhecido, é óbvio — continuou ela. — Mas, então, esse ataque que você teve não foi por asco nem por causa de religião. Você já tinha reparado em mim. Foi porque gostou de mim. Foi por ciúme. Não foi por isso que você atirou, Carreñito?

— A vergonha queimava a minha cara, meu cabo. Se ela continuar falando essas coisas, eu fecho essa boca com uma bofetada, pensava.

— Você se apaixonou por mim — afirmou Mercedes, entre zangada e apiedada. — Estou entendendo. Os homens, quando se apaixonam, fazem qualquer loucura. Nós, mulheres, somos mais frias.

— Você se sente superior porque correu o mundo, viveu tantas coisas — reagiu, afinal, o rapaz. — Não gosto de ser tratado como se usasse calça curta.

— É isso o que você é, Carreñito. Um pirralho de calça curta. — Riu e logo ficou séria. Prosseguiu, articulando as palavras: — Mas se gostou de mim, se você se apaixonou, por que não me falou nada. Tendo-me aqui ao seu lado, quero dizer.

— Estava com toda a razão do mundo — exclamou Lituma. — Por que você não fez nada? O que estava esperando, Tomasito?

Uns latidos frenéticos, na rua, fizeram com que ela se calasse. Ouviu-se um “shhttt, merda” e o impacto de uma pedra. Os cachorros se acalmaram. O rapaz, suando da cabeça aos pés, percebeu que ela se levantara e se movimentava em volta da cama. Segundos depois, a mão de Mercedes se enredou nos seus cabelos. Começou a revolvê-los, suavemente.

— O que está dizendo? — engasgou-se Lituma.

— Por que não veio direto para a minha cama ao voltar do banho, Carreñito? Não era isso que você queria? — A mão de Mercedes desceu da sua cabeça para o rosto, roçou nas bochechas e chegou até seu peito. — Como bate! Pum, pum, pum. Você é estranho. Ficou com vergonha? Tem algum problema com mulher?

— Que-que-quê? — repetiu Lituma, erguendo-se na escuridão, espiando Tomasito.

— Eu nunca me aproveitaria de você, eu nunca bateria em você — balbuciou o rapaz, segurando a mão de Mercedes, beijando-a. — E, além do mais...

— Você está mentindo — repetia Lituma, incrédulo. — Não é possível, não é possível.

— Nunca estive com uma mulher — confessou afinal o rapaz. — Pode rir, se quiser.

Mercedes não riu. Carreño sentiu que ela se erguia, levantava o cobertor e

ficava de lado para dar-lhe lugar. Quando a sentiu apertada contra o seu corpo, abraçou-a.

— Virgem aos vinte e três? — perguntou Lituma. — Não sei o que você faz na Guarda Civil, garotinho.

Enquanto a beijava, no cabelo, no pescoço, nas orelhas, ouviu-a dizer, entre os dentes:

— Finalmente acho que estou entendendo, Carreñito.

IV

Será que aquela estrada avançava? Lituma tinha mais a sensação de que, pelo contrário, retrocedia. Nos meses em que estava aqui já tinham acontecido três greves e, em todas, o processo se repetiu como um disco arranhado. A obra ia ser suspensa neste fim de semana ou neste fim de mês, o governo já tinha dado um ultimato à construtora. O sindicato se reunia e os peões ocupavam as instalações, assumiam o controle da maquinaria e pediam garantias. Havia um tempo elástico em que nada acontecia. Os engenheiros desapareciam e o acampamento ficava nas mãos dos capatazes e do contador, que confraternizavam com os grevistas e compartilhavam o caldeirão coletivo, que era preparado ao entardecer, no terreno baldio entre os barracões. Nunca houve violência e o cabo e seu adjunto jamais tiveram que intervir. As paralisações terminavam misteriosamente, sem que se definisse a sorte da estrada. A companhia, ou o representante do ministério enviado para resolver o conflito, afinal se comprometia a não despedir ninguém e a pagar os dias de greve aos trabalhadores. A obra era reiniciada em câmara lenta. Mas Lituma tinha a impressão de que, em vez de retomar de onde haviam parado, os peões desandavam o trajeto. Fosse porque houvera desabamentos nos morros que dinamitavam, ou porque, com as chuvas, as inundações tinham destruído a trilha e desmanchado o terreno já firmado, ou fosse pelo que fosse, o cabo tinha a sensação de que continuavam escavando, dinamitando, aplanando ou espalhando camadas de cascalho e de alcatrão no mesmo setor em que estavam trabalhando quando ele chegou a Naccos.

Estava no alto de uma elevação rochosa, ao pé de um pico nevado, a um quilômetro e meio do acampamento, e podia divisar, lá embaixo, no ar limpo da madrugada, os tetos de zinco dos barracões brilhando sob o sol madrugador. “Ao lado do boqueirão da mina abandonada”, aquele sujeito dissera a Tomasito. O boqueirão estava ali, meio tapado por umas vigas cheias de traças que em algum momento escoravam a entrada do túnel; mas tinham caído e, junto com as pedras e seixos que rolaram do pico, agora cobriam três quartos da abertura.

E se esse encontro fosse uma emboscada? Um truque para afastá-lo de Carreño? Atacariam separadamente cada um deles, e então os desarmariam e matariam, depois de torturá-los. Lituma imaginou seu cadáver todo crivado de balas, maltratado e desconjuntado, com um cartazinho escrito em tinta vermelha: “Assim é que morrem os sabujos da burguesia.” Tirou o Smith Wesson 38 da cartucheira e deu uma olhada em volta: pedras, céu e algumas nuvenzinhas muito brancas, ao longe. Nem um maldito pássaro no ar.

O sujeito tinha se aproximado por trás de Tomasito, na véspera, enquanto este assistia a um jogo de futebol entre dois times de peões, e, como se estivesse

comentando as jogadas, sussurrou: “Conheço uma pessoa que tem informações sobre os desaparecidos. Diz que fala pessoalmente com o cabo, se houver gratificação.” Há?

— Não sei — disse Carreño.

— Sorria — continuou o sujeito —, olhe na direção da bola, aponte para lá, não me comprometa.

— Certo — disse o guarda. — Vou perguntar ao meu chefe.

— Que ele vá sozinho, amanhã, até a mina abandonada, ao nascer do sol. — O sujeito sorriu, fazendo gestos e expressões como se não estivesse perdendo um lance do jogo. — Ria, aponte para a bola. E, principalmente, me esqueça.

Carreño veio todo excitado trazer a notícia:

— Finalmente alguma coisa mais concreta, meu cabo.

— Vamos ver, Tomasito, tomara. Tem ideia de quem é esse sujeito?

— Parecia um peão. Nunca o vi antes, acho.

O cabo levantou-se na escuridão e viu o sol nascer no trajeto para a mina. Estava ali havia bastante tempo. A excitação se esvaíra. Se não era uma armadilha, podia ser uma peça que algum serrano filho da puta pregava para se divertir à custa do fardado. Estava ali, feito um idiota, de revólver na mão, esperando um fantasma.

— Bom dia — ouviu, às suas costas.

Virou-se com o Smith Wesson engatilhado e lá estava Dionisio, o cantineiro.

— Calma, calma. — Fazia gestos com as mãos para tranquilizá-lo, sorrindo. — Abaixar esse revólver, senhor cabo, cuidado, para não disparar.

Era baixinho, parrudo, e usava o suéter azul de sempre enrolado no pescoço até o queixo. Aquela cara bochechuda e encardida, aqueles dentes já meio verdes, aquela mecha de cabelo grisalho, aqueles olhinhos inflamados por uma febre bêbada e aquelas manzorras que pareciam hélices deixavam Lituma fora de si. O que fazia este sujeito aqui?

— Má ideia chegar tão caladinho — resmungou. — Podia ter levado um tiro.

— Todo mundo está nervoso com as coisas que andam acontecendo — resmungou o cantineiro. Tinha um jeito de falar meloso, genuflexo, que, no entanto, era desmentido por seus olhinhos aquosos, seguros de si e até mesmo depreciativos. — Sobretudo vocês, policiais. Não é para menos, naturalmente.

Dionisio sempre despertava em Lituma uma desconfiança invencível, e nesse momento mais do que nunca. Contudo, disfarçando, andou até ele e estendeu a mão:

— Estou esperando uma pessoa — disse. — O senhor precisa ir embora.

— Está esperando por mim — respondeu Dionisio, divertido. — E aqui estou, porque vim.

— Não foi o senhor que falou ontem com Tomasito.

— Esqueça esse homem, e também o meu nome e o meu rosto — disse o

cantineiro, já acororado. — É melhor sentar-se, podem nos ver lá de baixo. Isto é confidencial.

Lituma sentou-se ao seu lado, numa pedra lisa.

— Então pode me dar informações sobre aqueles três?

— Estou arriscando minha pele por causa deste encontro, senhor cabo — murmurou Dionisio.

— Todos nós arriscamos, diariamente — murmurou Lituma. Ali, no alto, havia surgido uma sombra. Planava sem bater as asas, suspensa no ar, impulsionada por alguma corrente suave e invisível; àquela altura, só podia ser um condor. — Até os pobres animais. Ouviu a história da tal família, em Huancapi? Mataram até os cachorros, pelo visto.

— Esta noite estive na cantina uma pessoa que estava lá quando os *terrucos* entraram — respondeu Dionisio, num tom que Lituma sentiu como complacente, quase eufórico. — Fizeram sua justiça popular, como sempre. Os mais sortudos foram açoitados e os infelizes tiveram as cabeças esmagadas.

— Só falta chuparem o sangue e comerem carne crua de gente.

— Ainda chegaremos lá — afirmou o cantineiro, e Lituma viu que seus olhinhos ardiam cheios de desassossego. “Pássaro de mau agouro”, pensou.

— Bem, voltando ao que interessa — disse. — Se me disser que merda está acontecendo aqui, fico agradecido. Esses desaparecimentos. Estou boiando. Como pode ver, estou sendo sincero. Foi o Sendero? Estão mortos? Foram levados? Não vai querer me dizer que foram os *pishtacos* ou os espíritos das montanhas, como dona Adriana, não é?

O cantineiro começou a raspar a terra com o pauzinho que estivera mordiscando pouco antes e não olhava para ele. Lituma sempre o via com esse mesmo suéter azul seboso. E sempre lhe chamara a atenção aquela mecha de cabelos brancos. Os serranos raramente tinham fios brancos. Mesmo os bem velhinhos, uns índios encolhidos e apequenados que pareciam crianças ou anões, conservavam o cabelo preto. Nem calvos nem grisalhos. Questão de clima, na certa. Ou de tanta coca que mascavam.

— Ninguém trabalha de graça — sussurrou o cantineiro. — A informação que eu tenho pode fazer estragos em Naccos. Muitas cabeças rolariam. Arrisco o pescoço se contar. Há previsão de algum reconhecimento? O senhor me entende.

Lituma apalpou os bolsos em busca de cigarros. Ofereceu um a Dionisio e acendeu-o.

— Não quero enganar ninguém — confessou, com tranquilidade. — Se espera dinheiro, não tenho um tostão. Todo mundo pode ver em que condições eu e meu adjunto vivemos. Pior que os peões, e nem se fala dos capatazes. Pior que o senhor mesmo. Eu teria que consultar o comando, em Huancayo. Vão demorar a

responder, se é que me respondem. A pergunta teria que ser transmitida pelo rádio da companhia e seria ouvida pelo operador, ou seja, toda Naccos. Afinal, responderiam: “Esse que pede recompensa, corte-lhe um bago e faça o cara cantar. E se não cantar, corte o outro. E, se ainda não, enfie-lhe uma baioneta no cu.”

Dionisio desatou a rir, torcendo o corpo branquelo e batendo palmas. Lituma riu também, sem muita vontade. A figura alada descia, fazia uma grande e majestosa curva sobre suas cabeças e começava a se afastar, com uma espécie de desdém. Sim, um condor. Ele sabia que em algumas aldeias de Junín, nas festas do santo padroeiro, eram capturados vivos para serem amarrados nos touros, bicando-os enquanto os serranos os toureavam. Só vendo.

— O senhor é um guarda civil boa gente — ouviu Dionisio afirmar. — Todo o acampamento reconhece isto. Nunca se aproveita da sua autoridade. Não há muita gente assim. E olhe que eu conheço a serra como a palma da minha mão. Já a percorri de cabo a rabo.

— Sou bem-visto pelos peões? Imagine se não fosse — caçoou Lituma. — Porque até agora não fiz um único amigo no acampamento.

— A prova de que o consideram bem é que o senhor e seu adjunto estão vivos — declarou Dionisio, com naturalidade, como se dissesse a água é líquida e a noite, escura. Fez uma pausa e, voltando a raspar o chão com o pauzinho, continuou: — Já aqueles três, o Pedrito, o Demetrio, o Casimiro, ninguém tinha bom conceito deles. Sabia que Demetrio Chanca era um nome falso?

— E como se chamava, então?

— Medardo Llantac.

Ficaram calados e, enquanto fumavam, o corpo de Lituma foi ficando arrepiado. Dionisio estava informado de tudo. Agora ele também ia saber a verdade. O que tinham feito com os três? Coisas espantosas, certamente. Quais? E por quê? Aquela bicha bêbada era cúmplice, sem dúvida. O dia avançava com rapidez e um calorzinho estimulante tomou o lugar do frio do amanhecer. A cor das montanhas parecia se acentuar e, com os raios de sol e a neve, alguns picos cintilavam. Lá embaixo, na transparência do ar, Lituma divisou umas figurinhas diminutas, movendo-se.

— Queria saber o que houve com eles — murmurou. — Fico grato se puder me dizer. Tudo, tudinho. É uma coisa que me tira o sono. Que história é essa de que Demetrio Chanca se chamava Medardo Llantac?

— Mudou de nome porque estava fugindo dos *terrucos*. E da polícia, talvez. Veio para cá pensando que em Naccos ninguém o encontraria. Como capataz era muito mal-humorado, dizem.

— Então mataram esse aí, não há escapatória. Porque estão mortos, não é mesmo? Foram os *terrucos* que os mataram? Há muitos senderistas no

acampamento?

O cantineiro conservava a cabeça baixa e continuava raspando o chão com o pauzinho. Lituma via a mecha de fios brancos entre as cerdas escuras e desgrenhadas. Lembrou-se da bebedeira nas festas patrióticas, dentro da cantina lotada. Dionisio, como um bibelô, os olhos malevolentes, incentivava os fregueses a dançarem homem com homem, seu tema de toda noite. Ia e vinha de grupo em grupo, pulando, bailando, bebericando dos copos e das garrafas, servindo doses de pisco e vez por outra imitando um urso. De repente, abaixou as calças. Lituma voltou a escutar o riso de dona Adriana, as gargalhadas dos peões e viu, de novo, as nádegas todas encharcadas do cantineiro. Sentiu outra vez o nojo daquela noite. Que porcarias aconteceram depois, quando ele e Tomasito se retiraram? A cabeça com a mecha branca assentiu. O pauzinho se ergueu, desenhou meio círculo e apontou para a entrada da mina abandonada.

— Os três cadáveres estão nesse túnel?

Dionisio não confirmou nem negou. Sua mão gorducha voltou para a posição anterior e o pauzinho começou a raspar os pedregulhos de novo, com certa impaciência.

— Não o aconselharia a entrar lá para buscá-los — disse, de um jeito que Lituma sentiu mais como insidioso que gentil. — Essas socavas estão desimpedidas por milagre. O menor passo em falso provoca um desmoronamento. Além do mais, os túneis estão cheios de gases. Sim, ainda devem estar ali, nesse labirinto, se o *muki* não os comeu. Sabe quem ele é, não? O diabinho das minas, o vingador das montanhas exploradas pela cobiça dos humanos. Só mata mineiros. É melhor eu não lhe dizer mais nada, senhor cabo. No instante em que souber, é homem morto. Não duraria nem uma hora. Eu ia falar por dinheiro, sabendo que estava mandando o senhor para o matadouro. Estamos precisando de dinheiro para sair daqui. O senhor percebeu. O cerco está se fechando e a qualquer momento eles vão chegar. Depois do senhor e do seu adjunto, os segundos na lista somos eu e a minha mulher. Talvez os primeiros. Eles não odeiam só os milicos. Também detestam as pessoas que bebem e se divertem, que fazem os outros beberem e se divertirem. Os que brincam, apesar das desgraças. Nós também estamos condenados às pedradas. Precisamos ir embora. Mas com quê? É sorte que não tenha com que me comprar o segredo. Salvou a sua vida, senhor cabo!

Lituma apertou a guimba com o pé. Talvez o cantineiro tivesse razão, talvez ele ainda estivesse vivo graças à sua ignorância. Tentou imaginá-los em pedaços no fundo desses túneis úmidos e em trevas perenes, nesses passadiços com vapores explosivos e venenos sulfurosos. O que dona Adriana disse pode ser verdade. Talvez os tenham matado por causa de superstições da religião. O Sendero não jogava as pessoas em túneis, deixava os cadáveres à plena luz do dia, para que o mundo inteiro

ficasse sabendo. O cantineiro sabia direitinho tudo o que aconteceu. Quem teria feito uma coisa daquelas? E se lhe enfiasse o Smith Wesson na boca e lhe desse uma prensa? “Fale, senão vai fazer companhia a eles, no fundo do túnel.” É o que teria feito o tenente Silva, lá em Talara. Sentiu vontade de rir.

— Me conte a piada, cabo.

— Ri porque estou nervoso — explicou Lituma. — Não esqueça que conheci muito um desses três. Pedrito Tinoco nos ajudou a montar o posto e viveu conosco desde que o meu adjunto o trouxe para Naccos. Era uma pessoa que não fazia mal a ninguém.

Levantou-se e deu uns passos, respirando fundo. Como de outras vezes, sentiu a presença poderosa e opressiva das montanhas maciças, do céu profundo da serra. Tudo ia para o alto, aqui. Com todas as células do seu corpo, sentiu saudade dos desertos, das planícies sem fim de Piura, enfeitadas com alfarrobeiras, rebanhos de cabras e dunas brancas. O que está fazendo aqui, Lituma? E mais uma vez, como tantas outras nestes meses, teve a certeza de que não sairia vivo de Naccos. Ia terminar no fundo de um socavão, como aqueles três.

— Tentar esclarecer essa história é perda de tempo, senhor cabo — disse o cantineiro. Estava sentado na pedra lisa antes ocupada por Lituma. — O pessoal anda de cabeça quente com tudo o que está acontecendo. E, quando o pessoal fica assim, pode acontecer qualquer coisa.

— Vocês são muito crédulos, muito ingênuos — respondeu Lituma. — Engolem qualquer bobagem, como essas histórias de *pishtaco* e de *muki*, coisas em que ninguém acredita mais em nenhum lugar civilizado.

— Em compensação, os costeiros são muito sabidos, não é? — disse Dionisio.

— É muito fácil jogar a culpa desses desaparecimentos em Satanás, como faz a sua esposa.

— Pobre Satanás. — Dionisio riu. — Adriana só está seguindo a corrente. Sempre jogaram nele a culpa por tudo o que acontece de ruim, não é? Por que se assombra, então?

— Ora, o senhor não considera Satanás tão mau assim — observou Lituma, examinando-o.

— Se não fosse por ele, os homens não teriam aprendido a gozar a vida. — Dionisio desafiou-o com seus olhinhos sarcásticos. — Ou o senhor também é contra as pessoas fazerem farra, como esses fanáticos?

— Por mim, que todo mundo aproveite a vida e se divirta o tempo todo — respondeu Lituma. — É o que eu gostaria de fazer aqui. Mas não tenho com quem.

— O que está esperando para dar uma metidinha no seu adjunto. — Dionisio riu. — O garoto não está mal.

— Comigo não tem veadagem. — Lituma se irritou.

— É brincadeira, senhor cabo, não fique zangado — disse o cantineiro, levantando-se. — Bem, já que não há negócio, vou deixá-lo de mãos vazias. Melhor para o senhor, repito. É pior para mim. Sei que estou nas suas mãos. Se quiser contar esta conversa por aí, eu viro cadáver.

Falava sem a mais leve sombra de inquietação, como se não lhe coubesse a menor dúvida de que o cabo seria incapaz de delatá-lo.

— Nesta boca não entra mosca — disse Lituma. — Pena que não tenhamos feito o trato. Mas não depende de mim. Eu não existo, apesar de usar farda.

— Vou lhe dar um conselho — disse Dionisio. — Tome um bom porre e esqueça tudo isso. Quando os pensamentos desaparecem, a gente é feliz. Estou lá na cantina, à sua disposição. Até logo, senhor cabo.

Fez um vago gesto com a mão e se afastou, não pelo atalho que descia para o acampamento, mas contornando o socavão. Lituma tornou a sentar-se na pedra e, com as mãos suadas, acendeu o segundo cigarro da manhã. O que o cantineiro dissera revolteava na sua cabeça, como aqueles pássaros escuros que apareceram na direção dos picos nevados. Havia muitos aliados dos *terrucos* no acampamento, sem dúvida alguma. Por isso Dionisio estava assustado e queria partir, nem que fosse delatando por dinheiro alguns dos seus clientes. Será que aqueles três se negaram a cooperar com alguma coisa, com alguém, e por isso deram cabo deles lá embaixo? Se numa noite qualquer os *terrucos* incendiassem o posto e torrassem a ele e a seu adjunto, o comando daria os pêsames aos familiares e os citariam na ordem do dia. Triste consolo.

Dava tragadas seguidas no cigarro e seu humor pulava da cólera à desmoralização e à tristeza. Não, não podia ter sido o Sendero. Talvez alguma feitiçaria ou estupidez dos serranos. Levantou-se e deu uns passos até a boca meio obstruída pelas pedras. Estariam lá? Ou seria conversa de um beberão que queria ganhar uns soles de algum jeito, para fugir de Naccos? Ele e Tomasito teriam que meter as fuças ali para ver o que encontravam.

Jogou fora a ponta do cigarro e começou a descida. Carreño já devia estar preparando o café da manhã. Tomasito também tinha o seu mistério. Essa história de chorar à noite, de repente. Seria só por causa da piurana? Engraçado, aliás. O mundo vindo abaixo, execuções, desaparecimentos, diabos, *mukis*, *pishtacos*. É o guarda civil Tomás Carreño chorando porque uma mulherzinha o abandonou. Bem, foi a primeira que teve, a mulher que o desvirginou. E, pelo visto, a única que aquele inocentão tinha comido.

Naquela madrugada, como sempre fazia nos dias de viagem ou de excursão, a senhora d'Harcourt levantou-se ainda no escuro, segundos antes de ouvir o

despertador tocar. E com a mesma comichão de aventura com que, apesar de fazê-lo havia quase trinta anos, sempre saía para o campo, seja por trabalho ou por prazer (coisas que eram indiferenciáveis para ela). Vestiu-se depressa e, nas pontas dos pés para não acordar o marido, desceu à cozinha para fazer um café. Na véspera tinha deixado a mala de viagem preparada, junto à porta da rua. Quando estava enxaguando a xícara, Marcelo apareceu na porta da cozinha, de roupão e descalço, o cabelo despenteado, bocejando.

— Por mais que tente evitar, sempre faço barulho — desculpou-se ela. — Ou o subconsciente me traiu e quis acordar você?

— Dou qualquer coisa para que não vá a Huancavelica. — Ele voltou a bocejar. — Negociamos? Trouxe o talão de cheques.

— A lua e as estrelas, para começo de conversa. — Ela riu, dando-lhe uma xícara de café. — Não seja bobo, Marcelo. Lá em cima estou mais segura do que você aqui, indo para o escritório. As ruas de Lima são mais perigosas que os Andes, estatisticamente.

— Nunca acreditei em estatísticas. — Ele bocejou, espreguiçando. Ficou observando-a, vendo a ordem cuidadosa em que arrumava xícaras, pratos e colherinhas no armário. — Estas suas viagens vão me dar uma úlcera, Hortensia. Se não me matarem antes de infarto.

— Vou trazer um queijinho fresco da serra. — Afastou a mecha que caía na testa do marido. — Volte para a cama e sonhe comigo. Não vai acontecer nada de ruim, não seja bobo.

Nesse momento ouviram o jipe do Ministério em frente à porta da casa e a senhora d'Harcourt saiu apressada. Beijou o marido, repetindo uma vez mais que não havia motivo para se preocupar, e lembrou-lhe que mandasse para o Smithsonian um envelope com as fotografias do Parque Nacional de Yanaga-Chemillén. Marcelo foi até a porta e, nas despedidas, disse a Cañas a mesma coisa que das outras vezes:

— Traga-a de volta sã e salva, engenheiro.

As ruas de Lima estavam desertas e úmidas. O jipe chegou em poucos minutos à autopista central, onde o tráfego ainda estava bastante ralo.

— Sua esposa fica tão nervosa como o meu marido quando o senhor viaja, engenheiro? — perguntou a senhora d'Harcourt. As luzes de Lima foram ficando para trás, na claridade leitosa do amanhecer.

— Um pouquinho — assentiu o engenheiro. — Mas Mirta não é muito boa em geografia e não imagina que vamos para a boca do lobo.

— Nós vamos para a boca do lobo? — disse o motorista e o jipe deu um pulo. — Devia ter contado isto antes, engenheiro, e eu não viria. Não vou arriscar minha pele pela miséria que me pagam.

— Que nos pagam. — Cañas riu.

— Que pagam a vocês — arrematou a senhora d’Harcourt. — Eu é que não ganho um centavo. Faço tudo por amor à arte.

— Bem que a senhora gosta. Até pagaria para fazer estas coisas.

— Bem, sim, é pura verdade — admitiu ela. — Isto preencheu a minha vida. Deve ser porque as plantas e os animais nunca me decepcionaram. Os seres humanos, em compensação, algumas vezes. E o senhor também gosta, engenheiro. Não continuaria trabalhando no Ministério se não fosse por uma razão mais séria que esse salário.

— A culpa é sua. Foi lendo seus artigos no *El Comercio*, já lhe disse. A senhora abriu o meu apetite, a vontade de viajar pelo Peru, de conhecer as maravilhas que descrevia. A culpa é sua por eu ter decidido estudar agronomia e, também, por ter acabado no Departamento Florestal. Não sente remorsos?

— Trinta anos fazendo proselitismo e agora tenho um discípulo — aplaudiu a senhora d’Harcourt. — Já posso morrer sossegada.

— Tem muitos — afirmou o engenheiro Cañas, com convicção. — A senhora nos revelou a terra privilegiada que temos. E como a tratamos mal. Não acredito que haja um peruano que conheça este país tão de perto como a senhora.

— Já que estamos rasgando seda, vou lhe devolver os confetes — disse a senhora d’Harcourt. — Com o senhor no Ministério, minha vida mudou. Finalmente alguém que entende de meio ambiente, que briga com os burocratas. Não é discurso, engenheiro. Graças ao senhor, já não me sinto órfã, como antes.

À altura de Matucana apareceram, entre os morros, sintomas de sol. Era uma manhã seca e fria, e durante o resto do trajeto, enquanto cruzavam as montanhas gélidas de La Oroya e o clima temperado do vale de Jauja, o engenheiro e a senhora d’Harcourt planejaram maneiras de conseguir novos patrocinadores para o projeto de reflorestamento das serras de Huancavelica, auspiciado pela FAO e pela Holanda, cujos primeiros resultados iam verificar. Era uma vitória que ambos haviam comemorado em um *chifa* de San Isidro, poucos meses antes. Quase quatro anos de ofícios, memorandos, conferências, artigos, cartas, iniciativas, recomendações. Até que conseguiram. A coisa estava em andamento. Em vez de confinar-se no pastoreio e em cultivos de subsistência, as comunidades começavam a trabalhar com árvores. Se os recursos continuassem chegando, em alguns anos, frondosos bosques de *queñua* dariam sombra outra vez a essas cavernas cheias de inscrições mágicas e desenhos, mensagens dos remotos ancestrais que, quando a paz fosse restabelecida, arqueólogos de todo o mundo poderiam decifrar. Era preciso que mais países e fundações dessem dinheiro. Faziam falta instrutores que ensinassem os camponeses a usar bosta de animais em vez da lenha para cozinhar e se aquecer; uma estação experimental; construir pelo menos dez viveiros mais. Enfim...

Embora a senhora d'Harcourt fosse uma mulher prática, às vezes se deixava levar pela imaginação e recompunha de acordo com seus desejos uma realidade que, no entanto, conhecia perfeitamente, pois passara a metade da vida lutando contra ela.

Chegaram a Huancayo pouco depois do meio-dia e pararam para comer um sanduíche, depressa, e para que o motorista enchesse o tanque e verificasse o motor e os pneus do jipe. Entraram num restaurante, numa esquina da praça.

— Quase convenci o embaixador da Espanha a vir — contou a senhora d'Harcourt ao engenheiro. — Não pôde porque chegou de Madri uma delegação de não sei o quê. Mas me prometeu que virá da próxima vez. E que vai fazer contatos, para ver se o governo espanhol nos ajuda. A ecologia também está na moda lá, parece.

— Como eu gostaria de conhecer a Europa — disse o engenheiro Cañas. — O avô da minha mãe era da Galícia. Devo ter parentes lá.

Na segunda parte do trajeto quase não puderam conversar, por causa dos solavancos e das sacudidas do jipe na estrada destruída. Os buracos e desmoronamentos entre Acostambo e Izcuchaca eram tantos que estiveram a ponto de voltar; apesar de estarem bem presos no assento e no teto, os buracos os jogavam um contra o outro e ameaçavam expeli-los do veículo. O motorista se divertia: “Cuidado embaixo!”, “Touro bravo à vista!”, ia cantando. Quando chegaram a Huancavelica já era noite. Fazia frio e puseram suéteres, luvas de lã e cachecóis.

No Hotel de Turistas esperava-os o prefeito, que havia recebido instruções de Lima. Esperou que tomassem banho e convidou-os para jantar, no próprio hotel. Também compareceram os dois técnicos do Ministério que iriam acompanhá-los. E ali se apresentou o comandante da guarnição, um homem baixinho e cordial. Cumprimentou militarmente e estendeu a mão.

— É uma grande honra receber uma pessoa tão importante, minha senhora — disse, tirando a boina. — Sempre leio a sua página no *El Comercio*. E li o seu livro sobre o Callejón de Huaylas. Que pena não tê-lo aqui comigo, poderia me dar um autógrafo.

Anunciou que a patrulha estava pronta; poderiam iniciar o trajeto às sete da manhã.

— Uma patrulha? — A senhora d'Harcourt interrogou o engenheiro Cañas com os olhos.

— Eu lhe expliquei que não queríamos escolta — disse ele ao prefeito.

— E eu informei ao comandante — respondeu o prefeito, erguendo os ombros. — Mas onde manda capitão, não manda marinheiro. Isto aqui é zona de emergência, está sob autoridade militar.

— Sinto muito, minha senhora, mas não posso permitir que se embrenhem por aí desprotegidos — advertiu o comandante. Era um homem jovem, com um

bigodinho bem-aparado, e se esforçava para ser gentil. — A região é perigosa, os subversivos a chamam de “território liberado”. É muita responsabilidade para mim. Garanto que a patrulha não vai interferir em nada.

A senhora d’Harcourt suspirou e trocou um olhar abatido com o engenheiro Cañas. Teria que explicar tudo ao comandante, como havia explicado, desde que a violência começou a encher estas serranias de mortos, de medo e de fantasmas, a prefeitos, subprefeitos, capitães, majores, comandantes, guardas civis, guardas republicanos e soldados rasos.

— Não somos políticos nem temos nada a ver com política, comandante. Nossa preocupação é a natureza, o meio ambiente, os animais, as plantas. Não servimos a este governo, e sim ao Peru. A todos os peruanos. Aos militares e também a esses cabeças ocas. Não percebe? Se eles nos virem rodeados de soldados, vão ter uma ideia falsa do que somos, do que fazemos. Agradeço a sua intenção. Não precisamos que nos protejam, acredite. Nossa melhor proteção é ir sozinhos, mostrando que não temos nada a esconder.

O comandante não queria dar o braço a torcer. Já tinha sido bastante temerário percorrer por terra o trecho entre Huancayo a Huancavelica, onde houvera dezenas de assaltos e atentados. Insistia, desculpando-se. Podia parecer impertinente, mas era sua obrigação e não queria ser repreendido mais tarde.

— Nós assinamos um papel isentando o senhor de qualquer responsabilidade — propôs o engenheiro Cañas. — Não leve a mal, comandante. Mas, para o nosso trabalho, eles não devem nos identificar com vocês.

A discussão só parou quando a senhora d’Harcourt disse que, se o oficial insistisse, ela suspenderia a expedição. O comandante redigiu um documento e fez o prefeito e os dois técnicos assinarem, como testemunhas.

— Que cabeça dura — reconciliou-se com ele a senhora d’Harcourt ao lhe dar boa-noite. — De qualquer forma, obrigada por sua gentileza. Escreva aqui seu endereço, eu lhe mando um livrinho meu que vai sair, sobre o Vale do Colca. Com umas fotos lindas, o senhor vai ver.

Na manhã seguinte, a senhora d’Harcourt foi à missa na igreja de San Sebastián, cujos majestosos arcos coloniais e velhíssimos retábulos com arcanjos remelentos ela ficou contemplando um bom tempo. Saíram em dois carros, o jipe e um velho Ford negro no qual iam os técnicos e o prefeito. No caminho das minas de Santa Bárbara cruzaram com uma patrulha de soldados; estavam com as baionetas dos fuzis caladas e pareciam prontos para atirar. Poucos quilômetros adiante, a estrada se transformou numa trilha irregular e o jipe, tentando não deixar o Ford muito para trás, reduziu a velocidade.

Ficaram duas horas subindo e descendo por uma paisagem semideserta, uma sucessão de montanhas peladas em cujas encostas, como uma nota de vida e de cor,

surgiam às vezes punhados de cabanas e roçados de batata, cevada, fava, inhame e *mashua*. Perderam de vista o Ford.

— Na última vez que estive aqui não havia tantas faixas nem bandeiras vermelhas — comentou o engenheiro Cañas. — Deve ser verdade o que disse o comandante. Parece que controlam mesmo a região.

— Desde que isso não prejudique o reflorestamento — disse a senhora d’Harcourt. — Só faltaria essa. Quatro anos para o projeto sair, e quando sai...

— Vejam bem, até agora não me meti na conversa — interveio o motorista. — Mas, se tivessem me perguntado, eu me sentiria mais tranquilo com aquela escolta.

— Eles iriam nos considerar seus inimigos — disse a senhora d’Harcourt. — E não somos inimigos de ninguém. Nós trabalhamos para eles, também. Não entende?

— Eu entendo, senhora — grunhiu o homem. — Espero que eles também. Não viu na televisão as barbaridades que fazem?

— Nunca vejo televisão — respondeu a senhora d’Harcourt. — Deve ser por isso que me sinto tão tranquila.

Ao entardecer chegaram à comunidade de Huayllarajcra, onde ficava um dos viveiros. Os camponeses iam até lá buscar as mudas de *queñua* para replantá-las em volta dos seus roçados e à beira de lagoas e riachos. O centro da comunidade, com sua pequena igreja de telhas e sua torrezinha mocha, sua escolinha de barro e sua praça de pedras rombudas, estava semideserto. Mas o prefeito e os vereadores de Huayllarajcra, empunhando seus bastões de comando, os levaram para percorrer o viveiro, que havia sido construído em trabalho comunitário. Pareciam entusiasmados com o programa de reflorestamento. Diziam que, até então, todos os camponeses viviam nas altitudes, muito afastados uns dos outros, mas que, se os planos de se agruparem se tornassem realidade, teriam luz e água potável. Na claridade cadente podia-se abarcar com a vista uma ampla extensão, com manchas de roçados e um terreno que endurecia e se elevava até se perder entre as nuvens. O engenheiro Cañas respirou fundo, abrindo os braços.

— Esta paisagem me tira as neuroses de Lima! — exclamou, excitado, apontando. — E com a senhora, não é a mesma coisa? Deveríamos ter trazido uma garrafinha de qualquer coisa, para o frio.

— Sabe quando vi este espetáculo pela primeira vez? Há vinte e cinco anos. Daí mesmo, onde o senhor está. Maravilhoso, não é?

Ao lado do viveiro havia um rancho que fornecia comida. O engenheiro e a senhora d’Harcourt haviam se alojado ali outras vezes, e também agora ficariam lá. Mas a família de antes se reduzira a uma anciã, que não soube explicar para onde nem por que seus parentes tinham partido. O barraco estava vazio, com exceção de um pequeno catre. A mulher se manteve muda e atarefada, alimentando o fogão,

mexendo a panela e dando-lhes as costas. O prefeito e os vereadores voltaram para suas casas. Ficaram sozinhos no centro comunitário. Os dois guardas do viveiro se trancaram no seu casebre, passando um trinco. O curralzinho de bambu, que a senhora d'Harcourt recordava cheio de carneiros e galinhas, estava vazio e as estacas, arrancadas. Entre os montes de palha do teto, no alto de um pau, ondulava uma flanela vermelha descosturada.

Quando o Ford com o prefeito e os técnicos chegou a Huayllarajcra, as estrelas brilhavam num céu retinto. O engenheiro e a senhora d'Harcourt estavam abrindo as malas. Num canto do barraco tinham instalado seus sacos de dormir, inflado as almofadinhas de borracha e, num fogareiro portátil, esquentavam café.

— Pensamos que tivessem sofrido um acidente, talvez — cumprimentou o engenheiro Cañas. — Já ia sair para procurá-los.

Mas o prefeito era outra pessoa; o homenzinho serviçal e bonachão de Huancavelica estava soltando faíscas. Tinham furado um pneu, de fato, mas não era isso o que o deixava frenético.

— Temos que voltar imediatamente — ordenou, enquanto descia. — Não podemos passar a noite aqui, de maneira alguma.

— Tome um café, com uma bolacha, e admire o panorama — o engenheiro o acalmou. — Este espetáculo não se vê em nenhum outro lugar do mundo. Não se irrite, homem.

— Não percebeu? — O prefeito levantou a voz: seu queixo tremia, ele abria e fechava os olhos como se tivesse perdido a visão. — Não viu as pichações, as palavras de ordem por todo o caminho? Não há uma bandeira vermelha sobre as nossas cabeças? O comandante tinha razão. É uma temeridade. Não podemos nos expor assim. E a senhora muito menos.

— Viemos fazer um trabalho que não tem nada a ver com política — ela tentou apaziguá-lo. — Mas, se o senhor se sente inseguro, pode voltar para a cidade.

— Não sou nenhum covarde. — O prefeito falava com uma voz diferente, às vezes lhe saía esganiçada. — É uma imprudência. Nós estamos em perigo. Não podemos passar a noite aqui. Nem eu, nem os técnicos, nem o engenheiro. Ouça o que estou lhe dizendo, vamos voltar. Retornamos com a patrulha. Não exponha as pessoas dessa maneira, senhora.

O engenheiro Cañas virou-se para os dois técnicos. Ambos ouviam a discussão, calados.

— Vocês também querem ir embora?

Eram bastante jovens e usavam roupa muito humilde. Pareciam estar constrangidos. Entroalharam-se, sem dizer nada.

— Não se sintam forçados, por favor — interveio a senhora d'Harcourt. — Se preferirem voltar, podem fazê-lo.

— O senhor fica, engenheiro? — perguntou por fim um deles, com sotaque nortista.

— Sem sombra de dúvida — disse este. — Foi uma longa briga até conseguirmos formalizar este projeto, conseguir dinheiro da FAO, da Holanda. Não vou dar para trás quando começa a funcionar.

— Então, fico — disse o técnico que fizera a pergunta. — E seja o que Deus quiser.

— Sinto muito, mas eu vou embora — anunciou o prefeito. — Tenho um cargo político. Se eles vierem, não me responsabilizo. Vou pedir ao comandante para mandar-lhes a patrulha.

— De maneira alguma — respondeu ela, dando-lhe a mão. — Pode ir. A gente se vê em Huancavelica, dentro de alguns dias. Boa viagem de volta. E não se preocupe conosco, lá em cima tem alguém que nos protege melhor que qualquer patrulha.

Descarregaram os cobertores e a bagagem dos técnicos e viram o Ford se afastar, na escuridão.

— Voltar sozinho a esta hora e por estes caminhos é uma loucura — murmurou um dos técnicos.

Trabalharam em silêncio durante algum tempo, preparando-se para passar a noite na pequena construção. Depois de servir uma sopa muito picante, com pedaços de mandioca, a anciã se deitou no seu catre. Eles dispuseram os sacos de dormir e os cobertores um ao lado do outro e depois acenderam uma fogueira, sentados em volta da qual viram as estrelas cintilarem e se multiplicarem. Havia sanduíches de presunto, de frango e de abacate, e a senhora d'Harcourt distribuiu, de sobremesa, barrinhas de chocolate. Comeram devagar, conversando. Falaram do itinerário do dia seguinte, das famílias que estavam em Lima, e o técnico nortista, que era de Pacasmayo, da sua noiva *trujillana*: no ano passado ela conquistara o segundo prêmio no Concurso da Marinheira. Depois, a conversa se centrou em como eram incontáveis, como eram fulgurantes as estrelas quando se contempla a noite nesses picos dos Andes. De repente, a senhora d'Harcourt mudou o rumo da conversa:

— Faz trinta anos que viajo pelo Peru e, para dizer a verdade, nunca me passou pela cabeça que um dia poderiam acontecer coisas assim.

O engenheiro, os técnicos e o motorista permaneceram calados, refletindo sobre essas palavras. Depois, foram dormir, vestidos.

Eles chegaram ao amanhecer, quando os expedicionários estavam se levantando. Eram uns cinquenta homens, mulheres, muitos jovens, algumas crianças, a maioria camponeses, mas também mestiços da cidade, com casacos, ponchos, tênis ou sandálias, calças jeans e pulôveres com umas figuras toscas bordadas no estilo usado nos *huacos* pré-hispânicos. Cobriam a cabeça com *chullos*, boinas ou chapéus, e

alguns escondiam o rosto com toucas passa-montanhas. Estavam pobremente armados, só três ou quatro com Kalashnikovs; os outros, com espingardas, revólveres, carabinas de caça ou simples facões e porretes. A velha cozinheira tinha desaparecido.

— Não precisam apontar — disse a senhora d'Harcourt, adiantando-se. — Não estamos armados e não vamos fugir. Posso falar com o chefe? Para explicar o que estamos fazendo aqui.

Ninguém respondeu. Não se ouviu qualquer ordem, mas todos pareciam bem orientados, pois, separando-se do agrupamento, grupos de dois ou três rodearam cada um dos cinco e os revistaram minuciosamente, tirando tudo o que tinham nos bolsos. Amarraram suas mãos às costas com pedaços de corda ou uma tripa de animal.

— Não somos seus inimigos, não somos políticos, não trabalhamos para o governo, trabalhamos para os peruanos — dizia a senhora d'Harcourt, estendendo as mãos para facilitar o trabalho dos seus captores. — Nossa tarefa é defender o meio ambiente, os recursos naturais. Não deixar que a natureza seja destruída, para que no futuro haja comida e trabalho para todas as crianças da serra.

— A senhora d'Harcourt escreveu muitos livros sobre as nossas plantas, os nossos animais — explicava o engenheiro Cañas. — É uma idealista. Como vocês, ela quer uma vida melhor para os camponeses. Graças a ela, esta região vai ficar cheia de árvores. É uma grande coisa para os moradores, para Huancavelica. Para vocês e para os filhos de vocês. É bom para todos, sejam quais forem as ideias políticas.

Deixavam-nos falar, não interrompiam, mas não prestavam a menor atenção. Mobilizaram-se, deslocando sentinelas para distintos pontos de onde se podiam observar o caminho de chegada e a trilha que subia para os picos nevados. Era uma manhã fria e seca, com céu claro e ar cortante. As altas muralhas dos morros pareciam reverdecidas.

— Nossa luta é semelhante à de vocês — dizia a senhora d'Harcourt, com a voz tranquila e uma expressão que não demonstrava o menor alarme. — Não nos tratem como inimigos, pois não somos.

— Podemos falar com o chefe? — perguntava, de vez em quando, o engenheiro Cañas. — Ou com qualquer responsável? Deixem-me explicar a ele.

Após um bom tempo, um grupo deles entrou no barraco e os que ficaram de fora começaram a mandar entrar, um depois do outro, os expedicionários. Interrogavam-nos em alta voz. Os de fora podiam acompanhar pedaços do diálogo. Eram interrogatórios lentos e repetitivos; aos dados pessoais se misturavam considerações políticas e, às vezes, averiguações sobre pessoas e assuntos estranhos. Chamaram primeiro o motorista, depois os técnicos, depois o engenheiro Cañas. Quando este saiu, já estava entardecendo. A senhora d'Harcourt pensou, surpresa,

que estava havia dez horas ali, em pé, sem comer nem beber nada. Mas não tinha fome nem sede, nem se sentia cansada. Pensava no seu marido, com mais pena dele que de si mesma. Viu sair o engenheiro Cañas. Estava com uma expressão diferente, como se houvesse perdido a segurança que desmonstrara durante o dia, quando tentava falar com eles.

— Ouvem, mas não escutam nem querem saber o que estão lhes dizendo — ouviu-o murmurar, quando cruzou com ele. — Parecem de outro planeta.

Dentro do barraco, fizeram-na sentar no chão, na mesma postura que os três homens e a mulher. A senhora d'Harcourt dirigiu-se ao que usava um casaco de couro com um cachecol no pescoço, um homem jovem, de barba grande e olhos pardos, frios e diretos. Contou sua vida, com bastantes detalhes, desde o seu nascimento, em breve seriam sessenta anos, naquele remoto país báltico que não conhecia e cuja língua não falava, passando por sua infância transumante na Europa e na América, e seus estudos saltados, trocando de colégios, de idiomas, de países. Até sua chegada ao Peru, antes de completar vinte anos, recém-casada com um jovem diplomata. Falou do seu amor à primeira vista pelos peruanos e, sobretudo, seu deslumbramento com os desertos, as selvas, as montanhas, as árvores, os animais, as neves deste país que agora também era dela. Não só porque era o que o seu passaporte dizia — a nacionalidade lhe fora dada por Marcelo, seu segundo marido —, mas porque ela havia conquistado o direito de se chamar de peruana, de tanto percorrer e estudar e divulgar a beleza deste país em artigos, conferências, livros, e havia tantos anos. Continuaria fazendo isso até o fim dos seus dias, porque era o que dava sentido à sua vida. Entendiam que não era inimiga deles?

Ouviram tudo sem interromper, mas sem que seus rostos denotassem o menor interesse. Só quando se calou, depois de explicar como fora difícil para ela e para esse jovem generoso e abnegado, o engenheiro Cañas, levar a cabo o reflorestamento de Huancavelica, começaram a lhe fazer perguntas. Sem agressividade nem antipatia, com fórmulas secas, mecânicas e vozes neutras, de rotina, como se, pensava a senhora d'Harcourt, todas essas perguntas fossem uma formalidade inútil, pois eles já tinham as respostas. Perguntaram-lhe desde quando fazia relatórios para a polícia, o Exército, o Serviço de Inteligência, e sobre suas viagens e percursos. Ela deu todas as informações. O Instituto Geográfico Militar lhe pediu que assessorasse a Comissão Permanente que refazia e aperfeiçoava o Atlas, e esta tinha sido sua única vinculação com as Forças Armadas, exceto uma ou outra conferência na Escola Militar, na Naval ou no Centro de Altos Estudos Militares. Eles queriam saber dos seus contatos com governos estrangeiros, a quais ela servia, quais lhe mandavam instruções. Explicou que não se tratava de governos e sim de institutos científicos, o Smithsonian de Washington, o Museu do Homem em Paris, o Museu Britânico de Londres, e algumas fundações ou centros ecologistas, que às vezes conseguiam

recursos para pequenos projetos (“uma miséria, quase sempre”). Mas, enquanto falava, retificava, especificava, e, por mais que em suas respostas sempre grifasse que nenhum dos seus contatos era político, que todas essas vinculações, relações, eram científicas, apenas científicas, as expressões e os olhares dos seus interrogadores lhe davam a certeza de um mal-entendido insuperável, de uma incomunicação mais profunda do que se ela falasse chinês e eles, espanhol.

Quando aquilo parecia chegar ao fim — estava com a boca seca e a garganta ardendo — a senhora d’Harcourt sentiu-se muito cansada.

— Vão me matar? — perguntou, sentindo que, pela primeira vez, sua voz se quebrava.

O rapaz de casaco de couro olhou em seus olhos, sem piscar.

— Isto é uma guerra, e a senhora é um peão do inimigo de classe — explicou, olhando-a com seu olhar branco, monologando com sua voz sem matizes. — Não se dá conta de que é um instrumento do imperialismo e do Estado burguês. E ainda por cima se dá ao luxo de ter boa consciência, de sentir-se a grande samaritana do Peru. Seu caso é típico.

— Pode explicar melhor? — disse ela. — Não entendo, sinceramente. Sou um caso típico de quê?

— Do intelectual que trai seu povo — disse o homem, com a mesma serena, gélida segurança. — Que serve ao poder burguês, à classe dominante. O que a senhora faz não tem nada a ver com o meio ambiente. Tem a ver com a sua classe e com o poder. A senhora vem com esses funcionários, os jornais fazem propaganda e o governo ganha uma batalha. Quem dizia que isto aqui era um território liberado? Que nesta área já estava instalado um pedaço da República da Nova Democracia? Mentira. Aqui está a prova. Vejam as fotografias. Reina a paz burguesa nos Andes. A senhora também não sabe, mas aqui está nascendo um novo país. Com muito sangue e muita dor. Contra inimigos tão poderosos não podemos ter contemplações.

— Posso pelo menos interceder pelo engenheiro Cañas? — balbuciou a senhora d’Harcourt. — É um jovem, talvez da mesma geração que o senhor. Nunca conheci um peruano tão idealista, que trabalhe com tanta...

— A sessão terminou — disse o jovem de casaco, levantando-se.

Quando saíram, o sol caía atrás dos morros e o viveiro de plantas começava a desaparecer numa grande fogueira cujas labaredas aqueciam a atmosfera. Suas bochechas arderam. A senhora d’Harcourt viu que o motorista estava subindo no jipe. Pouco depois partia, pelo caminho de Huancavelica.

— Pelo menos ele se salvou — disse, ao seu lado, o engenheiro Cañas. — Fico contente, porque o caboclo é um bom sujeito.

— Sinto muito, engenheiro — murmurou ela. — Eu me sinto tão culpada em relação ao senhor. Não sei como lhe pedir...

— Para mim é uma grande honra, senhora d’Harcourt — disse ele, sem que sua voz desfalecesse. — Estar ao seu lado neste momento, quero dizer. Os dois técnicos foram levados para lá e, como são de menor hierarquia, vão levar um tiro na cabeça. A senhora e eu, ao contrário, somos privilegiados. Acabaram de me explicar isso. Uma questão de símbolos, ao que parece. A senhora é religiosa, não é? Reze por mim, por favor, eu não sou. Podemos nos aproximar? Resistirei melhor se puder segurar sua mão. Vamos tentar? Venha, senhora.

— E o que é que você dizia no sonho, Tomasito? — perguntou Lituma.

Quando o rapaz abriu os olhos, assustado, o sol já brilhava no quarto e este parecia mais apertado e decadente que na noite anterior. Mercedes, já penteada e vestida, olhava para ele numa ponta da cama com olhinhos inquisidores. Em seu rosto flutuava um sorrisinho zombeteiro.

— Que horas são? — perguntou ele, espreguiçando-se.

— Há horas que estou observando você dormir. — Mercedes abriu a boca e riu.

— Ora, ora — disse o moço, incomodado. — Ainda bem que amanheceu de bom humor, hoje.

— É que não fiquei só vendo você dormir, fiquei também ouvindo.

— No rosto moreno de Mercedes cintilavam uns dentes brancos de ratinho, meu cabo.

— Você não parava de falar. Pensei que só estava fingindo que dormia. Mas me aproximei e tinha apagado.

— E que diabos estava dizendo no sonho, Tomasito? — insistiu Lituma.

— Eu estava num assanhamento que nem dá para imaginar, meu cabo.

— Que rápido você aprendeu, que rápido se atualizou. — Mercedes deu outra gargalhada, e ele, para disfarçar seu estado de confusão, inventou um bocejo comprido. — Continuava me dizendo as coisas bonitas de ontem à noite.

— Era a hora da conquista — comentou Lituma, divertido.

— Bem, dormindo se diz qualquer coisa — defendeu-se Carreño.

Mercedes ficou séria e olhou-o direto nos olhos. Esticou a mão na sua direção, os dedos mergulharam em seus cabelos e Tomás sentiu que os alisava, como na véspera.

— Você realmente sente por mim o que me disse a noite toda? O que continuou me dizendo enquanto dormia?

— Tinha uma maneira tão franca de falar de coisas íntimas que eu nunca vi igual — murmurou Tomás, comovido. — Eu estava muito chocado, meu cabo.

— Para você aquilo era como açúcar e caramelo, espertinho — corrigiu-o

Lituma. — Minha conterrânea já tinha virado a sua cabeça.

— Ou só estava com vontade, e agora que se satisfiz não me quer mais? — continuou Mercedes, comendo-o com os olhos.

— Essa história de falar, à luz do dia, coisas que só se dizem na escuridão e no ouvido do outro não me convence, meu cabo. Quase me irritei, sabe. Mas, quando ela começou a me despentear, esqueci.

— Sei que você não gosta que eu fale dessas coisas — disse Mercedes, outra vez séria. — Mas não entendo como é possível que, só tendo me visto duas vezes e sem ter falado duas palavras comigo, você se apaixone desse jeito. Nunca tinham ficado horas e horas dizendo essas coisas no meu ouvido, mesmo depois de gozar. Nunca tinham se ajoelhado para beijar os meus pés, como você.

— Você se ajoelhava e beijava? — assombrou-se Lituma. — Isso não era mais amor, era adoração religiosa.

— Meu rosto está queimando e não sei onde me esconder, amorzinho — brincou o rapaz.

Procurou a toalha que se lembrava de ter deixado ao pé da cama na noite anterior. Estava no chão. Apanhou-a, cobriu a cintura e se levantou. Ao passar ao lado de Mercedes, inclinou-se para beijá-la. Com a boca em seu cabelo, murmurou:

— Eu disse o que sentia. São esses os meus sentimentos por você.

— Paixão pura. — Lituma ficou animado. — Foram para a cama outra vez?

— Estou menstruada, não se excite — disse Mercedes.

— Vou custar a me acostumar com sua maneira de dizer as coisas — soltou Carreño, rindo. — Será que me acostumo algum dia, ou vou ter que mudar você?

Ela deu-lhe um tapinha no peito.

— Vá se vestir, para tomar café da manhã. Não lhe deu fome tudo o que fez esta noite?

— Uma vez fui para a cama com uma puta que estava menstruada, na Casa Verde de Piura — recordou Lituma. — Pela metade do preço. Os inconquistáveis me deixavam maluco dizendo que ia pegar sífilis.

Carreño saiu para o corredor às gargalhadas. Não havia água no chuveiro nem na pia, mas tinham deixado uma bacia e pôde tomar um banho de gato. Vestiu-se e desceram para o restaurante. Agora as mesas estavam ocupadas e muitos rostos se viraram para examiná-los. As pessoas estavam almoçando, já era mais de meio-dia. Sentaram-se na única mesa livre. O rapazinho que servia avisou que era tarde para o café da manhã. Decidiram seguir viagem. Pagaram a noite e a gerente informou que os terminais dos ônibus e outros coletivos ficavam na Praça de Armas. Antes de ir para lá, passaram em uma farmácia em busca de absorventes para Mercedes. E no mercado compraram uns suéteres de alpaca, para o frio da Cordilheira.

— Ainda bem que o Chancho tinha me adiantado o pagamento — disse

Tomás. — Já imaginou se estivéssemos sem um tostão no bolso?

— Esse traficante não tinha nome? — perguntou Lituma. — Por que você sempre o chama de sujeito, Chanchó, chefe?

— Ninguém sabia como se chamava, meu cabo. Nem meu padrinho, acho.

Comeram uns sanduíches de queijo fundido num bar e foram pedir informações. Decidiram tomar um ônibus que saía às cinco da tarde e chegava à capital ao meio-dia seguinte. De noite, a vigilância seria menor nos postos de controle da estrada. Era só uma da tarde. Ficaram um tempo na Praça de Armas, onde, à sombra das grandes árvores, sentia-se menos o calor. Carreño foi engraxar os sapatos. Na grande praça havia enxames de engraxates, vendedores, fotógrafos ambulantes e vagabundos que tomavam sol ou dormiam nos bancos. E um tráfego intenso, de caminhões carregados de frutas chegando da selva ou partindo para a serra e a costa.

— E agora, o que vai acontecer quando chegarmos a Lima? — perguntou Mercedes.

— Vamos morar juntos.

— Então você já decidiu, sozinho.

— Bem, se você quiser, nós nos casamos.

— Isto é o que eu chamo de ir rápido — interrompeu Lituma. — Era a sério, a oferta de casar-se?

— Na igreja, com véu e vestido branco? — perguntou Mercedes, intrigada.

— Como você preferir. Se tiver família em Piura, vou lá fazer o pedido, com a minha mãe. Porque pai não tenho. Tudo o que você quiser, amorzinho.

— Às vezes me dá inveja — suspirou Lituma. — Deve ser maravilhoso ficar apaixonado assim.

— Estou vendo que é mesmo verdade. — Mercedes apertou-se contra ele e o rapaz passou o braço por seus ombros. — Está caidinho por mim, Carreñito.

— Mais do que você imagina — sussurrou ele em seu ouvido. — Mataria mil Chanchos mais se fosse preciso. Vamos sair desta encrenca, você vai ver. Lima é muito grande. Se chegarmos lá, não nos pegam mais. O que me preocupa é outra coisa. Já sabe o que eu sinto por você. Mas e você? Está apaixonada por mim? Só um pouquinho?

— Não, não estou — disse Mercedes, no ato. — Lamento decepcionar você, mas não posso dizer o que não sinto.

— E começou a dizer que não gostava de mentir — entristeceu-se Tomasito —, que ela não era dessas que se apaixonam a dois por três. Estávamos nisso quando o gordo Iscariote caiu do céu.

— Você ficou maluco? O que está fazendo aqui? Acha que é hora de saliência em público com a amante do sujeito que acabou de despachar, seu...?

— Calma, calma, gordo — dizia Carreño.

— Ele tinha toda a razão — reconheceu Lituma. — Deviam estar sendo procurados em Tingo María, em Lima, por toda parte. E você tomando banho em água rica.

— A vida só se vive uma vez e é preciso viver a vida, meu cabo — disse Tomás. — Eu estava vivendo a mil desde a noite anterior, junto com o meu amorzinho. Que me importava o Chanchó, ou que estivessem atrás de mim, ou que me prendessem? Quem ia me tirar aquela felicidade?

O gordo Iscariote estava com os olhos desorbitados e, na sua mão, um cesto de pamonhas balançava com fúria.

— Você não pode ser tão inconsciente, Carreño.

— Tem razão, gordo. Não fique assim. Quer que lhe diga uma coisa? Estou muito contente por ver você. Achei que nunca mais o veria.

Iscariote estava de gravata e paletó, mas a camisa apertava; pela maneira como sacudia o pescoço, parecia empenhado em livrar-se dela. Sua cara inchada, com brilhos de suor, tinha pontinhos de barba nascendo. Olhou em volta, alarmado. Os engraxates o observavam com curiosidade e um vagabundo, deitado num banco e chupando um limão, esticou a mão pedindo-lhe esmola. O gordo deixou-se cair no banco, ao lado de Mercedes. Mas imediatamente se levantou, como se tivesse recebido uma descarga elétrica.

— Todo mundo nos vê. — Apontou para o Hotel de Turistas. — É melhor lá, no quarto 27. Podem subir sem perguntar. Eu descí um instantinho para comprar pamonha.

Saiu aos trancos, sem olhar para trás. Eles esperaram alguns minutos e, dando uma volta pelo contorno da praça, o seguiram. No Hotel de Turistas, uma mulher que estava lavando o vestíbulo mostrou-lhes a escada. A porta do quarto 27 ficava bem ao lado e Carreño, depois de bater com os nós dos dedos, abriu-a.

— Era gordo, comia feito um animal e protegia o traficante — concluiu Lituma. — Foi tudo o que você me contou sobre Iscariote.

— Estava integrado na polícia de alguma forma — disse o adjunto. — Quem me apresentou o gordo foi meu padrinho, e nunca soube muito da vida dele. Mas também não trabalhava com o Chanchó o tempo todo. Era por serviço prestado, igual a mim.

— Feche com a chave — ordenou o gordo, sem parar de mastigar.

Havia tirado o paletó e estava sentado na cama, com o cestinho entre as pernas, comendo as pamonhas com as mãos. Amarrara o lenço no pescoço, à guisa de guardanapo. Tomás sentou-se ao seu lado e Mercedes foi para a única cadeira do quarto. Pela janela apareciam as copas cheias de folhas das árvores da praça e o velho coreto, com a balastrada desbotada. Sem dizer uma palavra, Iscariote ofereceu a

cesta, onde ainda restavam duas pamonhas. Eles recusaram.

— Antes faziam melhor — disse o gordo, enchendo a boca com meia pamonha. — Pode-se saber o que está fazendo em Huánuco, Carreñito?

— Nós vamos viajar esta tarde, gordo. — Tomás deu-lhe um tapa no joelho. — Não estão muito boas, mas bem que você come direitinho.

— O nervosismo me dá fome. Encontrar você na praça me deixou de cabelo em pé. Bem, na verdade, tudo me dá fome.

Tinha terminado de comer. Levantou-se, foi apanhar um maço de cigarros no paletó. Acendeu um.

— Falei pelo telefone com o meu contato, aquele que chamam de Mameluco — disse, soltando círculos de fumaça. — Soltei-lhe a bomba. Que tinham baleado o chefe e que você e a mulher sumiram. Ele teve um ataque. E qual acha que foi sua reação? “Então o cara se vendeu para os colombianos. E a puta também, na certa.” — Iscariote estava com uma expressão meio risonha e, de repente, o sorriso virou um esgar: — Os colombianos pagaram a você, Carreñito?

— Ele era um pouco como o senhor, meu cabo, não lhe entrava na cabeça que alguém pudesse matar só por amor.

— Iscariote, Mameluco, Chancho. — Lituma riu. — Parecem nomes de cinema.

O gordo assentiu, com uma expressão desconfiada. Por trás de uma nova série de círculos de fumaça, seus olhinhos rasgados, meio perdidos entre as bolsas de gordura dos pômulos, examinaram Mercedes de cima a baixo.

— Já trepava com ela antes? — perguntou, com um assobio admirativo.

— Mais respeito — protestou Mercedes. — Quem você pensa que é, seu elefante...

— Ela agora está comigo, portanto trate-a como se deve. — Carreño pegou a mulher pelo braço, num gesto possessivo. — Mercedes agora é minha noiva, gordo.

— Está bem, não vamos fazer tempestade num copo d'água — desculpou-se Iscariote, olhando para um, depois para a outra. — Só quero ter certeza de uma coisa. Os colombianos estão por trás disto?

— Eu não tive nada a ver — Mercedes se apressou a responder.

— Fui eu sozinho, gordo — jurou o rapaz. — Sei que não é fácil acreditar. Mas foi isso mesmo. Um impulso do momento.

— Diga, pelo menos, se ela já era sua amante — insistiu o gordo. — Pelo menos isso, Carreñito.

— Nem sequer havíamos conversado. Só a tinha visto às pressas, quando fomos buscá-la e deixá-la no aeroporto, em Pucallpa e em Tingo María. Foi assim mesmo, gordo, você tem que acreditar em mim.

Iscariote continuou fumando, mexendo a cabeçorra, acabrunhado com tanta

estupidez.

— Coisa de doido — murmurou. — Deve ser verdade, então. Que você o matou porque...

— Bom, bom — interrompeu o rapaz, rindo. — Deixe eles pensarem que os colombianos me pagaram, tanto faz.

Iscariote jogou a ponta do cigarro pela janela e viu-a ziguezagueando no ar antes de aterrissar entre os pedestres da Praça de Armas.

— O Chanchó queria se afastar deles, estava cansado de ver os colombianos ficarem com a parte do leão. Ouvi isso muitas vezes. Eles podem ter escutado a história. E mandaram matá-lo. Não tem lógica?

— Tem — reconheceu o rapaz. — Mas não é verdade.

O gordo Iscariote ficou observando os penachos das árvores na praça.

— Poderia ser verdade — disse, afinal, fazendo um gesto vago. — É a verdade mais conveniente, além do mais. Entendeu, Carreñito?

— Nem uma palavra — Lituma se surpreendeu. — Que conspiração era essa?

— Este elefante está sabendo de tudo — disse Mercedes.

— Ela já entendeu. — O gordo Iscariote tornou a sentar-se na cama, ao lado de Carreño. Pôs a mão em seu ombro. — Dê esse cadáver de presente para os colombianos, Tomasito. O Chanchó não queria se livrar deles? Não queria montar seu próprio negócio e refinar e exportar, passando por cima deles? Você lhes fez um grande favor eliminando esse concorrente. Eles teriam mesmo que lhe dar uma gratificação, porra. Para que são os reis do negócio, afinal.

Levantou-se outra vez, apalpou o paletó e acendeu outro cigarro. Tomás e Mercedes começaram a fumar, também. Ficaram calados por uns instantes, dando pitadas e soltando baforadas de fumaça. Lá fora os sinos de várias igrejas começaram a repicar. As badaladas, às vezes abafadas, às vezes agudas, com ecos longos ou breves, inundaram o quarto e Mercedes fez o sinal da cruz.

— Quando chegar a Lima, vista a sua farda e apresente-se na casa do seu padrinho — disse Iscariote. — “Tirei esse cara do caminho, eu os livrei dele. Fiz um favorzão aos colombianos, padrinho. Agora você pode mandar a conta para eles.” O comandante os conhece. Está em contato com eles. Também lhes dá proteção. Vai transformar um mal em um bem, Carreñito. E é a forma de fazer seu padrinho perdoá-lo pelo que fez.

— Esse gordo é uma águia — admirou-se Lituma. — Puta, que criatividade.

— Bem, não sei — disse o rapaz. — De repente você tem razão. De repente é o que eu deveria fazer.

Mercedes olhava para um e para o outro, desconcertada.

— Que história é essa de farda? — perguntou.

— O gordo havia planejado tudo direitinho — esclareceu o rapaz. — Tinha o

seu plano. Fazer os colombianos acreditarem que eu tinha matado o Chanchó para me aproximar deles. O sonho de Iscariote era trabalhar para a máfia internacional e chegar um dia a Nova York.

— Assim, de um grande mal pode sair um grande bem, para você e até para mim — disse Iscariote, com fruição. — Vai procurar o seu padrinho e falar isso, Carreñito?

— Prometo que sim, gordo. Vamos manter contato em Lima.

— Se você chegar lá — disse Iscariote. — Isto ainda está por ser visto. Não vai me ter de anjo da guarda toda vez que fizer uma besteira.

— Esse gordo está ficando mais interessante que as suas sacanagens com a piurana — exclamou Lituma. — Conte mais coisas dele.

— Um grande sujeito, meu cabo. E um grande amigo, também.

— Até a hora de embarcar, é melhor vocês não fiquem dando esse espetáculo indecente em via pública — recomendou Iscariote. — Não lhe ensinaram isto quando vestiu a farda?

— De que farda ele está falando? — Mercedes perguntou outra vez a Tomás, já enervada.

O gordo Iscariote começou a rir e, de repente, encarou a mulher com uma pergunta surpreendente:

— O que fez com o meu amigo para que ele se apaixonasse assim? Qual é o seu segredo?

— Qual, qual era? — cortou Lituma. — De quatro?

Mas Mercedes não lhe prestava atenção e continuou interrogando o rapaz:

— Que história é essa de farda, o que quer dizer?

— É sua noiva, e você ainda não lhe disse que é guarda civil? — caçoou Iscariote. — Olhe que mau negócio fez, comadre. Trocar um chefão do tráfico por um simples milico.

— O puto tinha razão, Tomasito. — Lituma soltou uma gargalhada. — A piurana fez um péssimo negócio.

— Quer dizer que estamos presos? — perguntou a senhora Adriana.

Chovia a cântaros, e com o repicar das grossas gotas no zinco do teto quase não se ouvia a sua voz. Sentada no chão, em cima de uma pele de carneiro, olhava fixamente para o cabo que se havia acomodado num canto do escritório. Dionisio permanecia em pé, ao seu lado, com uma expressão aérea, como se nada do que estava acontecendo à sua volta lhe dissesse respeito. Tinha os olhos injetados e o olhar mais vidrado que de costume. O guarda Carreño, também em pé, se apoiava no armário-arsenal.

— Não tenho outro remédio, entenda-me — confirmou Lituma. Aqueles temporais andinos, com raios e trovões, não o deixavam feliz; nunca se acostumara com eles. Sempre imaginava que iam aumentar, aumentar, até o cataclismo. Também não ficava feliz com ter ali, detidos, o cantineiro beberão e aquela bruxa. — O melhor seria que facilitasse as coisas para nós, dona Adriana.

— E por que estamos presos? — insistiu ela, sem se alterar. — O que fizemos?

— A senhora não disse a verdade sobre Demetrio Chanca, ou, melhor dizendo, Medardo Llantac. Era este o nome do capataz, não é mesmo? — Lituma tirou o radiograma que recebera de Huancayo como resposta à sua consulta e passou-o diante da cara da mulher. — Por que não me disse que ele era o prefeito de Andamarca, o tal que se salvou da matança que os senderistas fizeram? A senhora sabia por que esse homem viera se esconder aqui.

— Naccos inteira sabia — disse a mulher, tranquilamente. — Por azar.

— E por que não me contou quando interroguei a senhora na outra vez?

— Porque não me perguntou — replicou a mulher, com a mesma calma. — Pensei que o senhor também soubesse.

— Não sabia, veja só. — Lituma levantou a voz. — Mas agora sei, e também sei que, como discutii com ele, a senhora tinha uma forma fácil de se vingar do pobre capataz, entregando-o aos *terrucos*.

Dona Adriana ficou olhando um bom tempo para ele, com uma ironia compassiva, examinando-o com seus olhos saltados. Por fim começou a rir.

— Eu não tenho tratos com os senderistas — exclamou, com sarcasmo. — Esses aí gostam menos de nós que de Medardo Llantac. Não foram eles que o mataram.

— Quem foi, então?

— Já falei. O destino.

Lituma teve vontade de cair de pancada, nela e no bêbado do marido. Não, não estava zombando dele. Era uma doida de merda, mas estava totalmente a par do

que acontecera; era cúmplice, com certeza.

— Pelo menos deve saber que os cadáveres daqueles três estão apodrecendo num túnel da mina abandonada, não é mesmo? Seu marido não falou? Porque, a mim, ele contou isso. E poderia confirmar, se não estivesse caído de bêbado.

— Não me lembro de ter contado coisa nenhuma — divagou Dionisio, fazendo caretas e imitando um urso. — Devia estar meio alto. Agora, pelo contrário, estou em plena forma e não me lembro de ter falado nada com o senhor, senhor cabo.

Riu, torcendo um pouco o corpo molengo, e tornou a se distrair, adotando uma atitude impassível e olhando os objetos do posto com interesse. Carreño foi sentar-se no banco, atrás da mulher.

— Todas as mãos de Naccos apontam para vocês — afirmou, mas a senhora Adriana não se virou para fitá-lo. — Todos dizem que foram vocês os inspiradores do que aconteceu com eles.

— E o que aconteceu com eles? — A mulher soltou uma gargalhada provocativa.

— É o que eu gostaria que nos contasse, dona Adriana — disse Lituma. — Esqueça os diabos, os espíritos malignos, a magia negra e a branca, esqueça essas histórias enfeitiçantes que conta para os peões. Conte-me simplesmente o que aconteceu com esses três homens. Por que todos murmuram no acampamento que a senhora e o seu marido são os causadores do que lhes aconteceu?

A mulher tornou a rir, sem alegria, com um laivo de desprezo. Assim, em cima da pele, deformada pela posição e pelas roupas folgadas, havia nela qualquer coisa de sinistro e inquietante. Não parecia assustada com o que podia lhe acontecer. Lituma pensou que a mulher estava tão certa do seu destino que até se dava ao luxo de compadecer-se dos movimentos de cegos que ele e seu adjunto davam. E, quanto ao cantineiro, já se havia visto um cínico igual? Agora nem se lembrava mais de que quis vender o segredo; tinha até a desfaçatez de negar que tivessem conversado ao lado da mina abandonada e que ele dera a entender, de maneira inequívoca, que os desaparecidos estavam no fundo de um túnel. A partir de então, até a chegada do radiograma de Huancayo, Lituma e Tomasito haviam descartado os *terrucos* como responsáveis pelos desaparecimentos. Mas, agora, hesitavam de novo. Os *terrucos* deviam estar procurando aquele prefeito de Andamarca, mesmo com nome falso, que dúvida. De maneira que... Em todo caso, todos os dedos apontavam para este casal, como disse Tomasito. Porque, pouco a pouco, interceptando uma palavra de um peão e de outro um pouco mais, e relacionando o que tinha sido insinuado por uns e por outros, não havia dúvida: o cantineiro e sua mulher tinham muito a ver e, em todo caso, sabiam perfeitamente o que acontecera. O aguaceiro continuava, cada vez mais forte.

— O senhor precisa de um culpado para esses desaparecimentos — exclamou Dionisio de repente, voltando ao mundo real para encarar Lituma. — Está indo pelo caminho errado, senhor cabo. Não temos nada a ver. Adriana pode ler o destino das pessoas, mas não o decide.

— O que houve com eles está além de vocês e de nós — sua mulher cortou-lhe a palavra. — Já lhe disse. Destino, é assim que se chama. Existe, por mais que muita gente não goste. E, além do mais, o senhor sabe muito bem que esses falatórios dos peões não valem nada.

— Não é bem assim — disse, atrás dela, Carreño. — A esposa de Demetrio, ou melhor, de Medardo Llantac, declarou, antes de sair de Naccos, que na última vez que viu o marido ele lhe disse que ia beber na sua cantina.

— E todos os peões e capatazes não vêm ao nosso estabelecimento? — irrompeu Dionisio, acordando de novo. — Aonde mais podem ir? Há alguma outra cantina em Naccos?

— Para dizer a verdade, não temos acusações concretas contra vocês — reconheceu Lituma. — Certo. Porque eles sabem pela metade ou porque têm medo. Mas, quando pressionamos um pouco, todos insinuam que vocês têm alguma participação nesses desaparecimentos.

Dona Adriana voltou a rir, com seu riso amargo e desafiante. Fez uma careta que tomou toda a sua boca, como esses rostos que os adultos deformam para divertir as crianças.

— Eu não meto ideias na cabeça de ninguém — murmurou. — Eu tiro de dentro as ideias que eles têm e boto na frente dos seus olhos. Acontece que nenhum desses índios gosta de se olhar no espelho.

— Eu só os ajudo a esquecer suas tristezas, dando-lhes de beber — voltou a interromper Dionisio, pousando seus olhos aquosos e vibráteis em Lituma. — O que seria dos peões se não tivessem sequer a cantina para afogar suas mágoas em álcool.

Estalou um raio, ao longe, seguido de um estrondo. Os quatro ficaram em silêncio, até que o ruído cessou e só restava o barulhinho miúdo da chuva. Toda a encosta pela qual se descia ao acampamento era um lodaçal, atravessado por múltiplos arroios. Pela porta entreaberta, Lituma via cortinas de água e um fundo de nuvens sombrias. O acampamento e os morros dos arredores haviam desaparecido numa mancha cinzenta. E eram três da tarde.

— É verdade o que se fala da senhora, dona Adriana? — exclamou de repente Carreño. — Que, quando era jovem, a senhora e seu primeiro marido, um mineiro com um nariz deste tamanho, mataram um *pishtaco*?

Dessa vez a bruxa deu meia-volta para olhar o guarda. Ficaram medindo-se um bom tempo, em silêncio, e, por fim, Tomasito piscou e baixou a vista.

— Me dê a sua mão, rapaz — murmurou a senhora Adriana, aplacada.

Lituma viu que o guarda retrocedia e esboçava um sorriso, mas no mesmo instante ficou sério. Dionisio o observava, divertido, cantarolando em voz baixa. Dona Adriana estava com a mão estendida para ele, esperando. Sua cabeça, vista de costas, parecia um espanador alvoroçado. O adjunto perguntou-lhe com os olhos o que devia fazer. Lituma encolheu os ombros. Tomasito deixou que a mulher colocasse sua mão direita entre as dela. O cabo avançou um pouco a cabeça. Dona Adriana tocava e limpava a mão do guarda e aproximou-a dos seus olhos grandes e saltados: Lituma pensou que iam sair das órbitas e rolar pelo chão do barraco. Tomasito deixava-se tocar, pálido, olhando para ela com desconfiança. “Eu devia soltar logo um palavrão e acabar com esta palhaçada”, pensava Lituma, imóvel. Dionisio voltara a se isolar em algum sonho e, com os olhos entrecerrados, cantarolava baixinho uma *muliza* dessas que os tropeiros entoam para distrair o tédio nos seus longos percursos. Por fim, a bruxa soltou a mão do guarda e bufou, como se tivesse feito um grande esforço.

— Então são mágoas de amor — murmurou. — Seu rosto já me dizia isso, rapaz.

— Ora, isso é o que todas as adivinhadoras do mundo sempre adivinham — disse Lituma. — Vamos falar de coisas sérias, dona Adriana.

— E você tem um coração deste tamanho — prosseguiu ela, como se não houvesse ouvido Lituma falar; havia separado as mãos modelando um coração gigante. — Que sorte a dela, ser amada assim.

Lituma esboçou um risinho.

— Ela está tentando amolecer você, Tomasito, não deixe — murmurou. Mas o guarda não ria. Tampouco o ouvia. Muito sério, olhava para a mulher, fascinado. Ela tornou a segurar sua mão e a massageá-la, e examinou-a outra vez de perto, com seus olhos exagerados. O cantineiro continuava entoando a mesma canção, em voz baixa, balançando o corpo e saltitando ao compasso da melodia, indiferente a todo o resto.

— É um amor que lhe traz desgraças, que faz você sofrer — disse dona Adriana. — Seu coração sangra toda noite. Mas pelo menos isso o ajuda a viver.

Lituma não sabia o que fazer. Sentia-se incomodado. Não acreditava em bruxas. Muito menos nos falatórios e disparates sobre Adriana que corriam no acampamento e na comunidade de Naccos, como a história de que ela e o seu primeiro marido, um mineiro, tinham matado um *pishtaco* com as próprias mãos. Mas sempre se sentia desorientado e confuso quando se falava das coisas do além. Será que se podia adivinhar a história das pessoas nas linhas da mão? Nas cartas do baralho? Nas folhas de coca?

— Você vai ter um final feliz, não se desespere — concluiu a senhora Adriana,

soltando a mão do guarda. — Não sei quando. Talvez precise sofrer um pouco mais. Aqueles lá são uns mortos de fome, nunca se cansam de pedir mais e mais. Mas o que agora fez sangrar, no final acaba bem.

Bufou outra vez e virou-se para Lituma.

— Não está querendo nos agradar para nos fazer esquecer os desaparecidos, dona?

A bruxa soltou uma risadinha outra vez.

— Eu não leria a sua sorte nem que me pagasse, cabo.

— Nem eu deixaria, tampouco. Puta merda, e o que está acontecendo com esse aí.

Empolgado com sua própria fantasia, elevando o canto que entoava e com os olhos fechados, Dionisio havia começado a dançar sem sair do lugar, num estado de grande concentração. Quando o guarda Carreño pegou em seu braço e o sacudiu, o cantineiro parou e abriu os olhos, passando sobre eles um olhar assombrado, como se os visse pela primeira vez.

— Não comece a bancar o bêbado, você não está tão alto assim — repreendeu-o Lituma. — Vamos voltar ao assunto. Podem me dizer, afinal, o que aconteceu com aqueles sujeitos? Depois deixo vocês irem embora.

— Nem eu nem meu marido vimos nada — disse ela, endurecendo os olhos e a voz. — Vá e descubra a verdade com quem nos acusou de inspiradores.

— De qualquer maneira, o que aconteceu já passou e não tem mais remédio, senhor cabo — salmodiou Dionisio. — Entenda que é inútil. Não vá se arrebentar contra o destino, admita que é em vão.

De súbito parou de chover e, no mesmo instante, o exterior se iluminou com um sol de meio-dia. Lituma podia ver um arco-íris coroando os morros que rodeavam o acampamento, em cima do bosquezinho de eucaliptos. Toda a terra, cheia de poças e riachos que brilhavam, parecia feita de azougue. E lá estava, no horizonte da cordilheira, onde as pedras e o céu se tocavam, aquela coloração estranha, entre violeta e roxa, que ele vira reproduzida em tantas saias e mantos das índias, nos sacos de lã que os camponeses penduravam nas orelhas das lhamas, e que para ele era a cor particular dos Andes, desta cordilheira tão misteriosa e tão violenta. Carreño ficara pensativo, quase ausente, com as palavras da bruxa. Claro, Tomasito: ela disse o que você queria ouvir.

— Onde vai nos deixar presos? — Dona Adriana lançou um olhar depreciativo para o barracão. — Aqui? Vamos dormir nós quatro juntos, uns em cima dos outros?

— Bem, eu sei que não temos uma delegacia de polícia à sua altura — disse Lituma. — A senhora vai ter que se conformar com o que há. Este posto não está à nossa altura, tampouco. Não é, Tomasito?

— Certo, meu cabo — murmurou o guarda, acordando.

— Deixe, pelo menos, Dionisio ir embora. Se não, quem vai abrir a cantina. Vão nos roubar tudo, e aquela meia dúzia de cacarecos é tudo o que nós temos.

Lituma examinou-a outra vez, intrigado. Gorda, amorfa, imersa em seus trapos poeirentos de brechó, só com os quadris protuberantes recordando ao mundo que aquilo era uma mulher, a bruxa falava sem a menor emoção, como se tivesse que cumprir uma formalidade, revelando que no fundo não se preocupava com o que pudesse lhe ocorrer. Dionisio demonstrava ainda mais desdém que ela pela própria sorte. Voltara a entrefechar os olhos e a desligar-se do mundo. Como se ambos estivessem muito acima daquilo tudo. Ainda bancavam os superiores, puta merda.

— Vamos fazer um trato — disse, afinal, Lituma, derrotado por um súbito desânimo. — Vocês me dão sua palavra de que não põem os pés fora do acampamento. Nem mesmo vinte metros. Com esta condição, vou permitir que permaneçam no seu negócio, enquanto investigamos.

— E para onde iríamos? — entreabriu os olhos Dionisio. — Se nós pudéssemos, já teríamos partido. Aqueles caras não estão lá, escondidos nas montanhas, com as pedras prontas? Naccos se transformou numa prisão, e vocês e nós somos os prisioneiros. Ainda não entendeu, senhor cabo?

A mulher se levantou com grande esforço, apoiando-se no marido. E, sem se despedir dos guardas, os dois saíram do barracão. Afastaram-se em passinhos curtos, escolhendo as pedras ou elevações onde houvesse menos lama.

— Você ficou gelado com o que a bruxa lhe falou, Tomasito.

Lituma ofereceu um cigarro ao rapaz. Fumaram, vendo as silhuetas de Dionisio e Adriana diminuírem e desaparecerem ladeira abaixo.

— Ficou impressionado com a história da grande mágoa de amor? — Lituma soprou uma baforada de fumaça. — Ora, alguns mais, outros menos, mas todo mundo tem a sua. Ou você acha que é o único que sofre por causa de mulher?

— O senhor me disse que nunca passou por isso, meu cabo.

— Bem, mas tive meus casos — disse Lituma, sentindo-se diminuído. — Só que os meus acabam logo. Com piranhas, quase sempre. Uma vez, em Piura, naquela Casa Verde de que lhe contei, eu quase enlouqueci por uma moreninha. Mas, para dizer a verdade, nunca cheguei ao extremo de querer me matar por causa de uma mulher.

Fumaram durante um bom tempo, em silêncio. Lá embaixo, ao pé da encosta, uma figurinha começava a subir pela trilha, na direção do posto.

— Acho que nunca saberemos o que aconteceu com aqueles três, Tomasito. Na verdade, por mais que o pessoal do acampamento dê a entender que Dionisio e dona Adriana estão envolvidos, eu não consigo engolir essa história.

— Também tenho dificuldade para acreditar, meu cabo. Mas então como se

explica que todos os peões terminem acusando os dois.

— A explicação é que os serranos são supersticiosos e acreditam em diabos, *pishtacos* e *mukis* — disse Lituma. — E como Dionisio e a mulher são meio bruxos, o povo os relaciona com os desaparecimentos.

— Eu não acreditava em nada disso até agora — tentou brincar o guarda. — Mas, depois do que dona Adriana leu na minha mão, prefiro acreditar. Gostei daquela história de coração grande.

Lituma já podia distinguir a pessoa que estava subindo: tinha um capacete de mineiro que emitia reflexos na tarde agora luminosa, com um céu radiante e sem nuvens. Quem diria que poucos minutos antes estava cheio de trombas-d'água, trovões, negras nuvens carregadas?

— Ah, porra, a bruxa conquistou você — Lituma prosseguiu a brincadeira. — Não foi você quem fez desaparecer aqueles três, Tomasito?

— Quem sabe, meu cabo.

Acabaram rindo, nervosos, dando umas risadinhas insinceras. Enquanto isso, vendo o homem do capacete já bem próximo, Lituma não conseguia tirar da cabeça Pedrito Tinoco, o mudinho que fazia biscates, que limpava os barracões, que tinha visto a matança de vicunhas em Pampa Galeras com os próprios olhos. Desde que Tomasito lhe contou a sua história, não lhe saía mais da cabeça. Por que sempre se lembrava dele nesse lugar, entre o parapeito e aquelas rochas cinza, lavando roupa? O homem de capacete tinha uma pistola na cintura e um cassetete parecido com os da polícia. Mas estava à paisana, de jeans e com um jaquetão em cujo antebraço direito se distinguia um bracelete negro.

— Não há dúvida de que há um monte de gente aqui que sabe muito bem o que aconteceu, mas não quer abrir a boca. Os únicos idiotas que estão nas nuvens somos você e eu. Não se sente meio bobalhão aqui em Naccos, Tomasito?

— Eu me sinto é indignado. Claro que todo mundo sabe alguma coisa, mas mentem e querem jogar a culpa no cantineiro e na sua mulher. Acho até que combinaram tudo para nos dar a entender que foram Dionisio e dona Adriana que inventaram a coisa. Assim nos despistam e se livram de qualquer responsabilidade. Não seria melhor enterrar este caso, meu cabo?

— Não é que eu tenha muito interesse em esclarecer o caso, Tomasito. Como trabalho, quero dizer. Mas sou muito curioso. Cismeiei de saber o que aconteceu com eles. E depois do que você me contou do mudinho e do tenente Pancorvo, não vou dormir sossegado até descobrir.

— O povo está assustado, já notou? Na cantina, na obra, nas equipes de trabalho. Até entre os índios da comunidade que ainda não saíram daqui. O clima está tenso, como se fosse acontecer alguma coisa. Pode ser por causa do boato de que a estrada vai parar, todo mundo vai ficar sem trabalho. E, também, tanta matança

por todo lado. Os nervos estão à flor da pele. O ar está pesado. Não sente?

Sim, Lituma sentia. Os rostos dos peões estavam tensos, os olhos se mexiam da direita para a esquerda tentando surpreender um inimigo à espreita, as conversas na cantina ou entre os barracos eram entrecortadas, lúgubres e se interrompiam com a sua presença. Seria por causa dos desaparecimentos? Estariam assustados porque um deles podia vir a ser o quarto?

— Boa tarde, cabo — disse o homem de capacete de mineiro, fazendo um gesto de saudação. Era um mestiço alto e forte, com a barba crescida. Usava botas de mineiro, com a sola bem larga, enlameadas até os tornozelos. Tentou limpá-las antes de entrar no barracão, sapateando forte na viga da soleira. — Venho de La Esperanza. Para buscar o senhor, cabo Lituma.

La Esperanza era uma mina de prata, a quatro horas de marcha, a oeste de Naccos. Lituma nunca estivera lá, mas sabia que vários peões do acampamento eram mineiros daquela empresa em gozo de licença.

— Esta noite os *terrucos* atacaram e fizeram estragos — explicou, tirando o capacete e sacudindo o cabelo comprido, todo oleoso. Estava com a jaqueta e a calça encharcadas. — Mataram um dos meus homens e feriram outro. Sou o chefe da segurança de La Esperanza. Levaram os explosivos, o dinheiro dos salários e mil coisas mais.

— Sinto muito, mas não posso ir — desculpou-se Lituma. — Somos nós dois aqui no posto, eu e o meu adjunto. Estamos com um problema sério para resolver. Tenho que pedir instruções ao comando de Huancayo.

— Os engenheiros já pediram — replicou o homem, com todo respeito. Tirou um papel dobrado do bolso e lhe entregou. — Falaram pelo rádio com seus chefes. Em Huancayo disseram que o senhor devia assumir. La Esperanza está dentro da sua jurisdição.

Lituma leu e releu, desanimado, o telegrama. Dizia mesmo isso. Naquela mina estavam mais bem equipados do que neste acampamento imundo. Aqui ele estava sem comunicação, cego e surdo para tudo o que acontecia no mundo externo. Porque o rádio do acampamento funcionava tarde, mal e nunca. Quem teve a absurda ideia de montar um posto da guarda civil em Naccos? Deveriam tê-lo instalado em La Esperanza. Mas, se fosse lá, ele e Tomasito deveriam ter enfrentado o *s terrucos*. Estavam pertinho, então. A corda apertava mais um pouquinho o pescoço.

Carreño tinha começado a fazer um café no fogareiro. O homem da mina se chamava Francisco López. Deixou-se cair no couro em que dona Adriana estivera sentada. O bule começou a borbulhar.

— Não há mais nada que o senhor possa fazer — explicou López. — Eles deram o fora, naturalmente, levando o botim. Mas precisamos registrar a ocorrência,

para que o seguro indenize a companhia.

Tomás encheu as xícaras de metal com café fervendo e distribuiu-as.

— Se quiser, dou um pulo até La Esperanza, meu cabo.

— Não, vou eu mesmo. Você fica encarregado do posto. E, se eu demorar, reze um pai-nosso por mim.

— Não há perigo, cabo — tranquilizou-o Francisco López. — Eu vim de jipe. Tive que deixá-lo onde termina a trilha. Não é tão longe, menos de uma hora caminhando rápido. Só que o aguaceiro me pegou. Posso trazê-lo de volta assim que terminar a papelada.

Francisco López trabalhava havia três anos em La Esperanza, sempre como segurança. Aquele era o segundo assalto que sofriam. No primeiro, seis meses antes, não houve vítimas, mas também levaram explosivos, roupa, material da despensa e todo o conjunto de primeiros socorros da mina.

— A sorte é que os engenheiros conseguiram se esconder — explicou o mineiro, sorvendo o café aos pouquinhos. — E também um gringo amigo deles, que estava lá de visita. Subiram nos reservatórios de água. Se os encontrassem, já estariam frios. Engenheiros, administradores e executivos nunca se livram. E muito menos os estrangeiros, claro.

— Não se esqueça dos policiais — disse Lituma, com uma voz cavernosa.

Francisco López brincou:

— Eu não queria falar, para não meter medo. Em compensação, não fazem nada com os trabalhadores, a menos que os considerem pelegos.

Falava com a maior naturalidade, como se fosse normal que essas coisas acontecessem, como se sempre houvesse sido assim. Talvez ele tivesse razão, puta merda.

— Com tudo o que tem acontecido, estão falando em fechar La Esperanza — continuou López, soprando a xícara e voltando a beber. — Os engenheiros não querem mais ir para lá. E as taxas revolucionárias aumentam muito os custos.

— Se pagam as taxas, por que eles vão assaltar? — disse Lituma.

— É o que todos nós perguntamos — concordou Francisco López. — Não tem lógica.

Continuava soprando a xícara e bebendo seu café aos golinhos, como se aquele diálogo fosse, também, a coisa mais normal do mundo.

Ter cabelos cor de palha e olhos claros e líquidos era um pesadelo para Casimiro Huarcaya na sua infância. Porque no vilarejo andino de Yauli, onde nasceu, todos eram morenos e, sobretudo, porque seus próprios pais e irmãos também tinham cabelos pretos, rostos morenos e olhos escuros. De onde saíra esse albino na família

Huarcaya? As brincadeiras que seus companheiros faziam na escolinha rural levaram Casimiro muitas vezes a brigar, porque, mesmo tendo um bom temperamento, o sangue lhe subia à cabeça toda vez que, para deixá-lo furioso, sugeriam que seu pai não era o seu pai, e sim alguém de fora que tinha passado por Yauli, ou o próprio diabo, que, como se sabe nos Andes, quando vem fazer suas maldades na terra às vezes se corporifica num forasteiro meio gringo que manca.

Casimiro sempre desconfiou, além do mais, que seu próprio pai, o oleiro Apolinario Huarcaya, também tinha suspeitas sobre sua origem. Porque, por um lado, ele sabia que havia causado desavenças entre seus pais e, por outro, porque Apolinario, que tratava bem os seus irmãos e irmãs, não apenas lhe dava sempre as tarefas mais pesadas, como punia com chicotadas qualquer erro seu.

Mas, apesar das piadas dos colegas e do mau relacionamento com a família, Casimiro cresceu sem complexos, forte, hábil com as mãos, esperto e amante da vida. Desde que fez uso da razão, ansiava crescer logo para sair de Yauli rumo a uma cidade grande, como Huancayo, Pampas ou Ayacucho, onde seus cabelos cor de palha e seus olhos claros não atrairiam tanto a curiosidade das pessoas.

Pouco antes de fazer quinze anos, fugiu do vilarejo com um caixeiro-viajante a quem sempre ajudava, quando aparecia em Yauli, a carregar e descarregar as mercadorias e a vendê-las no mercado. Don Pericles Chalhuanca tinha um caminhãozinho do ano de Matusalém, mil vezes emendado e remendado, com o qual percorria todas as comunidades e vilarejos rurais do centro, vendendo produtos da cidade — remédios, ferramentas da roça, roupa, louça, sapatos — e comprando queijo, *ollucos*, favas, frutas, tecidos e porongos, que depois levava para as cidades. Além de comerciante, don Pericles era um mecânico experiente e com ele Casimiro aprendeu os segredos do caminhão de cor e a consertá-lo toda vez — várias por viagem — que enguiçava nos caminhos atrozés da serra.

Ao lado de don Pericles, era totalmente feliz. O velho comerciante o deslumbrava contando sua vida aventureira, de galo impenitente em aviário alheio, com mulheres seduzidas, grávidas e abandonadas em inúmeros distritos, vilas e localidades de Apurímac, Huancavelica, Ayacucho, Cusco e Cerro de Pasco, departamentos que, envaidecia-se, “semei com bastardos e bastardas do meu sangue”. Indicava alguns deles a Casimiro no decorrer de suas viagens, com uma piscadela maliciosa. Muitos cumprimentavam respeitosamente o mercador, beijando sua mão e chamando-o de “padrinho”.

Mas o que o garoto mais apreciava era a vida à intempérie que levavam, sem horários nem rumos predeterminados, à mercê das inclemências ou benesses do tempo, das feiras e festas de santo padroeiro, das encomendas que recebiam e dos chilikos do caminhãozinho, fatores que decidiam seu destino cotidiano, seus itinerários, as noites que pernoitavam em cada lugar. Don Pericles tinha uma

residência rural, estável e sem rodas, em Pampas, que compartilhava com uma sobrinha casada e com filhos. Quando iam para lá, Casimiro se alojava na casa, como se fosse da família. Mas na maior parte do tempo vivia no caminhão, onde, no meio da carga e protegido por uma lona grossa, fez um refúgio com couros de boi. Se caísse chuva, ia dormir no barraco ou embaixo do caminhão.

O negócio não era grande coisa, pelo menos para Pericles e Casimiro, pois o caminhão consumia todo o lucro, sempre precisando comprar peças e recauchutar pneus, mas dava para ir sobrevivendo. Nos anos que passou ao lado de don Pericles, Casimiro chegou a conhecer como a palma da mão todo o centro dos Andes, seus vilarejos, suas comunidades, suas feiras, seus abismos e vales, e, também, todos os segredos do negócio: onde comprar o melhor milho e para onde levar fios e agulhas, onde esperavam as lâmpadas e os percais como maná do céu, e que fitas, broches, colares e braceletes atraíam de maneira irresistível a cobiça das moças.

Don Pericles o tratava a princípio como aprendiz, depois como filho, afinal como sócio. À medida que envelhecia e o rapaz se tornava homem, o peso do trabalho foi se deslocando para este até que, com o passar dos anos — Casimiro já era o único que dirigia e decidia as compras e vendas —, don Pericles passou a ser o diretor técnico da sociedade.

Quando o ancião teve um ataque cerebral que o deixou paralisado e sem fala, estavam, por sorte, em Pampas. Por isso puderam levá-lo ao hospital e salvá-lo da morte. Mas don Pericles não podia mais viajar e a partir de então Casimiro teve que fazê-lo sozinho. Continuou por um bom tempo, no caminhãozinho imortal, até que um dia teve que desistir porque a sobrinha e os netos de don Pericles lhe exigiam somas fora da realidade para continuar a usá-lo. Devolveu, então, o veículo e, embora tenha visitado regularmente don Pericles até a sua morte, levando-lhe algum presentinho sempre que passava por Pampas, desde então foi dono e senhor do seu negócio. Era um rapagão forte e curtido, com amigos em toda parte, trabalhador e alegre. Podia perfeitamente passar a noite bebendo e dançando nas festas dos povoados, respondendo com piadas engenhosas às piadas dos bêbados sobre o seu cabelo amarelo, e na manhã seguinte abrir seu negócio no mercado antes de qualquer outro comerciante. Tinha substituído o caminhãozinho por uma caminhonete de terceira mão comprada de um agricultor de Huancayo, a quem pagava pontualmente as prestações.

Certa vez, enquanto vendia fivelas e brincos de bijuteria num pequeno povoado de Andahuaylas, viu uma garota que parecia estar esperando para falar com ele a sós. Era jovem, usava tranças e tinha um rosto viçoso e assustadiço como um bichinho. Pensou que não era a primeira vez que a via. Num momento em que ficou sem clientes, a garota se aproximou da carroçaria da caminhonete, onde Casimiro estava sentado.

— Já sei — disse ele, rindo. — Você quer um desses broches e não tem dinheiro.

Ela negou com a cabeça, atrapalhada.

— Você me deixou grávida, *papay* — sussurrou, em quéchua, baixando os olhos. — Não está lembrando de mim, por acaso?

No meio de brumas, Casimiro recordou alguma coisa. Tinha sido esta a menina que, na festa do Gabriel Arcanjo, subiu com ele na caminhonete? Mas nesse dia ele havia bebido muita *chicha*, e não tinha certeza de que este rosto fosse aquele já apagado na memória.

— E quem falou que fui eu — respondeu, com maus bofes. — Com quantos você deve ter ficado nessas festas. Pensa que vai me fazer de bobo? Que vou assumir um filho sei lá de quem?

Não pôde continuar a vociferar porque a garota saiu correndo. Casimiro lembrou que don Pericles aconselhava, em casos assim, sentar-se ao volante e arrancar. Mas poucas horas depois, quando fechou o negócio, começou a perambular por ali de um lado para o outro, procurando a garota. Estava contrariado e com vontade de fazer as pazes com ela.

Encontrou-a na estrada, à saída do vilarejo, numa alameda de salgueiros e tunas alvoroçada pelo coaxar das rãs. Ela estava voltando para sua vila, muito magoada. Afinal, Huarcaya acalmou-a, convenceu-a de subir na caminhonete e levou-a até os arredores da comunidade onde vivia. Consolou-a como pôde e lhe deu um pouco de dinheiro, aconselhando-a a procurar uma dessas parteiras que também fazem abortos. Ela assentiu, com os olhos úmidos. Chamava-se Asunta e quando ele perguntou sua idade, respondeu dezoito, mas ele calculou que estava aumentando.

Voltou a passar por lá um mês depois e, indagando, chegou até a casa da garota. Morava com os pais e uma nuvem de irmãos, que o receberam com desconfiança, calados. O pai, dono do seu próprio terreno dentro da comunidade, tinha sido organizador das festas. Entendia espanhol, mas respondia às perguntas de Casimiro em quéchua. Asunta não tinha encontrado ninguém para lhe dar aquelas infusões, mas disse a Huarcaya que não se preocupasse. Seus padrinhos, de um distrito vizinho, lhe disseram que tivesse o filho e que podia ir morar com eles se a expulsassem de casa. Parecia resignada com o que estava acontecendo. Ao despedir-se, Casimiro lhe deu um par de sapatos de meio salto e um xale florido que ela agradeceu beijando sua mão.

Na vez seguinte que passou pelo lugar, Asunta não estava e a família não quis falar dela. O pai recebeu-o com mais hostilidade que na primeira visita e lhe disse à queima-roupa que não voltasse mais. Ninguém sabia ou quis lhe explicar onde moravam os padrinhos de Asunta. Casimiro pensou que fizera tudo o que estava ao seu alcance por aquela menina e que não devia mais perder o sono por ela. Se

tornasse a encontrá-la, ele a ajudaria.

Mas sua vida não voltou a ser o que era. De repente, aqueles caminhos, aquelas serras, aqueles vilarejos que ele percorreu durante tantos anos com don Pericles e depois sozinho, sem nunca sentir que corria qualquer perigo além de furar um pneu ou enguiçar nas estradas ruins, estavam cada vez mais violentos. Casimiro começou a encontrar torres elétricas dinamitadas, pontes explodidas, estradas obstruídas por pedras e troncos, inscrições ameaçadoras e panos vermelhos nos morros. E grupos armados aos quais sempre tinha que dar alguma coisa do que levava: roupas, mantimentos, facas e facões. Começaram a aparecer pelos caminhos, também, patrulhas de *sinchis* e de soldados. Examinavam seus papéis e saqueavam sua caminhonete, como os sublevados. Nos vilarejos se queixavam de abusos, de roubos, de matanças, e em certas regiões começou um verdadeiro êxodo. Famílias, comunidades inteiras abandonavam suas terras, casas, animais, rumo às cidades da costa.

Em pouco tempo o negócio sobrevivia com muita dificuldade e um belo dia Casimiro percebeu que estava perdendo dinheiro. Por que continuava viajando, comprando e vendendo? Talvez porque tinha metido na cabeça que desse jeito encontraria Asunta. Aquilo foi se transformando de desafio e passatempo em obsessão. Tanto perguntou por ela, nos lugares aonde ia, que afinal as pessoas começaram a achá-lo meio doido e se divertiam dando pistas falsas ou contando-lhe fantasias.

Voltou duas vezes ao vilarejo da garota, tentando conseguir notícias do seu paradeiro com a família. O pai o xingou e jogou-lhe pedras. Mas uma irmã de Asunta veio ao seu encontro na estrada e contou que os padrinhos da garota moravam em Andahuaylas e se chamavam Gallirgos. No entanto, em Andahuaylas ninguém tinha notícias de uma família com esse nome. Na segunda vez que passou pela casa de Asunta, o pai havia falecido e a mãe e os filhos partido para Ica, com outras famílias de colonos. Houvera uma matança na região e todos viviam aterrorizados.

Por que procurava Asunta com tanta perseverança? Ele se interrogava e não sabia responder. Seria pelo possível filho ou filha, que devia estar agora com uns três anos? Mesmo já sem muitas esperanças de encontrá-la, continuava perguntando por ela, aqui e ali, como um rito, sabendo que só ia receber respostas negativas. Devia ter ido para Lima, como tantas outras moças da serra. Na certa estava trabalhando de empregada doméstica em alguma casa, ou como operária, ou então se casara e seu filho ou filha já tinha irmãos.

Já havia passado muito tempo e Casimiro Huarcaya pensava cada vez menos em Asunta quando chegou, numa noite de bebedeira generalizada — era o início das festas do povoado —, à localidade de Arcca, ao sul do Ayacucho. Ao sair da

hospedaria onde tinha jantado, viu-se cercado por um grupo hostil de homens e mulheres que o xingavam, apontando para seu cabelo e chamando-o de *nacaq*, *pishtaco*. Estavam bêbados demais para tentar fazê-los raciocinar, explicando que nem todos os homens que tinham a desgraça de ter cabelos claros viviam, mundo afora, à procura de vítimas humanas para roubar-lhes o sebo, e optou por entrar na sua caminhonete. Mas não o deixaram arrancar. Estavam assustados e furiosos e se incitavam uns aos outros.

Tiraram-no do veículo aos safanões e começaram a espancá-lo, sem ouvir suas explicações. Quando achou que já não tinha mais escapatória, ouviu tiros. Viu homens e mulheres armados e o cerco hostil se desmanchou. Do chão onde havia desabado, aturdido pelos golpes, Casimiro ouviu as vozes dos seus salvadores. Explicavam à multidão de cujas mãos o tinham arrancado que não se devia acreditar em *pishtacos*, que isso eram superstições, crenças obscurantistas inculcadas no povo por seus inimigos.

Então, reconheceu Asunta. Não teve a menor dúvida. Apesar da luz escassa e do aturdimento em seu cérebro, não vacilou um segundo. Era ela. Só que agora não usava tranças, e sim um cabelo curtinho, como de homem. E, em vez de saia, calças jeans e tênis. E uma escopeta nas mãos. Ela também o reconhecera, pelo visto. Não respondeu ao cumprimento que ele fez com a mão, nem ao sorriso que lhe dirigiu. Estava explicando agora, a outros homens e mulheres armados que o cercavam, que esse albino, Casimiro Huarcaya, a tinha estuprado, fazia cinco anos, aproveitando-se das festas de outro povoado. E que a deixara grávida. E que quando foi lhe contar tratou-a de prostituta, ou quase isso. E que, depois, como quem joga um osso para um cachorro, ele se dignou a dar-lhe dinheiro para fazer um aborto. Era Asunta mas não era Asunta. Pelo menos, Casimiro não conseguia identificar a garotinha tímida que beijava a sua mão com aquela mulher fria, séria, didática, que contava tais intimidades em voz alta, como se falasse de outra pessoa.

Tentou lhe dizer que durante aquele tempo todo estivera perguntando por ela. Tentou perguntar o que acontecera com o filho que estava esperando, se tinha nascido albino como ele. Mas sua voz não saiu. Eles conversaram por um bom tempo, trocando ideias em espanhol e em quéchua. Fizeram-lhe perguntas que não soube responder. Quando percebeu que haviam tomado uma decisão sobre a sua sorte, teve uma sensação de irrealidade. Ali estava, então, a mulher que tinha procurado durante tantos anos. Vinha se aproximando dele com a escopeta apontada para a sua cabeça. E Casimiro teve certeza de que a mão não lhe tremeria ao disparar.

— Guarda civil, guarda civil — disse Mercedes. — A última coisa que passaria pela minha cabeça é que você era um milico desses que dirigem o trânsito.

— Já sei que comigo você caiu de nível — respondeu o rapaz. — Mas não se preocupe, com uma mulher assim ao meu lado vou chegar muito longe.

— Se o visse vestido de guarda civil eu morreria de vergonha — disse ela.

— Por que ela nos julgava tão mal? — grunhiu Lituma.

— Por que será? — suspirou Tomasito. — Por causa da miséria que ganhamos.

Haviam saído de Huánuco por volta das seis, com uma hora de atraso, e estavam ocupando os dois assentos da frente no velho Dodge, ao lado do motorista. Atrás se apinhavam quatro passageiros, entre os quais uma senhora que gemia “ai, Jesus” a cada buraco da estrada. O motorista estava com um gorro enterrado até as orelhas e um cachecol cobrindo a sua boca, de um modo que quase não se distinguia o seu rosto. Tinha ligado o rádio a todo volume, de maneira que não se ouvia o que Carreño e Mercedes se falavam ao ouvido. À medida que o veículo subia a Cordilheira, o aparelho captava pior e a música naufragava entre apitos e zumbidos.

— Apertadinhos como estavam, você na certa aproveitava para passar a mão — comentou Lituma.

— Está falando comigo só para ter um pretexto e beijar meu pescoço — disse ela, também falando com a boca encostada em seu ouvido.

— Incomoda? — sussurrou ele, passando os lábios devagarzinho no contorno da orelha.

— Essas bolinagens dentro do carro são uma coisa — sentenciou Lituma.

— Está me fazendo cócegas — disse ela. — O motorista deve achar que sou uma idiota que fica rindo o tempo todo.

— É que o amor para você não é coisa séria. — Carreño tornou a beijá-la.

— Prometa que nunca mais na vida vai usar farda de milico — disse Mercedes. — Pelo menos enquanto estivermos juntos.

— Prometo tudo o que você me pedir — adoeceu-se o rapaz.

— E olhe só — suspirou Lituma. — Voltou a usar, e aqui nem sequer pode tirar o uniforme. Vai morrer com as botas nos pés, Tomasito. Viu esse filmaço?

Carreño passara o braço pelos ombros dela e tentava amortecer com seu corpo os solavancos que o Dodge fazia Mercedes dar. Escurecia depressa, estava começando a fazer frio. Vestiram os suéteres de alpaca que tinham comprado em Huánuco, mas um dos vidros do veículo estava rachado e um ventinho gelado se filtrava pela fresta. O motorista acabou desligando o rádio, já inaudível.

— Não é que eu ache que vai acontecer alguma coisa — disse, falando alto, por trás do cachecol. — Mas minha obrigação é avisar. Tem havido muitos assaltos nesta estrada ultimamente.

Nenhum dos passageiros fez qualquer comentário, mas a atmosfera do veículo ficou espessa, como leite coalhado. Carreño sentiu que Mercedes estava rígida.

— E o mais provável é que nós dois vamos para o túmulo fardados, Tomasito. Você às vezes não se cansa de esperá-los? Às vezes não pensa: “Tomara que venham de uma vez e termine esta maldita guerra de nervos”?

— E o que quer dizer isso? — perguntou, afinal, no banco de trás, a senhora das exclamações. — Que estamos em perigo?

— Espero que não — respondeu o motorista. — Mas tenho o dever de avisar.

— E se acontecer? — perguntou outro passageiro.

— Se acontecer, o melhor é não ser respondão — sugeriu o motorista. — Esta é a minha recomendação, pelo menos. Os caras que assaltam vêm armados e com o dedo no gatilho.

— Quer dizer, damos a eles tudo o que temos, feito cordeirinhos mansos — disse a mulher, irritada. — Mesmo que fiquemos com uma mão atrás e outra na frente. Que bom conselho, caramba.

— Se quiser bancar a heroína, é problema seu — disse o motorista. — Só estou dando uma opinião.

— Está é assustando os passageiros — interveio Carreño. — Uma coisa é dar um conselho, outra coisa é meter medo nas pessoas.

O motorista virou um pouquinho a cabeça para observá-lo.

— Não quero assustar ninguém — afirmou. — Só que já me assaltaram três vezes, e na última me quebraram o joelho com uma pancada.

Houve um longo silêncio, entrecortado pelos roncões e espasmos do motor e os sons metálicos da carroceria sacudida pelos buracos e pedras do caminho.

— Não sei por que você faz um trabalho tão perigoso, então — comentou um passageiro que até aquele momento não tinha falado nada.

— Pela mesma razão pela qual vocês viajam até Lima por terra, sabendo que é perigoso — disse o motorista. — Por necessidade.

— Maldita hora em que vim para Tingo María, maldita hora em que aceitei o convite daquele babão — sussurrou Mercedes no ouvido do rapaz. — Eu estava muito bem, tinha dinheiro para comprar roupa, sempre me divertia no show do Vacilón, era independente. E agora, perseguida e amancebada com um guarda civil.

— Era o seu destino — o rapaz tornou a beijá-la na orelha, sentindo-a estremecer. — Por mais que você não acredite, agora vai começar a melhor parte da sua vida. Sabe por quê? Porque estamos juntos. E quer que lhe diga uma coisa?

— Eu sempre esperando coisinhas gostosas, carícias, bolinação, trepadas para me distrair do jejum forçado, e você sempre indo para o lado romântico — reclamou Lituma. — Você não tem jeito, Tomasito.

— O quê? — sussurrou ela.

— Juntos até que a morte nos separe. — Carreño mordiscou a ponta da sua orelha e Mercedes riu, alto.

— Vocês não estão em viagem de lua de mel, por acaso? — O motorista olhou para eles.

— Acabamos de nos casar — confirmou instantaneamente Carreño. — Como adivinhou?

— Meu sexto sentido. — O motorista riu. — E pelos beijinhos que estão dando.

Alguém riu no banco de trás e um passageiro murmurou: “Parabéns para os noivos.” Carreño apertou Mercedes contra si e, beijando-a, sussurrou:

— Agora você é minha mulherzinha diante de todo mundo. Nunca mais vai poder se livrar de mim.

— Se continuar me fazendo cócegas, vou mudar de lugar — sussurrou ela. — Estou quase fazendo xixi de tanto rir.

— Eu pagaria qualquer coisa para ver uma mulherzinha mijando — mugiu Lituma, estremecendo o catre. — Nunca pensei nisso, droga. E agora que me provoca, não há fêmeas à vista.

— Você devia ir no porta-malas — disse Carreño. — Bem, vou lhe dar um descanso. Dez minutos sem beijar. Pode dormir no meu ombro, como no caminhão. Eu acordo você se nos assaltarem.

— A coisa estava ficando boa com o assunto do xixi, e você a manda dormir — protestou Lituma. — Ai, que desgraça.

— Como você é engraçado, guardinha — disse ela, acomodando-se.

— Ninguém vai estragar a nossa lua de mel — disse o rapaz.

A estrada estava vazia; vez por outra cruzavam com algum caminhão ostentoso que obrigava o Dodge a sair da pista.

Não chovia, mas o céu estava pesado e, em vez de estrelas, um tênue clarão esfumava os contornos de algumas nuvens de chumbo e o horizonte de picos e cristas de neve. Carreño foi adormecendo.

— Acordei com um brilho que me feriu os olhos e uma voz dizendo: “Documentos” — continuou o guarda. — Lutando contra o torpor, apalpei a cintura e o revólver estava onde devia estar.

— Vamos começar com histórias de caubói — comentou Lituma. — Quantos você matou dessa vez?

Mercedes esfregava os olhos, movendo a cabeça para um lado e para o outro. O motorista estava passando os títulos de eleitor dos passageiros para um homem de metralhadora que estava com metade da cabeça dentro do veículo. Carreño viu uma guarita iluminada por lampiões, um escudo, e outro homem, enrolado num poncho e também com metralhadora no ombro, esfregando as mãos. Uma corrente de metal, pendurada em dois barris, fechava o caminho. Em volta não se viam luzes nem casas, só morros.

— Um momentinho — disse o homem, e foi até a guarita com os documentos na mão.

— Não sei o que deu neles — comentou o motorista, virando-se para os passageiros. — Nunca param o trânsito aqui, e muito menos a essa hora.

Sob a luz oleosa do lampião do posto, um dos policiais examinava documento por documento. Aproximava-os dos olhos como se fosse míope. O outro continuava esfregando as mãos.

— Deve estar gelado, lá fora — murmurou a mulher do banco de trás.

— Espere só chegar à puna para ver o que é frio — preveniu o motorista.

Passaram um longo tempo em silêncio, ouvindo o vento assobiar. Agora os policiais estavam conversando, e o que havia recolhido os documentos mostrava um papel ao outro, apontando para o Dodge.

— Se acontecer alguma coisa comigo, continue a viagem. — O rapaz beijou a orelha de Mercedes, vendo os dois homens do posto se aproximarem do carro, um atrás do outro.

— Mercedes Trelles — disse o homem, introduzindo de novo a cabeça no veículo.

— Este é o nome da sua piurana? — disse Lituma. — Então talvez seja parente de uma pessoa que conheci. O Patojo Trelles. Tinha uma sapataria perto do cinema Municipal e vivia comendo *chifles*.

— Sou eu.

— Venha um momentinho, para uma verificação.

Devolveu os outros documentos ao motorista, para que os distribuísse entre os passageiros, e esperou que Carreño descesse para ajudar a mulher a sair do carro. O outro policial agora estava com a metralhadora nas mãos e permanecia a um metro do ônibus.

— Nenhum dos dois parecia dar muita importância à coisa — disse Tomás. — Pareciam entediados, coisa de rotina. Podia ser pura coincidência que a tivessem chamado. Mas eu não podia me arriscar, tratando-se dela.

— Claro, claro — caçoou Lituma. — Você é desses que primeiro matam e depois perguntam ao morto como se chama.

Mercedes se afastou, caminhando devagar até a guarita, seguida pelo homem que tinha verificado seus documentos. Carreño ficou em pé, junto à porta aberta do Dodge e, embora nas sombras fosse improvável que ele percebesse, sorria exageradamente para o policial que vigiava o carro.

— Como vocês não morrem de frio aqui, chefe — murmurou, enquanto, de maneira espalhafatosa, esfregava os braços e fazia “Brrr”. — A que altura estamos?

— Três mil e duzentos metros, mais ou menos.

O rapaz puxou os cigarros do bolso e botou um na boca. Ia guardar o maço,

mas, como que lembrando, ofereceu-o ao policial: “Quer fumar?” Ao mesmo tempo, sem esperar a resposta, deu dois passinhos em sua direção. O policial não se alarmou nem um pouco. Pegou um cigarro e, sem dizer obrigado, pôs na boca.

— Esse aí, como policial, era um bobalhão — julgou Lituma. — Até eu, que sou outro bobalhão, teria desconfiado.

— Estavam mortos de sono, meu cabo.

Carreño acendeu um fósforo, que o vento apagou. Acendeu um segundo, encolhendo-se para proteger o fogo com seu corpo — estava com todos os sentidos em alerta, como uma fera antes de atacar —, ouvindo a senhora queixosa pedir ao motorista para fechar a porta, e aproximou-o da boca onde o cigarro estava pendurado. Quando, em lugar do fogo, foi o cano do revólver que bateu nos seus dentes, o policial ficou petrificado.

— Nem um grito, nem um movimento — ordenou Tomás. — Para o seu bem.

Estava com os olhos fixos no homem que agora abria a boca — o cigarro rolou para o chão — e a quem despojava suavemente da metralhadora com a mão livre, mas com os ouvidos atentos ao que ocorria no carro, temendo que o motorista ou um dos passageiros desse um grito para alertar o policial do posto.

— Mas não ouviu nada, porque os passageiros, sonolentos, nem perceberam o que estava acontecendo — recitou Lituma. — Viu, eu adivinho tudo. Sabe por quê? Porque assisti a muitos filmes na vida e conheço todos os truques.

— Mãos ao alto — ordenou em voz alta, da soleira da porta.

Apontava o revólver para o policial sentado à mesinha e, com a metralhadora, o crânio do que estava à sua frente. Usava este último como escudo. Ouviu Mercedes dar um gritinho, mas não olhou para ela, sempre atento ao homem da mesa. Após um instante de surpresa, este levantou as mãos. Ficou olhando para ele. Piscava, abobalhado.

— Eu disse a Mercedes: “Pegue a metralhadora” — lembrou Carreño. — Mas ela estava morrendo de medo e não se moveu. Tive que repetir a ordem com um grito.

— Não queria fazer xixi nesse momento também?

Dessa vez ela apanhou com as duas mãos a arma que o policial tinha deixado na mesa.

— Botei os dois contra a parede, com as mãos na cabeça — prosseguiu o rapaz. — O senhor ficaria assombrado se visse como eram obedientes, meu cabo. Deixaram-se revistar, entregaram as armas e se amarraram um ao outro sem abrir o bico.

Só quando Tomás e Mercedes estavam saindo, um deles se atreveu a murmurar:

— Não vai chegar muito longe, compadre.

— E não chegou mesmo — disse Lituma. — Vou dormir, Tomasito, já estou cansado e sua história me deu sono.

— Estou bem armado para me defender — cortou-o Carreño.

— O que está havendo aqui? — disse, atrás dele, o motorista.

— Nada, nada, já vamos.

— Como que nada? — ouviu-o exclamar. — Mas quem é você, por quê...

— Calma, calma, não é com você, não vai lhe acontecer nada — disse o rapaz, empurrando-o para fora.

Os passageiros tinham descido do Dodge e rodeavam Mercedes, acoçando-a com perguntas. Ela balançava as mãos e a cabeça, meio histérica: “Não sei, não sei.”

Carreño jogou no banco do Dodge as metralhadoras e as pistolas dos dois homens do posto e indicou ao motorista que se sentasse ao volante. Pegando Mercedes pelo braço, obrigou-a a subir no carro.

— Vai nos deixar aqui? — indignou-se a senhora das queixas.

— Alguém vem buscá-los, não se preocupem. Não podem vir comigo, iriam pensar que são meus cúmplices.

— Então, deixe eu ficar com eles — protestou o motorista, já empunhando o volante.

— E para que diabos levou o motorista? — bocejou Lituma. — Não bastava Mercedes como companhia?

— Nem minha mulher nem eu sabemos dirigir — explicou Carreño. — Dê a partida de uma vez e pé na tábua.

Segunda parte

VI

— Bem, acho que já posso ir embora — disse o cabo Lituma, calculando que se partisse imediatamente chegaria a Naccos antes de anoitecer.

— De jeito nenhum, meu amigo — deteve-o, levantando duas mãos cordiais, o engenheiro alto e louro que estava sendo tão gentil com ele desde que chegara a La Esperanza. — A noite pode alcançá-lo no caminho, coisa que não recomendo. Fique para jantar e dormir aqui, e amanhã cedinho Francisco López o leva de volta a Naccos no jipe.

O engenheiro moreninho, que chamavam de Pichín, também insistiu, e Lituma não se fez de rogado para passar mais uma noite na mina. Porque, de fato, não era prudente viajar às escuras por aquelas solidões, e também porque, desse modo, teria oportunidade de ver e ouvir um pouco mais aquele gringo que está visitando a La Esperanza, um explorador ou coisa assim. Desde que o viu, ficou fascinado. O homem usava barba e cabelo desgrenhados, longos como Lituma só vira antes em certas imagens de profetas e apóstolos bíblicos, ou como usavam alguns doidos ou mendigos *seminus* pelas ruas de Lima. Mas aquele homem não tinha nada de doido; era um sábio. Porém singelo e amigoso, com um jeito de cidadão das nuvens perdido na terra, e totalmente indiferente — inconsciente? — do perigo que havia corrido na mina com a incursão dos *terrucos*. Os engenheiros o chamavam de Profe e às vezes Escarlatina.

Enquanto tomava depoimentos, fazia o inventário do que os assaltantes tinham levado e escrevia os informes necessários para a companhia de seguros, Lituma ouvia os dois engenheiros, principalmente o louro, o Profe, falando dos horrores que os *terrucos* faziam com ele se tivessem descoberto que, ali mesmo, embaixo do seu nariz, escondido nos depósitos de água, havia um agente da CIA. O homem entrava no jogo. Em matéria de horrores, podia dar lições aos *terrucos*, uns aprendizes que só sabiam matar as pessoas a bala, faca ou esmagando suas cabeças, mediocridades comparadas com as técnicas dos antigos peruanos que, nisso, tinham atingido formas refinadíssimas. Mais que os antigos mexicanos, embora haja um complô internacional de historiadores para ocultar a contribuição peruana à arte dos sacrifícios humanos. Todo mundo sabia que os sacerdotes astecas, no alto das pirâmides, arrancavam o coração das vítimas da *guerra florida*, mas quanta gente ouviu falar da paixão religiosa dos *chancas* e dos *huancas* pelas vísceras humanas, da delicada cirurgia com que extirpavam o fígado e os miolos e os rins das suas vítimas, que comiam em suas cerimônias acompanhados de boa *chicha* de milho? Os engenheiros o provocavam e ele os provocava e Lituma fingia estar concentrado na redação dos informes, mas não perdia uma palavra da conversa. E daria qualquer

coisa para sentar-se um bom tempo para ouvir aquele tagarela e examinar à vontade seu jeito estrambótico.

Era gringo? Por seus olhos claros e esses cabelos louros que se enredavam em sua cabeça e por sua barba já com muitos fios brancos, parecia. Tanto como pelo jaquetão de rombos vermelhos e brancos, tão cafona, que usava sobre as calças e camisas de vaqueiro e seus sapatões de alpinista. Nenhum peruano se vestia assim. Mas o espanhol que falava era mais que perfeito, muitas de suas palavras Lituma ouvia pela primeira vez, mas tinha certeza de que existiam nos livros. Um verdadeiro crânio, puta merda. Esta noite prometia.

Nos bons tempos, explicaram os engenheiros, La Esperanza tinha mais de cem mineiros em suas socavas, mas agora só trabalhavam uns trinta. E, pelo andar da carruagem, com os problemas e a baixa no preço dos metais, talvez tivesse que fechar, como outras minas em Cerro de Pasco e de Junín. Continuava funcionando mais por não dar o braço a torcer que por outra razão, porque já não era bom negócio. O acampamento parecia o da construtora, em Naccos: pequeno, com barracões de madeira e duas casas sólidas, onde funcionava o escritório e onde se alojavam os engenheiros quando vinham.

Numa ala vivia o capataz (agora ausente, pois tinha levado o ferido para Huancayo). Nessa casinha deram a Lituma um quarto, com uma cama, um lampião a querosene e um lavatório. Da janela viu os dois reservatórios de água, no meio do caminho entre a entrada do túnel e os barracões. Dois recipientes altos, fixados com pilares de pedra e umas escadinhas de ferro. Num deles, esvaziado na véspera para a limpeza anual, os engenheiros e o doutor se refugiaram quando ouviram os *terrucos*. Ali dentro, tremendo de frio e de medo — ou também teriam inventado piadas em voz baixa? —, permaneceram as três horas que os invasores levaram para trocar tiros com a meia dúzia de homens da segurança e botá-los para correr — o morto e o ferido pertenciam ao grupo que trabalhava sob as ordens de Francisco López —, roubar os explosivos, pavios, remédios, botas e roupas do armazém e o estojo de primeiros socorros, e discursar para os mineiros, que mandaram sair dos barracões e formar na pequena esplanada vizinha, à luz de umas lâmpadas de acetileno.

— Sabe do que vou me lembrar desta aventura, cabo? — perguntou o engenheiro louro, que Pichín chamava de Bali. — Não do medo que sentia, nem do roubo, nem mesmo do pobre rapaz que alvejaram. Mas de que nenhum mineiro nos denunciou.

Estavam começando a comer, sentados em torno de uma mesa comprida. Entre a fumaça dos cigarros, flutuavam aromas apetitosos.

— Bastava alguém apontar com o dedo ou com a cabeça para o reservatório — concordou Pichín. — Teriam feito um julgamento revolucionário e nós já estaríamos no Paraíso, não é, Bali?

— Você e eu no inferno, Pichín. O Profe iria para o céu, ele sim. Porque, imagine, cabo, o Escarlatina, este aí que está na sua frente, ainda não cometeu o primeiro pecado.

— Eu não teria feito uma cachorrada dessas — disse o doutor, e Lituma tentou em vão detectar no seu sotaque alguma sílaba que soasse estrangeira. — Eu os acompanharia para compartilhar as chamas. Das que queimam, eu não disse lhamas, essas que cospem.

Ele havia cozinhado enquanto os dois engenheiros e Francisco López e Lituma bebiam um perfumado pisco iquenho que afinal lhe encheu as veias de um delicioso calorzinho e a cabeça de uma despreocupação excitada. Na verdade, o doutor preparou um verdadeiro banquete: sopa de batata seca e favas com pedaços de galinha e uma milanesa com arroz branco. De lamber os beiços! Comeram todos esses manjares com umas cervejinhas geladas que acabaram deixando Lituma muito alegre. Não comia tão bem fazia meses; desde os tempos de Piura, no mínimo. Estava tão absorto que, desde o momento em que se sentou à mesa com eles, quase não se lembrara mais dos desaparecidos de Naccos, nem dos prantos noturnos e das confissões sentimentais de Tomasito, os dois assuntos que — agora se dava conta — ocupavam toda sua vida ultimamente.

— E sabe por que vou me lembrar para sempre da lealdade desses trinta mineiros, cabo? — insistiu o engenheiro Bali. — Porque eles deram uma lição a Pichín e a mim. Nós pensávamos que tinham ligação com os *terrucos*. E, como pode ver, graças ao silêncio deles, estamos aqui.

— Vivinhos e serelepes, e com uma história do caralho para contar aos amigos — concluiu Pichín.

— Ainda temos muita estrada pela frente. — O Profe levantou o copo de cerveja. — Vocês acham que devem a vida aos trabalhadores que não os delataram. Eu lhes digo que devem aos *apus* destas montanhas. Eles foram benevolentes com vocês graças a mim. Resumindo: eu os salvei.

— E por que graças ao senhor, Profe? — perguntou Pachín. — O que deu para os *apus*?

— Trinta anos de estudo — suspirou o doutor. — Cinco livros. Uma centena de artigos. Ah, e até um mapa linguístico-arqueológico da serra central.

— O que são os *apus*, doutor? — atreveu-se a perguntar Lituma.

— Os deuses *manes*, os espíritos tutelares dos morros e montanhas da Cordilheira — disse o professor, encantado de falar de uma coisa que, pelo visto, lhe dava um enorme prazer. — Cada elevação dos Andes, por pequena que seja, tem seu deusinho protetor. Quando os espanhóis chegaram e destruíram os ídolos e as *huacas* e batizaram os índios e proibiram os cultos pagãos, pensaram que essas idolatrias iam acabar. Mas a verdade é que, entremeadas com os ritos cristãos, continuam vigentes.

Os *apus* decidem a vida e a morte nestas terras. Devemos a eles o fato de estarmos aqui, meus amigos. Um brinde aos *apus* de La Esperanza!

Encorajado pelo pisco, pela cerveja e pela atmosfera cordial, Lituma interveio outra vez:

— Lá em Naccos tem uma mulher, meio bruxa, que entende muito dessas coisas, doutor. A dona Adriana. E, justamente, segundo ela os morros estão cheios de espíritos, com os quais ela diz que se comunica. Garante que são malignos e que gostam de carne humana.

— Adriana? A mulher de Dionisio, o vendedor de pisco? — replicou na hora o doutor. — Conheço muito bem. E também o beerrão do marido. Iam de vila em vila, uma tropa de músicos e bailarinos e ele vestido de *ukuko*, quer dizer, de urso. Uns bons informantes, os dois. Os senderistas ainda não os mataram acusando-os de antissociais?

Lituma ficou estupefato. Aquele homem era como Deus, sabia de tudo e conhecia todo mundo. Como, ainda por cima sendo estrangeiro?

— Em vez de doutor, chame-me de Paul, Paul Stirmsson, ou simplesmente Pablo, ou Escarlatina, que é como me chamam os meus alunos em Odense. — Havia tirado um cachimbo dos bolsos do jaquetão de rombos vermelhos e nele desmanchava um par de cigarros de tabaco negro; assentava o fumo com os dedos. — No meu país só são chamados de doutor os médicos, não os humanistas.

— Vamos, Escarlatina, conte ao cabo Lituma como foi que virou peruanófilo — incentivou Pichín.

Quando ainda era um menino de calças curtas, lá na Dinamarca, sua terra natal, seu pai lhe dera um livro sobre o descobrimento e a conquista do Peru pelos espanhóis, escrito por um senhor chamado Prescott. Essa leitura decidiu o seu destino. Desde então viveu cheio de curiosidade pelos homens, as coisas e as histórias deste país. Passou toda a vida estudando e ensinando os costumes, os mitos e a história do Peru, primeiro em Copenhague e depois em Odense. E fazia trinta anos que passava todas as férias nas montanhas do Peru. Nos Andes se sentia em casa.

— Agora entendo por que fala assim o espanhol — murmurou Lituma, cheio de admiração.

— E olhe que não o ouviu falar quéchua — interveio Pichín. — Com os mineiros, fica em altos papos, direitinho como se fosse um índio de pura cepa.

— Quer dizer que também fala quéchua — exclamou Lituma, maravilhado.

— Em suas variantes cusquenha e ayacuchana — precisou o Profe, sem esconder a satisfação que o assombro do policial lhe causava. — E um pouquinho de aimará, também.

Acrescentou que, no entanto, a linguagem peruana que gostaria de ter aprendido era a dos *huanacas*, uma antiga cultura dos Andes centrais, depois

conquistada pelos incas.

— Melhor dizendo, apagada pelos incas — corrigiu. — Eles fizeram uma boa fama, e a partir do século XVIII todos falam de conquistadores tolerantes, que adotavam os deuses dos vencidos. Um grande mito. Como todos os impérios, os incas eram brutais com os povos que não se submetiam docilmente a eles. Praticamente excluíram da história os *huancas* e os *chancas*. Destruíram suas cidades e os dispersaram, espalhando-os por todo o Tahuantinsuyo, mediante o sistema de *mitimaes*, os exílios maciços de populações. Fizeram de tudo para que não ficassem traços das suas crenças nem dos seus costumes. Nem mesmo da sua língua. Esse dialeto quéchua que sobreviveu na região não era a língua dos *huancas*.

Acrescentou que os historiadores modernos não tinham muita simpatia por eles, porque haviam ajudado os espanhóis contra os exércitos incas. Não era justo que o fizessem? Agiram assim seguindo um velho princípio: os inimigos dos nossos inimigos são nossos amigos. Ajudaram os conquistadores pensando que estes os ajudariam a emancipar-se de quem os mantinha em servidão. Erraram, é claro, já que os espanhóis depois os submeteram a um jugo ainda mais severo que o dos incas. A questão é que a história foi muito injusta com os *huancas*: quase não aparecem nos livros sobre o antigo Peru e, de modo geral, só para lembrar que tinham sido homens de costumes ferozes e colaboradores do invasor.

O engenheiro alto e louro — Bali seria seu nome, ou era apelido? — levantou-se e trouxe de novo a garrafinha daquele pisco iquenho de aroma tão intenso que tinham saboreado antes do jantar.

— Vamos nos vacinar contra a geada — disse, enchendo as taças. — Se os senderistas voltarem, vamos estar tão bêbados que nem nos importaremos.

O vento ululava nas janelas e nos telhados e fazia a casa tremer. Lituma sentia-se bêbado. Incrível que Escarlatina conhecesse Dionisio e dona Adriana. E até havia visto o cantineiro percorrendo o mundo, dançando nas feiras vestido de *ukuko*. E com seus espelinhos, corrente e máscara, na certa. Como seria ouvir esses três conversando sobre os *apus* e *pishtacos*. Puta merda, interessantíssimo. Será que o doutor acreditava mesmo nos *apus*, ou queria se fazer de sabido? Pensou em Naccos. Tomasito já devia estar deitado, olhando para o teto na escuridão, imerso nos pensamentos que povoavam suas noites e o faziam derramar lágrimas dormindo. Seria mesmo um mulherão a piuranita Mercedes? Tinha deixado o rapaz doidinho. A espelunca de Dionisio e dona Adriana já devia estar cheia de bêbados tristes, que o cantineiro tentaria animar com seus cantos e trejeitos, incentivando-os a dançar entre si e esbarrando neles como quem não quer nada. Tremenda bicha, na certa. Pensou nos peões, dormindo em seus barracões com o segredo do que aconteceu com aqueles três, um segredo que ele nunca chegaria a conhecer. O cabo sentiu outra pontada de saudade da sua remota Piura, por seu clima candente, sua gente

extrovertida que não sabia guardar segredos, seus desertos e montanhas sem *apus* nem *pishtacos*, uma terra que, desde que o transferiram para estas alturas encrespadas, vivia na sua memória como um paraíso perdido. Voltaria a botar os pés lá? Fez um esforço para acompanhar a conversa.

— Os *huanca*s eram umas feras, Escarlatina — alegava Pichín, examinando sua taça à contraluz como se temesse que algum inseto houvesse mergulhado nela. — E os *chanca*s também. Você mesmo nos contou as barbaridades que eles faziam para deixar seus *apus* contentes. Esse hábito de sacrificar crianças, homens, mulheres para o rio que iam desviar, para o caminho que iam abrir, para o templo ou a fortaleza que construía(m), não é lá muito civilizado, digamos.

— Lá em Odense, perto do bairro onde moro, uma seita de satanistas assassinou um ancião espetando-lhe alfinetes, como oferenda a Belzebu. — Encolheu os ombros o professor Stirmsson. — Claro que eram umas feras. Algum povo da Antiguidade passaria no exame? Qual deles não foi cruel e intolerante, julgado pela perspectiva de agora?

Francisco López, que tinha saído para ver se tudo estava em ordem, voltou, e com ele entrou um vento gelado no quarto onde conversavam.

— Tudo tranquilo — disse, tirando o poncho. — Mas a temperatura desceu muito e está começando a cair granizo. Vamos bater na madeira, espero que esta noite não venha um *huayco*, ainda por cima.

— Aqueça-se com um gole. — Voltou a encher seu copo o engenheiro moreno. — Era só o que nos faltava. Depois dos terroristas, um *huayco*.

— Eu me pergunto — murmurou o engenheiro louro, completamente abstraído, falando para si mesmo — se o que está acontecendo no Peru não é uma ressurreição de toda essa violência empoçada. Como se ela tivesse ficado escondida em algum lugar e, de repente, por alguma razão, saísse de novo à superfície.

— Se vier me falar outra vez da tal ecologista, vou dormir — tentou silenciá-lo seu amigo Pichín. E a Lituma, que o olhava surpreso, explicou, apontando para o amigo: — Ele conhecia a senhora d’Harcourt, aquela que mataram mês passado em Huancavelica. Toma um copo e filosofa sobre ela. E entre um mineiro e um filósofo há uma grande diferença, Bali.

Mas o engenheiro louro não respondeu. Estava ensimesmado, os olhos brilhando por causa da bebida e com uma mecha de cabelo caindo sobre a testa.

— Na verdade, se há uma morte difícil de entender é a de Hortensia. — O rosto do professor se ensombreceu. — Mas, claro, o erro é nosso, querer entender essas matanças com a cabeça. Porque elas não têm explicação racional.

— Ela sabia muito bem o risco que estava correndo — disse Bali, abrindo muito os olhos. — E continuava fazendo o que fazia. Como você, Escarlatina. Você também sabe que está se arriscando. Se eles nos pegassem ontem à noite, talvez

Pichín e eu pudéssemos ter negociado com eles. Mas, você, esmagariam seu crânio a pedradas, como fizeram com Hortensia. E, no entanto, continua vindo. Eu tiro o meu chapéu, velho.

— Bem, vocês também continuam vindo — o professor devolveu a gentileza.

— Nós vivemos desta mina — disse Pichín. — Bem, vivíamos.

— O que tem o Peru que desperta essas paixões em alguns estrangeiros? — assombrou-se Bali. — Não merecemos.

— É um país que não dá para entender. — Escarlatina riu. — E não existe nada mais atraente que o indecifrável, para pessoas de países claros e transparentes como o meu.

— Acho que nunca mais voltarei a La Esperanza — Bali mudou de assunto. — Não tenho vontade de bancar o herói, muito menos por uma mina que perde dinheiro. A verdade é que ontem à noite me borrei de medo.

— Nós sentimos, o Profe e eu, no depósito — disse Pichín. — Melhor dizendo, sentimos o cheiro.

Bali riu, o professor riu, e López também riu. Mas Lituma continuou muito sério, só ouvindo, adormecido numa inquietação profunda. Mais tarde, quando, depois de terminar com a garrafa de pisco, todos deram boa-noite e foram para seus dormitórios, o cabo parou na porta do quarto do professor Stirmsson, contíguo ao seu.

— Ainda tenho uma curiosidade, doutor — murmurou, respeitosamente, com a língua um pouco enrolada. — Então os *chancas* e os *huanacas* sacrificavam gente quando iam abrir um caminho?

O professor estava dobrado para tirar as botas, e a lâmpada de acetileno desmanchava suas feições, dando-lhe um aspecto fantasmagórico. Lituma pensou que, de repente, surgiria um halo dourado de santinho em volta dos seus cabelos brancos.

— Não faziam isso por crueldade, e sim porque eram muito religiosos — explicou. — Era a maneira de mostrar respeito aos espíritos das montanhas, da terra, que iriam perturbar. Faziam isso para não sofrer represálias. Para garantir sua sobrevivência. Para que não houvesse desmoronamentos, *huaycos*, para que não caísse um raio e os queimasse nem transbordassem as lagoas. É preciso entendê-los. Para eles, não havia catástrofes naturais. Tudo era decidido por uma vontade superior, que precisavam conquistar com sacrifícios.

— Isso mesmo que o senhor contou já ouvi dona Adriana dizer uma vez, doutor.

— Mande lembranças de minha parte a ela e a Dionisio — disse o Profe. — Estivemos juntos pela última vez na feira de Huancayo. Adriana era uma *cholita* muito bonita, quando jovem. Depois foi piorando, como todo mundo. Vejo que se

interessa pela história, cabo.

— Um pouquinho — assentiu Lituma. — Tenha uma boa noite, doutor.

Todos andam assustados desde que se soube da invasão de *pishtacos* e que nos bairros de Ayacucho os moradores organizam rondas para combatê-los. “Temos que fazer a mesma coisa”, dizem. “Não pode ser que os degoladores comecem a fazer sua farra em Naccos também.” Querem acender fogueiras de noite entre os barracões para avisá-los assim que apareçam. Eles sempre surgem onde as coisas começam a dar errado. Está se repetindo a história de quando Naccos entrou em decadência. Porque isto aqui já foi um vilarejo mineiro muito próspero. Foi por isso que Timoteo e eu, quando fugimos de Quenka, viemos para cá.

Nessa época eu era jovem e a mina de Naccos não estava abandonada; vivia cheia de mineiros que vinham de toda a região, e até de lugares afastados como Pampas, Acobamba, Izcuchaca e Lircay. Volta e meia abriam novas galerias na socava para tirar a prata e o zinco. E os recrutadores tinham que ir cada vez mais longe para contratar gente disposta a vir para a mina, que na época se chamava Santa Rita. Para alojá-los, montaram barracões e tendas em todas as encostas do morro; muitos mineiros dormiam enrolados em seus ponchos nos vãos das pedras grandes. Até que um dia os engenheiros disseram que o metal de qualidade havia acabado, que praticamente só restava a escória invendível.

Quando começaram a despedir trabalhadores e Santa Rita a entrar em decadência e muita gente a sair de Naccos, aconteceram coisas estranhas que ninguém sabia explicar. E no vilarejo surgiram uma desconfiança e um medo parecidos com os que os peões da estrada sentem agora. Um gordinho que vinha de Huasicancha e era vigia do armazém começou a emagrecer e a dizer que se sentia estranho, como se estivesse vazio por dentro e seu corpo fosse só pele e ossos, um balão que podia ser estourado com um alfinete, e sua cabeça também parecia purgada de ideias e de lembranças. Quando morreu, poucas semanas depois, estava tão encolhido e magro que parecia um menino raquítico de dez anos. Não se lembrava de onde vinha nem do próprio nome, e perguntava assustado aos que iam vê-lo, com um fiapinho de voz, se era humano ou animal, pois nem disso tinha certeza. Não me contaram, Timoteo e eu vimos isso com nossos próprios olhos.

O vigia se chamava Juan Apaza. Só depois de enterrá-lo no fundo da bocaina os mineiros de Santa Rita e suas famílias começaram a suspeitar que a misteriosa doença da Apaza não era tal, e sim um *pishtaco* que tinha atravessado o seu caminho. Exatamente como agora, todo mundo em Naccos estava agitado e nervoso. “Existe remédio contra isso?”, perguntavam. “Pode-se fazer alguma coisa contra os *pishtacos*?” Vinham me consultar porque correu o boato de que eu sabia quais morros eram

machos e quais morros eram fêmeas, e também que pedras pariam. Claro que existe remédio, claro que se pode fazer alguma coisa. Ter cuidado e tomar precauções. Deixar uma bacia de água na entrada da casa para anular o efeito do pó mágico que o *pishtaco* joga em suas vítimas, serve. Urinar numa pontinha das camisas e casacos antes de vestir, ajuda. E usar alguma coisa de lã, as mulheres uma faixa, trazer consigo uma tesoura, um sabonete e um dente de alho ou um pouquinho de sal, também. Não fizeram nada disso, e portanto as coisas deram no que deram. Eles não aceitavam a verdade; esses de agora estão aceitando. Já tiveram provas suficientes para não continuarem incrédulos. Não é mesmo?

Quando o povo de Naccos percebeu o que estava acontecendo, o *pishtaco* que matou Juan Apaza já tinha secado vários. Na época a gordura humana servia para fazer unguentos ou misturar no metal dos sinos, para cantarem no tom certo.

Agora, desde a invasão dos *pishtacos*, muita gente tem certeza em Ayacucho de que a gordura é mandada para o estrangeiro e para Lima, onde há fábricas que só funcionam com sebo de homem ou de mulher.

Conheci muito bem esse *pishtaco* de Santa Rita. Depois de secar Juan Apaza, ele secou Sebastián, um amigo de Timoteo. Toda Naccos acompanhou essa história passo a passo, porque o homem começou a contá-la para os mineiros desde a primeira vez que se sentiu esquisito. Quer dizer, desde aquela noite nos arredores do povoado, quando vinha pelo pampa com um rebanho de lhamas, em que topou com um dos recrutadores de Santa Rita que era seu conhecido. Estava com um poncho e um chapelão enterrado até as orelhas. Fumava, encostado numa pedra. Sebastián reconheceu-o na hora. Já o tinha visto nos distritos e comunidades da região, insistindo com os camponeses para irem trabalhar em Naccos e adiantando uns soles a fim de convencê-los.

Sebastián foi falar com ele e o recrutador lhe ofereceu um cigarro. Era um forasteiro branco, com uma barbinha cor de barata e olhos claros, que em Naccos foi apelidado de Garanhão porque era metido a mulherengo (deu em cima de mim várias vezes, sem Timoteo saber). Os dois estavam fumando e conversando sobre a onda de azar que havia assolado Santa Rita, com o fim do metal, quando, de repente, Sebastián sentiu no rosto uma baforada de fumaça do Garanhão que o fez espirrar. Na mesma hora sentiu-se tonto e com sono. Não era fumaça de cigarro o que o outro lhe soprara no rosto, claro. Eram aqueles pós que o *pishtaco* usa para atordoar suas vítimas de modo que não sintam nada enquanto tira a sua gordura. Que pós são esses? Ossos triturados de lhama ou de alpaca, quase sempre. Quem os aspira não sente nem nota nada. O *pishtaco* pode tirar tudo de dentro dele sem que perceba nada nem sintam dor. Foi o que o Garanhão fez, e Sebastián, a partir dessa noite, começou a emagrecer, a diminuir e a se esquecer do que sabia. Igualzinho a Juan Apaza. Até que também morreu.

Aconteceu quando Naccos vivia da mina Santa Rita e também está acontecendo agora, que vive desta estrada. As desgraças não vão vir dos *terrucos* que andam matando ou levando tanta gente para a sua milícia. Nem dos *pishtacos* que rondam por aí. É verdade que estes sempre aparecem nos tempos difíceis, como demonstra a invasão de Ayacucho. Por aqui deve haver alguns, nas cavernas destas montanhas, acumulando sua reserva de gordura humana. Devem precisar dessas coisas lá em Lima, ou nos Estados Unidos, para lubrificar as novas máquinas, os foguetes que mandam para a Lua por exemplo. Dizem que não há gasolina nem óleo que faça funcionar tão bem os inventos científicos como a gordura dos *runas*. Para isso, devem ter mandado seus degoladores armados com uns facões de lâmina curva que se esticam feito chiclete rumo ao pescoço do sacrificado. Eles também fazem estragos, quem vai negar.

Mas as piores desgraças vêm sempre das almas que não dão as caras. São essas que pedem mais do que as pessoas podem dar. Ficam por aí, como pedras entre as pedras, esperando que os peões, de tanto sofrer desgraças, fiquem de miolo mole. Eles se irritam à toa quando eu explico. Para que perguntam, se depois tapam as orelhas e não querem ouvir? É melhor seguir os conselhos do meu marido: bebam, bebam até cair, que na embriaguez tudo fica melhor do que é, desaparecem os *terrucos*, os *pishtacos* e tudo o que enfurece e assusta vocês.

— Mas por que eu? — voltou a perguntar-se, de repente, Mercedes.

— Sinto muito, Tomasito — interrompeu Lituma, na escuridão. — Essa história que lemos no jornal de Lima sobre os sujeitos que roubam olhos de crianças me deixou enojado. Esta noite não estou com paciência para os seus namoricos. Vamos falar dos rouba-olhos, é melhor. Ou de Dionisio e da bruxa, que também não consigo tirar da cabeça.

— De jeito nenhum, meu cabo — respondeu Tomás, deitado no seu catre. — As noites são de Mercedes e de mais ninguém, a menos que eu esteja de serviço. Já tenho muitas horas durante o dia para me desesperar com as coisas que acontecem. Fique com os *pishtacos* e me deixe com minha mulher.

— Por que você não foi preso, ou, em todo caso, nós dois? — repetiu Mercedes.

Era uma pergunta que voltava aos seus lábios desde que escaparam dos policiais. Carreño lhe dera todas as respostas: podia ser que tivessem o nome dela porque a associavam ao Chanchó, fichado havia muito tempo na polícia; talvez tenham encontrado no seu título de eleitor alguma emenda ou borrão suspeito; ou então a chamaram como podiam ter chamado qualquer outro passageiro, só para tomar algum dinheiro. Para que ficar remoendo, já havia passado o pior. Não estava livre? Não tinham atravessado a metade da serra sem problemas? iam chegar a Lima são e salvos dentro de duas horinhas. Como que confirmando as palavras de

Carreño, o maquinista fez soar o apito do trem e o silvo estridente ecoou prolongadamente nos morros pelados em volta.

— O jornal não falava de *pishtacos*, falava de tira-olhos ou rouba-olhos — disse Lituma. — Mas você tem razão, Tomasito, parecem mesmo com esses *pishtacos* dos serranos. O que não me entra na cabeça é que agora comecem a acreditar nessas coisas também em Lima. Na capital do Peru, como é possível!

— O senhor pensa que estou ouvindo, mas não estou aqui — sussurrou Tomasito. — Estou no trem da serra, descendo, descendo até Desamparados, abraçadinho com o meu amor.

— Me convença, me convença — murmurou Mercedes, apertando-se contra ele. — Que foi por puro acaso que me chamaram. Não quero ir para a cadeia. Uma mulher conhecida minha esteve presa em Chorrillos. Eu ia visitá-la. Antes de ir para a prisão, eu me mato.

O rapaz abraçou-a com força, acalentando. Estavam muito juntos, num lugar que era para um só passageiro. O vagão ia repleto, com gente em pé, carregando volumes, pacotes, até galinhas, e em todas as estações continuavam subindo passageiros. Em pouco tempo não se conseguiria mais respirar. Ainda bem que a estação de Matucana já estava logo ali. Tomás apertou a boca contra a selva de cabelos de Mercedes.

— Juro que nunca vai acontecer nada de mau com você — prometeu. — Vou salvá-la sempre, como esta noite.

Beijou-a e viu que ela fechava os olhos. Pela janela, nos picos e encostas dos morros apareciam de quando em quando algumas aldeias, e as pedras do caminho já se coloriam com anúncios de publicidade. Era uma tarde de chumbo, com nuvens baixas, ameaçando uma chuva que nunca chegaria. O clima de Lima, aliás.

— Alguma coisa grave está acontecendo neste país, Tomasito — irrompeu de novo Lituma. — Como é possível que um bairro inteiro de Lima embarque numa lorota dessas? Uns gringos metendo crianças de cinco anos em carros de luxo para tirar seus olhos com bisturis ultradinâmicos. Que haja doidas que falem essas coisas, tudo bem. Lima também deve ter suas donas Adrianas. Mas que um bairro inteiro acredite nisso, e todo mundo saia correndo para buscar os filhos no colégio e comece a linchar forasteiros, não acha incrível?

— Olhos, não há iguais aos da minha Mercedes — murmurou o guarda. — Grandes como estrelas e cor de melão.

Não parecia nada apreensivo agora. Estivera enquanto rodavam pelos Andes entregues ao volante daquele motorista a quem, para que nem pensasse em bancar o espertinho, Carreño mostrava a pistola de vez em quando. Mas durante a viagem fizeram amizade com ele. Aceitou, ou fingiu que aceitou, a história de que Carreño e Mercedes estavam fugindo de um marido ciumento que ia denunciá-la à polícia.

Desceu do carro duas vezes para comprar comida e bebida e sugeriu que eles tomassem o trem em Cerro de Pasco. Como pagamento pelos serviços, Carreño lhe deixou as duas metralhadoras.

— Se quiser, devolva, como bom cidadão. Ou então venda e ganhe um monte de dinheiro com esses brinquedos.

— Vou decidir no cara ou coroa — disse o motorista, desejando feliz lua de mel aos dois. — Vou esperar umas horinhas antes de ir à polícia.

— O jornal dizia que em Chiclayo também aconteceu uma loucura parecida, no mês passado, e outra em Ferreñafe — prosseguiu Lituma. — Que uma mulher viu quatro gringos de bata branca carregando uma criança; que apareceu o cadáver de outra, sem olhinhos, num canal de irrigação e que os rouba-olhos deixaram cinquenta dólares no seu bolso. Fizeram buscas, como em Ayacucho, quando começaram os rumores de invasão de *pishtacos*. Lima, Chiclayo e Ferreñafe contagiadas com as superstições dos serranos. Igualzinho a Naccos. É uma espécie de epidemia, não acha?

— Para ser franco, estou pouco ligando, meu cabo. Porque, neste exato momentinho, eu sou feliz.

O trem chegou à estação de Desamparados por volta das seis da tarde. Começava a escurecer, mas as luzes ainda não estavam acesas, de maneira que Carreño e Mercedes atravessaram o alto vestíbulo na escuridão. Não havia policiais por ali nem na saída, além dos que estavam de guarda junto às grades do Palácio de Governo.

— É melhor que agora cada um vá para o seu lado, Carreñito — disse Mercedes, já na rua.

— Está pensando ir para a sua casa? Deve estar tão vigiada como a minha. Vai ser melhor nos esconder uns dias na casa da minha mãe.

Tomaram um táxi e, depois de dar um endereço em Breña, o rapaz inclinou-se e sussurrou no ouvido de Mercedes:

— Quer dizer que queria se livrar de mim?

— Vamos deixar as coisas bem claras — disse ela, em voz baixa, para que o motorista não ouvisse. — Aconteceu o que aconteceu, tudo certo. Mas eu lutei muito para ter uma vida independente. Não faça ideias falsas. Não vou ser rabicho de um guarda civil.

— De um ex-guarda civil — interrompeu o rapaz.

— Só vamos ficar juntos até sairmos desta confusão em que você nos meteu, ok, Carreñito?

— Não posso deixar de associar tudo isso com Dionisio e a bruxa — disse Lituma. — É como se aqueles dois selvagens tivessem razão e os civilizados, não. Saber ler e escrever, usar paletó e gravata, ter ido ao colégio e morar na cidade, isso

não adianta nada. Só os bruxos entendem o que está acontecendo. Sabe o que Dionisio disse agora de tarde, na cantina? Que para ser sábio você tem que ser filho incestuoso. Toda vez que essa bicha abre a boca me dá calafrios. Em você, não?

— Eu também estou com calafrios agora, mas de outro tipo, meu cabo. Porque estou começando minha acidentada lua de mel.

Em Breña, quando desciam pela avenida Arica, as luzes esmaecidas da rua foram acesas. O táxi contornou o colégio La Salle, passou por uma ruela e ia virar onde o rapaz lhe indicara quando este lhe deu a contraordem:

— Siga em frente. Mudei de ideia. Vamos para os Bairros Altos.

Mercedes virou-se para ele, surpresa, e viu que Carreño estava com o revólver na mão.

— O diabo e a loucura se apoderando do Peru e você só fala nessa mulher. É verdade, não há ninguém mais egoísta que um apaixonado, Tomasito.

— Vi um sujeito encostado num poste, em frente à casa, e não gostei — explicou o rapaz. — Podia ser mera apreensão, mas eu não ia arriscar.

Nos Bairros Altos, mandou o motorista deixá-los em frente ao asilo de idosos e esperou o táxi partir para puxar Mercedes pelo braço por dois quarteirões, até uma casinha com portas e janelas gradeadas, no térreo de um edifício descolorido de três andares. A porta se abriu imediatamente. Uma mulher de roupão e chinelos, com um lenço na cabeça, os examinou de cima a baixo, sem alegria.

— As coisas devem andar mal, se aparece por aqui — disse ela à guisa de cumprimento. — Há mil anos que você não vem.

— É, tia Alicia, as coisas estão meio mal no momento — reconheceu Tomás, beijando a mulher na testa. — Está livre o quartinho que você aluga?

A mulher examinou Mercedes, da cabeça aos pés. Assentiu, a contragosto.

— Pode me alugar por uns dias, tia Alicia?

Ela se afastou, para deixá-los entrar.

— Vagou ontem — disse. Quando passou ao seu lado, Mercedes murmurou “boa-noite” e a mulher respondeu com um zumbido.

Conduziu-os por um corredor estreito, cheio de fotos nas paredes, abriu uma porta e acendeu a luz: era um dormitório com uma cama só, coberta com uma colcha cor-de-rosa, e um baú que ocupava a metade do quarto. Havia uma pequena janela sem cortinas e, acima da cabeceira, um crucifixo de madeira.

— Esta noite não tem comida, e já é tarde para comprar alguma coisa — avisou a mulher. — Posso preparar um almoço, amanhã. Só que, embora o quarto tenha uma cama só, como vocês são dois...

— Vou lhe pagar em dobro — aceitou o rapaz. — O que é justo é justo.

Ela concordou e fechou a porta quando saiu.

— Essa história de que você é um santinho deve ser conversa — comentou

Mercedes. — Nunca trouxe mulheres aqui? Aquela antipática nem se alterou quando me viu.

— Até parece que você está com ciúmes — assobiou ele.

— Ciúmes?

— Sei que não — disse Carreño. — Era só para ver se, fazendo uma brincadeira, melhorava esta sua cara de susto. Eu nunca trouxe ninguém aqui. E Alicia não é minha tia. Todo mundo a chama assim. Este era o meu bairro, numa época. Vamos nos lavar e sair para comer.

— Quer dizer que, segundo aquele veado, os sábios são filhos de irmão com irmã, ou de pai com filha, selvagerias assim — divagava Lituma. — Essas coisas que ouço em Naccos, nunca tinha ouvido em Piura. Dionisio pode ser um filho incestuoso, claro. Não sei por que ele e a bruxa me intrigam tanto. No fundo, são eles que mandam aqui. Você e eu nem apitamos. Tento arrancar informações sobre eles dos peões e capatazes e colonos, mas ninguém solta um pio. E, ainda por cima, acho que caçoam de mim. Sabe o que o huancaíno da niveladora me disse sobre Dionisio? Que seu apelido em quéchua era...

— Comedor de carne crua — interrompeu o adjunto. — Ora, meu cabo, vai me contar também que um raio matou a mãe do cantineiro?

— São coisas importantes, Tomasito — resmungou Lituma. — Para entender sua idiosincrasia.

Mercedes estava sentada na cama e olhava para Carreño de um jeito que o rapaz sentiu como condescendente.

— Não quero enganar você — disse outra vez, de maneira amistosa, tentando não feri-lo. — Não sinto por você o que você sente por mim. É melhor dizer, não é? Não vou morar com você, não vou ser sua mulher. Meta isso na cabeça, Carreñito. Só vamos ficar juntos até sairmos desta encrenca.

— Até lá, há tempo de sobra para você se apaixonar por mim — ronronou ele, acariciando seus cabelos. — Além do mais, agora você não poderia me deixar nem se quisesse. Quem vai tirar você desta encrenca, a não ser eu? Ou melhor, quem a não ser meu padrinho pode nos tirar desta confusão?

Os dois se lavaram num banheiro minúsculo, que parecia de brinquedo, e foram para a rua. Carreño conduziu Mercedes pelo braço, num passo seguro, por umas ruas em penumbra cheias de turminhas de rapazes fumando nas esquinas, até uma *chifa*, com reservados protegidos por biombos gordurosos. O local estava cheio de fumaça, cheirando a fritura, e um rádio a todo volume espalhava música de rock pelo ambiente. Sentaram-se perto da porta e, além de vários pratos para dividir, o rapaz pediu uma cerveja gelada. Junto com a música ouviam palavrões e um ritmo de caixa.

— Uma vez me apostaram nos dados, sabe, Carreñito. — Mercedes olhava

para ele sem sorrir. Estava abatida, com umas olheiras profundas; seus olhos já não brilhavam como em Tingo María ou em Huánuco. — O maldito azar me persegue desde que nasci, não há o que fazer.

— Apostaram nos dados? — Lituma ficou interessado, pela primeira vez na noite. — Conte como foi isso, Tomasito.

— Isso mesmo — disse ela, lúgubre. — Uns bêbados e vagabundos da pior espécie. Nos dados. Foi daí que eu saí, daí venho. E me fiz sozinha, ninguém me ajudou. E estava conseguindo sair do buraco, até que você apareceu no meu caminho. Você me empurrou de novo para o fundo, Carreño.

— Ora, finalmente fiz o senhor se esquecer dos *pishtacos*, dos rouba-olhos e de dona Adriana e Dionisio, meu cabo.

— É que, anos atrás, vi uma coisa parecida e fiquei impressionado — respondeu Lituma. — A aposta foi na terra dela, em Piura?

— Não me disse onde nem como foi. Só falou isso, e eu fiquei de queixo caído. Apostá-la nos dados, como uma coisa! O meu amor!

— Não contou se foi num barzinho de uma mulher que chamavam de Chunga, ali perto do Estádio de Piura?

— Não quis me falar mais nada. Só isso, para me mostrar como tinha subido na vida desde que começou. E que eu a fizera retroceder matando o Chanchó.

— Que curioso — disse Lituma. — Nesse bar vi um amigo meu, um daqueles incontestáveis de que já falei, vendendo sua femeazinha à Chunga, para continuar jogando pôquer. E se as piuranas da sua história e da minha fossem a mesma? Tem certeza de que o amor da sua vida se chama Mercedes, e não Meche?

— Bem, as Mercedes costumam ser chamadas de Meche, meu cabo.

— É por isso que também detesto a ideia de viver me escondendo — disse ela. — Para mim, tudo isso tinha ficado para trás. Quero ir para a minha casa, tomar banho no meu banheiro, que está sempre limpinho. Mudar de roupa e limpar esta sujeira que se acumula no meu corpo há cinco dias.

La dizer mais alguma coisa, porém nesse momento o garçom da *chifa* entrou com os pratos e Mercedes se calou. Quando ele perguntou se iam comer com talheres ou com pauzinhos, Carreño respondeu com pauzinhos.

— Vou ensiná-la a comer feito os chineses, amor. É fácilimo. Depois que aprende, faz com os pauzinhos as mesmas coisas que faz com faca e garfo.

— Tudo ia muito bem na minha vida — disse ela, enquanto comiam. — Estava economizando para ir para os Estados Unidos. Uma amiga de Miami ia me arranjar um trabalho lá. E, agora, de novo com uma mão atrás e outra na frente.

— Meche, Mercedes, que coincidência, o senhor tem razão — disse Tomasito. — Podiam ser a mesma pessoa, por que não. Uma coincidência dessas é para fazer acreditar em milagres. Ou em *pishtacos*. Só que agora o senhor vai ter que me dizer...

— Calma, eu nunca trepei com a Meche, Tomasito. Infelizmente. Era a mulher mais linda de Piura, juro.

— Se você quer ir para os Estados Unidos, vamos para lá — prometeu o rapaz. — Sei como entrar sem visto, pelo México. Um cara que eu conheço está ficando milionário com esse negócio.

— Pode-se saber qual é o salário de um guarda civil? — disse ela, olhando-o com compaixão. — Um pouquinho mais do que eu pago à minha empregada, imagino.

— Talvez menos que isso. — Ele riu. — Por que acha que eu tenho que fazer meus biscates, protegendo esses porcos enquanto eles caem na farra com suas mulheres em Tingo María?

Comeram por algum tempo em silêncio e acabaram com a garrafa de cerveja. Depois pediram sorvetes e o rapaz acendeu um cigarro. Fumou fazendo círculos, que disparava para o teto.

— O engraçado de tudo isto é que você parece contente — disse ela.

— Estou contente — respondeu ele, mandando-lhe um beijinho pelo ar. — Quer saber por quê?

Meio a contragosto, Mercedes sorriu.

— Já sei o que vai me dizer. — Fitou-o com um olhar que Carreño não conseguia decifrar se era de pena ou de desdém e acrescentou: — Apesar de você ter ferrado a minha vida, não consigo sentir raiva.

— Melhor do que nada — alegrou-se ele. — Assim se começa, depois você acaba se apaixonando.

Ela riu, com mais entusiasmo que antes.

— Já se apaixonou outras vezes?

— Nunca como agora — afirmou o rapaz, com segurança. — Nunca me apaixonei por ninguém como agora por você. Bem, mas tampouco tinha conhecido uma mulher tão linda, até hoje.

— Pode ser Mechita, a vida tem essas coincidências. Trouxe uma foto dela?

— Não tivemos tempo nem para tirar uma foto juntos — lamentou o guarda. — Não sabe como me arrependo. Seria muito bom, além de recordá-la, poder vê-la.

— Eu o tinha conhecido poucas semanas antes. Numa *peña* típica de Ravina. Ele foi assistir ao show. Depois me levou para a sua casa, em Chacarilla del Estanque. Que casa! Me deu presentes. Quis me instalar num apartamento. O ouro e o mouro. Tudo, com a condição de que eu só ficasse com ele. Assim começou a maldita viagem a Pucallpa. Vem passar o fim de semana comigo, você vai conhecer a selva. E fui. E, para meu azar, voltei para Tingo María.

O rapaz ficou muito sério.

— E desde a primeira vez que foi para a cama com o Chancho, ele bateu em

você?

Arrependeu-se de ter falado no mesmo instante.

— Você está me controlando? — perguntou ela, contrariada. — Cismou mesmo que agora é meu amante ou meu marido?

— Estamos tendo a nossa primeira briga — disse o rapaz, tentando ajeitar as coisas. — Acontece com todos os casais. Não vamos falar mais desse assunto. Está bem?

Ficaram calados por um tempo e Carreño pediu duas xícaras de chá. Enquanto bebiam, Mercedes voltou a falar. Sem raiva, mas com firmeza:

— Apesar de tê-lo visto matar um sujeito, você parece boa pessoa. E por isto lhe digo pela última vez, Carreñito. Lamento que tenha se apaixonado por mim. Mas não posso corresponder. É minha maneira de ser. Decidi há muito tempo que não podia me amarrar em ninguém. Por que acha que nunca me casei, então? Por isso. Só tive amigos, sem compromisso, como o Chanchó. Todas as minhas relações foram assim. E assim vão continuar...

— Até irmos para os Estados Unidos — interrompeu ele.

Mercedes acabou sorrindo.

— Nunca fica zangado?

— Com você não vou zangar nunca. Pode continuar me dizendo as coisas mais horríveis.

— Para dizer a verdade, você merece — reconheceu ela.

O rapaz pagou a conta. Quando saíram, Mercedes disse que queria telefonar para o seu apartamento.

— Emprestei para uma amiga, enquanto estava na selva.

— Não diga de onde está falando, nem dê detalhes de quando vai voltar.

O telefone estava ao lado da caixa e Mercedes teve que passar sob o balcão. Enquanto falava, mesmo sem ouvir o que ela dizia, Carreño percebeu que recebia más notícias. Voltou transfigurada, com o queixo tremendo.

— Dois sujeitos foram à minha casa perguntando por mim e exigiram que minha amiga dissesse onde eu estava. Eram da polícia, mostraram os documentos.

— O que você disse?

— Que estava ligando de Tingo María, que depois eu explicava — disse Mercedes. — O que vou fazer agora, meu Deus.

— E o que houve com a tal Meche, que seu amigo vendeu à sapatona para continuar jogando pôquer? — perguntou Tomás.

— Sumiu, nunca mais se soube dela — respondeu Lituma. — Um mistério que intrigou toda Piura.

— Agora você vai dormir e esquecer tudo isso — disse o rapaz. — Ninguém vai nos procurar na casa da tia Alicia. Fique tranquila, amorzinho.

— E a Chunga nunca quis nos dizer uma palavra sobre o destino de Mechita.

— Pelo visto os desaparecidos o perseguem, meu cabo. Não ponha a culpa só em Dionisio ou em dona Adriana, nem nos *terrucos* nem nos *pishtacos*. Pelo que vejo, o culpado por esses desaparecimentos poderia muito bem ser o senhor.

VII

Ainda estava escuro quando Francisco López tirou o cabo Lituma do seu sonho agitado: precisavam sair imediatamente porque ele tinha que chegar a La Esperanza antes do anoitecer. Havia preparado café e torrado pães no forno. Os engenheiros e o professor ainda estavam dormindo quando eles partiram rumo a Naccos.

Haviam demorado umas três horas para chegar, mas a volta levou o dobro de tempo. Na noite anterior chovera forte no alto da Cordilheira e a trilha estava alagada e obstruída por desabamentos. O cabo e o motorista tinham que saltar e deslocar pedras enormes para dar passagem ao veículo. Este sempre atolava e era preciso empurrá-lo ou tirá-lo do lamaçal colocando tábuas ou pedras chatas embaixo dos pneus.

A princípio, as tentativas de Francisco López para entabular uma conversa com Lituma foram inúteis. Toda vez que lhe dirigia a palavra só obtinha grunhidos, monossílabos ou movimentos com a cabeça. Mas, após uma hora de viagem, o cabo subitamente quebrou o mutismo murmurando por trás do seu cachecol:

— Só pode ter sido isso, aqueles serranos de merda os sacrificaram para os *apus*.

— Está se referindo aos desaparecidos de Naccos? — Francisco López girou a cabeça para olhá-lo, desconcertado.

— São assim aqueles filhos da puta, por mais que possa parecer mentira — assentiu Lituma. — E a ideia foi de Dionisio e da bruxa, naturalmente.

— Esse Dionisio é capaz das piores coisas. — Francisco López riu. — Não deve ser verdade que o álcool mata. Se fosse, como esse bêbado poderia estar vivo?

— Conhece esse sujeito há muito tempo?

— Eu o encontro pelas serras desde garoto. Ele sempre aparecia nas minas onde eu trabalhava. Fui recrutador antes de entrar para a segurança. Naquele tempo Dionisio não tinha um ponto fixo, era cantineiro ambulante. Vendia pisco, *chicha* e aguardente de mina em mina, de vilarejo em vilarejo, fazendo espetáculos com uma companhia de saltimbancos. Os padres mandavam os guardinhas botá-los para correr. Desculpe, esqueci que o senhor também é um deles.

Lituma continuava com a cabeça imersa no cachecol e o quepe enfiado até a metade da testa; o motorista só conseguia divisar seus pômulos, o nariz achatado e os dois olhinhos escuros, entrefechados, esquadrinhando-o.

— Já era casado com dona Adriana?

— Não, ele a conheceu em Naccos, mais tarde. Não lhe contaram? Pois é um dos grandes boatos dos Andes. Dizem que, para ficar com ela, matou o mineiro que era seu marido. E depois a roubou.

— Não falha nunca — exclamou Lituma. — Onde esse sujeito aparece, é tudo degeneração e sangue.

— E agora só nos faltava essa — disse o motorista. — O dilúvio universal.

Havia começado a chover com uma verdadeira fúria. O céu escureceu rapidamente e se encheu de trovões que retumbavam nos morros. Uma cortina de gotas grossas caía contra os vidros, e o limpador de para-brisas não proporcionava a visibilidade necessária para evitar os buracos e as poças. Avançavam muito lentamente, o veículo parecia um cavalo chucro.

— E como era Dionisio naquele tempo? — Lituma não tirava os olhos do motorista. — Teve algum contato com ele?

— Às vezes me embebedava com ele, mais nada — disse Francisco López. — Sempre aparecia nas feiras e festas com os seus músicos e umas índias meio putas, que dançavam todas sestrosas. No carnaval de Jauja, uma vez, eu o vi enlouquecido com o *jalapato*. Conhece essa dança de Jauja? Dançam, dançam e de passagem arrancam a cabeça de um pato vivo. Dionisio decapitava todos, não deixava ninguém mais se divertir. Terminaram expulsando-o.

O jipe avançava a passo de tartaruga por uma paisagem sem árvores nem animais, entre rochas, barrancos, picos e meandros sacudidos pelas trombas-d'água. Mas nem mesmo a tempestade distraía Lituma da sua obsessão. Estava com um sulco profundo no cenho, bem agarrado na porta e no teto do jipe para resistir às sacudidas.

— Esse camarada me dá pesadelos — confessou. — Ele é o responsável por tudo o que está acontecendo em Naccos.

— O mais estranho é que os *terrucos* ainda não o tenham matado. Eles estão executando bichas, cafetões, putas, tarados de todo tipo. Dionisio é todas essas coisas ao mesmo tempo, e outras mais. — Francisco López deu uma olhada rápida em Lituma. — Pelo visto, o senhor acreditou nessas histórias do Escarlatina, cabo. Não dê importância, ele é um gringo muito fantasioso. Acredita mesmo que podem ter sacrificado aqueles três? Bem, por que não. Por aqui não matam de tudo e por tudo? Volta e meia se descobrem túmulos, como aquele dos dez evangelistas nos arredores de Huanta. Não vou estranhar se eles começarem a fazer sacrifícios humanos também.

Riu, mas Lituma não se entusiasmou com a piada.

— Não é para levar na gozação — disse. Uma saraivada de trovões cortou o que ia acrescentar.

— Não sei como vai fazer a caminhada até Naccos — disse gritando Francisco López, quando conseguiu ser escutado. — Se lá também estiver chovendo assim, a descida deve estar um rio de lama. Não prefere voltar para a mina comigo?

— De jeito nenhum — murmurou Lituma. — Preciso desvendar essa história

de uma vez por todas.

— Por que leva tão a sério os desaparecidos, cabo? Afinal de contas, que importância têm três piolhentos a mais ou a menos no mundo?

— Conheci um dos três. Um mudinho que limpava o nosso posto. Uma pessoa muito boa.

— Você quer ser o John Wayne dos filmes, cabo. O cavaleiro solitário.

Quando, duas horas depois, chegaram ao lugar onde o jipe tinha que dar meia-volta, havia parado de chover. Mas o céu continuava pesado e se ouvia, ao longe, como uns rufos descompassados de tambor, os trovões do temporal.

— Não gosto da ideia de deixá-lo aqui sozinho — disse Francisco López. — Se quiser, fico mais um pouco enquanto a trilha seca.

— Não, não, vou aproveitar agora — disse o cabo, descendo do jipe. — Antes que comece a chover de novo.

Deu-lhe a mão e quase nem ouviu os agradecimentos do chefe de segurança de La Esperanza por ter ido até lá fazer aqueles boletins. Quando começou a descer o morro, ouviu o motor sendo ligado e sentiu o jipe se afastando.

— Puta que o pariu! — rugiu depois, com todas as forças. — Serranos de merda! Supersticiosos, idólatras, índios de merda, filhos da puta!

Ouviu sua voz repetida pelo eco, ricocheteando entre as altas paredes das montanhas que a neblina tornara invisíveis. Aquela descarga de insultos lhe fez bem. Sentou-se numa pedra e, construindo um ninho com as mãos para proteger o fogo, acendeu um cigarro. Foi assim que aconteceu, estava claríssimo. Aquele Profe doido pelo Peru tinha resolvido o mistério. Era para isso que servia a história. Lembrou-se do curso que o professor Néstor Martos dava no Colégio San Miguel de Piura. Ele se divertia nas suas aulas, porque o professor Martos, que se apresentava como um personagem, de xale, barba por fazer e já um pouquinho alto de *chicha*, explicava tudo como que em tecnicolor. Mas nunca lhe passou pela cabeça que estudar os costumes dos antigos peruanos pudesse ser útil para entender o que ocorria agora em Naccos. Obrigado, Escarlatina, por resolver o mistério. Mas sentia-se mais desanimado e confuso que antes. Porque, embora sua cabeça lhe dissesse que não havia dúvida possível, que todas as peças encaixavam, no fundo resistia a aceitar. Como podia entrar na cabeça de qualquer pessoa normal, com um dedo de juízo, que Pedrito Tinoco e aqueles dois peões foram sacrificados aos espíritos das montanhas por onde ia passar a estrada? E aquele burro do prefeito; vir se esconder aqui, com nome falso, fugindo dos *terrucos*, para acabar despedaçado no fundo de um buraco.

Jogou fora a ponta do cigarro e viu como o ar a levou fazendo piruetas. Retomou a caminhada. Tudo era descida, mas a chuva havia apagado as marcas e o chão estava escorregadio, e tinha que pisar com muito cuidado para não cair de cara

no chão. Em vez da hora e meia que ele e Francisco López levaram dois dias antes, agora o percurso demoraria o triplo. Mas era melhor andar devagar e não quebrar uma perna nestas paragens solitárias onde não havia um mísero pássaro para fazer com que se sentisse menos órfão. O que diria Tomasito? Imaginou o rosto do seu adjunto, a incredulidade em seus olhos, a vontade de vomitar que sentiria. Ou talvez não, pensar na sua piuraninha era uma vacina contra o desânimo. Dona Adriana convenceu-os; se quisessem evitar uma grande desgraça na obra, *huayco*, terremoto ou mortandade, só havia uma solução: sangue humano para os *apus*. E, para amolecê-los e tornar o conselho mais aceitável, aquele veado deve tê-los embebedado. Não acredito, meu cabo. Foi isso mesmo, Tomasito. Aí está a explicação de por que andam dizendo que eles foram os inspiradores. Mas uma coisa não estava clara. Se era uma oferenda para os *apus*, não bastava um? Para que três? Sei lá, Tomasito. Talvez precisassem aplacar um monte de *apus*. Uma estrada tem que passar por muitas montanhas, não é?

Escorregou e caiu sentado na lama. Levantou-se e tornou a cair, desta vez de lado. Riu da trapalhada, mas na verdade tinha vontade de abrir o berreiro. Por causa do estado calamitoso da sua farda, dos arranhões nas mãos, mas, sobretudo, porque o mundo, a vida, estavam ficando insuportáveis. Limpou as palmas das mãos no traseiro e continuou a andar, apoiando-se nas pedras a cada passo que dava. Como era possível que esses peões, muitos deles aculturados, que tinham pelo menos terminado a escola primária, que tinham conhecido as cidades, que ouviam rádio, que iam ao cinema, que se vestiam como cristãos, fizessem coisas de selvagens pelados e canibais? Com os índios das punas, que nunca entraram num colégio, que continuavam vivendo como seus tataravós, ainda se entenderia. Mas esses sujeitos que jogavam baralho e eram batizados, como?

Já havia clareado um pouco e, ao longe, lá embaixo, através da cor cinza do dia, Lituma divisou as luzes do acampamento. Então percebeu que, além dos trovões remotos, há algum tempo também estava ouvindo um ronco profundo, um contínuo estremecimento da terra. Que merda era aquilo? Outro temporal que se aproximava pelas costas. Até os elementos eram uns traidores nestes Andes desgraçados. Que diabo estava acontecendo? Tremor? Terremoto? Agora não tinha a menor dúvida: o chão estava tremendo sob os seus pés e cheirava a aguarrás. Um som rouco, profundo, saindo do coração da montanha o cercava. Ao redor, entre seus pés, empurradas ou espantadas por mãos invisíveis, rolavam pedrinhas, lascas, e então se deu conta de que, inconscientemente, para se proteger, estava de quatro sob uma alta pedra pontiaguda com manchas de musgo verde-amareladas.

“O que foi, meu Deus, o que está acontecendo”, gritou, fazendo o sinal da cruz, e dessa vez não houve eco algum porque aquele som denso, múltiplo, onipresente, aquele ronco granítico, aquele rolar montanha abaixo engolia todos os

outros sons. Diziam que a mãe de Dionisio fora morta por um raio. Outro raio o mataria, agora mesmo? Tremia da cabeça aos pés e o medo deixava suas mãos cheias de suor. “Não quero morrer, Deusinho, pelo que há de mais sagrado”, gritou, sentindo a garganta áspera e ressecada.

O céu escureceu ainda mais e, apesar de ser apenas começo da tarde, parecia noite. Como num sonho, viu uma *vizcacha* do tamanho de um coelho surgir entre as pedras e passar ao seu lado, morro abaixo, correndo espavorida; tinha as orelhas rígidas e pulava sem se importar onde, levando tombos; afinal desapareceu. Lituma tentou rezar, mas nem isso conseguia fazer. Aquilo era um terremoto? Morreria esmagado por uma dessas pedras enormes que passavam, rolando, pulando, entrechocando-se, quebrando e se fragmentando à direita e à esquerda, com um estrondo enlouquecedor? Os animais têm um sexto sentido, farejam as catástrofes, e a *vizcacha* tinha saído da toca fugindo, escapando, porque sentiu o cheiro do fim do mundo. “Perdoa meus pecados — gritou. — Não quero acabar assim, maldição.” Estava encolhido e de gatinhas, grudado na rocha, vendo passar à direita, à esquerda e sobre sua cabeça fragmentos, blocos de terra, pedras de todas as formas imagináveis, sentindo que a rocha estremecia com o impacto dos projéteis que vinham estourar e ricochetear contra ela. Quanto tempo aguentaria? Pressentiu uma enorme pedra rolando desde o alto da Cordilheira, vindo na direção exata da rocha que protegia as suas costas, caindo sobre ela, pulverizando-a, e ele junto, num segundo. De olhos fechados viu seu corpo transformado numa pasta, numa papa pestilenta e sanguinolenta de ossos, sangue, cabelos, pedaços de roupa e de sapatos, tudo misturado, sepultado na lama, arrastado montanha abaixo, para baixo, para baixo, e só então pensou que aquela avalanche, aquela montanha que se desmanchava e desmoronava, descia com sua carga de bólidos rumo ao acampamento. “O *huayco*, então”, atinou a pensar, ainda de olhos fechados, tremendo como se estivesse com febre terçã. “Vai esmagar todo mundo lá embaixo, depois de mim.”

Quando abriu os olhos, pensou que estava sonhando. À sua direita, no meio de uma nuvem imensa de poeira, uma pedra do tamanho de um caminhão, com pedaços de neve que ia largando ao redor, despencava arrastando tudo o que encontrava no caminho e abrindo uma larga avenida, como o leito de um grande rio, seguida por um redemoinho vertiginoso de pedronas, pedras, pedrinhas, madeira, pedaços de gelo, de terra, e Lituma pensou distinguir, nessa confusão ruidosa, animais, bicos, penas, ossos. O barulho era ensurdecador e agora a poeira estava mais espessa, já o envolvia também.

Tossia, asfixiado, e tinha sangue nas mãos com que se agarrava ao chão lamacento. “O *huayco*, Lituma”, repetia, sentindo o coração pulando no peito. “Está matando você aos pouquinhos.” Então sentiu uma pancada na cabeça que o fez lembrar, num clarão, do soco que o nocauteou na infância, daquela vez que saiu no

braço com o Camarão Panizo sob a Velha Ponte de Piura, e que também o fez ver estrelinhas, luas, sóis como agora, enquanto afundava e tudo terminava.

Quando voltou a si, continuava tremendo, mas agora do frio que fazia seus ossos rangerem. Era noite e, pelas dores que sentia ao tentar se mexer, tinha a impressão de que um carro passara sobre ele, triturando tudo o que havia embaixo da pele. Mas estava vivo e era formidável que, em vez do estrondo e o rio de terra, pedras e rochas, reinasse agora no mundo aquela gélida calma aprazível. Sobretudo no céu. Por alguns segundos, esqueceu seu corpo, enfeitiçado pelo espetáculo: milhares, milhões de estrelas, de todos os tamanhos, titilando em torno daquela circunferência amarela que parecia estar brilhando só para ele. Nunca tinha visto uma lua tão grande, nem mesmo em Paita. Nunca tinha visto uma noite tão estrelada, tão quieta, tão doce. Quanto tempo ficara desacordado? Horas, dias? Mas estava vivo e tinha que se mexer. Senão ia acabar congelado, compadre.

Inclinou-se, devagarzinho, para um lado e para o outro, e cuspiu, pois sentia a boca tapada de terra. Incrível este silêncio, depois daquele barulho horrendo. Um silêncio visível, que se ouvia e podia ser tocado. Foi saindo do torpor e conseguiu se sentar. Apalpou-se de cima a baixo. Em que momento havia perdido a bota esquerda? Não tinha quebrado nenhum osso, ao que parece. Doía-lhe tudo, mas nada em particular. Estava a salvo, e isso era fantástico. Não era um milagre? Um *huayco* havia passado em cima dele, simplesmente. Ou melhor, pelo ladinho. E ali estava, avariado porém vivo. “Os piuranos são ossos duros de roer”, pensou. E se encheu de antecipada vaidade imaginando aquele dia futuro em que, de volta a Piura, sentado no barzinho da Chunga, contaria aos inconquistáveis aquela grande aventura.

Estava em pé e, ao seu redor, na pálida claridade lunar, divisava os estragos da avalanche. A fenda que aquela pedra imensa tinha aberto. Todos os arredores estavam coalhados de rochas e lodo. Aqui e ali viam-se manchas de neve na lama. Mas não havia vento, nem o menor sinal de chuva. Explorou a escuridão lá embaixo, onde devia estar o acampamento. Não vislumbrou nenhuma luz. Será que a catarata de terra, lama e pedras tinha enterrado tudo, barracões, homens, ferramentas?

Agachando-se, apalpando, procurou e encontrou sua bota. Estava cheia de terra. Limpou-a do jeito que pôde e se calçou. Decidiu continuar descendo na mesma hora, sem esperar o dia. Com aquela lua e andando devagar, chegaria. Estava tranquilo e feliz. Como se tivesse passado num exame, pensou, como se essas montanhas de merda, essa cordilheira de merda, finalmente o tivessem aceitado. Antes de continuar seu caminho, apertou a boca contra a pedra que o protegera e, como um serrano teria feito, sussurrou: “Obrigado por salvar minha vida, *mamay, apu, pachamama* ou seja lá quem for.”

“Como foi aquela história com o *pishtaco*, dona Adriana?”, perguntam assim que bebem o primeiro gole, porque não há nada que lhes agrade tanto como a morte do degolador. “Era o mesmo que secou o seu primo Sebastián, aquele que a senhora ajudou a matar?” Não, outro. Foi muito antes. Nessa época eu tinha os dentes inteirinhos e nenhuma ruga. Sei que há muitas versões, conheço todas e, como já passou tanto tempo, alguns detalhes se apagaram da minha cabeça. Eu era jovem e nunca tinha saído da minha aldeia. Agora devo ser velhíssima.

Quenka fica longe, na outra banda do Mantaro, perto de Parcasbamba. Quando o rio crescia muito com as chuvas e alagava os terrenos, o vilarejo se transformava numa ilha, apertadinho no alto do morro e cercado de chácaras alagadas. Bonito povoado, Quenka, próspero, com roçados espalhados nas planícies e nas colinas. Dava muita batata, feijão, cevada, milho e pimentão. As aroeiras, eucaliptos e salgueiros nos defendiam dos ventos redemoinhados. Até os camponeses mais pobres tinham seus franguinhos, seu porquinho, suas ovelhinhas ou seus rebanhos de lhamas, que pastoreavam nos altos. Eu vivia sem preocupação. Era a mais mimada entre as minhas irmãs, e o meu pai, homem importante de Quenka, arrendava três das suas chácaras e trabalhava duas, era dono do armazém-taverna-botica-oficina de ferramentas e do moinho onde todos vinham moer os grãos. Meu pai muitas vezes se encarregava das festas e sempre gastava nelas mundos e fundos, trazendo um padre e contratando bandas de música e dançarinos em Huancayo. Até que o *pishtaco* chegou.

Como soubemos que tinha chegado? Pela transformação do distribuidor Salcedo, que havia anos trazia remédios, roupas e utensílios para a loja do meu pai. Era costeiro. Andava num caminhãozinho barulhento cheio de remendos; o motor e a lataria o anunciavam muito antes de que pudéssemos vê-lo em Quenka. Todo mundo o conhecia, mas daquela vez quase não o reconhecemos. Havia crescido e engordado até virar um gigantão. Agora usava uma barba cor de barata e tinha os olhos injetados e saltados. Olhava as pessoas que se aglomeraram para recebê-lo parecendo querer comê-las com aqueles olhaços. Homens e mulheres. Eu também. Um olhar que nunca mais esqueci e que meteu medo em todo mundo. Estava vestido de preto, com umas botas até os joelhos e um poncho tão grande que quando a ventania o balançava parecia que Salcedo ia sair voando. Descarregou o caminhãozinho e se instalou, como das outras vezes, nos fundos do nosso armazém. Não era mais aquele conversador que contava as novidades de fora e fazia amizade com o pessoal. Ficava calado, trancado em seu mundo interior, e quase não dirigia a palavra a ninguém. Cravava em todos um olhar perfurante que deixava os homens desconfiados e nós, moças, assustadas.

Depois de passar dois ou três dias em Quenka e de receber a lista de pedidos do meu pai, partiu de madrugada. E no dia seguinte um dos rapazes que pastoreavam

rebanhos nos altos desceu até o povoado para avisar que o caminhãozinho tinha saído da pista e despencado numa curva da serra, a caminho de Parcasbamba. Era visível da beira do precipício, no fundo do abismo, todo despedaçado.

Com meu pai à frente, um grupo de moradores, após um grande esforço, conseguiu descer até lá. Espalhados em círculo, encontraram as quatro rodas, as molas, os ferros amassados das caçambas, da carroceria e pedaços do motor. Mas nem sombra do cadáver de Salcedo. Procuraram na encosta, pensando que podia ter sido expelido quando o caminhão despencou. Também não estava lá. Não havia sangue nos escombros do veículo nem nas pedras em volta. Teria pulado, talvez, quando sentiu que estava saindo da pista? “Deve ter sido isso”, diziam. “Pulou e pegou outro caminhão e agora deve estar em Parcasbamba ou Huancayo, recuperando-se do susto.”

Na realidade, ficou em Quenka, vivendo numas grutas antiquíssimas no mesmo morro em que caiu, que são como uma colmeia de vespas e têm pinturas dos antigos nas paredes. Então começou com suas malfetorias de *pishtaco*. Aparecia de noite, nos caminhos, numa ponte, atrás de uma árvore, para o pastor que vinha atrasado, os viajantes, os tropeiros, os migrantes, os que iam levar suas colheitas para o mercado e os que voltavam das feiras. Surgia do nada, de repente, entre as sombras, com os olhos soltando faíscas. Sua silhueta monumental, desenhada no poncho voador, deixava-os paralisados de terror. Então, com toda a tranquilidade, os levava para a sua caverna de passadiços gelados e tenebrosos, onde tinha seus instrumentos de cirurgião. Ali os trinchava do ânus à boca e os assava vivos, em cima de caldeirões onde recolhia a gordura. Depois os esfolava para fazer máscaras com a pele do rosto e os cortava em pedacinhos para fabricar com seus ossos triturados uns pós para hipnotizar. Vários desapareceram.

Depois, um dia, apresentou-se a don Santiago Calancha, um beneficiador de gado que voltava a Quenka depois de um casamento em Parcasbamba. Em vez de levá-lo para a gruta, preferiu conversar. Se o homem quisesse salvar a vida e a do resto da sua família, teria que lhe trazer uma das filhas para cozinhar para ele. E indicou em qual entrada da gruta devia deixar a moça.

Nem é preciso dizer que Calancha, apesar de jurar que obedeceria, não cumpriu as instruções do *pishtaco*. Ele se entrincheirou em seu casebre com um facão e um monte de pedras, para enfrentar Salcedo se viesse roubar sua filha. Não aconteceu nada no primeiro dia, nem no segundo, nem nas primeiras duas semanas. Na terceira, durante um aguaceiro, um raio caiu no teto de Calancha e a casa se queimou. Ele, sua mulher e suas três filhas morreram carbonizados. Eu vi os esqueletos. Sim, foi do mesmo jeito que morreu a mãe de Dionisio. Ela não vi, talvez sejam boatos. Quando os habitantes de Quenka, encharcados e tristes, saíram para ver o incêndio, junto com o assobio do vento e o retumbar dos trovões ouviram

uma gargalhada. Vinha das cavernas onde estava Salcedo.

Então, da outra vez que o *pishtaco* pediu uma moça como cozinheira, os moradores, reunidos em assembleia, decidiram obedecer. A primeira a trabalhar para ele na caverna foi a mais velha das minhas irmãs. Minha família e muitas outras a acompanharam até a entrada que o *pishtaco* tinha indicado. Cantavam, rezavam e muita gente chorou na despedida.

Ele não a secou como tinha feito com meu primo Sebastián, se bem que meu pai dizia que teria sido melhor, talvez, que lhe fatesse as gorduras. Preservou sua vida, mas transformando-a em putinha de *pishtaco*. Antes disso abusou dela, jogando-a no chão úmido da caverna e perfurando-a com uma chave de fenda. Os uivos da minha irmã em sua noite de núpcias foram ouvidos em todas as casas de Quenka. Depois disso, ela perdeu a própria vontade e só vivia para servir seu amo e senhor. Preparava com devoção as *laguas de chuño* que ele apreciava, secava e salgava as fatias de carne das suas vítimas para o charque que comiam com milho cozido, e o ajudava a pendurar os sacrificados nos ganchos que Salcedo fincou na pedra para fazer o sebo jorrar nos caldeirões de cobre.

Minha irmã foi a primeira das várias que entraram na gruta para cozinhar e servir de ajudantes. Desde então, Quenka se submeteu à sua autoridade. Levávamos tributos de comida para ele. Deixávamos na entrada da gruta, e, de vez em quando, também a moça que ele pedia. Resignando-nos a ver desaparecerem, vez por outra, moradores que o *pishtaco* Salcedo levava para renovar sua provisão de gordura.

Até que finalmente chegou o príncipe valente? Não era nenhum príncipe e sim um *morochuco* domador de cavalos. Os que conhecem a história podem tapar os ouvidos ou sair de perto. Parece que estão revivendo? Ela os anima? Ensina que para grandes males sempre há grandes remédios?

Timoteo, o narigudo, soube o que estava acontecendo em Quenka e veio decidido, de Ayacucho, a entrar nas cavernas e enfrentá-lo. Timoteo Fajardo, era assim que se chamava. Conheci-o bem: foi meu primeiro marido, embora nunca tenhamos nos casado. “Um simples mortal pode enfrentar um enteado do diabo?”, perguntavam a ele. Meu pai também tentou desencorajá-lo quando ele respeitosamente veio lhe comunicar seu plano de entrar na toca do *pishtaco* para arrancar-lhe a cabeça e livrar-nos da sua tirania. Mas Timoteo insistiu. Nunca vi ninguém tão destemido. Era um homem bem-apanhado, apesar de tão narigudo. Fazia suas narinas pulsarem como se fossem duas bocas. Essa foi sua sorte. “Posso fazer isso”, dizia, com muita segurança. “Sei a receita para me aproximar sem que ele perceba: um dente de alho, um punhado de sal, um pedaço de pão seco, uma bolinha de cocô de burro. E, antes de entrar na caverna, que uma virgem me urine na altura do coração.”

Eu tinha as condições. Era jovem, estava intacta e, ao ouvi-lo, ele me pareceu

tão valente, tão seguro de si mesmo que, sem consultar meu pai, me ofereci para ajudá-lo. Mas havia uma dificuldade. Como sair das cavernas depois de matar Salcedo? Elas eram tão grandes e emaranhadas que ainda não haviam sido completamente exploradas. Os túneis se desdobravam, subiam, desciam, viravam, ramificando-se e trançando-se como raízes de eucalipto. E, além de morcegos, havia galerias com miasmas peçonhentos que nenhum ser humano podia respirar sem envenenar-se.

Como Timoteo Fajardo ia fazer para sair, depois de matar o *pishtaco*? Seu narigão me deu a ideia. Preparei um *chupe* espesso, bem picante, com aquele pimentão verde que cura a constipação dos mais secos. Engoliu a panela inteira e se aguentou até que sua barriga ficou a ponto de estourar. Só então entrou na toca. Estava entardecendo e havia sol, mas, poucos passos adiante, Timoteo mergulhou na escuridão. De tanto em tanto, parava, arriava as calças, se agachava e soltava um montinho de bosta. A princípio, avançava às cegas, protegendo os olhos com o braço porque os morcegos desciam dos tetos para esfregar as asas viscosas em seu rosto. Sentia os fios das teias de aranhas na pele. Assim continuou por um bom tempo, avançando, parando para soltar os óbolos de sua barriga, avançando outra vez. Até que divisou uma luzinha. Guiado por esse resplendor chegou ao aposento do *pishtaco*.

O gigante estava dormindo, estendido entre as três garotas que cozinhavam para ele. À luz de umas lamparinas acesas com sebo humano, meio enjoado por causa da pestilência, viu restos humanos pendurados nuns ganchos sanguinolentos, gotejando a gordura nos caldeirões borbulhantes. Sem perder mais tempo, cortou de um talho com seu facão a cabeça do degolador e sacudiu suas putinhas. Estas, quando acordaram e viram seu amo decapitado, começaram a gritar, enlouquecidas. Timoteo acalmou-as e as fez refletir: ele as salvara da escravidão, agora podiam voltar à vida normal. Então, os quatro começaram o regresso, guiados pelo rastro de odor que o *morochuco* tinha semeado no percurso e que seu faro de cão de caça seguia sem a menor vacilação.

Esta é a história do gigante Salcedo. Uma história de sangue, cadáveres e merda, como todas as histórias de *pishtacos*.

— Vamos, não se acanhe, conte-me suas venturas e desventuras, Tomasito — animou-o Lituma. — Você está com sorte; ultimamente, por causa desses malditos desaparecimentos, ando com insônia.

— Aquelas duas semanas em Lima foram a minha lua de mel — disse o adjunto. — Puro susto e sobressalto, pois sofremos todas as calamidades do mundo. Até achamos que nos queriam assassinar. Mas a insegurança dava um gostinho

especial ao nosso amor e fazíamos amor toda noite, duas e até três vezes seguidas. Uma maravilha esplendorosa, meu cabo.

— Mercedes acabou gostando de você, afinal?

— De noite, eu tinha certeza que sim. Na cama era puro mel, a minha linda piuraninha. Mas com a luz do dia, mudava de humor. E começava a me acusar de que eu tinha estragado a sua vida e a dizer que nunca ia ser minha mulher.

Depois de passar dois dias na casa de Alicia, nos Bairros Altos, Mercedes foi sacar sua poupança na agência do Banco Popular, na praça de La Victoria. Entrou sozinha. Carreño esperou-a na esquina, enquanto engraxava os sapatos. Ela demorou muitíssimo. Quando finalmente apareceu na porta, um caboclo baixinho, com uma cicatriz na cara, largou o jornal que estava lendo debaixo de um poste, deu uns passos tranquilos e, subitamente, se atirou sobre ela. Mediram forças, ele tentando puxar a bolsa que Mercedes segurava com as duas mãos, chutando-o e gritando. Alguns transeuntes haviam parado e olhavam o que estava acontecendo, sem coragem para intervir. Quando Carreño chegou correndo, com o revólver na mão, o ladrão soltou a mulher e saiu como alma penada. Os dois se afastaram depressa dali, pela avenida Manco Cápac, onde tomaram um táxi. Mercedes estava mais enfurecida que assustada, pois o sujeito, embora não tivesse levado o seu dinheiro, rasgara seu título de eleitor.

— E por que você acha que o tal sujeito não era um simples ladrão? Lima não está infestada de ladrões?

— Pelo que aconteceu depois — disse o rapaz. — Aquela foi a primeira prova. Tivemos mais duas, ainda piores. E comecei a ver a mão do Chancho saindo do túmulo para se vingar de nós. “Você não sente que o perigo nos une cada vez mais, amorzinho?”, eu lhe perguntava.

— Como pode falar de amor numa hora destas, seu pirralho idiota — indignou-se Mercedes. — Não vê que fiquei sem o meu único documento de identidade? Fale de uma vez com seu padrinho, peça para ele nos ajudar.

Mas as tentativas de Carreño para localizá-lo foram inúteis. Ele tinha sido proibido de ligar para o seu escritório, e o telefone da casa estava sempre ocupado. O serviço de informações lhe disse que aquele número não estava em manutenção, de modo que talvez o tivesse desligado de propósito. A mulher de Iscariote respondia que o gordo ainda não tinha voltado da selva. E a mãe de Carreño, a quem ele pedira que fosse ao seu quarto, em Rímac, trouxe más notícias.

— A porta arrombada, tudo remexido e saqueado, minha cama chamuscada e com cocô em cima, que susto para a minha velhinha. Como se tivessem ateadado fogo no meu quarto e por algum motivo desistiram e preferiram cagar na minha cama — disse Tomás. — Isso podia ser outra coincidência, meu cabo?

— A história do cocô prova que eram ladrões — respondeu Lituma. — É uma

crença comum entre os ladrões, Tomasito. Que para não ir em cana, depois de saquear uma casa têm que cagar nela. Não sabia?

— Quando lhe contei o roubo do meu quarto, Mercedes começou a chorar — suspirou Tomasito. — Eu a sentia tremer nos meus braços e me derretia todo, meu cabo. Não fique preocupada, amor, não chore assim, por favor.

— Estão nos perseguindo, estão atrás de nós — gemia Mercedes, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. — Não pode ser coincidência, primeiro no banco e agora no seu quarto. É a turma do Chanco, estão nos procurando, vão nos matar.

Mas os saqueadores e incendiários não tinham descoberto o esconderijo, disfarçado com uns tijolos embaixo da privada, onde Carreño guardava seus dolarezinhos.

— Dolarezinhos? — pulou Lituma. — Você tinha umas economias?

— Quase quatro mil dólares, acredite se quiser. Não vieram do meu salário de guarda civil, claro. Vieram dos biscates que meu padrinho me arranjava. Escoltar alguém por alguns dias, levar um pacote, vigiar uma casa, bobagens assim. Cada tostão que ganhava eu trocava por dólares no *jirón* Ocoña e guardava no esconderijo. Pensando no meu futuro. E Mercedes era meu futuro, agora.

— Porra, esse seu padrinho é como Deus, Tomasito. Se nós sairmos vivos de Naccos, por favor me apresente a ele. Queria ver a cara de um poderoso antes de morrer. Até hoje, só vi em filmes ou no jornal.

— Com isto não chegamos aos Estados Unidos, nem sonhando — disse Mercedes, fazendo o cálculo.

— Vou conseguir todo o dinheiro que for preciso, meu amor. Acredite em mim. Vou tirar você sã e salva daqui e levá-la para Miami, você vai ver. Quando estivermos lá, na frente dos arranha-céus e das praias azuis e dos automóveis último modelo, você vai me dizer: “Eu o amo com toda a minha alma, Carreño”?

— Não é hora para brincadeiras. Não seja inconsciente! Não vê que estão atrás de nós, que querem se vingar?

— Pelo menos fiz você rir — festejou o rapaz. — Gosto de ver você rindo, faz umas covinhas que aceleram o meu pulso. Assim que minha mãezinha nos entregar os dólares, vamos comprar um vestido para você, ok?

— Não se pode trepar pela primeira vez aos vinte e três anos, Tomasito, é muito tarde — filosofou Lituma. — Desculpe a franqueza. Descobrir o que era uma mulher escangalhou o seu cérebro, fez você voltar para o berço.

— O senhor não a conheceu, nunca teve a minha Mercedes nuazinha nos braços — suspirou Carreño. — Eu só esperava a noite chegar para entrar no paraíso com o meu amor.

— Quando você me diz essas coisas, tenho a sensação de que não as sente, que está brincando ou caçoando — disse Mercedes. — Sente isso de verdade?

— O que tenho que fazer para que acredite em mim?

— Não sei, Carreño. Você me desconcerta, dizendo essas coisas o tempo todo. Ficar tão carinhoso quando está excitado, tudo bem. Mas você continua e continua, o dia inteiro.

— Que paixão, rapaz — comentou Lituma.

Marcaram um encontro com a mãe de Carreño na Alameda dos Descalços, ao entardecer. Tomás levou Mercedes. Pediu ao táxi para deixá-los em frente à Praça de Acho e foram caminhando até a Alameda. Deram várias voltas antes de chegar à igreja, onde a mãe os esperava. Era uma mulher baixinha e encurvada, e usava o hábito do Senhor dos Milagres. Abraçou e beijou o filho por um bom tempo sem dizer nada e, quando este a apresentou, estendeu uma mão pequena e fria para Mercedes. Foram conversar num banquinho lascado do passeio, quase às escuras, pois a luminária mais próxima estava destruída. De dentro das suas saias, a mulher tirou um embrulho de jornal com os dólares resgatados e entregou-o a Carreño. Não perguntou nada a Mercedes nem olhou uma única vez para ela. O rapaz pegou um punhado de dólares e colocou no bolso da mãe, sem dizer nada. A cara da mulher não demonstrava medo nem surpresa.

— Descobriu alguma coisa sobre o meu padrinho? — perguntou-lhe Tomás.

Ela fez que sim. E adiantou um pouco a cabeça, para olhá-lo nos olhos. Falou num murmúrio, em um espanhol fluido mas com forte sotaque serrano.

— Dei o recado e ele foi pessoalmente à minha casa — disse. — Estava muito preocupado. Pensei que ia me informar que tinha acontecido alguma desgraça com você, que o tinham matado. Pediu para entrar em contato com ele o mais rápido possível.

— Tenho ligado várias vezes por dia, e o telefone está sempre ocupado.

— Não quer que você ligue para a casa. É melhor para o escritório, antes das dez e com o nome de Chino.

— Aquilo me tranquilizou bastante — disse o rapaz. — Se ele tinha ido falar com a minha mãe, se queria que eu telefonasse, não devia estar tão furioso comigo. Mas ainda precisei esperar mais uns dez dias para dar com ele. Aquilo deixava Mercedes muito aflita, mas eu não me preocupava. Porque me permitia continuar aproveitando a nossa lua de mel. Apesar da incerteza e dos sustos, nunca voltarei a ter dias tão felizes, meu cabo.

Quando se despediram da mãe e voltaram para a pensão dos Bairros Altos, Mercedes bombardeou Carreño com perguntas:

— Como é possível que sua mãe encare isto com tanta pachorra? Não fica espantada de que você se esconda, que ande comigo, que saqueiem o seu quarto. Por acaso é normal acontecerem essas coisas?

— Ela sabe que a vida no Peru tem seus perigos, amorzinho. Mesmo não

parecendo, tão pequenina, ela é uma mulher de ferro. Enfrentou todas as dificuldades para me dar de comer. Em Sicuani, em Cuzco e em Lima.

Carreño estava contente por ter recuperado seus dólares e zombava de Mercedes por ter depositado suas economias no banco.

— Este país é perigoso demais para se confiar em bancos, o melhor cofre é o colchão. Viu só, aquele caboclo de La Victoria quase lhe tirou um pedaço. Mas que bom que ele rasgou o seu título, agora você depende de mim. Para comemorar, quero convidá-la para dançar. Vai mostrar alguns daqueles passos que dava no show do Vacilón?

— Como pode pensar em se divertir com tudo o que está acontecendo? — protestou Mercedes, espantada. — Cabeça oca, irresponsável.

— É que estou apaixonado, amorzinho, e morro de vontade de dançar com você *cheek to cheek*.

Afinal Mercedes cedeu, e foram ao Rincón de los Recuerdos. Lá ninguém veria seus rostos. Era um lugar escuro e romântico, no Paseo de la República, onde tocavam velhos tangos do Gardel e boleros de Leo Marini, Agustín Lara e Los Panchos. Tomaram cubas-libres e Carreño ficou logo um pouco alto. Começou a falar pelos cotovelos da vida que levariam em Miami. Ele ia abrir uma companhia de transporte de valores, ficaria rico, os dois se casariam e teriam filhos. Apertava Mercedes com força enquanto dançavam e a beijava com avidez no pescoço e no rosto.

— Enquanto estiver comigo, nada de ruim vai lhe acontecer, palavra de honra. Espere só eu falar com meu tio, espere o gordo Iscariote voltar. A vida vai começar novamente a sorrir para nós. Para mim já está sorrindo, graças a você.

— Rincón de los Recuerdos é um lindo nome — suspirou Lituma. — Dá uma saudade quando ouço, Tomasito. Um lugar escuro, uns bons tragos, música romântica e uma mulherzinha carinhosa que dança colando o corpo no seu. Será que essas coisas ainda existem?

— Linda e maravilhosa foi aquela noite, meu cabo, enquanto estávamos na boate — disse o rapaz. — Ela às vezes também me beijava, por iniciativa própria. “Já começou a me amar”, eu me iludia.

— Com tantos beijos e carinhos você me deixou excitada, Carreñito — disse Mercedes em seu ouvido, mordiscando-lhe a orelha. — Vamos logo para a cama, para terminar de uma vez o disparate que fizemos ao nos exhibir assim.

Quando saíram, por volta das três da madrugada, ambos estavam bastante bêbados. Mas os efeitos dos cubas-libres desapareceram de repente ao descobrirem que, não longe da casa de dona Alicia, na mesma esquina, havia carros de bombeiros, uma patrulha da polícia e gente aglomerada. Os vizinhos tinham corrido para a rua ao ouvir a explosão.

— Desceram de uma caminhonete e colocaram o artefato, com a maior tranquilidade, na frente de uma casinha de madeira, a vinte metros da pensão da tia Alicia — explicou o adjunto. — Essa foi a terceira prova. Outra coincidência, meu cabo?

— Tomasito, agora é que não acredito mesmo em nenhuma palavra sua. Não engulo essa história de bomba. Se os traficantes quisessem matar você, já teriam matado há muito tempo, não se iluda.

A explosão estilhaçou os vidros de muitas casas em volta e incendiou um depósito de lixo num terreno baldio. Dona Alicia estava no meio dos vizinhos, enrolada num cobertor. Fingiu que não conhecia Carreño e Mercedes quando eles se misturaram entre os curiosos. Ficaram matando tempo no umbral de uma casa dos arredores até clarear. Só voltaram quando os policiais e bombeiros foram embora. Tia Alicia mandou-os entrar rapidamente. Sua casa não tinha sido afetada e ela não parecia assustada; não fazia a menor ideia de que a bomba pudesse ter algo a ver com Carreño. Imaginava, como todos os vizinhos, que era um atentado contra um funcionário da Prefeitura que morava na mesma rua. A caminhonete havia estacionado em frente à sua porta e tia Alicia, que estava tomando ar fresco na janela, viu-a, e até ouviu cochichos no interior do veículo. Este avançou até a esquina, onde uns sujeitos desceram para colocar a bomba. Por pura distração, afinal a puseram em frente à casa desocupada. Ou talvez não tenha sido distração, talvez não quisessem matar ninguém, só mandar um recado ao homem da Prefeitura.

— Mercedes não acreditou um só instante nessa história de funcionário — disse Tomasito. — Ela garantia que a coisa era conosco. Aguentou firme na frente da tia Alicia, mas quando ficamos sozinhos, desabou.

— Para quem era a bomba? Só podia ser para nós dois. Funcionário da Prefeitura, coisa nenhuma. Não ficamos nos escondendo? Pronto, agora nos encontraram. E já avisaram. E enquanto eles tentavam nos matar, você e eu estávamos no Rincón de los Recuerdos dançando. Contentes, maluquinho?

Estava com a voz entrecortada e tremia toda. Esfregava tanto as mãos que o rapaz separou-as à força, com medo de que se machucasse. Não conseguia acalmá-la. Ela chorava e desvairava repetindo que não queria que a matassem, e o acusava, ou então se encolhia na cama, soluçando e contorcendo-se, totalmente desesperada.

— Pensei que ela ia morrer, ter um ataque ou coisa assim, de tanto medo que sentia — disse Tomasito. — Eu não me assusto com nada, mas vê-la naquele estado me deixou arrasado. Não atinava o que fazer, não sabia mais o que prometer a ela para que parasse de chorar. As promessas e as juras tinham acabado, meu cabo.

— E o que você fez? — perguntou Lituma.

Foi até a lajota que tinha levantado para esconder o pacote com os dólares e, sentando-se na beira da cama, obrigou Mercedes a pegá-los, enquanto a beijava,

alisava seu cabelo, enxugava sua testa com os lábios e dizia:

— São seus, amorzinho. Mesmo se você me largar, são seus. Eu lhe dou de presente. Guarde, esconda, até mesmo de mim. Para estar mais segura até eu conseguir falar com o meu padrinho, para não sentir que não tem onde pisar. Para não ficar amarrada a mim e poder ir embora quando quiser. Não chore mais, por favor.

— Você fez isso, Tomasito? Deu a ela todos os seus dólares?

— Para ela parar de chorar, meu cabo — disse o rapaz.

— Isto é ainda pior que matar o Chanchó porque batia nela, seu bestalhão! — Lituma pulou em seu catre.

VIII

— Passou um *huayco* em cima do senhor, e agora está aqui, vivinho da silva. — O cantineiro deu uma palmada no ombro de Lituma. — Parabéns, cabo!

Dionisio era o único que parecia conservar o bom humor no ambiente fúnebre da cantina. Estava lotada, mas os peões tinham cara de condenados. Divididos em grupos, de copos na mão, fumavam sem parar e cochichavam feito vespas. A insegurança transfigurava seus rostos e Lituma podia ver nos seus olhos o medo animal que os devorava por dentro. Com os estragos da avalanche, desta vez nada os livraria de ficar sem trabalho. Não era à toa que os serranos estavam tão lúgubres, puta merda.

— Nasci de novo lá em cima — reconheceu o cabo. — Não recomendo a ninguém essa experiência. Ainda sinto nos ouvidos o estrondo daquelas pedronas filhas da mãe rolando por todos os lados.

— Então, rapazes, um brinde pelo cabo — propôs Dionisio, levantando o copo. — Vamos agradecer aos *apus* de Naccos por salvarem a vida da autoridade!

“Esse veado ainda por cima debocha de mim”, pensou o cabo. Mas ergueu seu copo e agradeceu com um meio sorriso e uns gestos aos peões que brindaram por ele. O guarda Tomás Carreño, que tinha saído para urinar lá fora, voltou esfregando as mãos.

— Isso que lhe aconteceu nunca tinha acontecido com ninguém — exclamou, com a mesma expressão de alvoroço e pasmo de quando ouviu seu chefe contar a aventura. — Os jornais deviam escrever sobre isso.

— É pura verdade — disse um peão com o rosto marcado de varíola. — Desde a história de Casimiro Huarcaya, não se via nem ouvia aqui nada igual. Encarar um *huayco* e sair andando!

— Casimiro Huarcaya, o albino? — perguntou Lituma. — Aquele que desapareceu? O tal que se fazia passar por *pishtaco*?

O albino entrou tarde, quando todos na cantina, como sempre acontece na noite de sábado, já estavam de porre. Ele também; veio com os olhos vermelhos e assustadiços debaixo das suas pestanas tão alvas que chegavam a incomodar. E se anunciou da porta como costumava fazer, bêbado e provocativo: “Chegou o degolador, o *nacaq*, o *pishtaco*. Fiquem sabendo disso! E se não acreditam, caralho, então olhem.” Tirou do bolso traseiro uma pequena presilha e exibiu-a, levantando o pé direito e soltando uma gargalhada tranquilizadora. Depois, fazendo caretas de palhaço, foi cambaleando acotovelar-se no balcão, onde dona Adriana e seu marido se esfalfavam atendendo os fregueses. Batendo nas tábuas, pediu um copinho do forte. Lituma adivinhou nesse instante o que lhe ia acontecer.

— Quem, senão ele — respondeu o da varíola, confirmando. — Não sabia que os *terrucos* o executaram e depois ressuscitou, como Jesus Cristo?

— Eu não sabia de nada, aqui sou o último a saber das coisas — suspirou Lituma. — Executaram o homem e ele ressuscitou?

— Bem, o Pichincho está exagerando — adiantou-se um moreninho com um cabelo que parecia de farpas de porco-espinho. — Executaram de mentirinha, acho. Como é possível, então, que ele tenha levado um tiro e acordado sem uma feridinha?

— Pelo visto, agora todo mundo conhece a vida de Casimiro Huarcaya de cor e salteado — disse o guarda Carreño. — Posso saber por que disseram ao cabo e a mim que não sabiam nada sobre o albino, quando ele desapareceu?

— Isto é uma coisa que eu também gostaria de saber — murmurou Lituma.

Houve um silêncio apreensivo, e as caras de ângulos fortes, narizes chatos, grossos lábios tumefactos e olhinhos desconfiados que os cercavam se escudaram numa impenetrabilidade sideral que fazia o cabo sentir-se como um marciano em Naccos. Até que, após algum tempo, o serrano com cara de varíola mostrou uma fileira de grandes dentes brancos, num sorriso aberto.

— É que não tínhamos nenhuma confiança no cabo.

Houve alguns murmúrios de aprovação e o cantineiro se apressou a servir o albino, olhando-o com aquele sorrisinho vítreo e zombeteiro que nunca abandonava. Tinha o rosto mais inchado que de costume e, na fumaça dos cigarros, suas bochechas redondas mostravam um brilho rosáceo sob os pontos de barba. Estava maior e mais flácido que de outras vezes e suas extremidades, seus ombros, seus ossos, pareciam meio pendurados. Mas era muito forte. Lituma o tinha visto levantar um bêbado do chão e jogá-lo na rua; e não foi por briga, mas porque o homem começou a chorar; aqueles que, excitados pelo álcool, se metiam em encrencas, Dionisio deixava ficar na cantina e até incentivava os outros fregueses a comprarem a briga, como se essas escaramuças alcoólicas o divertissem até dizer chega. O albino bebia uns golinhos do seu copo e Lituma, angustiado, inquieto, esperava que ele voltasse a falar. E falou, encarando a compacta assistência de agasalhos e xales:

— Nenhum cigarrinho para o degolador? Seus miseráveis! Pães-duros!

Ninguém se virou para olhar, ninguém lhe prestou a menor atenção e ele fez uma careta, como se sentisse uma violenta cólica no estômago ou um ataque de raiva. Tinha o cabelo, as sobrancelhas e as pestanas muito brancas, mas o que mais desconcertava naquele homenzarrão era a brancura da penugem de sua pele e os alfinetinhos brancos da barba. Usava um macacão e um casaco de náilon com capuz, que deixava aberto exibindo uma moita de pelos grisalhos no meio do peito.

— Tome aqui, Casimiro — o cantineiro deu-lhe um cigarro. — A música está recomeçando, você vai poder dançar.

— Que bom — disse Lituma. — Quer dizer que finalmente vão me tratar como um serrano, e não como urubu na puna. Isto merece um brinde. Desça uma garrafinha, Dionisio, e sirva uma rodada para os amigos, por minha conta.

Houve grunhidos de agradecimento e, enquanto Dionisio abria a garrafa e dona Adriana dava copos aos que não tinham, o cabo e seu adjunto se misturaram à freguesia. Todos tinham se aproximado do balcão e estavam apertados, formando um cacho, como faziam para ver o final de uma partida de dados com uma aposta alta.

— Então os *terrucos* deram um tiro em Huarcaya e ele saiu ileso? — perguntou Lituma. — Contem-me como foi.

— Ele falava isso quando seu animal o visitava, ou melhor, quando a bebida lhe subia à cabeça — disse o homem de cabeça de porco-espinho. — Andava pela serra inteirinha procurando uma garota com quem tivera um filho. E uma noite chegou a um povoado, na província de La Mar, onde quase o lincharam pensando que era *pishtaco*. Foram os *terrucos*, que apareceram justamente nessa hora, que o salvaram. E quem era o chefe dos *terrucos*? A garota que ele estava procurando!

— Como, salvaram? — interrompeu Carreño. — Não é que o tinham executado?

— Silêncio — ordenou Lituma. — Não interrompa.

— Salvaram de ser linchado pelos aldeãos que o acusavam de ser *pishtaco*, mas os *terrucos* fizeram um julgamento popular na mesma hora e o condenaram à morte — o porco-espinho complementou a história. — A própria garota foi encarregada de executá-lo. E, sem pestanejar, disparou seu projétil.

— Que história — disse Lituma. — E como chegou a Naccos, depois de morto?

O albino não respondeu, ficou um bom tempo tentando acender o cigarro; mas estava tão bêbado que a mão com o fósforo não conseguia pôr a chaminha onde devia. No rosto entre brilhante e desbotado de Dionisio, Lituma notou um olhar indefinível, sarcástico, regozijado, de quem sabe o que vai acontecer, e se deleita e desfruta com antecedência. Ele também sabia o que ia acontecer e sentia calafrios. Em compensação, os outros fregueses pareciam não perceber nada; alguns estavam sentados nas caixas, mas a maioria permanecia de pé, em grupos de dois ou três, com as garrafas de cerveja, pisco ou anisado nas mãos ou fazendo-as circular. Do rádio, instalado no alto, atrás do balcão, entre as interferências elétricas frequentes saíam a todo volume as canções alternadas do trópico e dos Andes que a Rádio Junín sempre tocava nas noites de sábado. Como que ferido em seu amor-próprio pela falta de reação dos outros, o albino tornou a desafiá-los, dando as costas ao cantineiro e mostrando aos presentes uns olhos de peixe recém-tirado da água.

— Ouviram que eu sou o degolador? O *pishtaco* ou, como dizem em

Ayacucho, o *nacaq*. É assim que corto as minhas vítimas em fatias.

Voltou a ensaiar uns passes no ar com sua faca e repetiu as caretas de palhaço, quase implorando que lhe prestassem atenção, que o festejassem, que rissem dele ou o aplaudissem. Dessa vez tampouco ninguém deu sinais de notar sua presença. E, no entanto, Lituma sabia: todos eles estavam com seus cinco sentidos fixos em Casimiro Huarcaya.

— Esta, pelo menos, é a versão que ele conta do que aconteceu, não é? — perguntou o homem da varíola, e vários peões apoiaram. — Que a *terruca* o executou, disparando sua arma a um metro de distância. E que Huarcaya morreu.

— Sentiu que estava morrendo, Pichincho — corrigiu o porco-espinho. — Na verdade, desmaiou. De susto, é claro. E quando acordou não tinha ferida de bala, só os hematomas dos pontapés que levou dos que o acusaram de *pishtaco*. A *terruca* só quis assustá-lo, mais nada.

— Huarcaya disse que viu o tiro sair da escopeta, direto na cabeça dele — insistiu o homem da varíola. — A mulher o matou e ele ressuscitou.

— Que história — repetiu Lituma, espiando a reação de um e outro e o de mais à frente. — Ele se salvou de uma execução e veio até Naccos para acabar desaparecendo. Será que se salva desta vez, também?

Eles bebiam seus copinhos de pisco ou de anisado e passavam a garrafa e o copo de cerveja de mão em mão, fazendo um pequeno brinde: “Junto com você, irmão.” Fumavam, conversando, e cantarolavam a música do rádio entre os dentes. Um deles, mais bêbado que os outros, abraçando uma femeazinha invisível e de olhos fechados, dava uns passos de dança desajeitados com sua sombra na parede. Como sempre, Dionisio, naquele estado de efervescência que a noite lhe causava, animava: “Dancem, dancem, divirtam-se, não importa que aqui não haja saias, de noite todos os gatos são pardos.” Agiam como se Casimiro Huarcaya não estivesse ali, os hipócritas. Mas Lituma sabia muito bem que, mesmo disfarçando tanto, todos os peões observavam o albino de esguelha.

— O homem que sai das pontes, de trás das pedras, o homem que mora nas grutas, igualzinho ao tal que dona Adriana matou, esse sou eu! — gritava, com voz de trovão. — O homem que aparece no caminho e sopra os pós mágicos. A senhora sabe do que estou falando, não é, dona Adriana? Vamos ver, mate-me também, se puder, como mataram o Salcedo, a senhora e o narigudo. Já me mataram uma vez, nem os *terrucos* conseguiram. Caralho, sou imortal!

Voltou a encolher-se e seu rosto branquelo ficou transfigurado, como que atingido por aquela súbita cáibra na barriga, mas, um instante depois, recuperando-se, ele se ergueu e levou com ânsia o copo já vazio aos lábios. Sem perceber, continuou sorvendo e lambendo o copinho com verdadeiro deleite. Até que escapou dos seus dedos e rolou para o chão. Então Casimiro Huarcaya ficou quieto,

carrancudo, com as mãos no rosto, olhando obsessivamente, com os olhos esbugalhados as ranhuras, as inscrições, as manchas, as queimaduras de cigarro nas tábuas do balcão. “Não vá, não vá”, sussurrava Lituma, sabendo que o albino não podia ouvi-lo. “Nem pense em sair da cantina agora. Fique por último, até que os outros tenham saído ou estejam tão bêbados que nem se lembrem mais de você.” Mas enquanto dava este conselho ouviu o risinho de víbora de Dionisio. Procurou-o e, de fato, embora aparentemente olhasse para os grupos de homens que enchiam o local e continuasse animando-os com gestos a dançarem, sua cara bochechuda estava rindo com a boca totalmente aberta. Lituma não teve a menor dúvida: estava zombando dos seus esforços para que as coisas não fossem como iam ser.

— Quem sabe também se salva desta — disse Pichincho, coçando as marcas de varíola como se estivessem ardendo. — Desde o que lhe aconteceu com a *terruca*, Huarcaya ficou meio perturbado. Não lhe contaram que ele teimava que era *pishtaco*? Ficou temático. Fazia o seu número aqui, toda noite. Pode ser que não tenha desaparecido, quem sabe resolveu se mudar de Naccos sem se despedir.

Falava com tanta falsidade que Lituma teve vontade de perguntar se pensava que ele e o seu adjunto eram tão imbecis ou tão irresponsáveis quanto ele. Mas foi Tomasito quem respondeu:

— Ir embora sem receber o salário? Isto é a melhor prova de que o albino não sumiu por vontade própria: não foi receber os últimos sete dias de trabalho. Ninguém dá uma semana de presente à companhia assim, à toa.

— Ninguém que não esteja meio perturbado — replicou Pichincho, sem a menor convicção, resignando-se a entrar no jogo. — Huarcaya ficou com um parafuso a menos desde o que lhe aconteceu com a *terruca*.

— E afinal, que importância tem que o homem haja desaparecido — disse outro, que até então não tinha falado: um corcundinha de olhos côncavos e dentes verdes de tanto mascar coca. — Não vamos todos desaparecer, por acaso?

— E depois desse *huayco* filho da mãe mais rápido do que você pensa — exclamou uma voz gutural, de alguém que Lituma não identificou.

Nesse instante percebeu que, cambaleando, o albino se dirigia para a porta. Os homens se afastavam para deixá-lo passar, ainda sem vê-lo, ainda simulando que Casimiro Huarcaya não estava ali nem existia. Antes de cruzar a porta e desaparecer no frio e na escuridão, o albino desafiou-os pela última vez, com a garganta rachada de raiva ou de cansaço:

— Vou degolar uns e outros. Há! Com a gordura, frito as fatias que vou comer. Estas são as noites boas do degolador. Morram, seus merdas!

— Não reclame, afinal de contas o *huayco* não matou ninguém — disse dona Adriana, do outro extremo do balcão. — Não houve sequer um ferido. Até o cabo, que se meteu no trajeto das pedras, se salvou. Dê graças a Deus! Dance num pé só em

vez de ficar reclamando, seu ingrato!

Saiu e encaminhou-se direto para os barracões, suavemente iluminados por umas lâmpadas de luz amarela que, aos sábados, a companhia mantinha acesas até as onze, uma hora a mais que no resto da semana. Mas, depois de dar uns passos, Huarcaya tropeçou e caiu no chão, como um fardo. Ficou um bom tempo jogado ali, amaldiçoando-se, protestando e fazendo uns esforços complicados para se levantar. Foi conseguindo, aos poucos, primeiro um pé, depois o joelho da perna contrária, depois os dois pés, depois um grande impulso com as duas mãos até conseguir se levantar. Para poder avançar sem cair de novo, encolheu-se como símio, balançando os braços com força para manter o equilíbrio. Iria em direção ao barracão? As luzinhas amarelas se moviam como vaga-lumes, mas ele sabia que não eram, porque na serra, nestas alturas da Cordilheira, por acaso havia vaga-lumes? Eram as lâmpadas do barracão. Subiam, desciam, corriam para a direita e para a esquerda e se aproximavam e se afastavam. Soltando uma gargalhada, Casimiro ficou uns instantes tentando pegá-las. Ao vê-lo fazer essas palhaçadas, Lituma também ria, mas estava suando gelo e tiritando. Conseguiria chegar ao barracão, onde tinha à sua espera seu estrado de madeira, com um colchão de palha e uma manta? Dava voltas, avançava, recuava, girava, sempre tentando manter o rumo que lhe apontavam aquelas luzinhas fugidias que, de segundo em segundo, enlouqueciam cada vez mais. Estava tão cansado que não tinha forças sequer para xingá-las. Mas, de repente, já dentro do barracão, de gatinhas, estava tentando subir em seu catre. Conseguiu, batendo o rosto num travessão e sentindo que arranhara a testa e os braços. Encolhido, de bruços, os olhos fechados, sentiu ânsias de vômito e tentou vomitar, mas não conseguiu. Então quis fazer o sinal da cruz e rezar, mas o cansaço não lhe permitiu levantar o braço e, além do mais, não se lembrava do pai-nosso nem da ave-maria. Caiu numa letargia ácida, com tremores, arrotos e uma dor migrante que lhe percorria a barriga e o peito antes de martirizá-lo nas axilas, pescoço e coxas. Saberria que viriam buscá-lo em breve?

— De que adianta ter-nos salvado se o *huayco* nos deixou sem trabalho, *mamay* — replicou o corcundinha a dona Adriana. — Não viu como esmigalhou as pás, os tratores, a niveladora?

— E isso é motivo para comemorar, dona Adriana? — perguntou o porco-espinho. — Gostaria que alguém me explicasse isso, porque não entendo.

— Não nos deixou sem teto? Não soterrou uns cem metros já prontinhos para o asfalto? — ecoou outro peão, de uma das rodinhas de fregueses. — Agora já têm o pretexto que queriam para parar a obra. Não há mais dinheiro! Acabou-se! Apertem os cintos, e que se danem!

— Isto aqui poderia muito bem ser agora um apocalipse, portanto não chorem — replicou dona Adriana. — Vocês poderiam estar agora sem pernas, sem mãos,

sem olhos, com todos os ossos quebrados, condenados a viver se arrastando como vermes. E esses piolhentos mal-agraçados ainda choram!

— Cante e não chooore! — interrompeu-a Dionisio, em altos brados. — Vamos, vai ser melhor afogar as mágoas dançando um *huaynito* à maneira de Sapallanga, senhores.

Estava no centro da cantina, empurrando os homens, tentando formar um trezinho para dar voltas e mais voltas ao compasso da *muliza* que o rádio tocava. Mas Lituma percebeu que nem os mais bêbados se animavam a acompanhá-lo. O álcool, desta vez, em lugar de ajudar a esquecer um futuro sinistro, ainda o enegrecia mais. Os pulos e cantorias do cantineiro deram uma ligeira vertigem em Lituma.

— Está sentindo alguma coisa, meu cabo? — Tomasito segurou-o pelo braço.

— O álcool subiu — gaguejou Lituma. — Já vai passar.

Já haviam desligado o motor do acampamento e faltavam algumas horas para o amanhecer. Mas eles tinham lanternas e se deslocavam com desenvoltura nas trevas perfuradas por cilindros amarelos. Eram tantos que mal cabiam no espaço estreito, mas não se empurravam nem estorvavam um ao outro, não se apressavam nem pareciam assustados, enfurecidos, e muito menos nervosos ou inseguros. Pareciam tranquilos e confiantes, e, o mais estranho, pensava Lituma, sem o menor cheiro de álcool no hálito frio que traziam do exterior. E se moviam com uma tranquila determinação, sabendo o que faziam, o que iam fazer.

— Quer ajuda para vomitar? — perguntou Tomasito.

— Ainda não — respondeu o cabo. — Mas se eu começar a dançar feito esses veados, então me segure e não deixe.

Quem foi buscar o albino o fez tocando em seu ombro, sem censura e com certa delicadeza:

— Vamos, Huarcaya, vamos. Levante-se de uma vez.

— Ainda está escuro — protestou o albino, a meia-voz. E, na sua confusão, acrescentou uma coisa que para Lituma era uma estupidez: — Hoje é domingo, só trabalham os vigias.

Ninguém riu. Ficaram imóveis e calados e, no silêncio pesado, o cabo pensou que todos ouviam os saltos ferozes do seu coração.

— Chega, Huarcaya — ordenou o porco-espinho?, o da varíola?, o corcundinha? — Não seja frouxo, levante-se.

Na escuridão, várias mãos se estenderam para o estrado e ajudaram o albino a sentar-se e a levantar. Permanecia ereto com muita dificuldade; sem tantos braços segurando, teria se desconjuntado como um boneco de pano.

— Não consigo nem me levantar — protestou. E, mesmo sem resquícios de ódio, nem de vontade, como se fosse uma questão de princípio, ainda tentou insultá-los: — Seus merdas!

— É o porre, Huarcaya — consolou-o alguém, de boas maneiras.

— Está se sentindo assim porque você não é mais você.

— Não consigo nem andar, porra — protestava o albino, entristecido. Sua voz estava muito diferente de antes, quando se gabava na cantina de ser o degolador. Agora parecia a voz de um homem resignado, pensou Lituma, de alguém que conhece a sua sorte e a aceita.

— É a bebedeira, repetiu outro — animando-o. — Não se preocupe, Huarcaya, vamos ajudar você.

— Eu também estou caindo, meu cabo — declarou Tomasito, sem soltar o seu braço. — Só que em mim ninguém nota, o porre fica lá por dentro. E não é para menos, devemos ter tomado uns cinco piscos, não foi?

— Viu como eu tinha razão? — Lituma virou-se e viu o adjunto lá longe, apesar de sentir sua mão apertando-lhe o braço. — Aqueles serranos sabiam mil coisas sobre o albino e nos fizeram de bobos. Aposto que também sabem onde ele está.

— Estou tão enjoado que esta noite não vou poder pensar em você — disse Tomás. — Não é que esteja festejando nada, é que um *huayco* passou em cima do meu cabo e não o matou. Imagine, Mercedesitas! Imagine como ia ser ficar sozinho no posto de Naccos, sem ter com quem falar de você. Foi só por isso que me embebedei, amorzinho.

Eles o puxavam pelos braços rumo à porta do barracão, sem maltratá-lo, sem obrigá-lo a se apressar. O movimento de tantas silhuetas naquele espaço estreito fazia a dupla fileira de beliches de madeira ranger e mover-se. Nos cones de luz das lanternas surgiam por instantes, furtivos, semiocultos pelos xales ou pelos capacetes de metal ou pelos *chullos* de lã puxados até as orelhas, os rostos dos recém-chegados. Lituma os reconhecia e os esquecia.

— Que anisado venenoso esse filho da puta do Dionisio me serviu — o albino se queixou debilmente, tentando em vão se enfurecer. — Que beberagem aquela bruxa da dona Adriana colocou no meu copo. Acabaram comigo.

Todos permaneciam calados, mas aquele silêncio agourento era loquaz para Lituma. O cabo estava ofegante, com a língua de fora. Era isso. Os escândalos, as bravatas e loucuras do albino não eram dele, eram das imundícies que, sabe-se lá com que manhas, lhe deram de beber na cantina. Era por isso que falava aquelas barbaridades, era por isso que estava tão excitado. Foi por isso que fizeram pouco caso quando os desafiou. Com toda razão, com toda razão: como podiam se ofender se eles mesmos o tinham deixado naquele estado. Já consideravam Casimiro Huarcaya meio morto.

— Deve estar fazendo um frio do cacete lá fora — lamentou-se Tomasito.

— Não, nem tanto — respondeu alguém do grupo. — Agorinha mesmo saí

para mijar e não estava.

— É que com o calorzinho da bebida não se sente, compadre.

— Com este porre, não vai sentir frio nenhum, Huarcaya.

Levavam-no, guiavam-no, seguravam-no, passando-o de mão em mão, e Lituma perdeu-o de vista, momentaneamente, na grande mancha de sombras animadas que os esperava fora do barracão. Estavam se mexendo e murmurando, mas quando o albino surgiu entre eles e o viram, sentiram ou adivinharam, todos emudeceram e ficaram imóveis, como quando, pensou Lituma, na porta da igreja, carregados nos ombros da irmandade, aparecem o Cristo, a Virgem, o santo padroeiro, e começa a procissão. Nas trevas geladas da noite alta, sob milhões de estrelas reverentes, entre os vultos das colinas e dos barracões, reinavam agora a solenidade intensa e a expectante devoção daquelas missas de Semana Santa que Lituma lembrava da sua infância. Estavam muito longe, como o rosto congestionado de Tomasito. Aguçando os ouvidos, conseguiu escutar Casimiro Huarcaya, de quem a espessa multidão já o afastara um bom trecho:

— Não sou inimigo de ninguém e não quero ser. Foi o veneno que Dionisio me deu! A poção que a mulher dele preparou! Eles me fizeram falar bobagens, agorinha mesmo.

— Nós sabemos disso, Huarcaya — tranquilizavam-no, com palmadinhas no ombro. — Não se preocupe. Ninguém aqui é seu inimigo, compadre.

— Estamos todos muito agradecidos a você, irmão — disse uma voz, tão suavezinha que poderia ser de mulher.

“Sim, sim”, repetiram vários, e Lituma imaginou que muitas dezenas de cabeças confirmavam, demonstrando silenciosamente ao albino seu reconhecimento, seu afeto. Sem necessidade de qualquer ordem, sabendo o que cada um devia fazer, a multidão começou a avançar e, embora ninguém falasse, nem cochichasse, ouvia-se como avançava, compacta, sincrônica, comovida até os ossos, trêmula, a caminho das colinas. “A mina abandonada, onde era Santa Rita”, pensou Lituma. “Estão indo para lá.” Ficou escutando o rumor de tantas pisadas nas pedras, o chapinhar nas poças, o suave deslizar dos corpos, o rumor dos toques e, quando calculou que já havia passado bastante tempo sem ouvir o albino protestar, perguntou em voz baixa a um homem ao seu lado:

— Casimiro Huarcaya já está morto?

— É melhor não falar disso.

Mas o que estava à sua esquerda se apiedou da sua ignorância e lecionou, numa voz pouco audível:

— Para ser bem recebido, ele tem que chegar vivo lá embaixo.

Iam jogá-lo pela boca da mina abandonada ainda consciente. Subiriam até lá em procissão, calados, concentrados, transidos, segurando-o pelos braços,

levantando-o cada vez que tropeçava, acalmando-o, estimulando-o, dizendo-lhe que não o odiavam, que o apreciavam muito, que agradeciam o que ia fazer por eles, e quando chegassem àquele boqueirão que as lanternas iluminariam, onde o vento estaria assobiando, então se despediriam dele, empurrariam, e o ouviriam cair com um ganido prolongado, e se espatifar com uma remota pancada seca, e o adivinhariam em pedaços nas pedras do fundo do socavão, ao chegar a esse encontro.

— Ele já não sente nem entende nada — disse alguém às suas costas, como se estivesse lendo seus pensamentos. — O cabo Lituma está nocauteado.

Timoteo Fajardo não foi bem meu primeiro marido, meu único marido completo foi Dionisio. Eu e Timoteo nunca nos casamos, só nos juntamos. Minha família o tratou muito mal e o povo de Quenka, pior. Apesar de tê-los livrado do *pishtaco* Salcedo, ninguém o ajudou a convencer meu pai a permitir que se casasse comigo. Pelo contrário, faziam intrigas contra Timoteo, dizendo: “Como vai deixar que esse *morochuco* narigudo leve a sua filha, esse pessoal não tem fama de ladrão de gado?” Foi por isso que fugimos e viemos para Naccos. Quando saíamos, na bocaina de onde se divisa o povoado, rogamos uma praga contra aqueles ingratos. Nunca mais voltei nem voltarei a Quenka.

Nem nego nem confirmo, e se fico absorta olhando os morros com os lábios franzidos, não é porque as perguntas me incomodem. E sim porque passou muito tempo. Já nem tenho certeza se fomos felizes ou infelizes. Felizes, talvez, nos primeiros tempos, enquanto eu pensava que o tédio e a rotina eram a felicidade. Timoteo arranhou trabalho na mina Santa Rita e eu cozinhava, lavava sua roupa e todos nos consideravam marido e mulher. Ao contrário de agora, naquele tempo havia muitas mulheres em Naccos. E quando Dionisio passava por aqui com seus dançarinos e suas loucas, elas também ficavam meio doidas. Maridos e pais lanhavam seus lombos a chicotadas para não perderem o juízo, mas mesmo assim corriam atrás dele. O que ele tinha para que se deixassem enfeitiçar assim por um bêbado gorducho? Fama, lenda, mistério, alegria, dom profético, garrafões de pisco perfumado de Ica e um tremendo pirocão. Querem mais do que isso? Era conhecidíssimo em toda a serra, não havia feira nem festa nem velório de autoridade sem ele nos povoados de Junín, Ayacucho, Huancavelica e Apurímac. Melhor dizendo, sem eles. Porque nessa época Dionisio andava com um grupo de músicos e bailarinos huancaínos e jaujinos que não se desgrudavam dele por nada desse mundo. E aquela turma de vadias que de dia cozinhavam e de noite endoidavam e faziam barbaridades.

Enquanto a tropa de Dionisio não despontava na entrada do povoado, fazendo

ribombar seus tambores, assobiar suas flautas, soar seus *charangos* e retumbando o chão com seus sapateados, a festa não começava. Mesmo que já tivessem soltado os foguetes e o padre proferido suas rezas, sem Dionisio não havia festa. Eram contratados em toda parte, estavam sempre indo e voltando de um lugar para o outro, apesar da má fama que tinham. Má fama de quê? De fazer coisas sujas e ser crias de Satanás. De queimar igrejas, descabeçar santos e virgens e de roubar recém-nascidos. Eram as más línguas dos padres, principalmente. Tinham ciúme de Dionisio e se vingavam da sua popularidade caluniando-o.

Na primeira vez que o vi, fiquei fervilhando da cabeça aos pés. Ele estava ali, vendendo o pisco que trazia numas vasilhas penduradas em mulas, no que era então a pracinha de Naccos, onde fica hoje o escritório da companhia. Tinha colocado umas tábuas em cima de dois cavaletes e um cartaz: “Esta é a cantina.” “Não tomem cerveja nem aguardente, rapazes. Aprendam a beber!”, pregava para os mineiros. “Saboreiem o pisco purinho de uva de Ica, ajuda a esquecer as mágoas e faz aparecer o homem feliz que está dentro da gente.” “Visitem o seu animal!” Era época das Festas Pátrias e havia bandas de música, concursos de fantasia, mágicos e acrobatas. Mas eu não conseguia aproveitar nenhuma das diversões; por mais que eu não quisesse, meus pés e minha cabeça se desviavam na sua direção. Ele era mais jovem, mas não muito diferente de agora. Meio gordinho, um pouco molenga, olhos bem pretos, cabelo crespo e esse jeito de andar meio pulando, meio tropeçando, que ainda tem. Servia os clientes e começava a dançar e contagiava sua alegria a todo mundo, “Agora uma *muliza*”, e o seguiam, “O *pasillo*”, e obedeciam, “Desta vez o *huaynito*”, e sapateavam, “O *trenzinho*” e formavam uma fila comprida atrás dele. Cantava, saltava, pulava, tocava o *charango*, soprava a *quena*, brindava, gritava, estalava os pratos, batia o tambor. Horas e horas, sem cansar. Horas e horas, colocando e tirando as máscaras do Carnaval de Jauja, até Naccos inteira virar um redemoinho de gente bêbada e feliz: ninguém sabia mais quem era quem, onde começava um e onde terminava o outro, quem era homem, quem era animal, quem era humano, quem era mulher. Quando, num momento da festa, fui dançar com ele, Dionisio me apertou, me apalpou, me fez sentir sua vara dura em minha barriga e me fez engolir sua língua que chispava como fritura na panela. Nessa noite, Timoteo Fajardo me tirou sangue aos pontapés, dizendo: “Se ele pedisse, você ia embora, não é, sua puta?”

Não pediu, mas talvez eu tivesse mesmo ido com ele se me pedisse, mais uma da tropa de Dionisio, outra vadia seguindo-o pelos povoados e distritos da serra, viajando por todos os caminhos dos Andes, subindo até as punas frias, descendo aos vales quentes, andando debaixo da chuva, andando sob o sol, cozinhando, lavando sua roupa, obedecendo aos seus caprichos e, nas feiras de sábado, alegrando os feirantes e até sendo puta para satisfazer sua vontade. Diziam que, quando eles desciam até a costa para renovar a provisão de pisco, naqueles areais perto do mar, as

vadias e os bailarinos dançavam pelados nas noites de lua cheia e que Dionisio invocava o demônio vestido de mulher.

Falavam todas as coisas havidas e por haver sobre ele, com medo e admiração. Mas na verdade ninguém sabia grande coisa da sua vida, só fofocas. Que a mãe tinha sido carbonizada por um raio num temporal, por exemplo. Que foi criado pelas mulheres de uma comunidade de iquichanos, ainda idólatras, nos altos de Huanta. Que enlouquecera, quando jovem, numa missão dos padres dominicanos e quem lhe devolveu a razão foi o diabo, com quem fez um pacto. Que morara na selva, entre os *chunchos* canibais. Que descobrira o pisco viajando pelos desertos da costa e que, a partir de então, percorria a serra vendendo. Que tinha mulheres e filhos em toda parte, que havia morrido e ressuscitado, que era *pishtaco*, *muki*, desencarnador, bruxo, astrólogo, rbdomante. Não havia mistério ou barbaridade que não lhe atribuíssem. Ele gostava da sua má fama.

Era mais que um mascate de pisco, claro, qualquer um se dava conta disso; mais que empresário de músicos e bailarinos folclóricos, mais que animador e também mais que patrão de um bordel ambulante. Sim, sim, claríssimo. Mas o que mais? Demônio? Anjo? Deus? Timoteo Fajardo lia nos meus olhos que eu estava pensando em Dionisio e partia raivoso para cima de mim. Os homens sentiam ciúmes, mas todos reconheciam: “Sem ele, não há festa.” Assim que aparecia e armava a sua banca, iam correndo comprar garrafas de pisco e brindar com ele. “Eu os eduquei”, dizia Dionisio. “Antes se intoxicavam com carne, cerveja ou aguardente e agora com pisco, a bebida dos anjos e dos serafins.”

Soube mais alguma coisa sobre ele conversando com uma ayacuchana de Huancasancos. Tinha sido uma das suas vadias e depois o abandonou. Veio para cá como mulher de um chefe de equipe da mina Santa Rita, mais ou menos na época em que aquele *pishtaco* secou Juan Apaza. Ficamos amigas, íamos juntas lavar roupa no rio e um dia lhe perguntei por que tinha tantas cicatrizes. Então, ela me contou. Havia passado bastante tempo correndo o mundo com a tropa de Dionisio, dormindo à intempérie onde a noite os apanhava, uns em cima dos outros para enfrentar o frio, de feira em feira e de mercado em mercado, vivendo da caridade dos festeiros. Quando festejavam entre si, longe dos olhares dos outros, os membros daquela tropa enlouqueciam. Ou, como diz Dionisio, visitavam o seu animal. Passavam do amor às brigas entre as vadias. Dos carinhos aos arranhões, dos beijos às mordidas, dos abraços aos empurrões, sem parar de dançar. “E não lhe doía, *mamita?*” “Doía depois, *mamay*; mas, com a música, a dança e a tontura, era gostoso. As preocupações sumiam, o coração palpitava forte e você se sentia falcão, *molle*, costa, condor, rio. Íamos às estrelas, dançando, amando ou batendo.” “Por que, se você gostava tanto, se afastou deles?” Porque seus pés inchavam e ela não conseguia mais segui-los nas suas andanças. Eram muitos, e nem sempre tinham um

caminhão para levá-los. Faziam suas viagens a pé, dias para ir, semanas para voltar. Naquela época ainda se podia fazer isso, não havia *terrucos* nem *sinchis* nos Andes. Por isso, afinal, a moça de Huancasancos se resignou a casar-se com o chefe de equipe e a viver sossegada aqui em Naccos. Mas vivia sonhando com suas antigas aventuras, cheia de saudade das viagens e dos vícios. Entoava uns *huaynitos* tristes, recordando, e suspirava: “Eu fui, ai, feliz.” Passava a mão nas cicatrizes com nostalgia.

De tal maneira que, inoculada de curiosidade, inquieta desde que dançamos e ele passou as mãos em mim naquelas Festas Pátrias, quando Dionisio voltou a Naccos e perguntou se queria me casar com ele, eu disse que sim. A mina estava desabando. O metal tinha acabado em Santa Rita e o Padrillo, depois de secar Sebastián, o amigo de Timoteo, estava apavorando todo mundo. Dionisio não me pediu para juntar-me às vadias, que me tornasse mais uma da sua turma. Pediu que eu me casasse com ele. Estava apaixonado desde que soube como ajudei Timoteo a caçar o *pishtaco* Salcedo, nas cavernas de Quenka. “Você está predestinada a mim”, afirmou. Depois as estrelas e as cartas confirmaram que estava mesmo.

Nós nos casamos na comunidade de Muquiyauyo, onde ele era muito bem-recebido desde que curou todos os jovens colonos de uma epidemia nas partes. Sim, de caralhite. Tinha atacado num verão chuvoso. Era para gargalhar, sim, mas eles choravam, desesperados. Desde que abriam os olhos, com o cantar do galo, o negócio estava inchado, todo vermelho e ardendo feito pimenta. Não sabiam mais o que fazer. Lavavam com água fria, e nada, apertavam e o pau se empertigava feito um boneco de molas. E enquanto ordenhavam ou plantavam ou podavam e faziam o que tinham que fazer, continuava gordo e pesadão entre as pernas, como um esporão ou o badalo de um sino. Trouxeram um padre do convento de San Antonio de Ocopa que rezou uma missa e exorcizou com incenso. Nem assim: continuava despontando e crescendo até rasgar as braguilhas e sair para ver o sol. Então, chegou Dionisio. Contaram-lhe o que estava acontecendo e ele organizou uma procissão alegre, com muita dança e música. Em vez de santo, levaram no andor um caralho de argila que o melhor oleiro de Muquiyauyo tinha modelado. A banda tocou um hino marcial, e as moças o enfeitaram com grinaldas de flores. Seguindo suas instruções, afinal o jogaram no Mantaro. Os jovens atacados pela epidemia também pularam no rio. Quando saíram para se enxugar, já estavam normais, com o negócio todo enrugadinho e adormecido outra vez.

O padre de Muquiyauyo não queria nos casar, a princípio. “Esse aí não é católico, é pagão, selvagem”, dizia, repelindo-o com a mão. Mas, depois de tomar umas e outras, afinal amoleceu e nos casou. As festas duraram três dias, dançando e comendo, dançando e bebendo, dançando e dançando até perder a razão. Ao anoitecer do segundo dia, Dionisio pegou minha mão, subimos juntos uma ladeira e ele apontou para o céu. “Vê aquele grupinho de estrelas, ali, formando uma coroa?”

Elas se destacavam muito bem de todas as outras. “Sim, estou vendo.” “São meu presente de casamento.”

Mas não podia me possuir, porque antes tinha que cumprir uma promessa. Longe de Muquiyauyo, na outra banda do Mantaro, subindo as serras de Jauja, no distrito de Yanacoto, onde Dionisio havia passado a infância. Quando sua mãe desapareceu, queimada pelo raio, ele não se conformou com essa morte. E começou a procurá-la, certo de que a encontraria em algum lugar. Virou andarilho, viveu feito alma-perdida, indo e vindo para todos os cantos até que, nas fazendas de Ica, descobriu o pisco e tornou-se comerciante e divulgador. Um dia ele viu num sonho: sua mãe marcava um encontro com ele, domingo de Carnaval à meia-noite, no cemitério de Yanacoto. Lá foi, emocionado. Mas o zelador do local, um aleijado com o nariz comido pela *uta* chamado Yaranga, só queria deixá-lo entrar se antes baixasse as calças. Discutiram e chegaram a um acordo: Yaranga o deixava entrar agora, com a condição de que voltasse e se agachasse para ele antes de consumir seu casamento. Dionisio entrou, falou com a mãe, despediu-se dela, e depois, na sua festa de casamento, quinze anos mais tarde, eu tive que acompanhá-lo para cumprir a promessa.

Levamos dois dias para subir até Yanacoto, o primeiro de caminhão e o segundo em lombo de mulas. Havia neve na puna e as pessoas estavam com os lábios roxos e as caras cortadas pelo frio. O cemitério não tinha mais o murinho que Dionisio recordava, nem zelador. Perguntando, soubemos que Yaranga tinha morrido havia vários anos, maluco. Dionisio não parou de investigar, até que lhe mostraram o seu túmulo. Então, essa noite, quando a família que nos hospedava já estava dormindo, pegou minha mão e levou-me até onde Yaranga estava enterrado. Eu o tinha visto o dia inteiro muito atarefado lavrando alguma coisa com uma presilha, num galho de salgueiro. Um caralho bem duro, era isso. Untou com óleo de vela, fincou no túmulo de Yaranga, arriou as calças e se sentou em cima, dando um uivo. Depois, apesar do gelo, tirou minha calcinha, deitou-me no chão e me possuiu pela frente e por trás, várias vezes. Embora eu não fosse mais virgem, dei mais uivos que ele, acho, até perder os sentidos. Foi assim a nossa noite de núpcias.

Na manhã seguinte começou a me ensinar a sabedoria. Eu tinha boa disposição para distinguir os ventos, ouvir os sons do interior da terra e me comunicar com o coração das pessoas tocando em seus rostos. Achava que sabia dançar, e ele me ensinou a entrar na música e a metê-la dentro de mim e fazer com que ela me dançasse em vez de eu a ela. Achava que sabia cantar, e ele me ensinou a deixar-me dominar pelo canto e a ser escrava das canções que cantava. Pouco a pouco fui aprendendo a ler as linhas da mão, a decifrar as figuras das folhas de coca quando pousam no chão depois de revoar no ar, a localizar os males passando um *cuy* vivo no corpo dos doentes. Continuávamos viajando, descendo até a costa para renovar o

carregamento de pisco, animando muitas festas. Até que as estradas começaram a ficar perigosas com tantas matanças e os povoados se esvaziaram e se isolaram numa desconfiança feroz contra os de fora. As vadias foram embora, os músicos nos abandonaram, os dançarinos viraram fumaça. “É hora de você e eu também criarmos raízes”, disse um dia Dionisio. Tínhamos ficado velhos, parece.

Não sei o que aconteceu com Timoteo Fajardo, nunca soube. Dos boatos, tomei conhecimento. Eles me perseguiram por toda parte como minha própria sombra durante anos e anos. Você botou veneno no seu prato de sopa e o matou para fugir com o gordinho pinguço? Foi ele quem o matou, de conluio com o *muki*? Deu-o de presente ao *pishtaco*? Levaram o narigudo para as suas bruxarias no alto do morro, e lá as vadias de porre o despedaçaram? E depois o comeram, bruxilda? Já tinham começado a me chamar de bruxa e de dona, a essa altura.

— Fiz você sofrer de propósito, não quis responder às suas ligações nem marcar o encontro que me pedia — o comandante disse a Carreño, à guisa de saudação. — Para deixar você aflito. E porque queria planejar seu castigo com toda a crueldade, seu grandíssimo filho da puta.

— Puxa, afinal apareceu o famoso padrinho — exclamou Lituma. — Eu estava só esperando, ele é o que mais me interessa na sua história. Quem sabe assim me esqueço um pouco do maldito *huayco*. Continue, continue, Tomasito.

— Certo, padrinho — assentiu Carreño, humildemente. — O senhor é quem sabe.

O gordo Iscariote, para não ter que olhá-lo nos olhos, mantinha o rosto enterrado na milanesa com ovos estrelados, batata frita e arroz branco. Mastigava com fúria e, entre uma mordida e outra, tomava goles de cerveja. O comandante estava à paisana, com um xale de seda no pescoço e óculos escuros. Na penumbra recortada pelos tubos espaçados de luz fluorescente, seu crânio calvo cintilava. Um cigarro aceso lhe pendia dos lábios e um copo de uísque balançava na mão direita.

— Matar o Chanco foi uma falta de respeito comigo, pois mandei você a Tingo María para cuidar dele — disse o comandante. — Mas não é isso o que mais me aborrece da sua imbecilidade. Sabe o que é? O seu motivo para fazer o que fez. Vamos lá, por que agiu assim, seu babaca?

— O senhor sabe muito bem, padrinho — murmurou o rapaz, baixando os olhos com humildade. — O Iscariote não lhe disse, por acaso?

— Estavam num bordel? — perguntou Lituma. — Com música e putas em volta da mesa? Lá seu padrinho era como um rei?

— Meio discoteca, meio bar e meio lenocínio — esclareceu Tomasito. — Sem quartos para os casais. Os caras tinham que levar as piranhas para o hotel em

frente. Meu padrinho era sócio, acho. Eu não prestava atenção em nada daquilo, estava com o cu na mão, meu cabo.

— Quero ouvir da sua própria boca, seu filho da puta — ordenou o comandante, com um gesto de imperador.

— Eu o matei porque o Chanchó estava batendo nela para ter prazer — sussurrou o rapaz, cabisbaixo, com um fiozinho de voz. — O senhor já sabia, Iscariote já lhe contou.

O comandante não riu. Ficou muito quieto, olhando-o por trás dos seus óculos escuros, assentindo ligeiramente. Acompanhava o ritmo da salsa batendo na mesa com o copo de uísque. Até que, afinal, sem se virar, segurou o braço de uma mulher de blusa furta-cor que vinha passando. Obrigou-a a aproximar-se, a inclinar-se e lhe perguntou à queima-roupa:

— Você gosta que seus machos lhe deem umas porradas, sim ou não?

— Gosto de tudo o que você me fizer, *papacito*. — A mulher riu, beliscando-lhe o bigode. — Vamos dançar?

O comandante mandou-a de volta para a pista com um empurrãozinho gentil. E avançou a cabeça na direção de Carreño, que permanecia rígido na cadeira:

— As mulheres gostam de um pouco de castigo na cama, seu idiota, e você não tinha a menor ideia de nada. — Fez um gesto de desagrado. — O que me irrita é ter confiado num paspalhão sem experiência de vida. Você mereceria que eu o matasse, não por ter liquidado o Chanchó, mas por ser estúpido. Está arrependido, pelo menos?

— Estou arrependido de ter ficado mal com o senhor, a quem eu e a minha mãe tanto devemos — balbuciou o rapaz. E juntando forças, acrescentou: — Mas me perdoe, padrinho, pela morte do Chanchó não estou. E o mataria de novo, se ressuscitasse.

— Ah, é? — exclamou o comandante, surpreso. — Ouviu só o que ele disse, Iscariote? Acha que ficou ainda mais idiota do que era quando entrou? Viu a raiva que ele tem do pobre Chanchó, só porque deu uns tapas na sua puta?

— Não era puta dele, era só amiga, padrinho — interrompeu Carreño, suplicante. — Não fale assim dela, por favor, porque agora é minha mulher. Quer dizer, logo vai ser. Mercedes e eu vamos nos casar.

O comandante olhou para ele um instante e, por fim, começou a rir.

— Minha alma voltou ao corpo, meu cabo — disse Tomasito. — Aquela risada queria dizer que, apesar de ter xingado tanto a minha mãe, estava começando a me perdoar.

— Ele não era mais que seu padrinho, Tomasito? — perguntou Lituma. — Não seria seu pai, por acaso?

— Eu também me fiz muitas vezes essa pergunta, meu cabo. É uma dúvida

que convive comigo desde criança. Mas parece que não. Minha mãe foi empregada na casa dele durante mais de vinte anos, em Sicuani, em Cuzco e em Lima. Vestiu, deu banho e alimentou a mãe do meu padrinho, que era inválida. Enfim, não sei, talvez seja meu pai. Minha mãezinha nunca quis me dizer quem a engravidou.

— Na certa é — disse Lituma. — Depois do que você fez com o Chancho, não merecia ser perdoado. Poderia ter comprometido o seu padrinho, criado encrenca com os traficantes. Se ele o perdoou, deve ser seu pai. Essas coisas só se perdoam aos filhos.

— Bem, fiquei mal com ele, mas também lhe fiz um favor — disse Tomasito. — Graças a mim, melhorou sua folha de serviços na corporação e até lhe penduraram uma condecoração no peito. Ficou famoso por ter acabado com esse traficante.

— Para você se apaixonar assim, essa Mercedes deve ter um rabo fenomenal — disse o comandante, ainda um pouco risonho. — Você já experimentou, Iscariote?

— Não, chefe, não. Mas não pense que ela é tão sensacional como diz o Carreñito. Está gamado e a idealiza. É uma moreninha com boas pernas, só isso.

— Você pode entender muito de comida, mas não de mulheres, gordo, portanto continue com essa milanesa e cale essa boca — disse Carreño. — Não ligue para ele, padrinho. Mercedes é a mulher mais bonita do Peru. O senhor tem que me entender, já deve ter se apaixonado alguma vez.

— Eu não me apaixono, só trepo, e por isso sou feliz — afirmou o comandante. — Matar por amor nestes tempos! Caralho, você devia ser exibido numa jaula de circo. Não me deixa experimentar aquele rabo, para saber se valia mesmo a pena fazer a besteira que fez?

— Não empresto minha mulher a ninguém, padrinho. Nem mesmo ao senhor, por mais respeito que lhe tenha.

— Não pense que só porque faço umas piadinhas você está perdoado — disse o comandante. — Sua gracinha com o Chancho pode me custar o belo par de ovos que Deus me deu.

— Mas se o senhor foi até condecorado pela morte desse traficante — alegou, debilmente, Carreño. — Agora é um herói nacional da luta contra o narcotráfico. Não me diga que lhe fiz um mal. Reconheça que foi um favor, padrinho.

— Tive que transformar um mal em um bem, seu imbecil — replicou o comandante. — De qualquer forma, você me comprometeu e posso ter problemas. Se o pessoal do Chancho quiser vingança, vão ficar contra quem? Quem eles vão querer foder? Um João-ninguém feito você, ou a mim? Será que vai sentir remorsos, pelo menos, se me mandarem para o cemitério?

— Eu nunca me perdoaria por isso, padrinho. E juro que iria dar o troco até o fim do mundo se alguém tocasse em um fio do seu cabelo.

— Porra, vou acabar chorando de emoção com tanto carinho que você sente por mim — disse o comandante, bebendo um trago de uísque e estalando a língua. E, sem intervalo, de um modo que não admitia réplica, ordenou: — Antes de continuar conversando, e para ver que punição vou lhe dar, vá, traga essa Mercedes. Agorinha mesmo. Quero ver com meus próprios olhos se esse traseiro justifica tanta confusão.

— Caramba — exclamou Lituma. — Já estou vendo aonde esse sacana queria chegar.

— Eu fiquei aterrorizado, meu cabo — confessou Tomasito. — O que podia fazer, o que ia fazer se o meu padrinho se engraçasse com a Mercedes.

— Puxar sua pistolinha e despachar ele também — disse o cabo.

— O que podia fazer — repetiu o adjunto, virando-se angustiado no catre. — Dependíamos dele para tudo. Para o título de eleitor da Mercedes, para ajeitar a minha situação. Eu era, tecnicamente, um desertor da Guarda Civil, imagine só. Passei maus momentos, verdade.

— Acha que eu tenho medo dele? — Mercedes riu.

— É um sacrifício que temos que fazer para sair desta, meu amor. Vai ser um mau pedaço, mas de meia horinha só. Ele já está se acalmando, já começou a fazer brincadeiras. Ficou curioso e quer conhecer você. Não vou permitir que lhe falte com o respeito, juro.

— Sei me defender sozinha, Carreñito — disse Mercedes, arrumando o cabelo, a saia. — Nem os comandantes nem os generais me faltam com o respeito. E então? Aprovada no exame, cavalheiro?

— Com louvor — pigarreou o comandante. — Concordo, concordo. Estou vendo que você é despachada, filhinha. Melhor assim. Gosto de mulherzinhas respondonas.

— Quer dizer que vamos falar sem cerimônia? — disse Mercedes. — Pensei que teria que chamá-lo de padrinho, também. Bom, então podemos nos tratar de você, gatinho.

— Você tem boa cara, bom corpo e boas pernas, concedido — disse o comandante. — Mas isso não basta para transformar um rapaz em assassino. Você deve ter algo a mais, para ter virado a cabeça do meu afilhado desse jeito. Posso saber o que foi que fez com ele?

— O pior é que não fiz nada — disse Mercedes. — Fui a primeira a se surpreender com a loucura dele. Não lhe contou? Primeiro matou e depois veio me dizer que tinha feito aquilo por mim, que estava apaixonado. Eu não podia acreditar, ainda não posso. Não foi assim, Carreñito?

— Sim, padrinho, foi isso mesmo — disse o rapaz. — Mercedes não teve culpa de nada. Eu a meti nesta confusão. O senhor vai nos ajudar? Vai conseguir um

título de eleitor para Mercedes? Queremos ir para os Estados Unidos, começar vida nova.

— Você deve ter feito alguma coisa de muito especial com este rapaz para deixá-lo em tal estado de paixão — disse o comandante, aproximando o rosto da cara de Mercedes e segurando seu queixo. — Acendeu um fogo nele, filhinha?

— Por favor não falte com o respeito a Mercedes — disse o rapaz. — Pelo que é mais sagrado, padrinho. Nem ao senhor vou permitir isso.

— Seu padrinho sabia que Mercedes era a primeira mulher com quem você foi para a cama? — perguntou Lituma.

— Não, nem ele nem ninguém — respondeu o adjunto. — Teria me espancado até morrer se eu dissesse. Só Mercedes e o senhor sabem, meu cabo.

— Obrigado pela confiança, Tomasito.

— Mas esse não foi o pior momento da noite. O pior foi quando meu padrinho tirou-a para dançar. Eu sentia que a raiva subia pelo meu corpo e que a qualquer momento ia explodir.

— Fique calmo, fique calmo e não seja bobo, Carreñito. — O gordo Iscariote deu-lhe uma palmada no braço. — Não importa que dance com ela e a aperte um pouquinho. Está fazendo você pagar a penitência, provocando ciúme. No fundo já o perdoou e vai solucionar os seus problemas. Tudo está saindo como eu previ em Huánuco. Pense só nisso.

— Mas eu pensava, está todo encostado no corpo dela e passando a mão — a indignada voz de Tomasito vibrou na sombra. — Nem que eu me desgrace de uma vez, vou acabar com a macheza desse abusado.

Mas nesse momento o comandante trouxe Mercedes para a mesa, morrendo de rir.

— É uma mulher de arrasar quarteirões, quero lhe dar parabéns, rapaz — disse, com um amável cascudo na cabeça de Tomás. — Fiz uma proposta do caralho para ela vir lhe botar chifres comigo, e não aceitou.

— Eu sabia que você estava me testando outra vez, por isso lhe dei o fora, gatinho — disse Mercedes. — Além do mais, você seria a última pessoa com quem enganaria o Carreñito. Vai nos ajudar, então?

— Uma mulher como você é melhor ter como amiga que como inimiga — disse o comandante. — Que fêmea você está levando, rapaz.

— E nos ajudou — suspirou Tomás. — No dia seguinte Mercedes estava com um título novo. E, nessa mesma noite, deu o fora.

— Quer dizer que assim que arranjou os papéis ela o deixou, Tomasito?

— Levando os quatro mil dólares que lhe dei de presente — murmurou lentamente o adjunto. — Eram dela, eu lhe dera. Deixou uma carta, repetindo o que já tinha dito tantas vezes. Que ela não era mulher para mim, que aquilo ia passar, a

conversa de sempre.

— Então foi assim a história — disse Lituma. — Puxa, Tomasito.

— Sim, meu cabo — disse o adjunto. — Assim foi a história.

IX

— O sujeito se chama Paul e tem um sobrenome estranho, Stirmsson ou Stirmesson — disse Lituma. — Mas é mais conhecido pelo apelido: Escarlatina. Foi um dos que se salvaram por milagre quando os *terrucos* entraram em La Esperanza. Ele me disse que conhecia muito bem vocês. Lembram desse gringo?

— Um bisbilhoteiro que sempre queria saber tudo de tudo — assentiu dona Adriana, com uma expressão de poucos amigos. — Vivia com um caderno, escrevendo. Faz muito tempo que não aparece por aqui. Quer dizer que foi um dos que se esconderam no reservatório de água?

— Era um enxerido, estudava a gente como se fôssemos plantas ou animais. — Dionisio deu uma cusparada. — Ele me perseguia de alto a baixo dos Andes. Não lhe interessávamos por nós mesmos, só queria nos colocar nos seus livros. Ainda está vivo esse animal, o gringo Escarlatina?

— Ele também se surpreendeu quando soube que vocês estavam vivos — explicou Lituma. — Pensava que os *terrucos* já os tinham executado, acusando-os de antissociais.

Estavam conversando na porta da cantina, debaixo de um sol vertical e branquíssimo que reverberava no zinco dos barracões sobreviventes. Grupos de peões retiravam, usando tábuas, furadeiras, cordas, picaretas e pás, algumas pedras do *huayco*, tentando abrir um caminho por onde retirar do acampamento a maquinaria não amassada ou inutilizada pela avalanche. Apesar da azáfama no barracão onde haviam improvisado um escritório para substituir aquele que as pedras destruíram, Naccos parecia vazia. No povoado não restava nem um terço dos peões. E continuavam partindo; ali, por exemplo, na trilha que subia para o caminho de Huancayo, Lituma divisou três silhuetas se afastando em fila indiana com fardos nas costas. Caminhavam depressa e no mesmo compasso, como se não sentissem o peso que estavam levando.

— Desta vez aceitaram ir embora — disse, apontando para eles. — Sem greves nem protestos.

— Eles sabem que seria inútil — respondeu Dionisio, sem a menor emoção. — O *huayco* veio a calhar para a companhia. Faz tempo que ela queria interromper a obra. Agora tem o pretexto.

— Não é pretexto — disse o cabo. — Não está vendo como ficou isto aqui? Que estrada podem construir, depois da montanha que caiu em cima de Naccos? Não sei como não morreu ninguém, com um desmoronamento daqueles.

— É o que eu tento enfiar na cabeça desses índios teimosos — grunhiu dona Adriana, fazendo um gesto mal-humorado para os homens que empurravam as

pedras. — Poderíamos ter morrido todos nós, esmagados feito baratas. E, em vez de dar graças por estar a salvo, ainda protestam.

— É que se salvaram do *huayco*, mas sabem que agora vão morrer aos poucos, de falta de trabalho e de fome — murmurou Dionisio, dando um risinho. — Ou de coisas piores. Deixe-os espernear, pelo menos.

— A senhora acha que a avalanche não nos enterrou porque os *apus* destas montanhas decidiram? — perguntou o cabo, procurando os olhos de dona Adriana. — Eu também tenho que agradecer a eles por ter me salvado?

Esperava que a mulher de Dionisio lhe respondesse rispidamente que ele já parecia um lunático, de tanto insistir na mesma história, mas dessa vez a bruxa ficou muda, sem olhar para ele. Com o cenho franzido e emburrada, mantinha o olhar meio perdido nos picos escarpados que cercavam o povoado.

— Conversei sobre os *apus* com Escarlatina, lá em La Esperanza — prosseguiu o cabo, após um momento. — Ele também acredita que as montanhas têm suas almas, dona Adriana, igual à senhora. Os *apus*. Uns espíritos sanguinários, pelo visto. Se um sábio que sabe tanto como esse gringo fala isso, deve ser mesmo verdade. Obrigado por me deixarem com vida, senhores *apus* de Junín.

— Não se pode dizer senhores *apus* — advertiu Dionisio. — Porque *apu* quer dizer senhor em quéchua. E toda repetição é uma ofensa, senhor cabo, como diz a valsa.

— Também não se deve dizer senhor cabo — replicou Lituma. — Cabo ou senhor, mas as duas coisas juntas é zombaria. Mas você sempre está caçoando das pessoas.

— Tento não perder o bom humor — reconheceu Dionisio. — Se bem que, com as coisas que acontecem, fica difícil não viver amargurado, como todo mundo.

E imediatamente começou a assobiar uma das toadas que também costumava sapatear, de noite, quando a bebedeira se generalizava na cantina. Lituma ouviu a melodia triste com o coração apertado. Parecia vir do fundo dos tempos, trazer um fiapo de outra humanidade, de um mundo enterrado naquelas montanhas maciças. Entrefechou os olhos e viu delinear-se à sua frente, um pouco borrada pela luminosidade branca do dia, a figurinha dócil e saltitante de Pedrito Tinoco.

— Estou sem ânimo para subir agora até o posto, com este sol — murmurou, tirando o quepe e limpando o suor da testa. — Posso me sentar um pouquinho com vocês?

Nem o cantineiro nem sua mulher responderam. Lituma sentou-se numa das pontas do banco ocupado por dona Adriana. Dionisio continuava em pé, fumando, com as costas apoiadas nas tábuas consteladas de cicatrizes da porta da cantina. Os gritos e exclamações dos peões que tentavam deslocar as pedras chegavam até eles de maneira esporádica, próximos ou remotos segundo as mudanças de direção do vento.

— Finalmente o rádio da companhia funcionou esta manhã, finalmente pude mandar meu boletim para o comando de Huancayo — comentou o cabo. — Tomara que respondam logo. Não sei o que ainda estou fazendo aqui, meu adjunto e eu, além de esperar que nos matem ou sumam conosco, como fizeram com o mudinho. E vocês, o que pretendem fazer agora? Também vão embora de Naccos?

— Que remédio — disse Dionisio. — Nem os índios da comunidade querem viver mais em Naccos. A maior parte dos jovens emigrou para a costa e para Huancayo. Só restam uns poucos velhos que estão morrendo.

— Então só vão ficar os *apus* — sentenciou Lituma. — E os *pishtacos* e *mukis*. Servindo banquetes de sangue uns aos outros. Não é mesmo, dona Adriana? Não faça esta cara, é brincadeira. Já sei que não está para brincadeiras. Eu também não. Só falei porque, por mais que tente tirar da cabeça aquilo que a senhora sabe, não consigo. Esses três continuam envenenando a minha vida.

— E por que se importa tanto com esses infelizes? — Dionisio soltou uma baforada de fumaça. — Com tanta gente que desaparece ou morre diariamente, por que só eles? Por que não fica atormentado com aquele que mataram em La Esperanza, por exemplo? O senhor gosta de mistérios, já lhe disse uma vez.

— Esses desaparecimentos não são mais mistério para mim — declarou o cabo, virando-se de novo para olhar dona Adriana, mas tampouco dessa vez ela o encarou. — Descobri graças ao Escarlatina, ontem à noite. Juro que seria melhor não saber. Porque isso que aconteceu com eles é a mais estúpida e mais perversa de todas as coisas estúpidas e perversas que acontecem por aqui. E ninguém vai me tirar da cabeça que os grandes culpados foram vocês dois. Principalmente a senhora, dona Adriana.

Mas nem sequer agora a mulher de Dionisio respondeu. Continuou emburrada, olhando para os morros, como se não houvesse escutado ou estivesse tomada por um pensamento tão importante que não se interessava pelas ninharias que Lituma dizia.

— Fume um cigarro e tire essas minhocas da cabeça. — Dionisio ofereceu-lhe um maço de tabaco negro. — Pense que está indo embora, talvez para a sua terra, e que no futuro vai viver mais tranquilo do que em Naccos.

Lituma pôs um cigarro na boca. O cantineiro acendeu-o, com um velho isqueiro de pavio comprido cujo fogo esquentou a boca e o nariz do cabo. Aspirou uma grande baforada e expulsou-a com força, vendo as volutas de fumaça subirem no ar limpo e dourado do ardente meio-dia.

— Se eu sair vivo daqui, esses três vão atrás de mim aonde quer que eu vá — murmurou. — Principalmente o mudinho, que desapareceu quando veio aqui comprar cerveja naquela noite. Entende?

— Claro que ele entende, meu cabo. — Seu adjunto riu. — Uma cerveja

cusquenha, bem gelada, e voando. Não é verdade que entendeu perfeitamente, mudinho?

Pedrito Tinoco assentiu várias vezes, com aqueles movimentos rápidos e idênticos que faziam Lituma pensar num frango bicando grãos de milho, pegou as notas que o cabo lhe deu e, fazendo uma última reverência, deu meia-volta e saiu do posto, desaparecendo na noite sem luar.

— Não devíamos mandá-lo nessa escuridão, a uma hora dessas — disse Lituma, fumegando pela boca e pelo nariz. — Vendo que demorava tanto, tínhamos que ter descido para ver o que estava acontecendo com ele, por que não voltava. Mas, como começou a chover, tivemos preguiça. Tomasito e eu começamos a conversar e o tempo foi passando.

Apesar da chuva, o mudinho descia bem depressa a ladeira, como se tivesse olhos de raposa ou soubesse de cor onde pisar, onde pular. Estava com o dinheiro na mão, apertado para não cair. Chegou encharcado à porta da cantina. Bateu duas vezes com os nós dos dedos, empurrou e entrou. Foi recebido por uma massa de silhuetas semidissolvidas em nuvens de fumaça. Seu nariz sentiu um cheiro de suor, álcool, tabaco, urina, excremento, sêmen, vômitos hediondos que davam enjoo. Mas não foram esses odores nem o silêncio sepulcral que sua chegada provocou que o deixaram na defensiva, alerta, receoso de um perigo iminente, e sim o medo que seu instinto detectou em toda parte, um medo espesso, vibrátil, que fazia as pupilas dos peões brilharem e parecia impregnar o ar, emanar das tábuas das paredes, do balcão e, principalmente, dos rostos tensos, deformados com expressões e gestos que não eram obra apenas da bebedeira. Ninguém se mexia. Todos haviam se virado para observá-lo. Intimidado, Pedrito Tinoco fez várias reverências.

— Aí está, aí chegou, ninguém melhor do que ele — irrompeu do balcão, pigarreando, a voz de além-túmulo de dona Adriana. — Eles o mandam, mandaram. Tem que ser ele. É ele, claro. O mudinho, quem melhor.

— É claro que discutiram — acrescentou Lituma. — É claro que alguns devem ter dito “concordo, que seja ele”, e outros, “não, coitado, o retardado não”. Imagino que, pelo menos, um ou outro menos bêbado tenha ficado com pena. E, enquanto isso, em vez de descer para ver por que ele não voltava, eu e Tomasito tínhamos ido dormir. Ou então estávamos conversando sobre a mulher que o deixou, na certa. Fomos cúmplices, também. Não inspiradores nem incitadores, como vocês. Mas cúmplices por omissão, fomos sim, de certa forma. Todos estavam muito bêbados e alguns cambaleando, encostados nas paredes ou abraçados para não cair. Aquelles olhos vítreos e brilhantes perfuravam as nuvens de fumaça e examinavam Pedrito Tinoco, que, confuso por sentir-se o centro dessa atenção coletiva, crispado pela ameaça obscura, incerta, que adivinhava, não se atrevia a avançar até o balcão. Então Dionisio foi ao seu encontro, pegou-o pelo braço, deu-

lhe um beijo na bochecha, coisa que primeiro desconcertou e depois fez o mudinho soltar uma gargalhada nervosa, e pôs um copinho de pisco em sua mão.

— Saúde, saúde — incitou-o a brindar com ele. — Venha se juntar ao pessoal, mudinho.

— É inocente, é puro, é forasteiro, foi marcado pelo que lhe aconteceu em Pampa Galeras — recitou, rezou, salmodiou dona Adriana. — Mais cedo ou mais tarde os *terrucos* o executariam. Se vai morrer de qualquer maneira, melhor que seja por uma coisa que valha a pena. Vocês não valem a pena? Tanta gente inconsciente, dormindo aí nos barracões, tanta gente quase morta de cansaço de tanto dar duro na estrada, não vale? Façam as contas e decidam.

À medida que o calorzinho ardente descia peito abaixo e lhe fazia cócegas no estômago, Pedrito Tinoco começou a sentir que, sob suas sandálias de pneu enlameadas e seus pés cheios de crostas, o chão ficava mole e se movia. Como um pião. Ele tinha aprendido, algum dia, em algum lugar, a fazer os piões dançarem, enrolando-os num barbante e soltando-os numa destra chicotada com o braço: giravam no alto até suas cores se confundirem, até parecerem beija-flores imóveis no ar batendo as asas, uma bolinha subindo em direção ao sol e depois caindo. Sua ponta feita de prego aterrissava na pedra da canaleta, dava um saltinho na beirada do banco, aquietava-se no umbral da casa ou onde mais ele tivesse posto o olho e sua mão dado a ordem ao barbante. Ali ficava dançando um bom tempo, pulando e zumbindo, piãozinho feliz. Dona Adriana falava e várias cabeças concordavam. Abrindo passagem com os cotovelos, alguns se aproximavam do mudinho e tocavam nele. Não tinham perdido o medo, pelo contrário. Pedrito Tinoco não se sentia mais tão envergonhado como estava ao chegar. Ainda apertava as notas na mão e, obscuramente, em lampejos, tinha um sobressalto, pensando: “Preciso voltar.” Mas não sabia como ir embora. Cada vez que tomava um golinho de pisco, o cantineiro aplaudia, batia em suas costas e, vez por outra, num arroubo de entusiasmo, beijava-o na bochecha.

— Deviam ser beijos de Judas esses que o senhor dava — disse Lituma. — E, enquanto isso, eu estava roncando, ou ouvindo os casos do Tomasito com a tal fulana. Vocês tiveram sorte, Dionisio, dona Adriana. Se eu aparecesse na cantina e os pegasse com a mão na massa, não sei o que aconteceria, juro.

Disse isto sem raiva, com fatalismo e resignação. Dona Adriana continuava distraída, desinteressada dele, observando os peões que retiravam os escombros. Mas Dionisio voltou a rir, de boca aberta. Estava de cócoras, e o cachecol de lã aumentava monstruosamente o seu pescoço. Olhava para Lituma, divertido, abrindo e fechando seus olhos saltados, menos vermelhos que de costume.

— O senhor daria um bom contador de histórias — afirmou, muito seguro do que dizia. — Tive alguns na minha companhia, quando era jovem. Quando ia de

vila em vila, de feira em feira. Dançarinos, músicos, equilibristas, mágicos, fenômenos, havia de tudo. E também contadores de histórias. Tinham muito sucesso, as crianças e adultos os escutavam embevecidos e faziam a maior algazarra quando chegava o final. “Continue, continue, por favor.” “Outra, outra, mais uma.” O senhor poderia ter sido uma das minhas estrelas, com a fantasia que tem. Quase tão bom como Adriana, senhor cabo.

— Não consegue mais beber, já está grogue. Não desce nem uma gota a mais — cantarolou alguém.

— Enfie na marra e se vomitar, que vomite — implorou uma voz muito assustada. — Que não sinta nada, que se esqueça de quem é e onde está.

— Falando em mudinhos, numas vilas da província de La Mar, em Ayacucho, obrigam as pessoas que não sabem falar a comer língua de papagaio — disse Dionisio. — Assim se curam da mudez. Aposto que o senhor não sabia, senhor cabo.

— Não é verdade que vai nos perdoar, paizinho? — sussurrou, em quéchua, um homem rouco e varado de consternação, cujas palavras mal saíam. — Vai ser o nosso santo, será lembrado na festa como o salvador de Naccos.

— Mais bebida para ele, seus filhos da mãe, chega de frescura — ordenou um valentão. — Se é para fazer as coisas, vamos fazer bem-feitas.

Em vez da *quena* ou da flauta de outras vezes, Dionisio começara a tocar uma gaita. Essa vozinha metálica aguda irritava os nervos do mudinho, que muitas mãos sustentavam pelos braços e pelas costas, impedindo-o de desabar. Suas pernas pareciam de pano, seus ombros, de palha, seu estômago, um lago com patos e a cabeça, um redemoinho de luzeiros fosforescentes. As estrelas cintilavam e havia repentinos arco-íris colorindo a noite. Se tivesse forças, apenas esticando a mão teria tocado num astro do céu. Devia ser suave, tenro, cálido, amistoso como o pescoço de uma vicunha. Sentia náuseas sem parar, porém não tinha mais nada para vomitar. Sabia que se forçasse a vista e limpasse as lágrimas que a nublavam, veria flutuando na imensidão do céu, acima das montanhas nevadas, trotando em direção à lua, a alegre manada das vicunhas.

— Eram outros tempos, melhores que estes por muitos motivos — continuou Dionisio, pesaroso. — Principalmente porque as pessoas queriam se divertir. Sabiam se divertir. Eram tão pobres como agora, e também havia desgraças em muitos lugares. Mas, aqui nos Andes, o povo ainda tinha o que agora perdeu: o entusiasmo para se divertir. A vontade de viver. Agora, por mais que se movam e falem e se embebedem, todos parecem meio mortos. Não reparou, senhor cabo?

Se via estrelas, não estava mais na cantina de Dionisio. Fora levado para o ar livre e por isso, embora houvesse diminutas fogueiras crepitando no interior do seu corpo, esquentando seu sangue, na superfície do seu rosto, na ponta do nariz, em suas mãos e nos pés que tinham perdido as sandálias sentia a noite gélida. Estaria

geando? Em vez do fedor que havia antes, seu nariz respirava um limpo aroma de eucaliptos, de milho torrado, de água cantarina e fresquinha de manancial. Tinha sido carregado? Estava num trono? Era o santo padroeiro da festa? Havia um padre rezando aos seus pés, ou era a reza da santeira que dormia nas portas do matadouro de Abancay? Não. Era a voz de dona Adriana. Devia haver também um coroinha, meio apertado na multidão, tocando um sininho prateado e balançando o incensório cuja fragrância inundava a noite. Pedrito Tinoco sabia fazer isso, já fizera na paróquia da Virgem do Rosário, na época em que suas mãos hábeis soltavam pião: espalhar o incenso de maneira que subisse até os rostos de todos os santos do altar.

— Até nos velórios todos se divertiam, bebendo, comendo e contando histórias — continuou Dionisio. — Íamos muito aos enterros, com a companhia. Os velórios duravam dias e noites, e os garrafões se esvaziavam sem parar. Agora, quando as pessoas se vão deste mundo, os parentes se despedem sem cerimônia, como de cachorros. Nisso também há uma decadência, não acha, senhor cabo?

De repente, uma exclamação ou um soluço cortava o silêncio reverente da procissão em que o levavam morro acima. O que temiam? Por que choravam? Aonde iam? Seu coração começou a bater com muita força e subitamente o mal-estar físico desapareceu. Iam juntá-lo de novo com suas amigas, claro. Claro. Elas estavam à sua espera, lá aonde o levavam. Uma intensa emoção o assaltou. Se tivesse forças começaria a uivar, a pular, a agradecer com reverências até o chão. Transbordava de felicidade. Elas ficariam tensas ao sentir que estava se aproximando, esticariam os pescoços compridos, seus focinhos úmidos tremeriam, seus grandes olhos o observariam com surpresa e, reconhecendo seu cheiro, a manada inteira se alegraria como ele se alegrava agora, antecipando o encontro. Então se tocariam, se abraçariam, se enlaçariam e se esqueceriam, elas e ele, do mundo, brincando e festejando o fato de estar juntos.

— Vamos acabar com isso de uma vez, seus filhos da mãe — implorou o valentão, já sem a segurança de antes, começando também a hesitar e a ficar assustado. — Com o ar frio, o porre passou e ele vai entender tudo. Assim não, porra.

— Se o senhor acreditasse em um décimo de tudo isso, já teria nos levado presos para Huancayo — interrompeu dona Adriana, saindo do seu ensimesmamento. Fitava Lituma com pena. — Portanto, chega de conversa, cabo.

— Vocês e esses serranos supersticiosos sacrificaram o mudinho para os *apus* — disse o cabo, levantando-se. Estava abatido, sentia um cansaço enorme. Continuou falando enquanto colocava o quepe. — Acredito nisso tanto como que me chamo Lituma. Mas não posso provar e, mesmo que pudesse, ninguém me levaria a sério, a começar pelos meus chefes. De modo que vou ter que morder a língua e levar o segredo comigo. Quem vai acreditar em sacrifícios humanos nesta

época, não é mesmo?

— Eu acredito — despediu-o dona Adriana, franzindo o nariz e dando adeus com a mão.

Sei que parece esquisito que nós tenhamos ficado em Naccos em vez de escolher outro povoado da serra. Mas, quando o tempo das aventuras acabou e a velhice nos deixou encalhados neste canto, Naccos ainda não era a ruína que se tornou depois. Não parecia estar morrendo minuto a minuto. Embora a mina Santa Rita já estivesse fechada, era um lugar de passagem, tinha uma comunidade rural pujante e uma das melhores feiras de Junín. Aos domingos, esta rua ficava cheia de negociantes de toda parte, índios, mestiços e até cavalheiros, comprando e vendendo lhamas, alpacas, ovelhas, porcos, teares, lã tosquiada ou sem tosquiar, milho, cevada, quinua, coca, saias, chapéus, coletes, sapatos, ferramentas, lampiões. Aqui comprava-se e vendia-se de tudo o que homens e mulheres precisavam. Na época havia mais fêmeas do que machos em Naccos, fiquem com água na boca, seus sacanas. Este lugar tinha dez vezes mais movimento que agora. Dionisio descia até a costa uma vez por mês para comprar garrafões. O ganho dava para pagar dois tropeiros para arrear as mulas e carregar e descarregar a mercadoria.

Gostávamos de que Naccos fosse lugar de passagem. Sempre estavam indo e vindo por aqui forasteiros que subiam para as punas da Cordilheira ou desciam até a selva ou rumavam em direção a Huancayo e à costa. Aqui nos conhecemos, aqui Dionisio se apaixonou por mim e aqui começamos a nossa relação. Sempre se falou de uma estrada que substituiria a trilha de muares. Falaram disso anos e anos, antes de decidirem construí-la. Pena que quando as obras começaram e vocês apareceram com suas picaretas, pás e furadeiras, já era tarde. A morte tinha vencido a luta contra a vida. Estava escrito que a estrada nunca seria terminada, e por isso não me preocupo com esses boatos que deixam vocês sem dormir e os trazem aqui para se embriagar. Que vão interromper as obras e despedir todo mundo são coisas que há muito tempo vejo em transe. Também as ouço, no coração que bate dentro da árvore e da pedra, e leio nas vísceras do falcão e do *cuy*. A morte de Naccos está decidida. Os espíritos já decidiram, e vai acontecer. A menos que... Repito o que se disse tantas vezes: para grandes males, grandes remédios. Esta é a história do homem, diz Dionisio. Ele sempre teve o dom da profecia; ao seu lado eu também o adquiri, ele me passou.

Além do mais, graças a tais montanhas, Naccos tinha aura, força mágica. Isto é positivo para Dionisio e para mim. O perigo sempre nos atraiu. Ele representa a vida de verdade, a vida que vale a pena. Em contrapartida, a segurança é o tédio, a imbecilidade, a morte. Não foi por acaso que tivessem vindo para cá *pishtacos* como

o que secou Juan Apaza e Sebastián. O Padrilho, sim. Foram atraídos pela decomposição de Naccos e pela vida secreta das *huacas*. Estas montanhas estão cheias de túmulos antiquíssimos. Sem essas presenças, não habitariam tantos espíritos nesta comarca dos Andes. Deu muito trabalho travar relações com eles. Graças a eles aprendemos muito, mesmo Dionisio, que já sabia tanto. Levou muito tempo, foi preciso um esforço enorme para eles se manifestarem. Para reconhecer quando o condor que aparecia era um mensageiro e quando era um simples animal faminto em busca de sua presa. Agora eu não falho, já distingo de primeira um do outro, se duvidam façam-me um teste. Só os espíritos das montanhas mais altas e maiores, essas que têm neve o ano inteiro, que perfuram as nuvens, encarnam em condores; das pequenas, em abutres ou falcões, e os de uns morrinhos raquíticos, em estorninhos. Esses espíritos são fracos e não podem causar catástrofes. No máximo, maldades, como desgraçar uma família. Para eles, bastam as oferendas de bebida e alimentos que os índios fazem quando atravessam as bocainas.

Aqui aconteceram milhares de coisas, no passado. Muito antes de Santa Rita existir, quero dizer. O dom da profecia permite tanto ver para trás como para a frente, e eu vi o que era Naccos antes de se chamar Naccos e antes que a decadência vencesse a luta contra a vontade de viver. Aqui houve muita vida porque também houve muita morte. Sofria-se e aproveitava-se muito, como tem que ser; o problema é quando, como acontece agora em Naccos, em toda a cordilheira e, talvez, no mundo inteiro, só se faz sofrer e ninguém mais se lembra do que era aproveitar a vida. Antigamente o povo tinha coragem de enfrentar os grandes males com expiações. Assim se mantinha o equilíbrio. A vida e a morte como uma balança de dois sacos com o mesmo peso, como dois carneiros com a mesma força que se empurram sem que nenhum deles avance ou recue.

O que faziam para que a morte não derrotasse a vida? Apertem a barriga, não é hora de começar a vomitar. Estas não são verdades para calças fracas e sim para saias fortes. As mulheres assumiam a responsabilidade. Elas, escutem bem. E resolviam. Em compensação, o macho que o povo escolhia em assembleia para se encarregar das festas do ano seguinte tremia. Ele sabia que só seria chefe e autoridade até lá; depois, para o sacrifício. Não corria, não tentava fugir depois da festa que presidia, da procissão, dos bailes, da comilança e da bebedeira. Nada disso. Ficava até o final, satisfeito e orgulhoso de fazer um bem para o seu povo. Morria herói, querido e reverenciado. Isto é o que ele era: um herói. Enchia a cara, tocava *charango*, ou *quena*, ou harpa, ou tesouras de tosquia, ou o instrumento que conhecesse, e dançava, sapateando e cantando dia e noite para afogar as mágoas, para esquecer, para não sentir, para entregar a vida sem medo e com vontade. Só as mulheres saíam para caçá-lo, na última noite da festa. Embriagadas também, descontroladas também, como as vadias da turma de Dionisio, sem tirar nem pôr. Mas aquelas de então nem os

maridos nem os pais tentavam parar. Eles afiavam as facas e os facões, incentivando: “Busque-o, encontre-o, cace-o, morda-o, sangre-o, para que tenhamos um ano com paz e boas colheitas.” Caçavam-no como no *chako* que os índios da comunidade faziam para apanhar pumas e veados, quando ainda havia pumas e veados nestas serras. Era igualzinha a caçada do encarregado. Formavam um círculo e o encerravam dentro dele, cantando, sempre cantando, dançando, sempre dançando, umas incitando as outras com gritos quando o sentiam por perto, sabendo que o encarregado da festa já estava cercado, que não poderia escapar. O círculo ia se fechando, fechando, até que o pegavam. Seu reinado acabava em sangue. E, na semana seguinte, numa grande assembleia, escolhia-se o encarregado do próximo ano. Assim compravam a felicidade e a prosperidade que havia em Naccos. Todo mundo sabia disso, e ninguém roía a corda. Só a decadência, como a dos tempos de hoje, é de graça. Vocês não têm que pagar nada a ninguém para viver inseguros e atemorizados e para serem as ruínas que são. Isso se tem de graça. A obra vai parar e deixar todo mundo sem trabalho, os *terrucos* vêm fazer uma carnificina, o *huayco* vai cair e apagar tudo aqui do mapa. Os malignos sairão das montanhas para festejar dançando um *cacharpari* de despedida à vida e haverá tantos condores revoando que o céu vai ficar encoberto. A menos que...

Não é verdade que Timoteo Fajardo me abandonou porque lhe faltou coragem. É falso que o narigudo me encontrou, na manhã seguinte à festa do santo, na entrada da mina Santa Rita, com os colhões do encarregado na mão e, com medo de ser escolhido para encarregado no ano seguinte, fugiu de Naccos. São falatórios, tal como a história de que Dionisio o matou para ficar comigo. Enquanto essas coisas que estou contando aconteciam em Naccos, eu ainda estava flutuando entre as estrelas, imaterial, espírito puro, esperando minha hora de encarnar em um corpo de mulher.

Como o pisco, a música ajuda a entender as verdades amargas. Dionisio passou a vida instruindo as pessoas e não adiantou grande coisa, a maioria tapa as orelhas para não ouvir. Eu aprendi com ele tudo o que sei sobre música. Cantar um *huaynito* com sentimento, abandonando-se, deixando-se levar, perdendo-se na canção, até sentir que já é ela, que é a música que canta você e não você que a canta, é o caminho da sabedoria. Sapatear, sapatear, girar, ir embelezando o movimento, fazendo e desfazendo sem perder o ritmo, esquecendo, indo, até sentir que a dança já está dançando você, que se infiltrou no seu interior, que ela manda e você obedece, é o caminho da sabedoria. Você não é mais você, eu não sou mais eu, sou todos os outros. Assim se sai da prisão do corpo e se entra no mundo dos espíritos. Cantando. Dançando. Também bebendo, naturalmente. Com a bebida você viaja, diz Dionisio, você visita o seu animal, joga fora a preocupação, descobre o próprio segredo, afinal se iguala. No resto do tempo fica preso, como os cadáveres nas *huacas* antigas ou nos

cemitérios de agora. Sempre é escravo ou servo de alguém. Dançando e bebendo, não há índios, mestiços nem cavalheiros, ricos nem pobres, homens nem mulheres. As diferenças se apagam e nos tornamos como os espíritos: índios, mestiços e cavalheiros ao mesmo tempo; ricos e pobres, mulheres e homens ao mesmo tempo. Nem todo mundo viaja dançando, cantando ou bebendo, só os superiores. É preciso ter disposição e perder o orgulho e a vergonha, descer do pedestal em que as pessoas se encaram. Quem não põe o pensamento para dormir, quem não se esquece de si mesmo, não se livra das vaidades e orgulhos, esse não vira música quando canta, nem dança quando baila, nem porre quando se embebeda. Esse aí não sai da sua prisão, não viaja, não visita o seu animal nem sobe até espírito. Esse aí não vive: é decadência e está morto-vivo. Nem serviria para alimentar os espíritos das montanhas. Eles querem seres de categoria, libertos da escravidão. Muitos, por mais que se embebedem, não conseguem vir a ser o porre. Nem o canto e a dança, por mais que se esgoem e tirem faíscas do chão sapateando. O serventezinho dos policiais, sim. Embora seja mudo, embora seja abobado, ele sente a música. Ele sabe. Eu o vi dançar, sozinho, subindo ou descendo o morro, quando vai fazer seus serviços. Fecha os olhos, se concentra, começa a andar com ritmo, a dar passinhos nas pontas dos pés, a mexer as mãos, a pular. Está ouvindo um *huayno* que só ele ouve, que cantam só para ele, que ele mesmo canta sem som, dentro do coração. Ele se perde, sai dali, viaja, vai, chega próximo dos espíritos. Os *terrucos* não o mataram daquela vez, em Pampa Galeras, porque os espíritos das montanhas na certa o estavam protegendo. Ou, talvez, o destinavam a qualquer coisa superior. Seria recebido de braços abertos, como aqueles encarregados de antigamente que as mulheres lhes entregavam, os que dormem nas *huacas*. Mas vocês, apesar das calças e dos colhões que usam para tantas bravatas, se cagam de medo. Preferem ficar sem trabalho, acabar ressecados e fatiados pelos *pishtacos*, incorporados à milícia dos *terrucos*, machucados pelas pedradas, qualquer coisa menos assumir uma responsabilidade. Não é de se estranhar que Naccos tenha ficado sem mulheres. Eram elas que resistiam às investidas dos maus espíritos, eram elas que mantinham a vida e a prosperidade do povoado. Desde que foram embora, começou a decadência e vocês não têm coragem de detê-la. Deixam que a vida vá escorrendo e a morte preenchendo os espaços vazios. A menos que...

— A história dos dólares não me incomodou nem um pouco, eram dela — disse Tomasito, com absoluta convicção. — Mas saber que ela foi embora, pensar que nunca mais veria Mercedes, que ia ser mulher de outro, ou de outros, nunca mais minha, foi um golpe duríssimo. Fiquei arrasado, meu cabo. Até pensei em me matar, juro. Mas nem para isso tive forças.

— Não era para menos — observou Lituma. — Agora o entendo melhor,

Tomasito. Esse choro quando está dormindo, por exemplo. Agora entendo. E também que você fique monotemático, não fale de outra coisa. O difícil de entender é que, depois de uma cachorrada dessas, depois de Mercedes dar o fora apesar de tudo o que você fez por ela, ainda a ame. Deveria mais é odiá-la do fundo da alma.

— Sou serrano, meu cabo, não se esqueça — brincou o rapaz. — Não dizem que para nós não há amor sem sofrimento? “Quanto mais me bate, mais me ama”, não dizem que dizemos? No meu caso o ditado é verdadeiro.

— Para dores de amor, o melhor remédio é outro amor — animou-o Lituma. — Em vez de chorar tanto pela piurana, arranje logo outra fêmea. Assim esquece a ingrata.

— A mesma receita do meu padrinho — disse Tomasito.

— Não há mal de pica que dure cem anos nem corpo que resista — afirmou o comandante. E deu uma ordem: — Vá agora mesmo até o Dominó e coma a magrela espevitada da Lira, ou Celestina, a peitudinha. E, se aguentar, as duas juntas. Vou telefonar para lhe darem um desconto. Se esse par de bundas rebolando em cima de você não tirarem Mercedes da sua cabeça, podem me arrancar um galão.

— Quis obedecer e fui — lembrou o rapaz, com um risinho forçado. — Não sentia vontade, estava um trapo, fazia o que me mandassem. Fui lá e levei uma putinha para o hotelzinho em frente ao Dominó, para ver se assim começava a esquecê-la. E foi pior. Enquanto a mulher me fazia agrados, eu só ficava lembrando de Mercedes, comparando o que estava na minha frente com o corpinho do meu amor. Nem levantou, meu cabo.

— Você me confessa cada intimidade que nem sei o que dizer — Lituma parecia confuso. — Não tem vergonha de me contar essas coisas tão pessoais, Tomasito?

— Não contaria para qualquer um — esclareceu o adjunto. — Mas confio no senhor ainda mais que no gordo Iscariote. O senhor para mim é como o pai que não tive, meu cabo.

— A tal Mercedes era mulher demais para você, rapaz — afirmou o comandante. — Você iria passar o diabo com ela. Essa mulher é dessas que apostam alto, mesmo o Chanchó era pouco para ela. Não viu como foi abusada comigo, na noite em que você veio apresentá-la? Até me chamou de gatinho, aquela metida.

— Para mantê-la sempre ao meu lado, eu roubaria e mataria outra vez — disse Carreño, com a voz quebrada. — Qualquer coisa. E quer que lhe diga uma coisa ainda mais íntima? Nunca mais vou ter outra mulher. Elas não me interessam, não existem. Se não for Mercedes, nenhuma.

— Puta merda — comentou Lituma.

— Para ser sincero, eu bem que teria comido a tal Mercedes, teria mesmo — pigarreou o comandante. — Até propus, quando dancei com ela no Dominó. Para

testar, já lhe contei isso. Sabe o que ela fez, afilhado? Segurou a minha braguilha com o maior descaramento e disse: “Com você, nem por todo o ouro do mundo. Nem que me pusesse uma pistola no peito. Você não é o meu tipo, gatinho.”

Estava de uniforme, sentado na pequena escrivaninha do seu escritório, no primeiro andar do Ministério. Entre as pilhas de pastas, viam-se uma pequena bandeira peruana e um ventilador desligado. Carreño estava à paisana e permaneceu de pé, em frente a uma foto do presidente da República que parecia olhar para ele com ironia, na parede. O comandante, sempre com seus eternos óculos escuros, brincava com um lápis e um apontador.

— Não me diga uma coisa dessas, padrinho. Isso me deixa mais arrasado ainda.

— Digo para que saiba que aquela mulher não era para o seu bico — o comandante tentava animá-lo. — Teria chifrado você até com padres e veados. Era uma liberada, a coisa mais perigosa que uma mulher pode ser. Foi uma sorte ter se livrado dela, mesmo que tenha sido contra a sua vontade. E, agora, não percamos mais tempo. Vamos tratar da sua situação. Não esqueceu que está numa puta encrenca com a história de Tingo María, certo?

— Só pode ser seu pai, Tomasito — sussurrou Lituma. — Tem que ser.

O comandante buscou na escrivaninha e apanhou uma pasta no alto de uma pilha. Balançou-a na frente de Carreño.

— Vai dar trabalho limpar sua folha de serviços. Se não, essa mancha o persegue a vida inteira. Já encontrei um jeito, graças a um advogadozinho desocupado, chapa meu. Sabe o que você é? Desertor arrependido, isso é o que você é. Fugiu, percebeu seu erro, reconsiderou e agora está de volta para pedir perdão. Como prova da sua sinceridade, você se oferece como voluntário para ir à área de emergência. Vai caçar delinquentes subversivos, rapaz. Assine aqui.

— Como eu gostaria de conhecer seu padrinho — Lituma interrompeu, admirado. — Que sujeito, Tomasito.

— Seu pedido foi aceito e você já tem destino — prosseguiu o comandante, soprando a tinta onde Carreño havia assinado. — Andahuaylas, às ordens de um oficial que tem colhões. O tenente Pancorvo. Ele me deve favores, vai tratá-lo bem. Você fica na serra por alguns meses, um ano. Sai de circulação até que se esqueçam do caso e sua folha de serviços fique limpa. Depois de tudo ungido e sacramentado, eu lhe arranjo um destino melhor. Não me agradece?

— O gordo Iscariote também se portou muito bem comigo — disse Tomás. — Até eu tomar o ônibus para Andahuaylas, ele foi a minha sombra. Tinha medo de que me suicidasse, acho. Para ele, as tristezas de amor se curam comendo, morre pela boca, já lhe contei.

— Pamonha, espetinhos, torresmo com batata-doce, *cebiche* de corvina, *rocotos*

recheados, mexilhões à parmegiana, *causa* à limenha e cerveja em temperatura polar — listou o gordo Iscariote, com um gesto magnífico. — Isto é o começo. Depois, *ají* de galinha com arroz branco e um *seco* de cabrito. E, para arrematar, *mazamorra morada* com torrone de dona Pepita. Alegre-se, Carreñito.

— Se comermos a metade disso, caímos mortos, gordo.

— Só se for você — disse Iscariote. — Para mim, uma comilança dessas me renova. Isto é que é viver. Antes de chegar ao *seco* de cabrito, você esquece a Mercedes para sempre.

— Nunca vou me esquecer dela — afirmou o rapaz. — Ou melhor, não quero me esquecer dela. Nunca imaginei que se pudesse ser tão feliz, meu cabo. Talvez tenha sido melhor as coisas acabarem assim. Nossa história ter durado pouco. Porque, se tivéssemos nos casado e continuado juntos, também começaria entre nós tudo o que envenena os casais. Em vez disso, hoje todas as minhas lembranças dela são boas.

— Mas ela deu o fora com os seus quatro mil dólares depois de você matar um sujeito por sua causa e conseguir-lhe um título de eleitor novo, e você só pensa maravilhas da piurana — Lituma se escandalizou. — Você é masoquista, Tomasito.

— Já sei que não vai me dar a menor bola — disse de repente o gordo Iscariote: estava suando e ofegante, e toda a sua grande massa de carne pulsava, ávida; mantinha o garfo no ar, cheio de arroz, e o balançava ao ritmo de suas palavras. — Mas me deixe lhe dar um conselho de amigo. Sabe o que eu faria se fosse você?

— O quê?

— Eu me vingaria. — Iscariote levou o garfo à boca, mastigou baixando os olhos, como se estivesse em êxtase, engoliu, tomou cerveja, limpou os grossos lábios com a língua e continuou: — Ela deveria pagar pela cachorrada que fez.

— Como? — perguntou o rapaz. — Por mais que eu esteja amargurado e com indigestão, você me faz rir, gordo.

— Sacaneando essa dona onde mais lhe possa doer — ofegou Iscariote. Havia tirado do bolso um grande lenço branco com listas azuis e enxugava o suor com as duas mãos. — Mandando-a para a cadeia, como cúmplice do Chanchó. É fácil, basta meter uma denúncia contra ela no processo. E, enquanto a investigassem e todos os procedimentos com o juiz, ela ficaria em Chorrillos. Não tinha terror de ir para a cadeia de mulheres? Passaria um tempinho lá, aquela ingrata.

— Eu poderia resgatá-la de noite, com escadas e cordas. Estou ficando mais interessado, gordo.

— Em Chorrillos, dou um jeito de que a ponham no pavilhão das caboclas lésbicas — explicou Iscariote, de supetão, como se tivesse um plano muito bem estudado. — Iam fazê-la ver as estrelas e a lua, Carreñito. Estão meio sifilíticas, de modo que também a contagiariam.

— Isso já me agrada menos, gordo. O meu amor, sifilítica? Eu arrebentaria com minhas próprias mãos cada uma dessas sapatonas.

— Há outra possibilidade. Nós a procuramos, achamos, levamos para a delegacia de Tacora onde tenho um compadre. Lá ela passaria a noite na cela dos malucos, drogados e depravados. Na manhã seguinte, não se lembraria nem do próprio nome.

— Eu iria até a cela só para me ajoelhar e adorá-la. — O rapaz riu. — Ela é minha Santa Rosa de Lima.

— Foi por isso que o deixou. — O gordo Iscariote tinha começado a atacar as sobremesas e falava de boca cheia, engasgando. — As mulheres não gostam de tanta consideração, Carreñito. Ficam entediadas. Se a tivesse tratado como o Chanchó, agora estaria mansinha ao seu lado.

— Eu gosto dela como é — disse o rapaz. — Abusada, metida, tarimbada. Com a personalidade de merda que ela tem, gosto dela. Tudo o que é e faz me agrada. Mesmo que não acredite, meu cabo.

— Por que não acreditaria que você também tem sua loucura? — disse Lituma. — Todos não têm sua loucura aqui? Os *terrucos* não são loucos? Dionisio, a bruxa, não estão pirados? Não era doido aquele tenente Pancorvo que queimava um mudo para fazê-lo falar? Quer gente mais maluca que estes serranos assustados com *mukis* e degoladores? Não têm um parafuso a menos essas pessoas que fazem os outros desaparecerem para acalmar os *apus* das montanhas? A sua loucura de amor, pelo menos, não faz mal a ninguém, só a você mesmo.

— Em compensação, o senhor conserva a cabeça fria neste manicômio, meu cabo — disse o adjunto.

— Deve ser por isso que me sinto tão desambientado em Naccos, Tomasito.

— Bem, eu me rendo, então não vamos nos vingar, Mercedes que continue enchendo o mundo de amantes mortos e apaixonados feridos — disse o gordo Iscariote. — Pelo menos melhorei o seu humor. Vou sentir sua falta, Carreñito, já estava acostumado a trabalhar com você. Espero que se dê bem na área de emergência. Não deixe que os *terrucos* lhe arranquem o saco. Cuide-se e me escreva.

— Deve ser por isso que não vejo a hora de sair daqui — acrescentou Lituma. — Bem, vamos dormir, já deve estar amanhecendo. Sabe de uma coisa, Tomasito? Você me contou a sua vida toda. Já sei o resto. Foi para Andahuaylas, estive com Pancorvo, foi transferido para cá, trouxe Pedrito Tinoco, nós nos conhecemos. De que vamos falar nas noites que nos restam?

— De Mercedes, de quem pode ser — decretou o adjunto, categórico. — Eu lhe conto outra vez o meu amor, desde o começo.

— Puta merda — bocejou Lituma, fazendo o catre ranger. — Outra vez, desde o começo?

Epílogo

X

A silhueta apareceu de súbito entre os eucaliptos da encosta em frente, quando Lituma tirava a roupa que havia pendurado numa corda estendida entre a porta do barracão e a paliçada de sacos e pedras que protegia o posto.

Viu-a de perfil, viu-a de frente, interpondo-se diante da bola vermelha que começava a mergulhar nas montanhas: o sol moribundo a dissolvia, a engolia. Mas, apesar do mormaço que fazia lacrimejar, e da distância, ele soube imediatamente que era uma mulher.

“Pronto, chegaram”, pensou. Paralisado, sentiu os dedos se enrijecerem na cueca úmida que ainda segurava. Mas não, não deviam ser os *terrucos*, era uma mulher sozinha, não tinha arma nenhuma e, além do mais, parecia confusa, sem saber que direção tomar. Olhava para a direita e para a esquerda, buscando, ia de um lado para o outro entre os eucaliptos, hesitando, decidindo um rumo e depois se retificando. Até que, como se fosse exatamente o que estava buscando, viu Lituma. Ficou imóvel e, embora estivesse longe demais para ver seu rosto, o cabo teve certeza de que, ao descobri-lo, ali, em frente, na porta desse barracão, entre a roupa pendurada, com suas perneiras e sua calça de brim verde e sua jaqueta desabotoada, seu quepe e sua Smith Wesson na cartucheira, o rosto da mulher tinha se iluminado. Porque agora lhe estava acenando com as duas mãos no alto, como se os dois se conhecessem e fossem amicíssimos, e tivessem marcado um encontro. Quem era? De onde vinha? Para onde ia? O que podia estar fazendo em cima daquele morro, no meio da puna, uma mulher que não era índia? Porque Lituma também adivinhou imediatamente: ela não era índia, não usava tranças, nem saia, nem chapéu, nem manta, e sim calças, um suéter, em cima algo que podia ser um casaco ou casacão, e o que tinha na mão direita não era uma trouxa e sim uma bolsa ou maleta. Continuava fazendo gestos quase com fúria, como que escandalizada por sua falta de resposta. Então o cabo ergueu a mão e a cumprimentou.

Durante a meia hora ou mais que a mulher levou para descer a encosta dos eucaliptos e subir a do posto, Lituma ficou com os cinco sentidos concentrados na operação, dirigindo-a. Com enérgicos movimentos de braço apontava o caminho que ela devia seguir, onde estava a trilha firme, a menos escorregadia, por onde havia menos risco de rolar e despencar, com medo de que a recém-chegada fosse parar num daqueles escorregões, tropeços e quedas que transformavam cada passo que dava numa prova de equilíbrio, no fundo da bocaina. Essa aí nunca tinha andado na montanha. Essa aí era tão forasteira em Naccos como ele, meses atrás, quando cambaleava, rolava, caía e se levantava, igualzinho a ela agora, em suas idas e vindas entre o posto e o acampamento.

Quando começou a subir a encosta do barracão e já podia ouvi-lo, o cabo foi dando instruções em altos brados: “Por ali, por entre aquelas pedras redondas”, “Segure-se, o capim aguenta”, “Não entre ali que é pura lama”.

Quando já estava a cinquenta metros do posto, o cabo foi ao seu encontro. Ajudou-a, segurando seu braço e apanhando a maleta de couro.

— Lá de cima, pensei que o senhor era o guarda Tomás Carreño — disse ela, deslizando, inclinando-se, escorregando das mãos de Lituma. — Foi por isso que o cumprimentei com tanta intimidade.

— Não, não sou Tomás — disse ele, sentindo-se estúpido pelo que dizia e, ao mesmo tempo, subitamente pleno de felicidade. — Não sabe o prazer que me dá ouvir falar em piurano outra vez!

— E como notou que sou piurana? — estranhou ela.

— Porque também sou — disse Lituma, estendendo a mão. — Da Piura mais autêntica, sim. Cabo Lituma, às suas ordens. Sou o chefe do posto, aqui. Não é incrível que dois piuranos se encontrem nestas punas, tão longe da nossa terra?

— Tomás Carreño está aqui com o senhor, não é?

— Desceu até o povoado um minuto, não vai demorar.

A mulher deu um suspiro de alívio e seu rosto ficou mais alegre. Chegaram à frente do barraco e ela se deixou cair num dos sacos de terra que o cabo e seu adjunto, ajudados por Pedrito Tinoco, tinham metido entre as pedras.

— Ainda bem — disse, agitada, com o peito subindo e descendo como se o coração fosse sair pela boca. — Porque fazer esta caminhada à toa... O ônibus de Huancayo me deixou muito longe. Disseram que seria uma hora até Naccos. Mas levou mais de três. Aquilo é o povoado, lá embaixo? Por ali é que vai passar a estrada?

— Por ali é que ia passar — disse Lituma. — As obras pararam, não vai haver mais estrada. Um *huayco* caiu há poucos dias e fez estragos.

Mas o assunto não lhe interessava. Ela esquadrinhava com ansiedade a subida do morro.

— Daqui nós o vemos chegar? — Não era apenas a voz, também sua pessoa, seus gestos tinham qualquer coisa de familiar. “As piuranas até cheiram melhor”, pensou Lituma.

— Se não escurecer antes — ressaltou. — O sol cai cedo nesta época, olhe bem, agora só resta a pontinha de fora. Você deve estar exausta com a viagem. Quer um refrigerante?

— Qualquer coisa, estou morrendo de sede — aceitou ela. Seus olhos observavam o zinco dos barracões, as pedras e a encosta coalhada de manchas de relva. — A vista é bonita daqui.

— De longe é melhor que de perto — o cabo a desanimou. — Eu trago o

refrigerante agorinha mesmo.

Foi até o barraco e, enquanto tirava a garrafa do balde onde deixavam as bebidas esfriando à intempérie, pôde examinar à vontade a recém-chegada. Apesar de estar toda salpicada de lama e com o cabelo despenteado, era uma belezinha. Fazia quanto tempo que não via uma mulher assim? Aquela tonalidade em suas bochechas, em seu pescoço, em suas mãos lhe trazia uma cascata de imagens da juventude, lá na sua terra. E que olhos, nossa mãe. Meio verdes, meio cinzentos, meio sei lá o quê. E aquela boca, com os lábios bem marcados. Por que tinha essa sensação de já tê-la conhecido, ou, pelo menos, visto? Como seria ela arrumada, de saia, salto alto e brincos, com os lábios pintados de vermelho-fogo. As coisas que perdia ficando enclausurado em Naccos. Não era impossível que já houvesse cruzado com ela algum dia, em algum lugar, quando vivia na civilização e no calorzinho. Seu coração acelerou. Seria a Mechita? Era ela?

Foi levar o refrigerante, desculpando-se:

— Sinto muito, não temos copo. Vai ter que tomar na garrafa.

— Ele está bem? — perguntou a mulher, falando entre um gole e outro: um fio de água lhe escorria pelo pescoço. — Não esteve doente?

— Tomasito é uma rocha, imagine se vai adoecer — tranquilizou-a Lituma. — Ele não sabia que você viria, não é mesmo?

— Não lhe avisei, queria fazer uma surpresa — disse a mulher, sorrindo com malícia. — Além do mais, as cartas nem devem chegar aqui.

— Você, então, deve ser a Mercedes.

— Carreñito falou de mim? — perguntou ela, virando-se para encará-lo com certa ansiedade.

— Bem, um pouco — assentiu Lituma, incomodado. — Ou melhor, feito um papagaio. Toda noite ele me fala de você. Neste deserto, sem nada para fazer, só nos resta trocar confidências.

— Ele está muito zangado comigo?

— Acho que não — disse Lituma. — Porque, por falar em confidências, me consta que, certas noites, ele fala com você nos sonhos.

No mesmo instante se envergonhou de ter dito aquilo e procurou às pressas o maço de cigarros na jaqueta. Acendeu um, meio estabanado, e começou a tragar e a soltar fumaça pela boca e pelo nariz. Sim, era a mesma que Josefino alugou à Chunga por uma noite, e que depois desapareceu. A Mechita. Quando teve coragem de olhá-la, estava muito séria, observando a encosta. Em seus olhos havia inquietação. “Você tinha motivos para chorar tanto por ela, Tomasito”, pensou Lituma. As coincidências da vida, caralho.

— Só moram vocês dois aqui? — perguntou Mercedes, apontando para o posto.

Lituma assentiu, soltando fumaça.

— E já vamos embora, graças a Deus e a esse *huayco* que caiu. Não aguentaríamos ficar muito mais tempo aqui. — Deu outra tragada, profunda, no cigarro. — O posto vai fechar. O acampamento também. Já começaram a desmontar o pouco que resta. Naccos vai desaparecer. Não deu nos jornais de Lima a história do *huayco*? Destruíu o equipamento, soterrou uma niveladora, arrasou o trabalho de seis meses. Mas não matou ninguém, por sorte. Tomás vai lhe contar, ele viu as pedras rolarem, daqui. Estes são os nossos últimos dias em Naccos. O *huayco* me pegou lá em cima e por pouco não me arrasta no seu tobogã.

Mas Mercedes só tinha um pensamento na cabeça.

— Se ele sonha comigo, não deve me odiar tanto pelo que fiz.

— Tomasito gosta muito de você. Eu nunca vi ninguém tão apaixonado como ele está por você. Juro.

— Ele falou isto?

— Deu a entender — respondeu o cabo, com prudência. Olhou-a de relance. Continuava muito séria, observando a encosta, de uma ponta à outra, com seus olhos verde-acinzentados. “Que coisas maravilhosas deve ter visto Tomasito dentro desses olhos, olhando-os de pertinho”, pensou.

— Eu também gosto muito dele — murmurou Mercedes, sem olhar para Lituma. — Mas ele ainda não sabe. Eu vim lhe dizer isso.

— Vai lhe dar a maior alegria da vida. O que Tomás sente por você é mais do que amor, é uma coisa quase doentia, juro.

— Ele é o único homem direito com quem já topei — murmurou Mercedes. — Tem certeza de que vai voltar, não é?

Ambos ficaram calados, observando o fundo da bocaina, à procura de Tomás. Escurecia lá embaixo, só o veriam aparecer quando já tivesse subido até a metade do morro. Começava a fazer frio, também. Lituma viu que Mercedes fechava o casacão, levantava as golas e se encolhia um pouco. Que coisa aquele seu adjunto, um simples guarda civil, e um mulherão desses se dava ao trabalho de vir até aquele fim do mundo só para lhe dizer que o amava. Isto é, que se arrependeu de tê-lo abandonado. Traria os quatro mil dólares? Você ia desmaiar de felicidade, Tomasito.

— Foi muita coragem sua vir andando sozinha lá da trilha, em plena puna — disse o cabo. — O caminho não está marcado, poderia ter se perdido.

— E me perdi. — Ela riu. — Uns índios me ajudaram. Não falavam espanhol e tivemos que nos entender feito surdos-mudos. Naccos! Naccos! Eles me olhavam como se eu fosse de outro planeta, até que afinal entenderam.

— Também poderia ter tido um encontro desagradável. — Lituma jogou a ponta do cigarro ladeira abaixo. — Não lhe disseram que há *terrucos* nesta região?

— Tive sorte — reconheceu ela. E acrescentou, sem intervalo: — Que

estranho ter reconhecido meu sotaque piurano. Pensei que já o tinha perdido. Saí de Piura há muito tempo, eu ainda era menina.

— O jeitinho piurano não se perde nunca — disse Lituma. — É o som mais bonito que conheço. Principalmente nas mulheres.

— Posso me lavar e pentear um pouco? Não quero que o Carreñito me veja com esse aspecto.

Lituma esteve a ponto de responder: “Mas você está linda”, porém se conteve, intimidado.

— Sim, que besteira minha, nem tinha pensado nisso — disse, levantando-se. — Temos pia, água, sabão e um espelhinho. Não espere um banho, tudo aqui é muito primitivo.

Guiou-a até o interior do barraco e ficou um pouco constrangido com a desilusão, tristeza ou desgosto de Mercedes ao examinar os dois catres com cobertores revirados, as malas que serviam de assento e o canto da higiene: uma bacia toda lascada em cima de um barril de água e um espelhinho pendurado no armário dos fuzis. Encheu a bacia com água limpa, deu-lhe um sabonete novo e foi buscar uma toalha seca na corda, lá fora. Ao sair, para que ela se sentisse à vontade, fechou a porta atrás de si. Voltou para onde estivera conversando com Mercedes. Minutos depois, das sombras ascendentes da encosta emergiu a silhueta do seu adjunto. Vinha com o fuzil na mão, inclinado, subindo o morro aos trancos. Que surpresa você vai ter, rapaz. Este vai ser o dia mais feliz da sua vida. Quando estava a poucos passos, percebeu que o guarda sorria, mostrando-lhe um papel. “O radiograma de Huancayo”, pensou, levantando-se. As instruções do comando. E, pela cara de Tomasito, as notícias eram boas.

— Adivinhe para onde vão mandá-lo, meu cabo. Ou melhor, meu sargento.

— Como? Fui promovido?

O rapaz entregou-lhe o papel, com o timbre da empresa construtora.

— A menos que estejam lhe pregando uma peça. O senhor vai para Santa María de Nieva, como chefe do posto. Parabéns, meu sargento!

Não havia luz suficiente para ler o radiograma, de maneira que os olhos de Lituma deram uma passada rápida naquelas aranhazinhas pretas sobre o fundo branco.

— Santa María de Nieva? Onde fica isso?

— Na selva, no Alto Marañón. — O rapaz riu. — E o mais engraçado é o meu destino. Adivinhe, adivinhe, o senhor vai morrer de inveja.

Parecia muito contente e Lituma sentiu inveja e afeto por ele.

— Não me diga que é Piura, não me diga que foi mandado para a minha terra.

— Isso mesmo, a delegacia do bairro de Castilla. Meu padrinho cumpriu a palavra, me tirou daqui antes do que havia prometido.

— É o seu grande dia, Tomasito. — Lituma deu-lhe uma palmada nas costas. — Hoje você ganhou a loteria, hoje a sua sorte mudou. Vou recomendar você aos meus amigos, os inconquistáveis. Não deixe que aqueles meliantes o corrompam.

— Que barulho é esse? — perguntou o guarda, surpreso, apontando para o posto. — Quem está aí?

— Parece mentira, mas temos uma visita — disse Lituma. — Uma pessoa que, acho, você conhece. Vá ver, Tomasito. Não se preocupe comigo. Vou descer até o acampamento e tomar uns anisados com Dionisio e a bruxa, de despedida. E sabe de uma coisa? Vou encher a cara. Acho que nem volto esta noite. Vou dormir onde o sono me chegar, na cantina ou num barracão. Com tanto álcool no corpo, qualquer lugar vai me parecer um leito de rosas. Amanhã nos vemos. Vá lá, fale com sua visita, Tomasito.

— Que surpresa, senhor cabo — disse Dionisio, ao vê-lo entrar. — Ainda não partiu de Naccos?

— Fiquei só para me despedir do senhor e de dona Adriana — brincou Lituma. — Tem alguma coisa para comer?

— Bolachas com mortadela — respondeu o cantineiro. — Mas bebida tem, sim, em grande quantidade. Estou liquidando o estoque.

— Ótimo — respondeu Lituma. — Vou passar a noite inteira com vocês e quero beber até cair.

— Ora, ora. — Dionisio sorriu atrás do balcão, com surpresa e também satisfação, perfurando-o com seus olhinhos aquosos. — Na outra noite já estava de porre, mas era por causa do susto do *huayco*. Agora vem se embebedar com a pior das intenções. Nunca é tarde para começar a viver.

Encheu um copo de pisco e o colocou no balcão, junto com um pratinho metálico cheio de bolachas furadas e fatias de mortadela.

Dona Adriana se aproximou e, acotovelada nas tábuas, olhava o cabo de frente, com a impassibilidade e a frieza de costume. No pequeno espaço, meio vazio, só havia três clientes, bebendo cerveja de uma mesma garrafa; conversavam em pé, ao lado da parede do fundo. Lituma murmurou “Saúde”, levou o copo aos lábios e virou num só gole. A língua de fogo que lambeu suas vísceras provocou-lhe um estremecimento.

— Bom pisco, não é? — gabou-se Dionisio, voltando a encher o copo rapidamente. — Cheire, sinta a fragrância. Uva purinha, senhor cabo!

Lituma aspirou. De fato, em meio ao aroma ardente distinguia-se um fundo de cachos frescos, de uvas recém-cortadas e levadas ao lagar, prontas para serem pisoteadas pelos pés peritos dos vindimadores iquenhos.

— Vou me lembrar para sempre deste antro — murmurou Lituma, falando sozinho. — Lá na selva, vou continuar imaginando o que se passava aqui quando já era noite alta e a bebedeira estava no auge.

— Vai insistir no assunto dos desaparecidos? — interrompeu dona Adriana, com um gesto de aborrecimento. — Não seja chato, cabo. A maior parte dos peões já se foi de Naccos. E depois do *huayco* e do fechamento da companhia, os poucos que ficaram têm outras coisas na cabeça. Ninguém se lembra mais deles. Esqueça isso também e, nem que seja pela única vez, alegre-se um pouco.

— É triste beber sozinho, dona Adriana — disse o cabo. — Não me acompanham?

— Nem precisa falar duas vezes — respondeu Dionisio.

Serviu-se outro copo e brindou com o cabo.

— Nós sempre o vemos aqui de cara amarrada — afirmou dona Adriana. — E saindo às pressas, logo depois de chegar, feito uma alma penada.

— Até parecia que tinha medo de nós — prosseguiu Dionisio, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

— E tinha — reconheceu Lituma. — Ainda tenho. Vocês são cheios de mistérios, e eu não os entendo. Prefiro as pessoas transparentes. Aliás, dona Adriana, por que nunca me contou esses casos de *pishtacos* que conta para todo mundo.

— Se o senhor tivesse frequentado mais a cantina, ouviria esses casos. Não sabe o que perdeu por ser tão certinho! — E a mulher soltou uma gargalhada.

— Eu só não me zango porque sei que o senhor fala essas coisas de nós sem intenção de ofender. — Dionisio encolheu os ombros. — Um pouquinho de música, vamos alegrar este cemitério.

— Cemitério é a palavra certa — assentiu Lituma. — Naccos! Puta merda, cada vez que ouvir este nome vou ficar de cabelo em pé. Com perdão pela má palavra, senhora.

— Pode falar as palavras que quiser se isso o deixa mais animado — condescendeu a mulher do cantineiro. — Se é para ver as pessoas contentes, aceito qualquer coisa.

Soltou outra risadinha impertinente, mas foi sufocada pela música da Rádio Junín, que retumbou nesse momento. Lituma ficou olhando para dona Adriana: mesmo com sua cabeleira de bruxa e todo o seu desmazelo, às vezes se viam nela vestígios da beleza do passado. Talvez fosse verdade, talvez quando era jovem tenha sido mesmo um mulherão. Mas nunca como Mercedes, nunca como aquela piurana com a qual, nesse instante, seu adjunto devia estar visitando o sétimo céu. Era ou não era Meche? Aqueles olhos maliciosos, com fagulhas verde-cinzentas, só podiam ser os dela. Por uma mulher assim, dava para entender a loucura de amor de Tomasito.

— Onde está o guarda Carreño? — perguntou dona Adriana.

— Está nas águas do paraíso — respondeu ele. — A tal fêmea veio de Lima só para vê-lo, e eu deixei o posto para a lua de mel.

— Veio até Naccos sozinha? Deve ser uma mulher de muita coragem — comentou dona Adriana.

— E o senhor morrendo de inveja, senhor cabo — disse Dionisio.

— É claro — reconheceu Lituma. — Porque, além do mais, é uma rainha da beleza.

O cantineiro encheu os copos de novo e serviu outro, para sua mulher. Um dos três homens que bebiam cerveja havia começado a cantar aos gritos, acompanhando a letra do *huaynito* que tocavam na rádio: “*Ay, torcaza, torcacita...*”

— Uma piurana. — Lituma sentia um calorzinho interno agradável e era como se, agora, tudo fosse menos grave e menos importante que antes. — Uma digna representante da mulher piurana. Que sorte mandarem você para o bairro de Castilla, Tomasito! Saúde, senhores!

Tomou um gole e viu que Dionisio e dona Adriana molhavam os lábios. Pareciam deleitados e intrigados por verem o cabo se embebedando, coisa que, de fato, ele não tinha feito em todos os meses que passara em Naccos. Porque, como dizia o cantineiro, a noite do *huayco* não contava.

— Quanta gente ainda está no acampamento?

— Só os responsáveis pelo equipamento. E um ou outro atrasado — disse Dionisio.

— E vocês?

— O que há para fazer aqui, se todo mundo vai embora — explicou o cantineiro. — Apesar de velho, sou um vira-mundo de nascença e posso trabalhar em qualquer lugar.

— Como se bebe no mundo inteiro, sempre vai ter boa sorte.

— E se não souberem beber, nós ensinamos — disse dona Adriana.

— Talvez eu arranje um urso e o amestre para voltar às feiras e fazer o meu número. — Dionisio começou a dar pulos e a grunhir. — Tive um, quando era jovem, que jogava cartas, varria e levantava as saias das *cholas*.

— Espero que nas suas andanças não esbarrem nos *terrucos*.

— Desejamos o mesmo para o senhor, cabo.

— Podemos dançar, minha velha?

Um dos três homens se aproximou e, inclinando-se ligeiramente, estendia a mão em direção a dona Adriana por cima do balcão. Esta, sem dizer nada, foi dançar com ele. Os outros dois homens também se aproximaram e começaram a acompanhar o *huayno* com palmas.

— Então vocês vão embora levando os seus segredos. — Lituma buscou os olhos de Dionisio. — Daqui a pouco, quando nós já estivermos bem bêbados, vai

me contar o que houve com aqueles três?

— Não valeria a pena. — Dionisio continuava imitando um plantígrado pesado e saltitante. — Com o porre, o senhor esqueceria tudo logo depois. Aprenda com esses amigos e alegre-se. Saúde, senhor cabo!

Levantou o copo, incentivando, e Lituma bebeu com ele. Não era fácil ficar alegre, com tudo o que estava acontecendo. Mas, embora as bebedeiras dos serranos sempre lhe parecessem lúgubres e taciturnas, o cabo sentiu inveja do cantineiro, da sua mulher, dos três peões que bebiam cerveja: quando ficavam altos se esqueciam das desgraças. Virou-se para olhar o casal que dançava. Quase não saíam do lugar, e o homem, de tão bêbado, nem se preocupava em acompanhar a música. Com o copo na mão, Lituma se aproximou dos outros dois.

— Ficaram para apagar a luz do acampamento — puxou conversa. — São responsáveis pelo material?

— Eu sou mecânico e eles, perfuradores — disse o mais velho, um homenzinho pequeno, de rosto grande e desproporcionado, com sulcos que pareciam cicatrizes. — Vamos embora amanhã, tentar a sorte em Huancayo. Esta é nossa despedida de Naccos.

— Mesmo quando estava cheio de gente, esse acampamento parecia um limbo — disse Lituma. — Agora, vazio, com as pedras do *huayco* e os barracões destruídos, não é tétrico?

Ouviu um risinho pedregoso e um comentário a meia-voz do outro — um homem mais jovem, com uma camisa azul elétrico que fosforescia sob seu suéter cinza —, mas sua atenção se desviou, porque o peão que dançava com dona Adriana tinha se irritado por algum motivo.

— Por que afasta o corpo, velhinha — protestava, com uma voz fanhosa, tentando se encostar na mulher. — Vai me dizer que não gosta de sentir o negócio. O que foi, velhinha.

Era um homem de estatura média, com um nariz muito pronunciado e uns olhinhos desassossegados e fundos que o álcool ou a excitação acendiam como brasas. Usava sobre o macacão desbotado um suéter de lã de alpaca, desses que as índias das comunidades tecem e vão vender nas feiras, e, em cima de tudo, um casaco apertado. Parecia estar preso dentro daquelas roupas.

— Quietinho e com as mãos paradas, senão não danço — disse afinal dona Adriana, sem se irritar, afastando-o um pouco e espiando Lituma de relance. — Uma coisa é dançar e outra o que você quer, seu sem-vergonha.

Riu e os que bebiam cerveja também riram. Lituma ouviu a gargalhada rouca de Dionisio, no balcão. Mas o homem que dançava não estava com disposição de rir. Soltou-se, cambaleando, e olhou para o cantineiro com o rosto resplandecente de fúria.

— E então, Dionisio — gritou, e Lituma viu em sua boca contrafeita uma mancha de espuma esverdeada, como se estivesse mascando coca. — Diga a ela que dance! Pergunte a ela por que não quer dançar comigo!

— Ela quer dançar sim, mas você o que quer é passar a mão. — Dionisio riu novamente, ainda brincando de urso com as mãos e os pés. — São coisas diferentes, não percebe?

Dona Adriana tinha voltado para trás do balcão, ao lado do marido. Dali, com os cotovelos nas tábuas, o rosto apoiado nas mãos, observava a discussão com um meio sorriso congelado, como se a coisa não fosse com ela.

O homem, de repente, pareceu se esquecer da própria cólera. Foi tropeçando em direção aos seus companheiros, que o ampararam para que não desabasse no chão. Passaram-lhe a cerveja. Bebeu um longo gole da garrafa. Lituma viu que seus olhinhos relampejavam e que, quando o líquido passou, o pomo de adão se mexeu na garganta de cima para baixo, como um bichinho engaiolado. O cabo também foi se encostar no balcão, em frente ao cantineiro e sua mulher. “Já estou bêbado”, pensou. Mas era uma bebedeira sem alegria e sem alma, muito diferente das de Piura, com seus irmãos, os inconquistáveis, no barzinho da Chunga. E nesse momento teve certeza de que era ela. Era Meche. “É ela, é ela.” A mesma garotinha que conquistou Josefino, a tal que ele deu como garantia para continuar jogando dados, aquela que nunca mais voltaram a ver. Quanta água tinha corrido debaixo da ponte, puta merda. Estava tão concentrado nas suas lembranças que não percebeu em que momento o sujeito que queria se engraçar com dona Adriana viera para o seu lado. Parecia furioso. Encarava Dionisio com uma postura de boxeador.

— E por que é proibido passar a mão, além de dançar? — disse, batendo nas tábuas. — Por quê? Vamos, explique isso, Dionisio.

— Ora, porque a autoridade está aqui — respondeu o cantineiro, apontando para Lituma. — E na frente da autoridade a gente tem que se comportar.

Tentava pilheriar, mas Lituma notou, como sempre que Dionisio falava, um fundo irônico e mal-intencionado por baixo das suas palavras. O cantineiro olhava para o bêbado e para ele alternadamente, com deleite.

— Que autoridade droga nenhuma, não me venha com bobagens — exclamou o bêbado, sem se dignar a olhar para Lituma. — Aqui somos todos iguais, e se alguém quer bancar o superior, estou cagando e andando. Você não diz sempre que a bebida nos iguala? E então?

Dionisio procurou Lituma com os olhos, como se dissesse: “E o que vai fazer agora, isto é mais com o senhor que comigo.” Dona Adriana também esperava sua reação. Lituma podia sentir os olhos dos outros dois homens também cravados nele.

— Não estou aqui como guarda civil, e sim como um freguês qualquer — disse. — Este acampamento já está fechado, chega de confusões. O melhor a fazer é

brindarmos.

Levantou seu copo e o bêbado o imitou, com docilidade, levantando a mão vazia, muito sério: “Saúde, cabo.”

— A mulher que está agora com Tomasito, eu a conheci ainda pequena — disse Lituma, boquiaberto. — Está ainda mais bonita do que era quando menina, em Piura. Se Josefino ou a Chunga a vissem agora ficariam assombrados com sua beleza.

— Vocês dois são uns mentirosos — disse o bêbado, furioso outra vez, batendo na mesa e avançando a cabeça com insolência na direção do cantineiro. — Eu falo na cara. Vocês podem engabelar todo mundo, mas comigo não.

Dionisio não se ofendeu nem um pouquinho. Não alterou sua expressão, entre excitada e pacífica, mas parou de imitar o urso. Tinha nas mãos a garrafa de pisco com que enchia o copo de Lituma de tanto em tanto. Com muita calma, encheu outro copinho que deu ao bêbado, fazendo um gesto amistoso:

— Você está precisando é de um bom trago, compadre. Cerveja é para gente que não sabe o que é bom, que gosta de se aturdir e arrotar. Vamos, experimente, sinta o gosto da uva.

“Não pode ser que esta Mercedes seja a Meche”, pensava Lituma. Estava enganado, deviam ser as confusões do álcool. No meio de uma névoa, viu que o bêbado obedecia: pegou o copo que Dionisio lhe oferecia, aspirou a fragrância e bebeu aos golinhos, fazendo pausas, entrefechando os olhos. Parecia apaziguado, mas, assim que esvaziou o copinho, voltou a ficar irado.

— Uns mentirosos, para não dizer coisa pior — rugiu, aproximando de novo seu rosto ameaçador do tranquilo cantineiro. — Então não ia acontecer nada? E aconteceu de tudo! Veio o *huayco*, a estrada parou e fomos despedidos. Apesar de tantas coisas horríveis, estamos pior do que antes. Não se pode mexer na vida das pessoas e ficar assim, tranquilos, vendo o jogo de camarote.

Ficou ofegante, com a expressão transfigurada. Abria e fechava os olhos e lançava olhares receosos ao redor, talvez assustado por ter dito o que tinha dito. Lituma observou o cantineiro.

Dionisio não se alterou e estava enchendo os copos de novo.

Dona Adriana saiu de trás do balcão e pegou a mão do bêbado:

— Venha, vamos dançar, para passar a raiva. Não sabe que a raiva faz mal à saúde?

Tocavam uma música que quase não se ouvia, devido à acústica e às contínuas interferências. O homem começou a dançar um bolero, grudado em dona Adriana feito um macaco. Ainda no meio da bruma, Lituma viu que, enquanto encostava o corpo, o bêbado lhe acariciava as nádegas e esfregava a boca e o nariz em seu pescoço.

— Onde estão os outros? — perguntou. — Os que estavam tomando cerveja

ali, agorinha mesmo.

— Foram embora há uns dez minutos — informou Dionisio. — Não ouviu a porta bater?

— O senhor não se importa que bolinem sua mulher assim, na própria cara?

Dionisio balançou os ombros.

— Os bêbados não sabem o que fazem. — Riu, excitado, aspirando o copo que tinha na mão. — Além do mais, que importância tem. Damos a ele dez minutinhos de felicidade. Veja como está gostando. Não sente inveja?

O homenzinho estava quase encarapitado sobre dona Adriana e havia parado de dançar. Não saía do lugar, e suas mãos percorriam os braços, os ombros, as costas e os peitos da mulher, enquanto seus lábios procuravam-lhe a boca. Ela o deixava agir, com uma expressão entediada, ligeiramente contrariada.

— Ele está animalizado. — Lituma cuspiu no chão. — Um bicho assim não pode me dar inveja.

— Os animais são mais felizes que você e eu, senhor cabo. — Dionisio riu outra vez e virou urso. — Vivem para comer, dormir e trepar. Não pensam, não têm preocupações. Nós temos, e somos infelizes. Este aqui está visitando agora o seu animal, e olhe só como está feliz.

O cabo foi para mais perto do cantineiro e pegou-o pelo braço.

— Quais foram essas coisas horríveis? — falou. — Isso que fizeram para que não acontecesse nada de mau, para que não ocorresse tudo o que ocorreu. Que coisas foram essas?

— Pergunte a ele, senhor cabo — respondeu Dionisio, fazendo uns movimentos desajeitados e lentos, como se estivesse sob as ordens do domador. — Se acredita nas palavras de um bêbado, vá e diga-lhe que conte. Acabe com a curiosidade de uma vez. Obrigue-o a falar, descubra a verdade a tiros.

Lituma fechou os olhos. Tudo dentro dele rodava e aquele redemoinho ia engolir também Tomasito e Mechita, abraçados, no momento em que mais se entregavam.

— Não me interessa mais — balbuciou. — Já baixei a cortina, já passei a chave. Chegou meu novo destino. Vou para o Alto Marañón esquecer a serra. Estou contente de que os *apus* tenham mandado o *huayco* a Naccos. E de que a estrada tenha parado. Graças aos *apus*, posso cair fora. Nunca na vida fui tão infeliz como aqui.

— Ora, com o pisco as verdades vêm à tona — disse o cantineiro, aprovando. — Como acontece com todo mundo, senhor cabo. Desse jeito, o senhor também vai acabar visitando o seu animal. Qual será? A lagartixa? O porquinho?

O bêbado começou a berrar e Lituma virou-se para ele. O que viu lhe deu nojo. O homenzinho, enfaixado no seu casaco-prisão, havia aberto a braguilha e

estava com o sexo entre as mãos. Mostrava-o, escuro e erguido, para dona Adriana, gritando em sua língua travada:

— Adore-o, velhinha. Ajoelhe-se e diga de mãos juntas: “Você é o meu deus.” Não se faça de rogada.

Lituma foi sacudido por um ataque de riso. Mas queria vomitar e nas hélices da sua cabeça giravam as dúvidas a respeito de Mercedes. Era ou não era a mesma de Piura? Não podia ser coincidência, caralho. Coisas horríveis, tinha falado aquele babão?

Dona Adriana deu meia-volta e retornou ao balcão.

Lá estava de novo, acotovelada na tábua, olhando com total indiferença para o bêbado despirocado. Este olhava o próprio sexo com uma expressão abatida, no meio do aposento vazio.

— O senhor falou de coisas horríveis, senhor cabo — disse Dionisio. — Aí tem uma. Já viu coisa mais horrível que essa piroquinha cor de fuligem?

Deu uma gargalhada e a senhora Adriana também riu. Lituma imitou-os, por cortesia, pois não sentia vontade de rir. A qualquer momento começariam as náuseas e o vômito.

— Vou tirar este bobalhão daqui — disse. — Ficou inconveniente, não vai deixá-los sossegados a noite inteira.

— Por mim não se preocupe, estou acostumado — disse Dionisio. — Essas coisas são parte do meu trabalho.

— Quanto lhe devo? — perguntou o cabo, fazendo o gesto de puxar a carteira.

— Esta noite é por conta da casa. — Dionisio estendeu-lhe a mão. — Não falei que estou liquidando o estoque?

— Muito obrigado, então.

Lituma andou até onde estava o bêbado. Pegou-o pelo braço e, sem violência, foi empurrando-o até a porta:

— Você e eu vamos tomar ar fresco lá fora, compadre.

O homem não opôs a menor resistência. Estava fechando a braguilha, todo apressado.

— Claro, meu cabo — murmurou, engasgando. — Conversando a gente se entende.

Lá fora encontraram uma escuridão glacial. Não estava chovendo nem soprando o vento de outras noites, mas a temperatura havia caído muito desde a tarde, e Lituma ouviu os dentes do perfurador batendo. Sentiu que ele tiritava e se encolhia embaixo das suas roupas-camisa de força.

— Imagino que você dorme no barracão que o *huayco* não destruiu — disse,

pegando-o pelo cotovelo. — Vou com você, compadre. Segure-se no meu braço, nesta treva e com tanto buraco podemos rachar o crânio.

Avançaram devagarzinho, cambaleando, tropeçando, pelas sombras que a miríade de estrelas e o tênue resplendor da meia-lua não conseguiam atenuar. Após andarem um pouco, Lituma sentiu que o homenzinho se dobrava em dois, segurando o estômago.

— Está enjoado? Vomite, vai lhe fazer bem. Tente, tente, até que a porcaria saia toda. Vou ajudar.

Inclinado, o homenzinho estremecia com ânsias de vômito e Lituma, atrás dele, apertava sua barriga com as duas mãos, como tinha feito tantas vezes com os inconquistáveis em Piura, quando saíam muito tortos do barzinho da Chunga.

— O senhor está me bolinando — protestou o perfurador, de repente, em sua meia língua.

— Isso é o que você queria. — Lituma riu. — Eu não gosto de homem, seu babaca.

— Eu também não — rugiu o outro, entre as ânsias. — Mas, em Naccos, qualquer um vira veado e até coisas piores.

Lituma sentiu o coração bater forte. Alguma coisa estava devorando as entranhas daquele sujeito, e ele também queria vomitá-la. Precisava desabafar, contar a alguém.

Afinal o perfurador se levantou, com um suspiro de alívio.

— Já estou melhor — cuspiu, abrindo os braços. — Que frio de merda está fazendo aqui.

— Você fica até com o cérebro gelado — concordou Lituma. — Vamos nos movimentar um pouco, é melhor.

Tornaram a dar os braços e avançaram, maldizendo toda vez que tropeçavam numa pedra ou afundavam os pés na lama. Por fim, o vulto do barracão apareceu à sua frente, mais espesso que as sombras em volta. Ouvia-se o vento zunir no alto dos morros, mas aqui tudo estava silencioso e tranquilo. O efeito do álcool em Lituma havia passado. Sentia-se desperto e lúcido. Tinha se esquecido até mesmo de Mercedes e Tomasito, fazendo as pazes lá em cima no posto, e da Meche de tantos anos atrás, no barzinho dos areais contíguos ao Estádio de Piura. Em sua cabeça, a ponto de explodir, crepitava uma decisão: “Tenho que arrancar isso dele.”

— Bem, vamos fumar um cigarro, compadre — disse. — Antes de dormir.

— Vai ficar aqui? — O perfurador também parecia ter vencido a bebedeira.

— Tenho preguiça de subir agora. Além do mais, não quero ficar segurando vela, interrompendo o casalzinho. Imagino que deve haver alguma cama, aqui.

— Quer dizer, estrado. Já levaram os colchões.

Lituma ouviu uns roncões, no fundo do barracão. O homenzinho jogou-se no

primeiro catre da direita, junto à porta. Com a ajuda de um fósforo, o cabo se orientou: havia dois estrados de tábuas, ao lado daquele que o perfurador ocupava. Sentou-se no mais próximo. Puxou o maço de cigarros e acendeu dois. Ofereceu um deles ao peão, com uma voz amável:

— Nada como um último cigarrinho, já na cama, esperando o sono.

— Posso estar de porre, mas não sou nenhum idiota — disse o homem. O cabo viu a brasa do cigarro avivar-se nas trevas e sentiu uma baforada de fumaça em plena cara: — Por que ficou aqui? O que quer comigo?

— Quero saber o que aconteceu com aqueles três — disse Lituma, bem baixinho, surpreso com sua própria temeridade: não estaria estragando tudo? — Não é para prender ninguém. Nem para mandar nenhum boletim ao comando de Huancayo. Não é por causa do serviço. Só por curiosidade, compadre. Juro. O que aconteceu com Casimiro Huarcaya, Pedrito Tinoco, Medardo Llantac, vulgo Demetrio Chanca? Conte-me enquanto fumamos este último cigarrinho.

— Nem morto — roncou o homem, respirando forte. Ele se agitava no catre e Lituma pensou que já, já se levantaria e sairia correndo do barracão, para ir refugiar-se na cantina de Dionisio e dona Adriana. — Nem que me mate. Nem que jogue gasolina em cima de mim e acenda um fósforo. Pode começar essas torturas que vocês fazem com os *terrucos*, se quiser. Nem assim vou dizer.

— Não vou encostar a mão num fio de cabelo seu, compadre — disse Lituma, devagarzinho, exagerando a amabilidade. — Conte-me e vou embora. Amanhã você se despede de Naccos e eu também. Cada um para o seu lado. Nunca mais nos vemos. Depois que me contar, nós dois nos sentiremos melhor. Você, por ter tirado o ferrão que tem dentro de si. E eu também, por ter tirado o que ficou me espetando esse tempo todo. Não sei o seu nome nem quero que me diga. Só quero que me conte o que aconteceu. Para nós dois dormirmos sossegados, compadre.

Houve um longo silêncio, entrecortado pelos roncões esporádicos do fundo do barracão. A cada tanto Lituma via avivar-se a brasa do cigarro do perfurador e subir uma nuvenzinha de fumaça que às vezes chegava ao seu nariz, fazendo cócegas. Sentia-se tranquilo. Tinha absoluta certeza de que o homem ia falar.

— Foram sacrificados aos *apus*, não é mesmo?

— Aos *apus*? — perguntou o homem, mexendo-se. Sua inquietação contagiava o cabo, que volta e meia sentia uma comichão urgente em diversas partes do corpo.

— Os espíritos das montanhas — esclareceu Lituma. — Os *amarus*, os *mukis*, os deuses, os diabos, como quer que se chamem. Aqueles que vivem dentro das montanhas e causam as desgraças. Foram sacrificados para que o *huayco* não caísse? Para que os *terrucos* não viessem matar ninguém nem levar as pessoas? Para que os *pishtacos* não secassem nenhum peão? Foi por isso?

— Eu não entendo quéchua — roncou o homem. — Nunca tinha ouvido essa palavra, até agora. *Apu?*

— Não é verdade que foi por isso, compadre? — insistiu Lituma.

— Medardo era meu conterrâneo, eu também sou de Andamarca — disse o homem. — Tinha sido prefeito de lá. Foi isso que ferrou o Medardo.

— O capataz é quem mais lamenta? — perguntou Lituma. — Os outros devem lhe importar menos que o seu conterrâneo, imagino. Para mim, o que mais senti foi o mudinho. Pedrito Tinoco. Eram muito amigos, você e o Demetrio, quer dizer, Medardo Llantac?

— Éramos conhecidos. Ele vivia com sua mulher, lá em cima, na encosta. Morrendo de medo de que os *terrucos* soubessem que estava aqui. Tinha escapado por pouco, daquela vez em Andamarca. Sabe como? Escondendo-se num túmulo. Às vezes conversávamos. Ele não gostava desses ayacuchanos, abanquinos e huancavelicanos. Que lhe diziam: “Mais cedo ou mais tarde vão pegar você.” Que sempre lhe diziam: “Morando em Naccos, você compromete a todos nós. Dê o fora, dê o fora daqui.”

— Foi por isso que sacrificaram o capataz? Para ficar bem com os *terrucos*?

— Não foi só por isso — protestou o perfurador, agitado. Tragava e soltava a fumaça sem parar, e era como se sua embriaguez tivesse voltado. — Não foi só por isso, caralho.

— Por que mais, então?

— Aqueles filhos da puta disseram que ele já estava condenado, que mais cedo ou mais tarde viriam executá-lo. E como precisavam de alguém, era melhor que fosse da lista deles e que de qualquer jeito ia morrer um dia ou outro.

— Precisavam de sangue humano, você quer dizer, certo?

— Mas era tudo engabelação, eles nos sacanearam de alto a baixo — exasperou-se o homem. — Não ficamos sem trabalho? E sabe o que eles dizem, ainda por cima?

— O quê?

— Que não lhes demos todo o reconhecimento devido e se ofenderam por isso. Para aqueles filhos da puta, nós deveríamos ter feito ainda mais coisas. Entende?

— Claro que entendo — sussurrou Lituma. — Que coisa mais horrível, matar esse albino, esse capataz e esse mudinho por causa de uns *apus* que ninguém nunca viu nem se sabe se existem.

— Matar seria o de menos — rugiu o homem deitado, e Lituma pensou que aquele ou aqueles que estavam dormindo no fundo do barracão acordariam e os mandariam ficar em silêncio. Ou viriam nas pontas dos pés para tapar a boca do perfurador. E ele, por ter ouvido o que tinha ouvido, seria levado à mina abandonada e jogado no socavão. — Não há mortos por toda parte? Matar é o de menos. Não

virou uma bobagem, como mijar ou fazer cocô? Não foi isso que transtornou as pessoas. Não só eu, mas também muitos dos que já foram embora. Foi outra coisa.

— Outra coisa? — Lituma sentiu frio.

— O gosto na boca — sussurrou o perfurador, e sua voz se cortou. — Não desaparece, por mais que se lave. Agora mesmo estou sentindo. Aqui na língua, nos dentes. E também na garganta. Sinto até na barriga. Como se tivesse acabado de mastigar.

Lituma sentiu que a guimba do cigarro lhe queimava as gemas dos dedos e soltou-a. Pisoteou as fagulhinhas. Havia entendido o que o homem dissera e não queria saber mais.

— Quer dizer, ainda por cima, isso também — murmurou e ficou boquiaberto, ofegando.

— Nem quando estou dormindo ele desaparece — afirmou o perfurador. — Só quando encho a cara. Por isso bebo tanto. Mas me faz mal, minhas úlceras se abrem. Já estou cagando sangue outra vez.

Lituma tentou pegar outro cigarro, mas suas mãos tremiam tanto que o maço caiu. Procurou-o, tateando no chão úmido, cheio de pedrinhas e palitos de fósforo.

— Todos comungaram, e eu, que não queria, também comunguei — disse o peão, atropelando-se. — É isto que me deixa fodido. Os pedaços que engoli.

Afinal, Lituma conseguiu resgatar o maço. Tirou dois cigarros. Colocou-os na boca e esperou algum tempo até que sua mão pudesse segurar o fósforo para acendê-los. Passou um deles ao homem deitado, sem dizer nada. Viu-o fumar, recebeu outra baforada fedorenta no rosto, sentiu comichão no nariz.

— E agora, tenho medo até de dormir — disse o perfurador. — Fiquei covarde, coisa que nunca tinha sido. Mas por acaso se pode brigar com o sonho? Se eu não beber, o pesadelo volta.

— Você se vê comendo seu conterrâneo? É isso o que sonha?

— É raro eu aparecer no sonho — esclareceu o perfurador, com total docilidade. — Só eles. Cortando os testículos, fatiando e banquetando-se como se aquilo fosse um manjar. — Teve náuseas e Lituma sentiu que se encolhia. — Quando eu também apareço no sonho, é pior. Aqueles dois vêm e arrancam meus ovos com as mãos. Depois comem na minha frente. Prefiro beber e não sonhar com essas coisas. Mas e a úlcera? Isto não é vida, caralho.

Lituma se levantou bruscamente.

— Espero que passe logo, compadre — disse, sentindo vertigem. Teve que se apoiar um instante no estrado. — Espero que consiga arranjar trabalho lá aonde está indo. Não vai ser fácil, imagino. Não acho que consiga esquecer isso tão fácil. Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Estou arrependido de ter teimado tanto em saber o que aconteceu com eles. Era melhor ter ficado com a suspeita. Agora vou embora, vou deixar você dormir. Mesmo que tenha que passar a noite à intempérie, para não incomodar Tomasito. Não quero dormir ao seu lado, nem perto desses aí que estão roncando. Não quero acordar amanhã, ver sua cara, conversar normalmente. Vou respirar um pouco de ar fresco, puta merda.

Aos tropeções, foi até a porta do barracão e saiu. Sentiu uma lufada de vento gelado e, apesar do seu aturdimento, viu que a esplêndida meia-lua e as estrelas iluminavam com toda nitidez, num céu sem nuvens, os agudos picos dos Andes.

FIM